

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SIMONE DE LUCAS AGOSTINHO LIMA

**Educação física em Minas Gerais: uma análise do documento curricular de 1978**

JUIZ DE FORA  
2019

Simone Lucas Agostinho de Lima

**Educação física em Minas Gerais: uma análise do documento curricular de 1978**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Área de concentração: *Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.*

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lima, Simone de Lucas Agostinho.

Educação Física em Minas Gerais: : Uma Análise do Documento Curricular de 1978 / Simone de Lucas Agostinho Lima. -- 2019. 246 p.

Orientador: Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

1. Educação Física Escolar. 2. Currículo. 3. História da Educação Física. 4. Movimento Renovador. 5. Teoria Crítica. I. Cunha Junior, Carlos Fernando Ferreira da, orient. II. Título.

SIMONE DE LUCAS AGOSTINHO LIMA

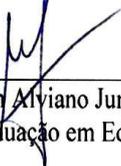
**EDUCAÇÃO FÍSICA EM MINAS GERAIS: uma análise do Documento Curricular de 1978**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:



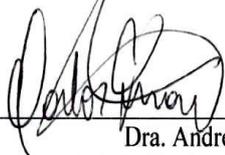
---

Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior  
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFJF



---

Dr. Wilson Alviano Junior  
Programa de Pós-Graduação em Educação - UFJF

P/ 

---

Dra. Andrea Moreno  
Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMG

Juiz de Fora, 11 de Junho de 2019.

Dedico este trabalho a minha família, pelo incentivo, acolhimento e apoio incondicional, em especial, a minha mãe querida Ana Maria, por ser luz no meu caminho sempre, ao meu filho amado Pedro, pela compreensão nas horas ausentes e ao meu companheiro de jornada Rogério, pela paciência!

## AGRADECIMENTOS

À Deus, por permitir o amanhecer a cada dia, pela oportunidade do aprendizado, por me capacitar para cada tarefa que se apresenta e por ser luz no meu caminho.

Ao meu esposo, Rogério Silva Lima e meu filho Pedro de Lucas Lima; pela força, compreensão, paciência e apoio nessa longa jornada. Peço desculpas pelas constantes ausências e pelo nervosismo. Amo vocês!

À minha mãe, Ana Maria de Lucas, agradeço por ter me escolhido e me guiado com sabedoria e bondade. Agradeço pelo apoio incondicional aos meus estudos desde sempre, por estar presente em todos os momentos em que precisei e por me ajudar na criação do meu filho em todas as horas em que eu não estava por perto; e foram muitas...Te amo mãe!

Ao meu pai, José Dutra Agostinho, agradeço por ter sido para mim exemplo de organização, comprometimento e dedicação ao trabalho. Agradeço por ter me levado para a prática esportiva e pelo incentivo em cursar Educação Física. Valeu, Pai!

Ao meu irmão Kleber de Lucas Agostinho, pelo apoio técnico e por estar perto de mim nos momentos de nervosismo, transmitindo força e confiança.

À minha irmã, Mônica de Lucas Agostinho Varanda e meus familiares, pelo incentivo de sempre.

Ao professor Márcio Fagundes, pela preciosa preparação para a seleção do mestrado. A você Márcio, meu carinho e admiração!

Ao meu orientador, Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, por ter acreditado em mim, concedendo a oportunidade deste aprendizado, pela orientação, conversas, disponibilidade, objetividade, paciência e apoio. Muito obrigada!

A todos os profissionais, professores e funcionários; que me auxiliaram de alguma forma na busca de documentos, pelo carinho com que me receberam e se colocaram à disposição do meu trabalho. Aqui em Juiz de Fora, agradeço à Secretaria do PPGE da UFJF, à Secretaria Municipal de Educação, ao Arquivo Histórico e à Secretaria de Esporte e Lazer. Em Belo Horizonte, agradeço à FaE e à Biblioteca Central da UFMG, ao Arquivo Público Mineiro e à Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF, agradeço pela competência, disponibilidade e oportunidade do aprendizado.

Aos queridos amigos que fiz no curso do Mestrado. Vocês tornaram esta caminhada mais leve. Valeu, turma!

Agradeço às minhas amigas queridas da dança, por escutarem meus lamentos, por compreenderem minhas ausências nas aulas e por dividirem comigo momentos inesquecíveis que, de alguma forma, aliviaram minhas tensões.

Às amigas diretoras da Escola Municipal Núbia Pereira Magalhães – CAIC, Adriana Henriques, Daniele Guedes e Simone Oliveira, agradeço a confiança, compreensão e o apoio de sempre.

Aos alunos do CAIC Núbia, agradeço por serem inspiração, pelo aprendizado e por me fazerem acreditar que escolhi a profissão certa.

Aos amigos especiais, professores do CAIC Núbia! Não tenho como descrever o apoio recebido, principalmente neste último ano! Em muitos momentos, vocês me fizeram sorrir quando eu queria chorar. Obrigada pela presença, pelo carinho, pelas palavras de conforto e por me fazerem tão bem!

E para finalizar, meu agradecimento especial à professora Eustáquia Salvadora de Sousa e aos professores de Educação Física que, gentilmente, com muito carinho e disponibilidade concordaram em participar desta investigação me recebendo em suas casas. Vocês foram o elemento surpresa da minha pesquisa! A cada história contada e lembrada, a cada vivência compartilhada, pude perceber que estava diante de professores valorosos, cujas trajetórias profissionais ajudaram a escrever parte da história da Educação Física do Estado. À vocês, minha gratidão e admiração!

Pesquisar-poetar: viver, em uma palavra.  
Arriscar, assumir o risco da morte que é estar  
viva/o. E, assim, realizar sua sina e situação de  
estar no mundo, viva/o sem considerar-se um  
produto acabado (CORAZZA, 2001, p. 21)

## RESUMO

O presente trabalho teve o propósito de analisar o documento curricular de EF escolar de Minas Gerais, publicado em 1978 pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. Quais são os códigos, sentidos e significados de sua proposta? Como se deu o processo de sua construção? A análise foi inspirada a partir de referenciais teóricos da Educação e da EF, bem como na pesquisa de Cláudio Pellini Vargas (2017) desenvolvida no interior do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte (GEPHEFE). O documento de 1978 foi analisado por meio de uma abordagem qualitativa de análise de conteúdo, bem como foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os docentes que participaram da elaboração dessa proposta curricular. São objetivos desta pesquisa: 1) analisar o Documento Curricular de Educação Física de Minas Gerais de 1978; 2) identificar os códigos, sentidos e significados de sua proposta; 3) caracterizar, analisar e problematizar o Documento Curricular de Minas Gerais de 1978 e suas concepções teóricas e metodológicas; 4) analisar como se deu o processo de seleção, discussão e desenvolvimento dos conteúdos prescritos no referido documento; 5) identificar o grupo de professores que participou da elaboração do documento de 1978, sua história com o campo da EF e sua colaboração na produção desse documento; 6) identificar possíveis consensos/dissensos entre os professores que elaboraram o documento. Por fim, verificamos a partir de uma análise do Documento de 78 e do depoimento de seus elaboradores a sólida presença das teorizações tradicionais de currículo em seu interior, uma EFE voltada basicamente para o aprimoramento físico e esportivo e ainda cerceada por um forte componente tecnicista. Destacamos, entretanto, que o documento revela uma visão um pouco mais ampla da EF, com objetivos mais pedagógicos e menos competitivistas quando enfatiza, também, a importância da aquisição de habilidades do campo cognitivo e atitudinal, a importância do movimento para o desenvolvimento integral dos alunos, enfatizando conteúdos que os atendam de forma global, que pensem em seus interesses e necessidades, colocando-os como centro do processo educativo. Verificamos rudimentos do debate crítico que inspirou o Movimento Renovador da Educação Física do início dos anos de 1980, quando o referido programa passa a não mais considerar somente as atividades físico-esportivas como saber específico para a prática pedagógica da EF, mas admite, também, o movimento humano como possibilidade de ensino, operando, a partir de então, com a perspectiva de um novo objeto da EF. É nesse momento, de pensar a EF mais voltada para a ação pedagógica e de início de mudança de seu objeto específico, que há indícios do MREF. Sustentamos que o documento mineiro, no auge do governo militar, apresentava claros indícios de uma tensão, a qual já procurava caminhos mais críticos para a EF nas escolas.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar, Currículo, História da Educação Física, Movimento Renovador, Teoria Crítica.

## ABSTRACT

The present work had the purpose of analyzing the curricular document of school PE of Minas Gerais, published in 1978 by the State Secretariat of Education of Minas Gerais. What are the codes, directions and meanings of your proposal? The analysis was inspired by the theoretical references established in Education and PE, as well as in research by Cláudio Pellini Vargas (2017) developed within the Group of Studies and Research in History of Physical Education and Sport (GEPHEFE). The 1978 document was analyzed through of a qualitative approach of the content analysis, as well as semi-structured interviews with the teachers who participated in the elaboration of this curricular proposal. The objectives of this research are: 1) analyze the Physical Education Curriculum Document of Minas Gerais of 1978; 2) identify the codes, directions and meanings of your proposal; 3) to characterize, analyze and problematize the Minas Gerais Curricular Document of 1978 and its theoretical and methodological conceptions; 4) analyze how the process of selection, discussion and development of the contents prescribed in said document took place; 5) identify the group of teachers who participated in the elaboration of the 1978 document, its history with the PE field and its collaboration in the production of this document; 6) identify possible consensuses /dissent among the teachers who produced the document. Finally, we can verify from an analysis of the Document of 78 and the testimony of its writers, the solid presence of traditional curriculum theorizations inside, an EFE focused mainly on physical and sports improvement and still surrounded by a strong technical component. . We emphasize, however, that the document reveals a slightly broader view of PE, with more pedagogical and less competitive objectives, when it also emphasizes the importance of acquiring cognitive and attitudinal skills, the importance of movement for integral development of students emphasizing contents that serve them globally, thinking about their interests and needs, placing them as the center of the educational process. We find rudiments of the critical debate that inspired the Renewing Movement of Physical Education of the early 1980s when that program no longer considers only physical-sports activities as specific knowledge for the pedagogical practice of PE, but also admits the human movement as a teaching possibility, operating from then on with the perspective of a new object of PE. It is at this moment, from thinking the PE more focused on the pedagogical action and the beginning of change of its specific object, that there is evidence of the MREF. We maintain that the mining document, at the height of the military government, presented clear indications of a tension that was already looking for more critical paths to PE in schools.

**Key words:** School Physical Education, Curriculum, History of the Physical Education, Renewal Movement, Critical Theory.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ABNT:** Associação Brasileira de Normas Técnicas

**AC:** Análise de Conteúdo

**ACAR:** Associação de Crédito e Assistência Rural

**ANDE:** Associação Nacional de Educação

**ANPED:** Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação

**CBC:** Conteúdos Básicos Curriculares

**CBCE:** Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

**CEDES:** Centro de Estudos Educação e Sociedade

**CEFET:** Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

**CEMEF:** Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer

**CESEC:** Centro Estadual de Educação Continuada

**CFE:** Conselho Federal de Educação

**DAP:** Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério

**EF:** Educação Física

**EFE:** Educação Física Escolar

**EMATER:** Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais

**FAE:** Faculdade de Educação

**FUME:** Federação Universitária de Esportes

**FUNEC:** Fundação de Ensino de Contagem

**GEPHEFE:** Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e dos Esportes

**GRD:** Ginástica Rítmica Desportiva

**GRUGIM:** Grupo de Ginástica de Minas Gerais

**LDB:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**MREF:** Movimento Renovador da Educação Física

**PCN:** Parâmetros Curriculares Nacionais

**PPGE:** Programa de Pós-Graduação em Educação

**PREPES:** Programa de Pós-Graduação Lato Sensu (PUC – MG)

**PUC:** Pontifícia Universidade Católica (Minas Gerais)

**RBCE:** Revista Brasileira de Ciências do Esporte

**SEE:** Secretaria de Estado de Educação (Minas Gerais)

**UFJF:** Universidade Federal e Juiz de Fora

**UFMG:** Universidade Federal de Minas Gerais

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1** – Demonstrativo dos sujeitos participantes da construção do Documento Curricular de Educação Física do Estado de Minas Gerais de 1978.....**47**

**Quadro 2** – Relação dos locais de atuação do total de sujeitos desta pesquisa (entrevistados e não entrevistados) e as atividades/modalidades exercidas por eles à época da elaboração do Documento Curricular de Educação Física do Estado de Minas Gerais.....**53**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do Documento do Estado de Minas Gerais de 1978.....	90
Figura 2: Capa do Documento do Estado de Minas Gerais de 1976.....	92
Figura 3: Introdução do Documento do Estado de Minas Gerais de 1978.....	94
Figura 4: Normas para a elaboração de um plano de curso.....	95
Figura 5: Esquema do Programa de Educação – Exemplo.....	97
Figura 6: Exemplo do desenvolvimento do conteúdo Movimentos Básicos Fundamentais e Habilidades Perceptiva.....	102

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

1. Tema/Justificativa.....	16
1.1 Estrutura do trabalho.....	18
2. Questões e objetivos da pesquisa.....	18
3. Referencial teórico.....	19
4. Procedimentos metodológicos.....	21

### CAPÍTULO 1

1. AS TEORIAS DE CURRÍCULO.....	25
1.1 Apresentação.....	25
1.2 Sobre as origens do termo currículo.....	27
1.3 Sobre o que é currículo.....	28
1.4 As Teorias Tradicionais, Críticas e Pós-Críticas do currículo.....	31
1.4.1 Teorias tradicionais.....	31
1.4.2 Teorias Críticas.....	35
1.4.3 Teorias Pós-Críticas.....	36

### CAPÍTULO 2

2. O Documento curricular de Educação física do Estado de Minas Gerais de 1978..	41
2.1 – A Educação Física na década de 1970.....	41
2.2 – Os Sujeitos da Pesquisa.....	45
2.3 – Descrição da Fala dos Sujeitos.....	49
2.4 – A análise da Fala dos Sujeitos.....	67
2.4.1 – A Identidade dos Sujeitos.....	68
2.4.2 – A Coordenadora da Elaboração do Documento Curricular de 1978.....	78
2.5 – Análise do Documento Curricular de Educação Física do Estado de Minas Gerais de 1978.....	89

Considerações finais.....	105
Referências.....	111
Anexos.....	117

## INTRODUÇÃO

### 1 - TEMA/JUSTIFICATIVA

O interesse em pesquisar o Documento Curricular do Estado de Minas Gerais de 1978 surgiu a partir das discussões do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte (GEPHEFE)<sup>1</sup>, especialmente quando da leitura da tese de doutoramento de Cláudio Pellini Vargas<sup>2</sup>, defendida em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora<sup>3</sup>. Um dos capítulos do trabalho objetivou fazer uma leitura dos contextos de influência na elaboração dos Conteúdos Básicos Comuns de 2005, bem como analisar a estrutura básica do documento que o precedeu, o documento de 1978, com o intuito de subsidiar a interpretação e a compreensão da elaboração dos CBC<sup>4</sup> de 2005.

De acordo com o texto de Vargas (2017), o documento de 1978, que permaneceu como referência curricular mineira por quase três décadas, evidencia uma sólida presença das teorizações tradicionais de currículo em seu interior, entretanto, há também rudimentos do debate crítico que inspirou o conhecido *Movimento Renovador* da Educação Física. Tal *Movimento* emergiu no campo da Educação Física em meados de 1980, inaugurando um período fortemente marcado pela influência das teorizações críticas sobre a área, seus professores, suas produções, bem como a elaboração de documentos curriculares. Estudiosos da área como Medina (1983), Bracht (1986), Castellani Filho (1988), Betti (1991), Freire (1994), Soares et al (1992), Kunz (1991, 1994), Daolio (1995), Darido (1998), entre outros, têm considerado o *Movimento Renovador* como um momento de ruptura de paradigma, ou seja, a Educação Física passou não mais a se pautar pela prática exclusiva de desenvolvimento da aptidão física no interior da escola.

---

<sup>1</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e dos Esportes da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>2</sup> Doutor em Educação (UFJF); Professor Assistente do Centro Universitário Estácio de Sá – Campus Juiz de Fora e do Colégio de Aplicação João XXIII da UFJF.

<sup>3</sup> VARGAS, Cláudio Pellini. *Teoria e política curricular de Educação Física: a conformação dos conteúdos básicos comuns de Minas Gerais*. 2017. 267 f. Tese de doutorado. Área de concentração: Gestão, Políticas Públicas e Avaliação Educacional, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2017.

<sup>4</sup> Conteúdos Básicos Comuns. Currículo mineiro produzido em 2005.

Posto isto, a presente pesquisa traz como proposta de estudo uma investigação do Documento Curricular de Minas Gerais de 1978. Quais códigos, sentidos e significados tal proposta curricular mineira revela? Como se deu o processo de construção desse documento curricular?

A Educação Física assumiu diversas identidades ao longo de sua trajetória no contexto educacional brasileiro, tendo sua constituição influenciada fortemente pelas instituições militares e médicas (NEIRA; NUNES, 2009). Por mais de um século, foi caracterizada dentro do currículo escolar como atividade e não disciplina, cujo objetivo central era promover o desenvolvimento físico dos indivíduos. Com a emergência dos cursos de pós-graduação no final da década de 1970 e com o início do processo de titulação dos cursos de mestrado e doutorado, a produção acadêmica científica em EF começou a se desenvolver, subsidiando diversas discussões sobre a mesma. A partir do processo de redemocratização do país, no final dos anos 1970 e início dos anos 80, acompanhando o movimento de intensas lutas que eclodiram em diversas esferas sociais e com a influência das teorias críticas, que chegaram tardiamente na EF (NEIRA; NUNES, 2009), críticas a respeito desse paradigma começaram a se intensificar, dando início ao que posteriormente ficou conhecido como *Movimento de Renovação* da área.

Investigar um documento curricular de 41 anos, que esteve em vigência por quase 30 anos, representa uma alternativa de rever e dialogar com o passado, compreender e problematizar os caminhos trilhados pelos sujeitos comuns que fizeram parte da história do campo da EF e a deixaram impressa nesse documento, não com a intenção de julgar a forma como fizeram, mas com o intuito de entender como o currículo veio a adquirir a forma que tem hoje, interrogando o presente para tentar modificá-lo, transgredi-lo, no sentido de ultrapassar limites. Analisar o documento de 1978, publicado pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 1978), representa também a possibilidade de contribuir para a ampliação das reflexões sobre a EF no Estado de Minas Gerais, bem como com a produção de conhecimentos sobre os conteúdos do documento, sobre os currículos de EF e suas ênfases teóricas, seus projetos, objetivos e seus processos históricos.

## **1.1 - ESTRUTURA DO TRABALHO**

Na estrutura desse trabalho, em um primeiro momento, apresentarei como se deu a escolha do tema, sua justificativa e importância. Em seguida, no segundo tópico, discorrerei sobre as questões e os objetivos preliminares. No item três, serão apresentados os referenciais teóricos e suas contribuições para esse estudo e, mais adiante, no quarto tópico, apontarei os procedimentos metodológicos.

No primeiro capítulo, logo na sua introdução, o tema currículo será apresentado, como também seus significados, origens de seu termo e suas definições sob a ótica de estudiosos desse campo. Posteriormente, será desenvolvida uma breve revisão sobre as Teorias Curriculares Tradicionais, Críticas e Pós-Críticas, a fim de identificar o contexto que resultou em influências mais significativas para a construção do Documento Curricular de Minas Gerais de 1978, assim como auxiliar como ferramenta de análise do referido documento. Mais adiante, no capítulo dois, que trata especificamente do Documento Curricular do Estado de Minas Gerais de 1978, iniciarei com uma contextualização da Educação Física na década de elaboração desse documento. Em seguida, serão apresentados os sujeitos desta pesquisa, a descrição e análise de suas falas, bem como suas identidades profissionais. Ainda no capítulo dois, reservarei um item para discorrer sobre a coordenadora da elaboração desta proposta curricular. Após esta etapa, apresento as análises sobre o Documento de 1978 e no capítulo três, apresentarei as considerações finais/conclusões sobre este estudo.

## **2- QUESTÃO E OBJETIVOS**

Ao considerar a importância do Documento de 1978 para ampliar as reflexões sobre a EF no Estado de Minas Gerais, produzir conhecimento sobre o conteúdo do próprio documento e suas perspectivas pedagógicas, o presente trabalho tem o interesse de se aprofundar na temática e investigar as seguintes questões: Quais códigos, sentidos e significados a proposta curricular mineira de Educação Física de 1978 revela? Quais são as concepções teóricas e metodológicas que permeiam o documento curricular de Educação Física de 1978? Como se deu o processo de seleção dos conteúdos presentes no referido documento? Houve consensos e/ou dissensos entre os professores que participaram da elaboração do documento de 1978? Como se deu o processo de elaboração do documento?

Esse projeto de pesquisa tem como objetivos preliminares:

- ✓ Analisar o Documento Curricular de Educação Física de Minas Gerais de 1978.
- ✓ Identificar os códigos, sentidos e significados de sua proposta.
- ✓ Caracterizar, analisar e problematizar o Documento Curricular de Minas Gerais de 1978 e suas concepções teóricas e metodológicas.
- ✓ Analisar como se deu o processo de seleção, discussão e desenvolvimento dos conteúdos prescritos no referido documento.
- ✓ Identificar o grupo de professores que participou da elaboração do documento de 1978, sua história com o campo da EF e sua colaboração na produção desse documento.
- ✓ Identificar possíveis consensos/dissensos entre os professores que elaboraram o documento.

### **3– Referencial teórico**

A discussão deste trabalho articulou contribuições dos campos da História das Disciplinas Escolares e do Currículo. O diálogo teórico sobre Currículo se desenrolou sustentado nas pesquisas de autores que discutem o assunto no cenário educacional contemporâneo, destacando-se Moreira (1991; 1995; 2000; 2010; 2011), Silva (2015), Lopes e Macedo (2011), Goodson (1995; 2018), bem como Neira e Nunes (2009), estes dois na área da EF escolar. Goodson (1995; 2018) e Chervel (1990), estudiosos e pesquisadores do currículo, subsidiaram as discussões acerca das origens e definições dos termos currículo/disciplina. Saviani (2006; 2013), professor, filósofo e pesquisador em educação, subsidiou o diálogo acerca das ideias pedagógicas no Brasil. Os estudos de Bardin (1977) acerca da Análise de Conteúdo foram a principal referência utilizada para a análise dos dados encontrados.

Moreira (1991;1995; 2000; 2010; 2011), professor e pesquisador do campo curricular, possui uma vasta obra dedicada às teorias de currículo, políticas curriculares e práticas curriculares das escolas. Seus estudos vão desde a revisão da tradição curricular, do legado deixado por estudiosos que o antecederam, passando pela análise e problematização do já conhecido e realizado para transformar e produzir o que ainda não existe, até as novas influências da contemporaneidade que contestam os currículos

existentes, sempre conectado e atento às mudanças e demandas de seu tempo (PARAÍSO, 2010).

É, portanto, resgatando o já dito e feito em currículo, ocupando-se da tradição e interrogando o já fabricado, que o pesquisador em currículo Antônio Flávio se torna conhecido entre nós como o precursor da vertente teórica crítica de currículo no Brasil (PARAÍSO, 2010, p.13).

Dessa forma, os estudos e conceitos de Moreira tornam-se contribuições valiosas para as análises da presente pesquisa, principalmente, no que se refere à produção curricular no Brasil.

Silva (2015), reconhecido por sua relevante contribuição no campo curricular no Brasil e na América Latina, o currículo é um processo histórico, um discurso de determinado momento onde, através de disputas e conflitos, certas formas curriculares e não outras tornaram-se consolidadas. De acordo com os saberes e conhecimentos que são selecionados para fazer parte do currículo, acabamos por nos tornar o que somos. Para Silva (2015), o currículo está, inextricavelmente, envolvido naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. Como destaca o autor,

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA, 2015, p.150).

As perspectivas sobre currículo de Silva (2015) enquanto *Documento de Identidade* (SILVA, 2015, p. 150) nos auxiliarão na reflexão sobre como os saberes e os conhecimentos da Educação Física que foram selecionados para constituir o Currículo de Minas Gerais de 1978 encaram a identidade/significado desse documento.

Pesquisadoras do campo curricular no Brasil com destaque para as discussões sobre políticas e práticas curriculares, integrando os estudos críticos e pós-estruturais com ênfase em abordagens discursivas, Lopes e Macedo (2011), com os conceitos de *currículo como prática discursiva* e *sentidos para o currículo* auxiliaram na compreensão do discurso que subsidiou o referido documento, analisando e problematizando o mesmo em suas concepções teóricas e metodológicas na interseção com os diferentes discursos sociais vigentes. Para Lopes e Macedo (2011),

[...] cada uma das tradições curriculares é um discurso que se hegemonizou e que, nesse sentido, constituiu o objeto currículo, emprestando-lhe um sentido próprio. [...] Assim, como as tradições que definem o que é currículo, o currículo é, ele mesmo, uma prática discursiva. [...] Trata-se, portanto, de um discurso produzido na interseção entre diferentes discursos sociais e culturais que, ao mesmo tempo, reitera sentidos postos por tais discursos e os recria (LOPES E MACEDO, 2011, p. 40 e 41).

Neira e Nunes (2009), pesquisadores em Currículo e em Educação, ajudaram a refletir sobre a relação existente entre as teorizações curriculares abrangentes e a Educação Física e, principalmente, sobre os impactos das Teorias Críticas para o Currículo da Educação Física, bem como auxiliaram no entendimento sobre a herança dos pressupostos teórico-práticos que moldaram seu fazer pedagógico.

#### **4 - Procedimentos metodológicos: os caminhos da pesquisa**

O estudo apresentado caracteriza-se como uma pesquisa documental de caráter exploratório (GIL, 2002), cujo desenvolvimento realizou-se por meio de uma abordagem qualitativa de análise de conteúdo do Documento Curricular de Educação Física de Minas Gerais de 1978, localizado no acervo bibliotecário do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Optou-se pelo uso de fotografias do documento, considerando seu estado de conservação e a necessidade de sua preservação no referido acervo. O acesso a essas fotografias se deu por intermédio do orientador desta pesquisa, Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, haja vista se tratar de um documento analisado previamente por seu doutorando, Vargas (2017), na ocasião da realização de sua investigação, a qual teve um capítulo dedicado a compreender o contexto que influenciou na elaboração dos CBC de 2005, objeto de sua tese de doutoramento.

A pesquisa qualitativa é aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto nas suas transformações, como construções humanas significativas (BARDIN, 1977). A abordagem qualitativa aplica-se ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produto das interpretações que os seres humanos fazem de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, como sentem e pensam. Esse tipo de abordagem, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos

referentes a grupos particulares, propicia a criação de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação.

Ludke e André (1986) argumentam acerca das vantagens de se utilizar os documentos como técnica de abordagem de dados qualitativos na pesquisa educacional. Além de constituírem-se como fontes repletas de informações, de baixo custo para o pesquisador, estáveis e ricas - persistindo ao longo dos tempos, podendo ser consultados diversas vezes e permitindo, com isso, um “ir e vir” sempre que for necessário, o que dá mais estabilidade - pode complementar as informações obtidas por outras técnicas de coletas de dados, como as entrevistas, por exemplo. Para Ludke e André (1987):

Embora pouco explorada não só na área de educação como em outras áreas de ação social, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LUDKE e ANDRÉ, 1987, p. 38).

Contudo, a pesquisa documental apresenta fragilidades, como argumentam as autoras. As críticas mais frequentes dizem respeito à falta de objetividade e sua validade questionável, objeções estas levantadas por “aqueles que defendem uma perspectiva ‘objetivista’ e que não admitem a influência da subjetividade no conhecimento científico” e quanto à problemática da validade, “ela não se restringe apenas aos documentos, mas aos dados qualitativos em geral” (Ibidem, p. 40). Ainda para o mesmo autor:

(...) a utilização de documentos é também criticada por representar escolhas arbitrárias, por parte de seus autores, de aspectos a serem enfatizados e temáticas a serem focalizadas. Esse ponto, porém, pode ser contestado lembrando-se do próprio propósito da análise documental de fazer inferência sobre os valores, os sentimentos, as intenções e a ideologia das fontes ou dos autores dos documentos. Essas escolhas arbitrárias dos autores devem ser consideradas, pois, como um dado a mais na análise (LUDKE e ANDRÉ, 1987, p.40).

A Análise de Conteúdo, método muito utilizado na análise dos dados qualitativos, foi o método fundamental escolhido para lidar com o documento de 1978. Pode ser compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento (BARDIN, 1977 apud CAMPOS, 2004). Registros históricos datam por volta do século VXII a utilização da análise de conteúdo como forma de se verificar a autenticidade dos hinos religiosos e seus efeitos

sobre os Luteranos. Porém, o método foi sistematizado na primeira metade do século XX e, a princípio, foi uma importante ferramenta na busca dos sentidos dos artigos e propagandas da imprensa escrita nos Estados Unidos, sendo hoje um método amplamente utilizado em pesquisas científicas no campo das ciências sociais e da saúde (Ibidem, 2004).

A análise de conteúdo como conjunto de técnicas se vale da comunicação como ponto de partida. É sempre feita a partir da mensagem e tem por finalidade a produção de inferências, ou seja, “deduzir de maneira lógica conhecimentos sobre o emissor da mensagem, ou sobre o seu meio, por exemplo” (BARDIN, 1977, p. 39) e está associada tanto aos significados quanto aos significantes da mensagem. Prática tanto a hermenêutica, quanto categorias numéricas. Vale destacar que, neste estudo, buscou-se adotar um olhar hermenêutico, quer dizer, a compreensão dos significados das narrativas orais dos sujeitos desta pesquisa e do conteúdo do documento de 1978.

A organização da AC, ainda segundo Bardin (1977), gira em torno de três polos, que são: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Tal partição é argumentada por Guerra (2006):

É um pressuposto que a análise de conteúdo é uma técnica e não um método, utilizando o procedimento normal da investigação – a saber, o confronto entre um quadro de referência do investigador e o material empírico recolhido. Nesse sentido, a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo, com recursos a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência (GUERRA, 2006, p. 62).

Após encontrar os professores que participaram da elaboração da proposta curricular mineira de 1978, percorrido este, detalhado no capítulo três deste estudo, foram realizadas entrevistas orais com os mesmos, guiadas por roteiros com questões semiestruturadas, a fim de se responder às indagações pertinentes ao documento de 1978 e aos objetivos propostos para esta investigação. A entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisas utilizadas em ciências sociais (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

Especialmente em entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de

estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos (...) a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. A liberdade de percurso está, como já foi assinalado, associada especialmente à entrevista não-estruturada ou não-padronizada (LUDKE e ANDRE, 1986, p. 34).

Após a fase de exploração e tratamento dos dados obtidos com as entrevistas, a qual incluiu a criação de um quadro comparativo (em anexo) por questões dos roteiros, cujas narrativas dos participantes foram verticalizadas, reduzidas e selecionadas optou-se por eleger temas ou categorias como técnica para análise desses dados. As categorias constituem-se como uma entre outras técnicas da AC. São enunciados que abarcam um número variável de temas, segundo seu grau de intimidade ou proximidade e que podem, através de sua análise, exprimir significados e elaborações importantes que atendam aos objetivos de estudo e criem novos conhecimentos, proporcionando uma visão diferenciada sobre os temas propostos (Ibidem, 2004).

As categorias foram escolhidas de maneira não apriorísticas, isto é, foram selecionadas posteriormente à obtenção dos dados brutos e de acordo com a frequência de aparição e grau de relevância. Emergiram totalmente do contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa, o que exigiu um intenso ir e vir ao material analisado e às teorias embasadoras, além do constante olhar aos objetivos da pesquisa (Ibidem, 2004).

Por fim, seguiu-se com as inferências e as interpretações dos resultados à luz dos referenciais teóricos utilizados para esta investigação.

## CAPÍTULO 1

### As teorias de currículo

#### 1.1 Apresentação

Desde tempos remotos, o currículo é uma palavra-chave no processo de escolarização (GOODSON, 2018). Apesar de, desde a Antiguidade, as situações de ensino e aprendizagem formalizadas serem conhecidas na história da educação ocidental moderna e institucionalizada, “a ideia de didática como tentativa de agrupamento dos conhecimentos científicos sobre a pedagogia pode ser atribuída a Comênio<sup>5</sup>” (NEIRA e NUNES, 2009, p. 61).

Ao pensar a escola como uma instituição de suma importância para o desenvolvimento econômico das nações, torna-se mais fácil entender os motivos que colocam o currículo em lugar de destaque neste processo e o transformam em alvo de todas as forças sociais que possam, de alguma forma, influir na sua construção e elaboração (NEIRA e NUNES, 2009). Como alicerce da construção de todas as práticas pedagógicas vindouras, base para questões institucionais, políticas e financeiras, é a partir dos saberes e conhecimentos dos mais diversos campos disciplinares que estão presentes neste documento que a escola organiza as experiências/vivências que os alunos terão, a contratação e remuneração de professores e funcionários, definição de horários, número de aulas para cada área de conhecimento, escolha de material didático, estrutura física dos espaços didáticos e da própria escola, ou seja, é a partir dos saberes e conhecimentos selecionados, que constituem o currículo escrito, que todo o processo educativo se concretiza. Sob esse viés, Sacristán(2000) enfatiza que

Todas as finalidades que se atribuem e são destinadas implícita ou explicitamente à instituição escolar, de socialização, de formação, de segregação ou de integração social, etc., acabam necessariamente tendo um reflexo nos objetivos que orientam todo o currículo, na seleção de componentes do mesmo, desembocam numa divisão especialmente ponderada entre diferentes parcelas curriculares e nas próprias atividades metodológicas às quais dá lugar. Por isso, o interesse pelos problemas relacionados com o currículo não é senão uma consequência da consciência de que é por meio dele que se realizam basicamente as funções da escola como instituição. A própria complexidade dos currículos modernos do ensino obrigatório é reflexo da multiplicidade de fins aos quais a escolarização se refere. Isso é um fato consubstancial à própria existência da instituição

---

<sup>5</sup> Segundo Neira e Nunes (2009), Comênio foi um educador e pastor protestante nascido na Morávia, região que à época pertencia ao reino germânico da Boêmia, atual República tcheca, é conhecido como o pai da Didática Moderna

escolar; conseqüentemente, a análise do currículo é uma condição para conhecer e analisar o que é a escola como instituição cultural e de socialização em termos reais e concretos (SACRISTÁN, 2000, p. 17).

Partindo dessa premissa, ressaltar a relevância do debate sobre currículo das discussões acerca de seu processo de construção, das políticas curriculares implementadas, sobre as teorias curriculares, das práticas pedagógicas e nas discussões sobre a qualidade de ensino/educação de uma forma geral, é, pois,

recuperar a consciência do valor cultural da escola como instituição facilitadora de cultura, que reclama inexoravelmente o descobrir os mecanismos através dos quais cumpre tal função e analisar o conteúdo e sentido da mesma. O conteúdo é condição lógica do ensino, e o currículo é, antes de mais nada, a seleção cultural estruturada sob chaves psicopedagógicas dessa cultura que se oferece como projeto para a instituição escolar (Ibidem, 2000, p. 19).

Apple (1989 apud Lopes; Macedo, 2011) compartilha desse argumento sobre a importância de se problematizar o currículo quando afirma que

(...) os conhecimentos escolares e seus princípios de seleção, organização e avaliação são opções realizadas em um universo amplo de conhecimentos. Tais opções têm base em valores, em ideologias sociais e econômicas, bem como em significados institucionalmente estruturados. Por isso devem sempre ser problematizados. Por intermédio da transmissão de conhecimentos, valores e disposições, a escola tanto contribui para manter privilégios sociais, definidos pela estrutura econômica capitalista, como também atua no processo de criar e recriar a hegemonia dos grupos dominantes (APPLE 1989 apud LOPES E MACEDO, 2011, p. 81).

De acordo com essa interpretação de Apple (1989), o currículo, em diferentes períodos, é produto de um contexto político, social, econômico e cultural, é produto dinâmico de lutas contínuas entre diferentes grupos com diferentes interesses. É fruto de acordos, conflitos, consensos, dissensos e alianças. Lopes e Macedo (2011, p. 19), uma das referências em que se apoiou este trabalho, argumentam sobre a impossibilidade de se “responder *o que é currículo* apontando para algo que lhe é intrinsecamente característico, mas apenas para acordos sobre os sentidos de tal termo, sempre parciais e localizados historicamente” (Ibidem, p. 19).

O texto a seguir busca situar a origem do termo currículo e seus diversos sentidos/concepções a partir das perspectivas teóricas de renomados pesquisadores e estudiosos da área.

## 1.2 – Sobre as origens do termo currículo

A palavra *currículo* advém do latim *Scurrere*, que pode ser traduzido como correr e refere-se a curso ou carro de corrida (GOODSON, 2018). A partir das implicações etimológicas, o currículo é definido como um curso a ser seguido, ou mais especificamente, apresentado (Ibidem, p. 49). Para Barrow (1984 apud Goodson, 2018),

no que se refere à etimologia, portanto, o currículo deve ser entendido como o conteúdo apresentado para o estudo. Nesta visão, contexto e construção sociais não constituem problema, porquanto, por implicação etimológica, o poder de definição da realidade é posto firmemente nas mãos daqueles que esboçam e definem o curso. O vínculo entre currículo e prescrição foi, pois, forjado desde muito cedo, e, com o passar do tempo, sobreviveu e fortaleceu-se (BARROW apud GOODSON 2008, p. 49).

A fonte registrada mais antiga que se tem do termo *Curriculum* (escrita latina) é proveniente da Universidade de Glasgow, na Escócia, em 1633, durante o período da ascensão política do calvinismo (GOODSON, 2018). Desde esses tempos remotos, houve uma “relação homóloga entre currículo e disciplina” (Ibidem, p. 61), cujo aproveitamento do termo latino *pista de corrida* está relacionado ao emergir de uma sequência de escolarização. “O senso de disciplina ou ordem estrutural absorvido no currículo procedeu não tanto de fontes clássicas quanto das ideias de John Calvin” (Ibidem, p. 50):

À medida que, no final do século XVI, na Suíça, Escócia e Holanda, os discípulos de Calvino conquistavam uma ascendência política e também teológica, a ideia de disciplina – “essência mesma do Calvinismo” – começava a denotar os princípios internos e o aparato externo do governo civil e da conduta pessoal. Dentro desta perspectiva percebe-se uma relação homóloga entre currículo e disciplina: o currículo era para a prática educacional calvinista o que era a disciplina para a prática social calvinista (GOODSON, 2018, p. 50).

O currículo como disciplina aliava-se a uma ordem social onde os “eleitos” recebiam um prospecto de escolarização avançada e os demais recebiam um currículo

mais conservador (GOODSON, 2018). Conciliando-se o currículo a um novo conceito de disciplina: disciplinas fundamentais da mente, a justaposição de currículo a disciplina (neste novo conceito) se entrecruza com uma configuração social semelhante. Desta vez, os “eleitos” são recrutados de acordo com sua capacidade de exhibir aptidão para assuntos acadêmicos ligados às disciplinas. Sua eleição é expressa pela continuação dos estudos das “disciplinas” nas Universidades, onde estão definidas e institucionalizadas (Ibidem, p. 61).

O termo disciplina, no sentido de conteúdos de ensino, só aparece recentemente, nas primeiras décadas do século XX, pois até o fim do século XIX exprimia a vigilância das instituições no que diz respeito aos comportamentos e às condutas prejudiciais à sua boa ordem e àquela parte da educação dos alunos que contribui para tal ordem, identificando as atitudes repressivas ou ainda pareando-as com o verbo disciplinar, que é sinônimo de ginástica (exercício) intelectual (CHERVEL, 1990 apud JÚNIOR e GALVÃO, 2005). Durante o século XIX, usava-se os termos objetos, partes, ramos ou matérias de ensino para designar o que, atualmente, chamamos de disciplinas escolares (CHERVEL, 1990 apud JÚNIOR e GALVÃO, 2005). É após a 1ª Guerra Mundial que o termo disciplina passa a se tornar uma rubrica que classifica as matérias escolares, próprias do ambiente escolar, mas não perdendo seu vínculo, por completo, de seu sentido de exercitação intelectual, já que é acompanhado por métodos e regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte (Ibidem, p. 395).

### **1.3 Sobre o que é currículo**

Os estudos curriculares têm definido currículo de formas muito diversas desde o início do século passado ou mesmo desde um século antes e várias dessas definições, perpassam o que tem sido denominado currículo no dia a dia escolar (LOPES e MACEDO, 2011). Para Goodson (2018), a batalha crítica em torno da definição do currículo prescrito proporciona uma prova visível, pública e autêntica da luta constante que envolve as apirações e objetivos de escolarização em cada época. Por esta razão, importa-nos, nesse momento, aumentar nossa compreensão acerca desses debates.

Como esclarecem Lopes e Macedo (2011),

Indo dos guias curriculares propostos pelas redes de ensino àquilo que acontece em sala de aula, currículo tem significado, entre outros, a grade

curricular com disciplinas/atividades e cargas horárias, o conjunto de ementas e os programas de disciplinas/atividades, os planos de ensino dos professores, as experiências propostas e vividas pelos alunos. Há, certamente, um aspecto comum a tudo isso que tem sido chamado currículo: a ideia de organização, prévia ou não, de experiências/situações de aprendizagens realizadas pelos docentes/redes de ensino de forma a levar a cabo o processo educativo” (LOPES E MACEDO, 2011, p.19).

Entretanto, sob tal definição, existem inúmeras questões que devem ser problematizadas. Os currículos foram concebidos, ao longo da história, de acordo com a finalidade social da educação. A finalidade da educação, por sua vez, delineada pelas políticas educacionais, é traduzida em forma de currículo (CAVALIERE, 2009). De acordo com essa premissa, torna-se importante considerar a não neutralidade do currículo, a julgar pelo caráter histórico e social de sua construção e elaboração, tencionando perpetuar as relações de poder. Esse entendimento é compartilhado por Moreira (2000):

O currículo é considerado um artefato social e cultural. Isto significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação (MOREIRA, 2000, p.08).

Sob essa perspectiva da não neutralidade do currículo diante daqueles que o definem e sobre sua construção, está intrinsecamente associada às transformações pelas quais a sociedade sofre em cada momento histórico, os argumentos de Silva (2015) acerca dessa ideia de manufatura social que é o currículo, do mesmo não resultar de uma deliberação epistêmica imaculada. Para esse autor, o currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados socialmente válidos.

Para Silva (2015), o currículo é um processo histórico, um discurso de determinado momento onde, através de disputas e conflitos, certas formas curriculares e não outras tornaram-se consolidadas. De acordo com os saberes e conhecimentos que são selecionados para fazer parte do currículo, acabamos por nos tornar o que somos. O currículo está inextricavelmente envolvido naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. Como destaca o autor:

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (Ibidem, p.150).

Goodson (2018) considera o currículo como um processo informal de interação entre aquilo que é deliberado, o que é interpretado e o que é efetivado, às vezes de maneira transformada ou, até mesmo, subvertida. Essas denominações e concepções atribuídas ao termo currículo termina por caracterizá-lo como sendo a invenção de uma tradição. Para o autor, o currículo escrito é exemplo perfeito de uma tradição inventada. Uma tradição que vai sendo construída e reconstruída. “Ela assume um caráter simbólico – ao legitimar determinadas intenções educativas – e prático, uma vez que a convenção escrita gera recursos específicos para sua concretização” (GOODSON 1995;1997 apud JAEHN e FERREIRA, 2012)<sup>6</sup>.

Tradição inventada é uma expressão que Goodson utiliza a partir de Hobsbawn (2008) e se relaciona não somente a questões práticas e técnicas, que seriam as redes de convenções e rotinas de natureza pragmática, mas, principalmente, “a um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 2008, p. 9 apud JAEHN e FERREIRA, 2012).

Lopes e Macedo (2011), no entanto, defendem que “qualquer manifestação do currículo, qualquer episódio curricular, é a mesma coisa: a produção de sentidos. Seja escrito, falado, velado, o currículo é um texto que tenta direcionar o ‘leitor’, mas que o faz apenas parcialmente” (p.42). Para as autoras, em diferentes períodos,

[...] cada uma das tradições curriculares é um discurso que se hegemonizou e que, nesse sentido, constituiu o objeto currículo, emprestando-lhe um sentido próprio. [...] Assim, como as tradições que definem o que é currículo, o currículo é, ele mesmo, uma prática discursiva. [...] Trata-se, portanto, de um discurso produzido na interseção entre diferentes discursos sociais e culturais que, ao mesmo tempo, reitera sentidos postos por tais discursos e os recria (LOPES E MACEDO, 2011, p. 40 e 41).

---

<sup>6</sup> Cf. JAEHN, Lisete; FERREIRA, Marcia Serra. *Perspectivas para uma história do currículo: as contribuições de Ivor Goodson e Thomas Popkewitz*. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 3, p. 256-272, Set/Dez 2012. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.ISSN 1645-1384 (online) [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org) Acesso em 09/06/2016.

No texto que se segue, serão enunciadas a quais questões uma “teoria” do currículo ou um discurso curricular busca responder e quais questões específicas caracterizam as diferentes teorias do currículo (SILVA, 2015).

#### **1.4 As Teorias Tradicionais, Críticas e Pós-Críticas do Currículo**

A questão central que serve de pano de fundo para qualquer teoria curricular é a relação existente entre a preocupação com qual conhecimento ou o quê deve ser ensinado aos estudantes e o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade. As diferentes teorias do currículo, para responder a essas questões, podem recorrer à discussões sobre os conceitos de natureza humana, sobre a natureza da aprendizagem ou sobre a natureza do conhecimento, cultura e sociedade. Ao deslocar a ênfase dada a esses conceitos é que uma teoria se diferencia da outra (SILVA, 2015). Nessa reflexão estão implicadas questões referentes à construção do sujeito na sua evolução intelectual (questões epistemológicas), ou seja, aos conteúdos registrados nos documentos, bem como a construção das identidades e/ou subjetividades dos sujeitos, afinal, “um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão ‘seguir’ aquele currículo” (SILVA, 2015, p.15). Mediante as respostas que se apresentam às questões acima citadas, as teorias curriculares têm sido classificadas em Tradicionais, Críticas e Pós-Críticas.

##### **1.4.1 Teorias Tradicionais**

Antes mesmo de se constituir em um objeto de estudo de um ramo do conhecimento pedagógico, o currículo esteve sempre no centro dos interesses daqueles que buscavam compreender e organizar o processo educativo escolar. Entretanto, foi somente no final do século XIX e início do século XX, nos Estados Unidos, que um expressivo número de educadores “começou a tratar mais sistematicamente de problemas e questões curriculares, dando início a uma série de estudos e iniciativas que, em curto espaço de tempo, configuraram o surgimento de um novo campo” (MOREIRA e SILVA, 2000, p.09). Possivelmente, foram alguns acontecimentos e circunstâncias associadas à institucionalização da educação de massas que permitiram que o campo de

estudos do currículo surgisse, neste país, como um campo profissional especializado. Silva (2015), elege algumas dessas condições:

a formação de uma burocracia estatal encarregada dos negócios ligados à educação; o estabelecimento da educação como um objeto próprio de estudo científico; a extensão da educação escolarizada em níveis cada vez mais altos a segmentos cada vez maiores da população; as preocupações com a manutenção de uma identidade nacional, como resultado das sucessivas ondas de imigração; o processo de crescente industrialização e urbanização (SILVA, 2015, p. 22).

A existência de teorias sobre o currículo identifica-se com a emergência do campo do currículo como um campo profissional, especializado, de estudos e pesquisas sobre o mesmo e o livro de Bobbit, escrito em 1918, *The Curriculum*, é um marco para o estabelecimento desse campo como tal (SILVA, 2015). Essa obra é escrita em um momento crucial da história da educação estadunidense, um período onde diversas forças políticas, econômicas e culturais, preocupadas com a manutenção de uma identidade nacional procuraram “moldar os objetivos e as formas da educação de massas de acordo com suas diferentes e particulares visões” (SILVA, 2015, p. 22). Buscou-se, nesse momento, responder questões-chaves sobre a finalidade e os contornos da escolarização de massas, isto é, em termos sociais, a educação deveria ajustar as crianças e os jovens à sociedade tal qual ela existe ou prepará-las para transformá-la? A preparação para a economia ou para a democracia? (Ibidem, p. 22). Em Bobbit (1918 apud SILVA, 2015) as respostas foram claras e bem conservadoras: o currículo deveria moldar o comportamento social dos alunos e a escola deveria funcionar como uma empresa comercial ou industrial (de acordo com os princípios da administração científica propostos por Taylor), ambos, portanto, funcionando como instrumento de controle social (LOPES e MACEDO, 2011). Como afirma Silva (2015)

O modelo de currículo de Bobbit iria encontrar sua consolidação definitiva num livro de Ralph Tyler, publicado em 1949. O paradigma estabelecido por Tyler iria dominar o campo do currículo nos Estados Unidos, com influência em diversos países, incluindo o Brasil, pelas próximas quatro décadas. Com o livro de Tyler, os estudos sobre currículo se tornam decididamente estabelecidos em torno da ideia de organização e desenvolvimento (SILVA, 2015, p. 24).

Na elaboração dos currículos de concepções tradicionais, as preocupações estão voltadas para questões de organização, eficiência, objetivos, ensino, aprendizagem, metodologia, avaliação, planejamento e didática. Ao elegerem tais questões como foco

para elaboração dos currículos, as teorias tradicionais acreditam-se neutras e científicas. Nelas, não há preocupação com o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, não são consideradas as subjetividades existentes nas práticas pedagógicas institucionais e, ainda, são desprezadas as históricas desigualdades sociais do mundo. Nas palavras de Neira e Nunes (2009), “as teorias tradicionais ignoram o caráter político das práticas curriculares, deixando, então, de levar em conta o quanto tais práticas contribuem para preservar os privilégios dos estudantes dos grupos socialmente favorecidos (...)” (NEIRA E NUNES, 2009, p. 08). Essa visão, conforme Neira e Nunes (2009), ainda é

sincrética, superficial e fragmentada, que apreende apenas a aparência e o efeito do problema e desconsidera o movimento, a historicidade, a contradição e a totalidade das relações que a escola mantém com outras esferas sociais, ou seja, desconsideram-se categorias que são inerentes à ação humana e, portanto, também à educação. Nessa lógica, são desprezadas quaisquer análises sobre os efeitos do currículo nas pessoas (NEIRA E NUNES, 2009, p. 09).

As ideias curriculares de concepções tradicionais predominaram na primeira metade do século XX e tiveram como representantes, guardadas as especificidades de seus pensamentos, autores como Bobbit (1918), John Dewey (1902), Tyler (1949; 1974) e Kilpatrick (1965).

No Brasil, mais especificamente a partir dos anos de 1920, a teoria tradicional inspirou-se no pragmatismo e progressivismo de John Dewey que lutava pela implantação e consolidação de uma escola verdadeiramente pública, universal e gratuita, que emergiu em 1902, sustentando-se também em Bobbitt (1918) e agregando-se ainda à pedagogia de projetos de Kilpatrick (1965), a qual visava um currículo integrado. Mais adiante, em 1949, as teorias tradicionais ancoram-se também no tecnicismo ou instrumentalismo de Ralph Tyler (LOPES e MACEDO, 2011).

Entretanto, é importante destacar, de acordo com Moreira (1995) que, no Brasil dos anos vinte, o rápido processo de urbanização e a ampliação da cultura cafeeira trouxeram o progresso industrial e econômico para o país, porém, com eles surgiram graves desordens nos aspectos políticos e sociais, ocasionando uma mudança significativa no ponto de vista intelectual brasileiro. Tensões e conflitos provocados pelos processos de urbanização e industrialização e pelo recebimento de considerável número de imigrantes, entre outros, contribuíram para uma intensa ebulição no país. Essa década caracterizou-se por tentativas de mudança da estrutura de poder,

redefinição das funções do Estado, estabelecimento dos rumos a serem seguidos no processo de industrialização e reorganização da educação. “As teorias pedagógicas progressivistas, formuladas por pensadores americanos e europeus começaram a exercer considerável fascínio nos educadores e teóricos brasileiros” (MOREIRA, 1995, p. 87).

Importantes reformas educacionais foram engendradas em alguns estados brasileiros, inclusive em Minas Gerais, permeadas pelas ideias progressistas. Vários educadores se evidenciaram, entre eles: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Júlio Afrânio Peixoto, Antonio de Sampaio Dória, Lourenço Filho, Roquette-Pinto, Mário Casassanta entre outros (SAVIANI, 2013), principalmente após a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932. Esse movimento de renovação do ensino ficou conhecido como escolanovismo ou Escola Nova. Na essência da ampliação do pensamento liberal no Brasil, propagou-se o ideário escolanovista, cujos princípios pautavam-se na crença de que a educação é o exclusivo elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma sociedade democrática que leva em consideração as diversidades, respeitando a individualidade do sujeito, aptos a refletir sobre a sociedade e capaz de inserir-se nessa sociedade (Ibidem, 2013). Como argumenta Moreira (1995):

As reformas elaboradas pelos pioneiros representaram um importante rompimento com a escola tradicional, por sua ênfase na natureza social do processo escolar, por sua preocupação em renovar o currículo, por sua tentativa de modernizar métodos e estratégias de ensino e de avaliação e, ainda, por sua insistência na democratização da sala de aula e da relação professor-aluno. Apesar da expressa preocupação com reconstrução social, a maior contribuição das reformas acabou por limitar-se a novos métodos e técnicas. Essa ambiguidade pode ser interpretada como refletindo, em certo grau, as necessidades da ordem industrial emergente, as ideias liberais dominantes e a influência do processo de modernização das escolas americanas e europeias (MOREIRA, 1983, p. 92).

É possível então, segundo Moreira (1995), identificarmos as origens do campo do currículo no Brasil às reformas dos pioneiros, o que situa as raízes do pensamento curricular brasileiro nas ideias progressivistas derivadas de Dewey (1902) e Kilpatrick (1965) e nas ideias de autores europeus como Claparède (1903; 1909; 1931; 1933), Decroly (1921; 1922; 1923; 1927; 1930; 1932) e Montessori (1936; 1949; 1951; 1965). Torna-se relevante acrescentar que a elaboração dos currículos nos anos que se seguiram sofreram influências dos trabalhos de Dewey (1902) e Kilpatrick (1965), contribuindo para o desenvolvimento do escolanovismo e das ideias tradicionais de

Bobbit (1918), o que constituiu a semente do que aqui se denominou de tecnicismo (MOREIRA, 1995).

#### 1.4.2 Teorias Críticas

No final da década de 60, devido ao novo contexto social que se instalava trazendo importantes e turbulentas transformações, a saber - os movimentos de independência das antigas colônias europeias; os protestos estudantis na França e em vários outros países; a continuação do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos; os protestos contra a guerra do Vietnã; os movimentos de contracultura; o movimento feminista; a liberação sexual; as lutas contra a ditadura no Brasil entre outros, emergiu uma série de questionamentos ao *status quo* e as críticas a esse conceito restrito de currículo se intensificaram, principalmente através do pensamento de base marxista, contra o papel reprodutivo da escola, de autores como Louis Althusser (1970), Baudelot e Establet (1971) e Bowles e Gintis (1976), Bourdieu e Passeron (1970), Michael Apple (1979), Michael Young (1971), entre outros (SILVA, 2015). Foi nessa época também, não coincidentemente, que surgiram diversas teorizações, livros e ensaios que questionavam o pensamento e a estrutura educacional tradicionais (Ibidem).

Uma renovação da teorização sobre o currículo, segundo Silva (2015), explodiu em vários locais ao mesmo tempo. Tanto o Movimento de Reconceptualização americano quanto a Nova Sociologia da Educação inglesa de Michael Young, bem como os estudos de autores franceses como Althusser (1970), Bourdieu e Passeron (1970), Baudelot e Establet (1971) tiveram um papel fundamental como inspirações, não só teóricas, mas para uma verdadeira revolução nas experiências educacionais que iriam abalar a teoria educacional tradicional (SILVA, 2015).

As teorias críticas se preocupam em questionar por que tais conhecimentos e não outros foram selecionados para compor o currículo. Deslocam a ênfase dos conceitos de ensino e aprendizagem para as conexões existentes entre saber, identidade, ideologia e poder. Enfatizam conceitos como: reprodução cultural e social, classe social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto e resistência. “Para as teorias críticas o importante não é desenvolver técnicas de como fazer o currículo, mas desenvolver conceitos que nos permitam

compreender o que o currículo faz” (Ibidem, p. 30). Com as teorizações críticas, tornou-se compreensível, como destaca Silva (2015), que

É através da formação da consciência que o currículo contribui para reproduzir a estrutura da sociedade capitalista. O currículo atua ideologicamente para manter a crença de que a forma capitalista de organização da sociedade é boa e desejável. Através das relações sociais do currículo, as diferentes classes sociais aprendem quais são seus respectivos papéis nas relações sociais mais amplas. Há uma conexão estreita entre o código dominante do currículo e a reprodução de formas de consciência de acordo com a classe social. A formação da consciência – dominante ou dominada – é determinante pela gramática social do currículo (SILVA, 2015, p.148).

No Brasil, mais especificamente na década de 70, com a obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire (1970), ainda na ditadura militar, o pensamento sobre as teorias críticas começou a se desenvolver (LOPES e MACEDO, 2011). Paulo Freire (1970) critica o currículo existente com base, primeiro, no conceito de “educação bancária”, cujo conhecimento nessa perspectiva confunde-se com um ato de depósito – bancário e, segundo, no conceito de “educação problematizadora”, cujas bases estão na compreensão radicalmente diferente do que significa “conhecer” (SILVA, 2015). As ideias freirianas no campo educacional brasileiro seriam contestadas, no início dos anos de 1980, pela chamada pedagogia histórico-crítica ou pedagogia crítico-social dos conteúdos, relacionadas às obras de Dermeval Saviani (1983), José Carlos Libâneo (1985) e Guiomar Namó de Mello (1986; 1993) cujas críticas se fazem, tanto às pedagogias ativas mais liberais quanto à pedagogia libertadora freiriana por enfatizarem não a aquisição do conhecimento, mas os métodos de sua aquisição (Ibidem). Tendo suas bases sob a vertente da pedagogia crítico-social dos conteúdos, O livro *Metodologia do Ensino da Educação Física* (Soares et al., 1992) é a obra crítica mais influente entre os docentes no campo da Educação Física na década de 1990 (NEIRA; NUNES, 2009)<sup>7</sup>.

### 1.4.3 Teorias Pós-Críticas

Inicialmente, torna-se relevante esclarecer o significado do termo “pós” com o intuito de contribuir para um melhor entendimento acerca das teorias pós-críticas.

---

<sup>7</sup> Cf. NEIRA, M.G.; NUNES, M.L.F. *Educação Física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.

Recorrendo às reflexões de Homi Bhabha (1998 apud NEIRA e NUNES, 2009), autor de renome, referência das teorizações pós-colonialistas, “pós” não é aqui entendido como uma localização no tempo, isto é, pós-crítico não é simplesmente uma concepção que surge *após* o pensamento crítico (NEIRA; NUNES, 2009).

“Pós” é ir além. *Além* significa uma distância espacial que ultrapassa qualquer imposição de limites. É posicionar-se depois, adiante. Neste caso específico, trata-se de uma posição à frente dos limites impostos pelas epistemologias atuais. Ir além, ser “pós” é pensar, refletir, analisar e viver, de algum modo, além das fronteiras de nossos tempos (NEIRA e NUNES, 2009, p. 136).

As teorias pós-críticas receberam influências de uma série de ferramentas conceituais, de operações e de processos de investigação que a diferenciam tanto das teorias tradicionais quanto das teorias críticas (PARAÍSO, 2004 apud NEIRA e NUNES, 2009). Como enfatizam Neira e Nunes (2009), as análises combinadas dessas correntes de pensamentos, ampliadas pelas contribuições da chamada virada linguística<sup>8</sup> constituem-se no que se convencionou chamar de “teorias pós-críticas em educação” e os autores acrescentam:

O currículo pós-crítico inclui novas temáticas e categorias para maior compreensão das relações entre poder e identidade social, entre a escola e a sociedade pós-moderna. Nesse sentido, a teorização pós-crítica incorpora o multiculturalismo crítico, os estudos feministas, a teoria *queer*, os estudos étnicos e raciais, os pós-modernistas, os pós-estruturalistas, os Estudos Culturais, os pós-colonialistas, os ecológicos, a filosofia da diferença, a filosofia intercultural, a visão de pedagogia como cultura e da cultura pedagogia (NEIRA E NUNES, 2009, p. 138).

À vista disto, mais do que a realidade social dos indivíduos, enfatizada pelas teorias críticas, principalmente as de cunho marxista, era preciso compreender também os estigmas étnicos e culturais, tais como a racialidade, o gênero, a orientação sexual e todos os elementos próprios das diferenças entre as pessoas. Era preciso estabelecer o combate à opressão de grupos minoritários e lutar por sua inclusão no meio social.

---

<sup>8</sup> De acordo com Silva (2000 apud NEIRA e NUNES, 2009), a virada linguística na análise pós-estruturalista, é o momento no qual a linguagem e o discurso passaram a ser considerados centrais na teorização social. Ganha ênfase a ideia de que os elementos da vida social são construídos pela linguagem e de modo discursivo. Sendo assim, noções como verdade, sujeito, conhecimento, identidade e poder, por exemplo, não têm correspondência com objetos que os precederiam externamente, nem tampouco são independentes da linguagem e do discurso. Na análise pós-estruturalista, todas as noções frutificaram a partir de jogos de linguagem e retórica.

Desde os anos de 1990, as teorias pós-críticas já circulam em língua portuguesa no campo curricular. Entretanto, somente em meados dos anos 2000, elas começaram a prevalecer constituindo-se como referência, inclusive daqueles que não concordam com os seus pressupostos, mas são levados a discutir teoricamente sobre os seus efeitos (LOPES, 2013). No Brasil,

[...] após uma apropriação inicial de Foucault e dos estudos culturais nos anos 1990, desenvolvida principalmente por influência das várias traduções que Tomaz Tadeu da Silva realizou de estudos foucaultianos (1994, 1998), de autores vinculados aos estudos culturais de corte pós-crítico (Silva, 1995, 1999; Hall 1997<sup>9</sup>) e mesmo de estudos problematizadores dos aportes pós-modernos (Silva, 1993), temos uma larga apropriação de estudos pós-estruturais e pós-coloniais referenciados direta ou indiretamente em Bhabha, Deleuze, Derrida, Laclau, Mouffe, Stuart Hall, assim como leituras pós-estruturais de autores marcados por traços estruturalistas, tais como Michel de Certeau e Boaventura de Sousa Santos (LOPES, 2013, p. 07 e 08).

As concepções pós-críticas reconhecem o pensamento crítico e nutrem-se dele, porém, questionam seus limites, suas imposições, suas fronteiras, pois entendem que apesar de o pensamento crítico comunicar uma verdade sobre o objeto, ela é apenas uma das verdades (NEIRA e NUNES, 2009). As teorias pós-críticas consideram que o currículo tradicional atuava como o legitimador dos *modus operandi*<sup>10</sup> dos preconceitos que se estabelecem pela sociedade. Sob um viés pós-estruturalista, o currículo pós-crítico passou a considerar a ideia de que não existe um conhecimento único e verdadeiro, sendo esse uma questão de perspectiva histórica, ou seja, que se transforma nos diferentes tempos e lugares.

Sob o viés das teorias pós-críticas nenhuma teoria é neutra, científica ou desinteressada, está, inevitavelmente, implicada em relações de poder (SILVA, 2015, p.16). Na elaboração dos currículos de concepções pós-críticas, a partir de um perspectiva pós-estrutural, as preocupações estão voltadas para questões de identidade, alteridade, diferença, subjetividade, significação e discurso, saber-poder, representação, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade e multiculturalismo. A questão central que serve de pano de fundo para a elaboração curricular nessa perspectiva não se limita à “o quê”,

---

<sup>9</sup> Nesta obra, Alice Casimiro Lopes teve como parceira de tradução, Guacira Lopes Louro (LOPES, 2013).

<sup>10</sup> *Modus operandi* é uma expressão em latim que significa "modo de operação". Utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos e tratando esses procedimentos como se fossem códigos. Em administração de empresas, *modus operandi* designa a maneira de realizar determinada tarefa segundo um padrão pré-estabelecido que dita a forma esperada de como proceder nos seus processos, rotinas etc.

mas “por quê” tais conhecimentos e não outros. O “quê” ou a “quem” interessa que esse conhecimento e não outro esteja no currículo (Ibidem). Como afirma Silva (2015),

As teorias pós-críticas continuam a enfatizar que o currículo não pode ser compreendido sem uma análise das relações de poder nas quais ele está envolvido. Nas teorias pós-críticas, entretanto, o poder torna-se descentrado. O poder não tem mais um único centro, como o Estado, por exemplo. O poder está espalhado por toda a rede social. (...) Em contraste com as teorias críticas, as teorias pós-críticas não limitam a análise do poder no campo das relações econômicas do capitalismo. Com as teorias pós-críticas, o mapa do poder é ampliado para incluir os processos de dominação centrado na raça, na etnia, no gênero e na sexualidade (SILVA, 2005, p. 148 e 149).

De acordo com as ideias de Hall (2000 apud NEIRA e NUNES, 2009), no que concerne à concepção da “identidade de forma cada vez mais fragmentária, nunca singular, mas multiplamente construída por discursos, práticas e posições que se cruzam e que ainda podem ser antagônicas” (NEIRA e NUNES, 2009, p. 139), as teorias pós-críticas, ao contrário de suas predecessoras, rejeitam a identidade fixa do sujeito, ou seja, os objetivos formadores surgem como possibilidades, jamais como certezas (NEIRA; NUNES, 2009). Aliás, como adverte Silva (2007 apud NEIRA e NUNES),

As teorias pós-críticas não se interessam por modos “certos” de ensinar, formas “adequadas” de avaliar, “técnicas preestabelecidas” de planejar ou por conhecimentos “legítimos”; a não ser para problematizar essas comprovações, esse modos, essas formas, essas técnicas e conhecimentos. As teorias pós-críticas encontram muitas possibilidades de entender e explicar o currículo, a pedagogia, os sujeitos da educação, o conhecimento escolar, as políticas educacionais, os processos de avaliação, os artefatos tecnológicos e etc. (NEIRA E NUNES, 2009, p.140).

As teorias pós-críticas, ao enfatizarem o conceito de discurso em detrimento do conceito de ideologia, efetuaram um importante deslocamento na maneira de se conceber o currículo (SILVA, 2015). Um currículo é, na perspectiva pós-crítica

(..) o que dizemos e fazemos... com ele, por ele, nele. É nosso passado que veio, o presente que é nosso problema e limite, e o futuro que queremos mudado. É a compreensão de nossa temporalidade e espaço. Um “espectro”, que remete a todos os outros, e exprime nossa sujeição ao “Outro” da linguagem. Um currículo é a precariedade dos seres multifacéticos e polimorfos que somos. Na própria linguagem contemporânea que constitui uma pletera de “eus” e de “não-eus”, que falam e são silenciados em um currículo (CORAZZA, 2001, p. 14)<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Cf. CORAZZA, Sandra Mara. *O que quer um currículo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 14.



## **2. O DOCUMENTO CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS DE 1978**

### **2.1 – A Educação Física na década de 1970**

Este item tem o intuito de elucidar o discurso preponderante na área da Educação Física na década de elaboração do documento curricular de 1978 e os antecedentes históricos que culminaram no chamado Movimento Renovador da Educação Física de 1980. Assim sendo, intenciono discorrer acerca da esportivização da Educação Física, acentuada na década em questão e sua ênfase na aptidão física, a partir do respaldo das normatizações pedagógicas oficiais. Ressalto, porém, que não tenho aqui a pretensão de aprofundar acerca da trajetória histórica desse componente curricular evidenciando detalhes de todo o seu percurso, fora e dentro da instituição escolar.

A historiografia da Educação Física aponta que, pelo menos, desde o século XIX, temos experiências com a Educação Física nas escolas brasileiras (CUNHA JUNIOR, 2008). Minha opção em citar a trajetória da Educação Física, evidenciando sua vertente escolar é porque, como argumenta Linhales (2006), “a modelagem que compõe a história da Educação Física no Brasil é, fundamentalmente, escolar” (p. 16). Várias pesquisas, como enfatiza Linhales (2006) relativas a historiografia da Educação Física, as quais estudaram acerca de seu enraizamento na escola, sobre sua formalização enquanto disciplina e construção/consolidação de sua prática pedagógica corroboram com esse argumento, entre eles cito: Paiva (2003); Vago (2002); Taborda de Oliveira (2003). Variados discursos autorizaram a existência de diferentes modelos pedagógicos disputando participação e legitimidade na produção escolar da Educação Física brasileira ao longo de sua trajetória (LINHALES, 2006):

Desde o século XIX, várias “educações físicas” foram produzidas e legitimadas. Pode-se pensar a Educação Física como um conceito alargado (relativamente à educação higiênica/educação dos corpos), como prescrição de métodos e de exercícios físicos e/ou corporais (também denominados exercícios gymnásticos e/ou atividade física), ou como um componente curricular (atividade ou disciplina escolar). São mudanças e matizes que revelam, também, o movimento de reconstrução permanente da própria instituição escolar. Assim sendo, torna-se importante escapar, aqui, de uma perspectiva evolucionista que aprisiona, na cronologia, um idealizado progresso linear: da educação *physica* (sentido alargado) para a *gymnastica* (seus *methodos*); desta para a Educação Física (componente curricular) e desta para a Educação Física/esportiva (que pode ou não estar na escola) (LINHALES, 2006, p. 17).

O discurso e a prática das atividades esportivas estiveram presentes no cotidiano escolar brasileiro desde, pelo menos, o início do século XX (LINHALES, 2006). Entretanto, seu ápice se deu a partir da década de 1960, impulsionados pelo fenômeno em que se tornou o esporte a nível internacional após a II Guerra Mundial (BRACHT, 2007), pelas ideias pedagógicas de cunho tecnicistas e pela política educacional dos anos da ditadura (NEIRA e NUNES, 2009). Sobre este último argumento, alguns autores da historiografia tradicional da Educação Física, entre eles, Castellani Filho (1998); Betti (1991); Bracht (1992); Soares et al(1992), entre outros, enfatizam que a Educação Física/esportiva esteve a serviço do governo vigente como meio de manutenção/reprodução da ideologia burguesa.

Pela sua peculiaridade de atividade física regrada, com regulamentos, especialização de papéis, competição, meritocracia e por apresentar condições para medir, quantificar e comparar resultados, além da crescente valorização de sua espetacularização fomentada pelos meios de comunicação, o esporte tornou-se o meio reconhecidamente eficaz de preparar o homem para um sistema de hierarquização, em que os melhores – aqueles que alcançaram o topo da pirâmide – deveriam comandar as camadas subsequentes e subalternas, compostas por aqueles que não conseguiam apresentar resultados similares. A Educação Física, em íntima consonância com a pedagogia da época, funcionou como processo de seleção social (NEIRA e NUNES, 2009, p. 74).

Se de suas origens até a década de 1960 no Brasil, o discurso no âmbito da Educação Física tinha sido marcado pelo viés pedagógico, a partir de então, “passa a ganhar espaço um teorizar científico” (BRACHT, 2007, p. 18). A produção acadêmica em EF começava, naquele momento, a se desenvolver com critérios científicos. Contudo, imediatamente, começaram também a surgir dúvidas se a EF era uma ciência, uma disciplina acadêmica ou científica. Muitas dessas questões foram levantadas em função de uma pressão externa para que a EF se legitimasse no campo científico - cujo locus privilegiado se dá na universidade - e o fator preponderante para esse viés científico foi o intenso desenvolvimento que sofreu o esporte enquanto fenômeno esportivo a nível mundial. A produção acadêmica em EF, então, voltou-se para o esporte (Ibidem).

Um processo de reorientação geral do ensino no país foi desencadeado após o Golpe Militar de 1964 e a nova situação instaurada exigia adequações que implicavam mudanças na legislação educacional. O ajuste foi feito pela Lei nº 5.540/68, que reformulou o ensino superior, e pela LDB nº 5.692/71, que alterou os ensinos primário e médio, modificando sua denominação para ensino de primeiro grau e de segundo grau,

entre outras modificações concernentes somente à organização escolar (SAVIANI et al, 2006)<sup>12</sup>. No que se refere à disciplina Educação Física, a LDB nº 5.692/71 reafirmou a ênfase na aptidão física e a iniciação esportiva tornou-se um dos eixos fundamentais a partir da quinta série atual sexto ano. Sob esse viés, Bracht (2007) argumenta:

A partir de 1970 a EF é colocada explicitamente e planejadamente a serviço do sistema esportivo, desempenhando o papel de base da pirâmide, sistema esse que possuía como culminância a alta performance esportiva. Planejou-se constituir a EF como elemento do sistema esportivo. EF e esporte ou EF/esporte deveriam elevar o nível de aptidão física da população (BRACHT, 2007, p. 21).

Importante destacar que o “teorizar de caráter cientificista” da EF nesse período (BRACHT, 2007) buscou fundamentação nas chamadas disciplinas-mãe, isto é, as pesquisas tiveram sua identidade epistemológica ancorada nas ciências-mãe; utilizaram o saber específico de disciplinas como, fisiologia, biomecânica, psicologia, sociologia do esporte entre outras, na perspectiva de consolidar a EF no meio acadêmico como ciência (Ibidem).

Dada a importância e o status que a ciência goza na sociedade e principalmente no meio acadêmico, a EF coloca como meta tornar-se ela própria em ciência (...). Um pouco da crise de identidade da EF vem daí, do desejo de tornar-se ciência, e da constatação de sua dependência de outras disciplinas científicas (a EF é “colonizada” epistemologicamente por outras disciplinas) (Ibidem, p. 31).

Criticar a situação educacional configurada a partir das reformas instituídas pela ditadura militar tornou-se prática crescente entre os educadores das associações de diferentes tipos que se organizavam em meados da década de 70<sup>13</sup>, entre elas as entidades estudantis, sindicais e partidárias, juntamente com setores do meio universitário identificados com as tendências progressistas (SAVIANI et al 2006). A essa altura, a âmbito da educação nacional, já estava sendo discutida e produzida uma literatura baseada nas teorias críticas, porém, para a área da EF tais teorias chegaram tardiamente, haja vista a apropriação de tais ideias por seus profissionais só ter ocorrido por volta do início dos anos de 1980. Começava a circular também nas faculdades de

---

<sup>12</sup> Cf. SAVIANI, Dermeval et al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

<sup>13</sup> Nesse âmbito situam-se a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED), criada em 1977, o Centro de Estudos Educação & Sociedade (CEDES), criado em 1978, e a Associação Nacional de Educação (ANDE), fundada em 1979.

educação do país os estudos sobre a Taxonomia dos Objetivos Educacionais de Bloom e, posteriormente, de Anita Harrow (SAVIANI, 2013). Conceitos estes que, mais tarde, tornaram-se referência para a elaboração curricular de 1978 (MINAS GERAIS, 1978).

Simultaneamente, na área da EF, os paradigmas da aptidão física e a esportivização - que sustentavam as práticas nos pátios escolares - começaram a ser contestados de maneira mais intensa e sistemática, assim como a falta de definição clara de seu objeto e de sua especificidade/epistemologia enquanto disciplina científica. Isso corroborou para que se instaurasse uma crise de identidade na área. A criação dos primeiros cursos de pós-graduação em Educação Física e o retorno de professores que estavam fora do Brasil contribuíram para fomentar o “debate que se estabeleceu em torno da área sobre o sentido e o significado de um ensino da EF predominantemente pautado pelas ciências psicobiológicas que, até aquele momento, predominava nas propostas do componente” (NEIRA; NUNES, 2009), bem como contribuíram para ampliar as publicações de um número maior de livros e revistas (BRACHT, 2007).

É nesse contexto de insatisfação que a necessidade de se modificar as bases da EF foi se impondo mais fortemente e o proliferar de espaços propícios aos debates corroborou para o surgimento de um movimento que, mais tarde, ficou conhecido como *Movimento Renovador da Educação Física*.

O MREF emergiu, de acordo com a historiografia da EF, em meados da década de 80, um período marcado pela influência das teorizações críticas sobre a área da EF, seus professores e suas produções e sobre a elaboração de documentos curriculares. A crítica pautava-se no caráter alienante do paradigma da aptidão física, sobre o papel da EF e EFE junto à sociedade, sua dimensão política e, entre outras questões, estava “(...) a tentativa de garantir à EFE o status de disciplina escolar – em contraposição à condição de “mera atividade”, descrita no Decreto nº 69.450, de 1971” (BRACHT; GONZÁLEZ, 2005 apud MACHADO e BRACHT, 2016).

Ao buscar novas perspectivas a EF passa, então, a absorver o discurso das Ciências Humanas. “Novas investigações e teorizações da área buscaram referências em outros campos do saber: História, Filosofia, Antropologia, Psicologia Social, Semiótica e Política” (NEIRA e NUNES, 2009, p. 82). A partir daí, criticou-se sobremaneira o tecnicismo presente nos currículos esportivo, globalizante e desenvolvimentista, sugerindo novos conteúdos e orientações didáticas para esse componente (Ibidem).

## 2.2 - Os Sujeitos da Pesquisa

A Análise de Conteúdo foi o método fundamental para lidarmos com o Documento de 1978, como citado anteriormente, na seção referente à metodologia. Bardin (1977), uma das principais referências teóricas em que se apoiou este trabalho, organiza as diferentes fases da análise de conteúdo em torno de três polos, sendo eles: (1) a pré-análise, (2) a exploração do material e (3) o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. O texto a seguir, busca elucidar ao leitor, de acordo com a divisão proposta por Bardin, de como se deu o tratamento dos dados obtidos através das entrevistas realizadas com os sujeitos desta pesquisa – a saber, em um primeiro momento, serão descritos os percursos trilhados até esses sujeitos e a organização dos dados coletados; num segundo momento serão descritas as falas dos participantes e, por fim, acontecerá a fase de inferência e interpretação. Tal compartimentação é argumentada por Guerra (2006):

É um pressuposto que a análise de conteúdo é uma técnica e não um método, utilizando o procedimento normal da investigação – a saber, o confronto entre um quadro de referência do investigador e o material empírico recolhido. Nesse sentido, a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo, com recursos a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência (GUERRA, 2006, p. 62).

O currículo mineiro de EF de 1978 foi construído com a participação de quatorze sujeitos identificados e divididos segundo a denominação *Elaboração* (quatro pessoas), *Revisão* (duas pessoas), *Colaboração* (sete pessoas) e *Capa* (uma pessoa), como consta nas páginas finais do próprio documento. Com o intuito de preservar a identidade dos sujeitos desta pesquisa, bem como a confidencialidade das informações obtidas, de agora em diante as seguintes denominações serão utilizadas: **E1, E2, E3** e **E4** para designar os sujeitos que participaram como **Elaborador 1, Elaborador 2, Elaborador 3** e **Elaborador 4**, respectivamente; **R1** e **R2** para designar os sujeitos que participaram como **Revisor 1** e **Revisor 2**, respectivamente; **C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7** para designar **Colaborador 1, Colaborador 2, Colaborador 3, Colaborador 4, Colaborador 5, Colaborador 6** e **Colaborador 7**, respectivamente; **Ca1** para designar o sujeito que elaborou a **capa** do documento. Vale frisar que o numeral identificador de cada sujeito não corresponde à ordem de realização das entrevistas.

A partir do contato estabelecido em oito de junho de dois mil e dezoito com a professora organizadora, Eustáquia Salvadora de Sousa, contato este realizado, primeiramente, através de e-mail obtido com o auxílio do professor orientador desta dissertação, dei início ao processo de localização dos demais participantes. Cinco pessoas foram localizadas e contatadas sob a indicação da professora Eustáquia, incluindo a mesma: E1, E2, E4, R1 e C1 e outras duas, R2 e C2 foram localizadas durante a realização das entrevistas com os demais participantes. No decorrer das entrevistas também <sup>14</sup>tomei ciência do falecimento de dois indivíduos do grupo que participaram dessa construção curricular, são eles, E3 e C4. Os sujeitos C3, C5, C6 e C7 não foram encontrados, bem como o sujeito Ca1. Apesar de o sujeito C2 ter sido localizado e contatado, não foi possível agendar a entrevista com o mesmo. Dos quatorze sujeitos que participaram da construção do documento de 1978, doze estão vivos, sendo que sete foram localizados e contatados, contudo, somente seis entrevistas foram realizadas. O quadro a seguir clarifica o quantitativo de sujeitos da pesquisa, não obstante seu caráter qualitativo como mencionado anteriormente.

Quadro 1 - Demonstrativo dos sujeitos participantes da construção do Documento Curricular de Educação Física do Estado de Minas Gerais de 1978.

DIVISÃO/ DENOMINAÇÃO	Nº DE SUJEITOS	SUJEITOS ENCONTRADOS	SUJEITOS FALECIDOS	ENTREVISTAS REALIZADAS	ENTREVISTAS NÃO REALIZADAS*
ELABORAÇÃO	04	03	01	03	-
REVISÃO	02	02	-	02	-
COLABORAÇÃO	07	02	01	01	01
CAPA	01	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>07</b>	<b>02</b>	<b>06</b>	<b>01</b>

Fonte: a autora

As abordagens aos sujeitos da pesquisa efetuaram-se via e-mail, telefone e/ou aplicativo de mensagens, haja vista a praticidade de sua utilização – sempre após autorização dos mesmos. De uma maneira formal, me identifiquei explicitando as informações acerca da pesquisa, da instituição a qual estou vinculada, do orientador e, principalmente, da importância da realização das entrevistas com os sujeitos que participaram da elaboração do Documento Curricular de 1978. Nesses contatos iniciais foi garantido também aos entrevistados o anonimato de suas informações, bem como a preservação de suas identidades, uma previsão do número de questões do roteiro e da

<sup>14</sup> \*Entrevistas não realizadas considerando o número de sujeitos encontrados.

duração da entrevista. Assim, tendo obtido o consentimento dos participantes, consegui agendar a princípio, quatro encontros individuais, todos em Belo Horizonte/MG. Duas entrevistas aconteceram no dia 03/07/2018, com E2 e E4 e outras duas, dia 04/07/2018, com R1 e C1. Os encontros aconteceram nas residências dos entrevistados, exceto E4, que preferiu ceder a entrevista em uma sala da biblioteca da FaE/UFMG, a qual foi agendada previamente. Importante ressaltar que, num dado momento da conversação com o sujeito E2, uma pessoa adentrou o recinto para dar um recado ao entrevistado.

Posteriormente, identifiquei tal pessoa como sendo o sujeito R2 da pesquisa. Uma surpresa! Uma pausa no diálogo com o sujeito E2 foi efetuada a fim de que o mesmo pudesse, além de formalizar as apresentações, relatar, juntamente com o sujeito R2, sobre a participação do mesmo na elaboração do referido documento. Os sujeitos E2 e R2 possuem um grau de parentesco e, em função disso, o sujeito R2 integrou tal grupo. Faz-se necessário esclarecer, no entanto, antes de descrever efetivamente os dados obtidos com as entrevistas, que o sujeito R2 desempenhou apenas a função de revisar a formatação geral do documento de 1978, exercendo a função de revisão técnica naquela época, hoje, equivalendo às Normas da ABNT, digitação e ortografia, segundo relatos do próprio R2. Sendo assim, considerando os objetivos desta pesquisa, optei por não aplicar o roteiro de questões preparado para as entrevistas a este participante, já que sua participação na construção da proposta não possui ligação com o objeto deste estudo. Já o sujeito R1, responsável por fazer a revisão relativa aos assuntos pertinentes à Educação Física, respondeu ao questionário assim como os demais.

O sujeito E1 estava ausente de Belo Horizonte quando da realização das primeiras entrevistas em 03/07 e 04/07. Por esse motivo, foi agendado para 19/07/2018 um novo encontro com o mesmo, o qual aconteceu também em sua residência. No decorrer dessa entrevista, foi viabilizado o contato do sujeito C2, encontro que, no entanto, não houve possibilidade de se concretizar.

Seguindo um roteiro com dezesseis questões semiestruturadas para a organizadora do documento e doze para os demais participantes, as entrevistas tiveram, em média, a duração de 55 minutos e foram gravadas com o auxílio de um gravador de áudio profissional, específico para entrevistas e um aparelho celular com aplicativo de gravação de voz, como garantia, para o caso de uma pane com o primeiro equipamento. Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, como consta no anexo desta dissertação. O contato pessoal no

momento dos encontros assim como o diálogo entre pesquisadora e entrevistados transcorreram em um clima de simpatia e cordialidade.

Antonio Carlos Gil (2008) ressalta a importância da entrevista como técnica de coleta de dados para as pesquisas na área das Ciências Humanas. Para o autor, a entrevista se apresenta como uma forma de interação entre pesquisador e entrevistado, na qual o primeiro busca coletar dados e o segundo se apresenta como fonte de informação. Diversos profissionais que tratam das questões humanas valem-se dessa técnica, não apenas para coletar dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação.

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (SELLTIZ et al., 1967, p.273 apud GIL, 2008).

Terminada a fase de coleta dos dados, iniciei as transcrições das entrevistas, tarefa árdua e delicada que demandou muito tempo, haja vista a duração das conversas e o volume de informações obtidas com as mesmas. Primeiramente, todos os áudios foram armazenados em um computador e copiados em vários outros arquivos como garantia de preservação de sua matriz. Visando a otimização dessa fase, foi necessário contratar uma pessoa especializada nessa área, a qual transcreveu três das cinco entrevistas efetuadas, restando as duas mais extensas a meu cargo. Antes, porém, foi acordado entre nós os critérios para a realização dessa tarefa: transcrever as entrevistas, em um primeiro momento sem se preocupar com a pontuação ou ortografia, com os vícios de linguagem, entre outros aspectos, colocando no papel tudo aquilo que foi falado pelos interlocutores, incluindo as repetições de palavras, de forma fiel. Após esse acordo, enviei os três áudios para a pessoa contratada e, simultaneamente, iniciei a transcrição dos dois arquivos que permaneceram comigo.

Ao término deste estágio, comecei a etapa seguinte, a de “limpeza do texto”, ou seja, a de torná-lo inteligível, redigindo o discurso, agora, com a preocupação de pontuá-lo adequadamente, corrigindo erros ortográficos, formatando e suprimindo elementos inúteis que em nada me auxiliariam no momento da análise, já que, “(...) a transcrição do discurso oral simples, sem arranjo, não torna o discurso inteligível depois de escrito” (GUERRA, 2006). Considerei de suma importância empenhar-me nessa tarefa, já que, em minha memória, estavam arquivadas as entonações das falas dos

sujeitos, as intenções e os sentidos de cada frase, minhas primeiras impressões sobre os dados, sem contar a possibilidade de já realizar uma leitura superficial dos mesmos. Sendo assim, era essencial que eu mesma fizesse a conferência dos cinco áudios e, assim, foi feito.

As cinco entrevistas transcritas e finalizadas renderam um total de 119 páginas. Com o objetivo de facilitar a escrita da descrição dos dados encontrados e, posteriormente, a inferência e interpretação dos mesmos, foi imprescindível a criação de um quadro comparativo por questões dos roteiros (em anexo), uma sinopse das entrevistas, de modo a verticalizar as respostas dos participantes, reduzindo e selecionando o montante de informações. Para cada questão foi feito um recorte do trecho correspondente à resposta dos entrevistados, transcrito com aspas, tal qual a forma como os mesmos declararam, atividade exaustiva que demandou atenção minuciosa, visto que, por vezes, os entrevistados respondiam a uma determinada pergunta em variados momentos da conversação, o que gerou um ir e vir constante no texto. Foi criado nesse quadro também um espaço para as temáticas que foram surgindo no decorrer das entrevistas e que, de alguma forma, perpassam o tema pesquisado, mas que não tinham sido mencionadas no roteiro.

### **2.3 Descrição da fala dos Sujeitos**

O texto a seguir tem o intuito de levar ao conhecimento do leitor os conteúdos narrados pelos sujeitos desta pesquisa a partir das questões elaboradas para as entrevistas e que, a partir de agora, serão descritos. Apesar de os roteiros terem sido diferentes para organizadora e demais participantes desta construção curricular, os relatos dos mesmos serão expostos simultaneamente.

Terminadas as apresentações iniciais, os agradecimentos e as conversas informais, práticas comuns e necessárias que antecedem as entrevistas, dei início às gravações com a devida permissão dos participantes. Primeiramente, como perguntas de abertura/aquecimento, solicitei a cada sujeito que se identificasse, dizendo sua data de nascimento e localidade. Logo em seguida, indaguei-os sobre as motivações que os levaram a ingressar no curso de Educação Física, bem como sobre suas formações e

trajetórias/experiências acadêmicas-profissionais. Abaixo, seguem os dados descritos sobre essas perguntas iniciais.

Naturais de municípios mineiros, e atualmente, residentes na capital Belo Horizonte e com faixa etária entre 67 e 85 anos, os cinco sujeitos entrevistados que participaram da construção do Documento Curricular de EF do Estado de Minas Gerais de 1978 são todos professores de Educação Física, no momento aposentados, graduados na Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, exceto R1, que graduou-se na Pontifícia Universidade Católica, PUC-MG; todos possuem especialização na área da Educação Física e quatro deles são mestres: E1, E2, E4 e C1, exceto R1; apenas dois são doutores: E2 e E4. Cumpre salientar para análises posteriores que, quatro dos cinco entrevistados fizeram cursos ou estiveram em Universidades fora do Brasil, exceto C1. Os sujeitos E4, R1 e E1 foram para a Alemanha e por lá E4 fez os cursos de especialização, mestrado e doutorado. R1 fez especialização em Ginástica Olímpica e E1 passou uma temporada estudando a língua alemã e sendo ouvinte em disciplinas do curso de Educação Física neste mesmo país. O participante E2 esteve estudando na Bulgária. A respeito das motivações que os levaram a ingressar no curso de Educação Física, os sujeitos declararam:

*Meu pai era apaixonado pelo esporte, pela Educação Física (...) eu decidi ser professora de Educação Física com onze anos (...) e nunca mais pensei em outra coisa (E1).*

*E eu falava, que coisa tão legal esta né, ajudar a pessoa a ser feliz, brincar (...) e aquilo me chamou a atenção (E2).*

*(...) com dezesseis anos de idade eu comecei a treinar Atletismo, corrida especificamente. Sempre me atraiu a marcha atlética, mas eu fazia corrida. E com o treinamento, que era no Atlético (...) eu fui fazendo amizade com estudantes e (...) na época, eu já comecei a ajudar o técnico do Atlético. Aí, eu fui cada vez mais me interessando (...) (E4).*

*Você sabe que Educação Física pra mim foi um acidente. Puro acidente, puro, puro. Porque eu tinha um primo, que aliás, ele é até falecido (...) a minha tia, mãe dele, falou: 'Ah (R1) o (xxx) vai fazer vestibular para Educação Física', e eu toda vida fui bom em matemática, 'então eu queria que você fizesse vestibular com ele pra dar cola pra ele' (R1).*

*(...) E quando eu cheguei na escola para fazer o Magistério a minha professora se encantou comigo, não sei por quê. Ela falava: 'menina, mas você é jeitosa demais, você tem que fazer Educação Física'. E eu fiquei com aquilo na cabeça (C1).*

A respeito da trajetória/experiência acadêmica-profissional, os sujeitos E1 e E2 relataram que suas atuações ocorreram, primeiramente, como professores do Ensino Primário, pois os dois cursaram, antes da graduação em Educação Física, o curso

Normal. O sujeito C1 também cursou o Normal, mas não mencionou sua atuação como tal. Todos os entrevistados atuaram com a EFE na rede pública de ensino municipal e/ou estadual em algum momento e/ou durante toda sua trajetória profissional, exceto o sujeito E1, que só atuou com a EFE na rede particular de ensino. O sujeito E2 foi o único que teve experiência em todas as redes de ensino, municipal, estadual e particular, tendo atuado com a EFE em todas as etapas da Educação Básica - Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e no Ensino Superior. O entrevistado E4 ministrou aulas de EFE na periferia de Belo Horizonte e na Escola de Educação Comunitária, CESEC. R1 foi professor concursado efetivo das redes estadual e municipal de Belo Horizonte por um longo período e o sujeito C1 ministrou aulas de EFE como professor concursado efetivo da rede municipal durante toda a sua trajetória profissional.

Todos os sujeitos desta pesquisa trabalharam no CEFET de BH– Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, antiga Escola Técnica, exceto E4. É importante destacar, para a fase posterior de inferência e interpretação dos dados desta pesquisa, o período de atuação dos sujeitos no CEFET: o entrevistado E1 atuou nessa instituição de 1975 a 1978; o sujeito E2 de 1975 a 1979; R1 não mencionou o período e o sujeito C1 atuou a partir de 1979 e não se recordou a data do término de seu tempo de serviço nesse local. Todos os entrevistados, E1 - E2 - E4 - R1 e C1, atuaram no Ensino Superior de Minas Gerais – a saber: E1 atuou no Ensino Superior de Uberaba, Muzambinho, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Ribeirão das Neves e teve uma passagem por São José do Rio Pardo – SP, sendo que, nestas instituições, trabalhou com Ginástica e Dança de uma forma geral, como coordenador de curso, pró-reitor, entre outros. Os sujeitos E2 e R1 atuaram na UFMG: E2 com a disciplina de Prática de Ensino, atuando no ensino de Educação Física, Formação de Professores e História da Educação Física e o entrevistado R1 com a cadeira de Ginástica Olímpica. E4 atuou em Viçosa e na UFMG na cadeira de Atletismo e C1 atuou no Ensino Superior de Sete Lagoas com Ginástica. Os sujeitos E1 e C1 relataram que durante o tempo de suas graduações no curso de EF e também no período que já estavam atuando no ensino da EFE, paralelamente, tiveram uma forte atuação com a ginástica em centros particulares como a Academia GRUGIM, exercendo a função de professor/técnico no caso do E1 e o sujeito C1 participou, inicialmente, como atleta e, posteriormente, como professor/técnico e dirigente em alguns momentos. Os sujeitos E2 e E4 tiveram um envolvimento expressivo com o Atletismo no decorrer de suas trajetórias, assim como o sujeito R1 teve com a Ginástica Acrobática.

Vale destacar para a fase posterior de inferências que no decorrer das entrevistas com os cinco sujeitos, E1, E2, E4, R1 e C1 foi possível obter dados relevantes a respeito dos demais professores que participaram da construção do Documento Curricular de 1978, mas que, no entanto, não foram encontrados e/ou havia falecido, não sendo possível, com isso, realizar essas entrevistas. O quadro a seguir apresenta informações acerca dos locais de atuação dos quatorze sujeitos, entrevistados e não entrevistados, assim como a modalidade/atividade exercida pelos mesmos no momento da elaboração do referido documento.

Quadro 2 – Relação dos locais de atuação e atividades/modalidades exercidas pelo total de sujeitos que participaram da elaboração do Documento Curricular de Educação Física do Estado de Minas Gerais de 1978<sup>15</sup>.

	E1	E2	E3	E4	R1	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7
<b>CEFET</b>	Ginástica		X		Ginástica						Vôlei	V ô l e i
<b>UFMG</b>		FaE	Basquete	Atletismo	Ginástica		Handebol	Basquete	Natação	Futebol		
<b>Escola Municipal</b>						X					X	
<b>Escola Estadual</b>			X		X							
<b>Escola Particular</b>	X									X		
<b>GRUGIM</b>						X						
<b>Outros</b>							Equipe de Handebol (Técnico)	Diretor do Centro Esportivo Univers.				

Fonte: a autora

Concluída a fase das perguntas de abertura/aquecimento, as quais proporcionaram, de fato, uma aproximação entre pesquisadora, entrevistados e o tema Educação Física, adentrei mais especificamente ao assunto desta investigação. A primeira questão para cada sujeito foi sobre o seu entendimento por *currículo*:

(...) o currículo, pra mim, ele tem que refletir a cultura do sujeito (E1).

<sup>15</sup> Não constam nesse quadro os sujeitos R2 (Bibliotecário) e Ca1 (sem informação), responsáveis pela revisão ortográfica e capa, respectivamente.

*Conjunto de experiências que se organizam pra vivenciar na escola, ele tem uma visão ampla. Não é só papel, são as atitudes, faz parte desse currículo o ambiente, os materiais, um monte de coisa... (E2).*

*Currículo é um conjunto de conhecimentos com normas que precisam ser cumpridas (...) para que o indivíduo possa avançar (E4).*

*Currículo é uma orientação para os professores elaborarem o seu trabalho. Quer dizer, isso é que me dá a ideia de currículo (R1).*

*(...) eu acho que o currículo era muito quadrado, né. Para uma pessoa que não tinha uma visão, nem de uma vivência, nenhuma facilidade para criar, ele podia ficar muito centrado no que está escrito. Mas como eu gosto muito da criatividade, eu acho que com base no que está aqui prescrito ele podia criar asas e voar alto para trabalhar com Atividades Rítmicas (C1).*

Em seguida, perguntei aos entrevistados como se deu o convite para participar da elaboração do Documento de 1978, onde estavam atuando no momento desse convite e por que eles acreditavam ter sido escolhidos para compor aquele grupo de professores. Três questões articuladas entre si, correspondendo à segunda pergunta, mas que, no entanto, foram feitas uma após a outra com o intuito de não confundir o interlocutor. Todos os entrevistados foram unânimes em seus relatos e, segundo os mesmos, o convite partiu da professora Eustáquia Salvadora de Sousa, coordenadora da elaboração enquanto os mesmos atuavam no CEFET de Belo Horizonte e/ou na UFMG. Exceto o sujeito E4, que estava atuando somente na UFMG, na Faculdade de Educação Física, como titular da cadeira de Atletismo. O sujeito C1 chegou ao CEFET no momento em que o Documento Curricular estava sendo publicado. Conforme a narrativa dos sujeitos R1 e C1, concomitante ao CEFET, no momento da elaboração do documento os mesmos estavam trabalhando em outras instituições: R1 era também professor da cadeira de Ginástica da Faculdade de Educação Física/UFMG e C1 já era professor concursado da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, além de participar do GRUGIM<sup>16</sup> em competições nacionais. Quando questionados sobre o motivo de terem sido convidados para participar da elaboração do Documento de 78, os sujeitos responderam:

---

<sup>16</sup> O GRUGIM, Grupo de Ginástica de Minas Gerais, foi um dos primeiros grupos de ginástica que surgiram na década de 1960 no Brasil. Fundado pelo casal de professores Ivany de Moura Bonfim e Terezinha Ribeiro Bonfim, esse grupo foi, durante muitos anos, formador de ginastas que ganharam diversos títulos importantes na Ginástica mineira e nacional. Disponível em: <http://vitormarinho.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/360/Relat%C3%B3rio%20do%20ME%20revisado%2011%20agosto%202011.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23/09/2019.

*(...) a Eustáquia, ela era muito, vamos dizer assim, mais alerta e de conhecimento desse sistema de escola, entendeu, ela sempre foi muito autoridade nesse ponto eu poderia ser uma autoridade só na Ginástica, entendeu (E1).*

*(...) Por que na época eu tinha uma atuação marcante no Atletismo escolar. Na época, afinal de contas, eu ministrava disciplinas que visavam formar professores para o ensino escolar, então, por isso (E4).*

*Exatamente por causa da nossa ligação (...) (R1 com Lincoln Raso). E o Lincoln, além de ter sido meu colega na Escola de Educação Física, nós fomos colegas de turma, o Lincoln era irmão do professor Silvio Raso (...) então, eu acredito que por causa disso, quer dizer, inclusive a Eustáquia, a Eustáquia era professora da Faculdade de Educação (...) e a Eustáquia era, pra mim, uma cabeça”. (...) “Quer dizer, eu mexia exatamente na área... com a ginástica geral. Na época, era a disciplina em que dava a orientação ao aluno, a orientação específica ao aluno do curso de Educação Física que, na época, era licenciatura, como ensinar Educação Física, a ginástica, a Educação Física de uma forma geral para os seus alunos (...) quer dizer, a nossa disciplina é que fazia. Inclusive, a gente fazia com nossos alunos muitos estágios em escolas em que eles iriam dar aulas... uma prática de ensino. Na época não se chamava assim, mas era uma prática de ensino em que eles elaboraram seus planos de aula e faziam, e iam dar aulas nestas escolas”. (...) “Nunca foi rolar bolinha (no CEFET). Eu acho que, por causa disso, e a Eustáquia participando desse trabalho lá conosco, ela como coordenadora, viu que os professores de lá (do CEFET) tinham condições, assim, de apresentar para o Estado um trabalho bom (R1).*

*É porque eu era muito atuante na Educação Física (...). A vida inteira eu trabalhei muito, corri muito. Eu participei na Escola de Educação Física a vida inteira também, eu achava tempo para ir para lá pesquisar, às vezes para trabalhar como professora (a convite dos professores da UFMG (...), mas a Eustáquia me convidou... (C1).*

Indaguei também à coordenadora responsável pela elaboração do documento sobre o surgimento do convite para sistematizar tal tarefa e a razão pela qual isso se deu. De acordo com os relatos da mesma, a Secretaria de Estado da Educação fez o convite, por volta de 1977, através da pessoa do Sr. Lincoln Raso, à época professor da UFMG e Assessor de Educação Física da Assessoria de Educação Física e Desportos Escolares da SEE.

*(...) Porque foi ele que me convidou(...) (o Sr. Lincoln Raso) Ele era professor da Escola de Educação Física, era professor de Futebol, mas ele era o assessor de Educação Física, existia esse espaço na Secretaria da Educação que era a Assessoria de Educação Física (...) Então, ele organizava os Jogos Escolares, ele fazia movimentações ali no interior, entendia de currículo e etc., etc. (...) estava dentro da Secretaria, então, ele era a pessoa que tinha poder lá dentro de convidar a gente, não convidar, nem me lembro muito (...) ele me convidou, como ninguém recebia (risos) nada, eu podia ter feito sozinho né (Coordenadora da elaboração de 1978).*

Nesse ensejo, questioneei também sobre o papel do Sr. Lincoln Raso no referido documento. De acordo com a coordenadora, além de ter assinado a *Apresentação* do documento de 1978, o Sr. Lincoln Raso pediu que fosse elaborada uma proposta curricular que orientasse os professores da rede estadual de ensino.

*(...) ele não fez recomendação, a gente começou num primeiro momento muito assim “vamos ter o pé no chão (...)” (Coordenadora da elaboração de 1978).*

De acordo com os relatos da organizadora do documento, todo conhecimento acumulado ao longo de sua trajetória acadêmica-profissional enquanto professora da FaE/UFMG, estando a mesma em contato direto com os professores/estagiários e com as escolas das redes estadual/municipal/particular, por ser uma professora que lecionou em todos os níveis de ensino, por ter feito muitos cursos na área e participado de elaborações curriculares anteriores, todos esses fatores reunidos, explicam a razão pela qual surgiu o convite para coordenar a construção do Documento de 1978.

Quando indagada sobre o critério utilizado para a escolha dos professores que participaram dessa elaboração, a professora coordenadora do trabalho revelou que a boa formação, atuação e experiência desses professores na área da EFE, o contato com estudos recentes sobre essa disciplina, inclusive no exterior, a relação que esses professores tinham com as atividades/modalidades esportivas, nas escolas e fora delas foi determinante para sua escolha. Além disso, àquela época, segundo a coordenadora, a formação dos professores que atuavam na rede de ensino estadual era muito precária, a intenção, de acordo com a mesma, foi reunir um grupo capacitado na área da EF a fim de que os mesmos pudessem construir um documento de qualidade, com o objetivo de auxiliar os professores leigos para atuar em suas escolas.

*(...)outra coisa... outra coisa que a gente pensou aqui, assim, é que um grande número de professores de Educação Física dessas escolas era leigos(...) muito leigos, pra você ter uma noção, Minas Gerais, eu acho que tinha a UFMG, Juiz de Fora tinha implantado a pouco tempo, depois veio Muzambinho, mas não existia Viçosa, não existia sabe, então os professores formados tinham só o mínimo (...) e o quê que acontecia, o Ministério fazia curso de quinze dias para dar diploma para o pessoal, ia pra Goiânia, pra não sei onde e tinha esse curso da tal da DEF/CEDEF, que era uma associação aí que era mantida por gente que tinha interesse politicamente, então as pessoas faziam o curso de quinze dias e iam ser professor de Educação Física nas escolas (...) (Coordenadora da elaboração curricular de 1978).*

Dando continuidade ao roteiro, perguntei a todos os entrevistados sobre a existência de uma função específica para cada um deles, por razão da divisão estabelecida ao final do documento em *elaboração*, *revisão* e *colaboração*. As respostas divergiram-se. E1 e C1 disseram não se recordarem; o sujeito E2 esclareceu que os quatro professores elaboradores tentavam manter a linha mestra do documento e que os mesmos, ao longo da construção, iam solicitando ajuda aos demais colaboradores para que estes pudessem rever o texto e, caso fosse necessário, acrescentar ou suprimir algo. E2 relatou ainda que o sujeito R1 foi responsável pela revisão geral do documento no que se refere à parte da Educação Física como um todo.

O sujeito E4 deu uma definição a nível conceitual para o que seria a revisão de um documento, relatando que, sempre em documentos como este, existe uma parte técnica, ligada à correção ortográfica e outra ligada ao conteúdo em si, assim como fez também com o termo *colaboração*, dizendo que poderia ter sido uma leitura feita por um professor que dominava alguma parte específica, porém não se recordou precisamente. R1 confirmou a fala do sujeito E2, dizendo ter sido responsável, sim, pela revisão no tocante à Educação Física de uma forma geral, uma espécie de coordenador juntamente com a professora Eustáquia. Logo em seguida, questionei-os se houve diálogo entre eles e trocas de opiniões acerca do documento como um todo. E4, R1 e C1 foram unânimes em suas respostas dizendo que o trabalho aconteceu muito individualmente, cada professor sendo responsável pela modalidade/atividade que dominava; E1 e E2 relataram que os quatro professores elaboradores mantinham um contato mais estreito, mesmo porque, de acordo com os mesmos, à exceção do sujeito E4, os sujeitos E1, E2 e E3 trabalhavam juntos no CEFET.

Valendo-me da similaridade entre as questões, perguntei, logo imediatamente aos entrevistados, como se deu a elaboração do Documento Curricular de 1978 sob o ponto de vista prático, ou seja, dos locais para os encontros, sobre a disponibilidade de tempo para tal função, se houve remuneração e se houve, também, participação de outros professores da rede estadual de ensino. Os relatos dos cinco professores foram uníssonos. Todos disseram não se recordar dos detalhes quanto aos procedimentos práticos, contudo, afirmaram com veemência não ter havido um único encontro objetivando reunir todo o grupo de trabalho.

Relataram que a coordenadora deste trabalho mantinha contato com todos separadamente, estabelecendo uma ponte entre os mesmos. Segundo os sujeitos, como eles trabalhavam no CEFET (E1, E2, R1) e na UFMG (E2, E4, R1), tornou-se possível

um contato mais direto da organizadora com os mesmos nesses locais, entre uma aula e outra. O sujeito R1 acrescentou ainda que os quatro elaboradores já se reuniam com frequência por razão de suas tarefas no CEFET e na UFMG, facilitando, dessa forma, o diálogo sobre a elaboração do currículo de EF. A coordenadora do trabalho afirmou não ter havido remuneração específica, sequer dispensa de suas cargas horárias para a realização desse ofício. Com relação à participação dos demais professores que atuavam somente na rede estadual de ensino, a mesma afirmou não ter sido possível pois, relembando sobre a formação precária dos mesmos, havia também a dificuldade de dispensa destes professores junto à SEE para o cumprimento dessa tarefa.

*(...) Não me lembro de a gente ter feito uma reunião, todos não (...) Telefone e, às vezes, pessoalmente, quando a gente se cruzava no trabalho, principalmente no CEFET, que era nosso local de trabalho. Lembro que nós quatro aqui (apontando para os “elaboradores), sempre encontrávamos, o resto, iam fazendo contatos, eu contatei com todos né, na realidade, pra discutir sabe, esse tipo de coisa assim mais informal”. (...) Era um trabalho extra (...) porque não tinha dinheiro pra pagar, não era uma coisa suficiente, o professor na escola não tinha tempo pra parar, pra ir lá, pra participar de uma reunião e a Secretaria não tinha esse tipo de preocupação não, a maioria dos documentos, uma pessoa fazia..., na realidade, quer dizer, ele me convidou, como ninguém recebia (risos) nada, eu podia ter feito sozinha né (Coordenadora da elaboração de 1978).*

*Não, esse aqui não (sobre a participação dos professores do Estado, apontando para o Documento de 78), porque nos outros pra frente, os trabalhos que foram feitos depois (elaboração de outros documentos curriculares), a gente já tinha essa chance de ter contato com os professores, porque acabava que era um trabalho limitado né, depois que foi vindo.... eu me lembro que teve uma iniciativa uns anos depois disso daí, então fazia reunião nas regionais, porque tudo depende de uma estrutura né (Coordenadora da elaboração de 1978).*

A pergunta subsequente trouxe aos sujeitos como questão a existência ou não de algum documento curricular de Educação Física precedente que norteou o diálogo/discussões para a elaboração do Documento de 1978. Todos os entrevistados relataram não se recordarem, exceto a coordenadora, que afirmou ter havido documentos anteriores, todavia não se lembrava se a equipe se baseou nos mesmos para a organização deste de 1978. Completou sua fala mencionando sua participação em elaborações curriculares para o Estado desde 1970.

*(...) porque eu participei desde o início de 70 de organização pro Estado, (...) assunto curricular. (...) Em 71 para os Polivalentes, que eu coordenei logo que eu entrei (...) depois, teve um que agente chamou “Manual” agora não lembro se foi antes ou depois, de capa laranja (Coordenadora da elaboração de 1978).*

Imediatamente, ampliei sobre a questão supracitada o questionamento sobre ter havido, então, algum estudo, referencial teórico e/ou preparação anterior que subsidiaram as discussões para construir o Documento de 1978. A totalidade dos sujeitos citou a bibliografia que consta nas páginas finais do documento. Segundo relatos dos mesmos, exceto a coordenadora, foram utilizados como parâmetros para suas escritas os livros recém lançados da época referentes às modalidades esportivas, bem como suas vivências/práticas de aula. Nessa questão do roteiro também os entrevistados E1 e R1 advertiram sobre a escassez de literatura e a reduzida publicação no Brasil na área da EF e EFE.

*(...) se não me engano, o livro da Erica Sauer (...) esse 'Ginástica Rítmica escolar' aqui, me ajudou muito na época, a Sauer (...) e da Ilona, eu me lembro uma capa azul, era um livro menor, a Ilona pegava um pouco mais, mas não escolar, entendeu"(...) Deixa eu te explicar uma coisa, essa época, pelo menos a época de 69 até um bom tempo depois, eram poucas as publicações no Brasil, a literatura era muito pequena (...) O que vinha, vinha da Espanha (E1).*

*(...) Do que eu escrevi eu sei. Por exemplo, se você pegar... 'Séries Metodológicas de Exercícios em Atletismo' (...) é um livro originalmente em alemão que eu gosto muito até hoje. Né? Porque são brincadeiras de correr, de saltar, engatinhar, trepar... (...) ele é muito lúdico (...) Então, quando você olha, na hora que eu folhee, eu só passei a página aqui, na página 34 (do Documento de 78), na hora eu pensei: 'Séries Metodológicas de Exercícios em Atletismo'(E4).*

*Eu digo para você: o nosso material, tudo, nós não tínhamos um material. Não existia um material. Então a coisa era muito feita da cabeça da gente (...) era muito da prática, da vivência... (...) era muito das coisas que a gente fazia. Foi muito mais desse aspecto do que, na realidade, de ter... De ter um referencial, porque não existia. Não existia (R1).*

*(...) Ah, tem os meus livros aqui. A ginástica moderna eu separei aqui: Peuker. A Ginástica Rítmica escolar: Sauer. Aqui, Schulz. Todos referenciais que ajudaram na...e mais a prática (...) porque na época, na época eu era atleta de Ginástica Rítmica e trabalhava com ela direto, estudava direto (C1).*

Ainda sobre a questão do referencial que norteou a referida elaboração curricular, para a coordenadora dessa equipe de professores, as influências recebidas por ela desde seu ingresso na FaE/UFMG em 1975, passando pelos cursos proporcionados às Universidades pelo Ministério da Educação e o contato com estudos recentes na área da Didática, Estágios e Prática de Ensino, disciplinas as quais ministrava na UFMG, em muito influenciaram os professores na construção do Currículo de EF mineiro de 1978.

*Foi o seguinte, eu entrei pra faculdade em 75, quando foi em 77, o Ministério da Educação, naquela época era o Departamento de Educação Física lá do ministério, mandou um convite aqui pra universidade, que ia fazer um curso de Didática para os professores de Prática de Ensino, nesse momento, teve muito movimento dos professores de Estágio e Prática de Ensino, porque existia um movimento dos professores de Didática Geral e os de Prática de Ensino, que normalmente estavam vinculados às faculdades de educação, começou um movimento de ter encontros, então teve encontro em Niterói, teve encontro em Goiânia, encontro em um monte de lugares desses e quem liderava muito era o Alfredo Gomes de Faria Junior, era a pessoa fundamental, era ele, o Manoel Gomes Tubino, tinha um lá de Santa Maria que eu não sei falar o nome dele direito, que era o coordenador do curso né, e daí pra frente. Nesse movimento, o pessoal do Rio, conseguiu organizar esse curso de Didática e chamou os professores das federais e estaduais, da USP também, das públicas, pra participar do curso. Eu sei que nós fomos lá pra São Paulo, nos internamos lá no hotel na Água Branca e tivemos quinze dias de curso direto, de manhã, de tarde e de noite né, então muito do que você vai encontrar nesse livro aqui (apontando para o Documento de 78) tem a ver com essa sistematização da Educação Física naquele momento(...) Foi uma influência, foi um ano antes de escrever esse aqui (Documento de 78) (Coordenadora da construção curricular de 78).*

Serão descritas a seguir as declarações dos sujeitos relativas a como se deu a seleção e o desenvolvimento dos conteúdos prescritos no Currículo de 78, assim como a divisão dos mesmos de acordo com o grau de ensino, nível de desenvolvimento e habilidade dos alunos.

Cumprе salientar que os professores E1 e C1 em seus relatos argumentaram não se recordar da seleção dos conteúdos para compor o referido documento, declarando terem trabalhado somente com o material da ginástica, modalidade escrita pelos mesmos. Os entrevistados E2, E4 e R1 responderam que as modalidades esportivas prescritas no documento - a saber, *Esportes Coletivos: Jogos com Bola/Basquetebol/Handebol/Voleibol*—foram eleitas por fazer parte da cultura esportiva do momento em questão, uma época, de acordo com relatos dos mesmos, de grande divulgação dos esportes nas escolas. *Jogos com Bola*, começando nas séries iniciais, da 1ª à 4ª série, para desenvolver a percepção espacial, estimular o controle do corpo (E4) e por proporcionar aos professores a possibilidade de criação de novos jogos e adaptações das regras (E2), sem contar a pouca organização exigida para a execução dos mesmos pelos alunos; nesse grupo, entrariam jogos como a queimada, por exemplo (R1). E2, E4 e R1 foram unânimes em suas afirmações: *Basquetebol, Handebol e Voleibol*, começando da 5ª e 6ª séries até a 8ª série, já que tais modalidades possuem um grau de dificuldade maior e exigem, portanto, habilidades que somente os alunos mais desenvolvidos, a essa altura, já teriam adquirido. O professor R1 completou dizendo também que tal divisão se justifica por essas modalidades exigirem uma consciência

acerca do que significa competir e que somente os alunos mais adiantados conseguiriam assimilar.

*(...) o esporte praticado pela criança, esporte como competição, não deveria ser antes dos 12 anos de idade (...) O que a gente entendia é que a formação da criança, ela não permite, ainda, competir. Ela não entende a competição antes dos 12 anos de idade. Isso, logicamente, por linhas gerais. Por que isso inculca na criança, fazendo estas atividades, uma competição muito cedo na vida. Enquanto, até os 12 anos, ela deveria ter uma atividade em que ela era participação (...) dentro de um grupo. Porque não sou "eu contra você", será "eu com você". Certo? Quer dizer, dentro dessa coisa e só fazer o "eu contra você" a partir dos 12 anos em que ela já teria maturidade intelectual suficiente para poder entender o que que era aquilo do "eu contra você". Quer dizer, contra, naquela atividade e que, fora daquilo, não tinha nada. Então, (...) mais ou menos em função disso é que se criou (...) essa divisão (R1).*

A professora/organizadora mencionou também em sua narrativa acerca dessa mesma questão que todas as modalidades esportivas selecionadas, coletivas e individuais poderiam e deveriam ser adaptadas às *necessidades e interesses dos alunos*, ao *nível de desenvolvimento dos mesmos*, bem como às *condições/realidade de cada escola*; complementou afirmando que a escolha por esses esportes estava relacionada também à *facilidade/possibilidade de execução* que os mesmos proporcionavam aos discentes.

Com essa declaração, a organizadora respondeu a outra questão no tocante à ênfase dada, principalmente, nas páginas introdutórias do documento, sobre os aspectos supracitados e destacados:

*(...) eu tenho que ver que aluno é esse, o que ele já sabe, de onde que eu vou partir e o professor também, eu não tenho uma receitinha pra dar aqui, eu tenho uma proposta, mas aí eu vou ter que pegar e fazer, planejar pra minha escola (...)* (Coordenadora do documento de 1978).

Quando indagada sobre a nítida prevalência das modalidades esportivas/Jogos com Bola na proposta curricular em questão, a professora coordenadora respondeu:

*Ah porque era o auge do esporte né, ele era o auge, quer dizer, não é que a gente... a gente mesmo estava mergulhado nisso, depois a gente veio questionar um pouco: 'mas porque só isso', um pouco mais pra frente. Aqui (apontando para o Documento de 1978), já tem alguma luzinha, mas era o forte, não se falava em ensinar outra coisa na escola até o momento, o foco era, na realidade, o esporte de rendimento; aqui a gente ainda tenta tirar um pouco, mas não deixa de ter, então a gente queria dar um pouco de... sugerir atividade pensando nesse professor que era sua maioria leiga (Coordenadora do documento de 1978).*

Somente a organizadora mencionou a razão da não-seleção/exclusão da modalidade *Futebol* para compor o currículo de 1978. De acordo com seus relatos, esse fato ocorreu intencionalmente, visto que era hábito comum da maioria dos docentes daquele período *rolar a bola*, deixando de trabalhar/destacar demais temas que perpassavam a EFE, sendo assim, optou-se pela exclusão dessa modalidade esportiva.

*(...) você vê, a gente não botou Futebol aqui, naquele momento é... naquele momento tinha uma coisa que dizia assim, 'ah ensinar Futebol, não tem que ensinar Futebol na escola não', porque os professores só ensinavam Futebol e queimada; para as meninas queimada, para os meninos Futebol, só que não ensinavam (...) Porque tem muita coisa pra ser ensinada no Futebol que é maravilhoso, mas naquela época não, 'já chega de falar de Futebol e queimada', porque todo mundo fica só naquilo, joga a bola e senta debaixo da árvore e ponto (Coordenadora do documento de 1978).*

De acordo com a narrativa da coordenadora, o conteúdo *Movimentos Básicos e Habilidades Perceptivas* foi uma novidade com relação aos currículos precedentes: *“porque não se falava muito ainda em ensinar isso, era mesmo joguinhos e pronto”*. Essas atividades, como destacou a coordenadora, foram selecionadas/propostas como novas para este documento muito por influência também dos avanços no Brasil, dos estudos sobre psicomotricidade e motricidade naquele período.

Com relação à seleção da modalidade *Atletismo*, os sujeitos E2, E4 e R1 foram congruentes em seus relatos, afirmando ser esta uma atividade base, imprescindível para a aprendizagem dos demais desportos devendo, portanto, constituir o currículo de EF desde os primeiros anos escolares até o último, respeitando a faixa etária e o desenvolvimento físico dos alunos.

*Então você começa de uma forma bastante fácil e você vai tornando aquela forma mais complexa. Tá? Seja de correr, de lançar (...) por isso que é uma série metodológica, né? Eu pensava também naquelas pessoas que iriam ler (...) pra atuar na escola. Eu pensei nisso na hora de escrever. Então, tipo assim, como é que eu descrevo isso, de forma que a pessoa possa entender? O material que tem na escola ou o que não tem... O local que, às vezes, não tem (...) (E4).*

*Atividades Rítmicas*, na narrativa do entrevistado E2, já aconteciam nas escolas, até mesmo em função da facilidade de se confeccionar material alternativo a partir de tampinhas de garrafas, latas e outros. Para E1, E2 e C1 tais atividades caracterizam-se

como sendo estruturais, desenvolvendo a consciência corporal, o domínio dos movimentos, a expressão corporal, devendo estar inseridas no currículo do início ao fim, em todas as etapas da educação.

*(...) nesse trabalho aqui, provavelmente, eu peguei o meu conhecimento de desenvolvimento de criança, que eu tive no mestrado e tal, mas a gente estudava antes o desenvolvimento, que não tinha ainda aquele nome 'motricidade', que teve nas faculdades, a gente estudava uma psicologia do desenvolvimento antigamente e tal, provavelmente, foi por isso tá, e interessante, que eu não lembrava, porque tem muito tempo, se chamou 'Atividades Rítmicas' e não 'Ginástica Rítmica', e eu usei 'Atividade musical cantada' que foi o tema do meu mestrado na pré-escola (...) eu sempre fui preocupada com atividade rítmica, provavelmente, esse tema foi discutido com a Eustáquia e o nome, provavelmente, foi por essa influência que eu tive sabe, que inclusive, eu trabalhei com iniciação musical chamado "ritmo" dentro da Ginástica Rítmica porque eu achava importante o professor de Educação Física ter esse conhecimento de ritmo (E1).*

De acordo com a fala do sujeito R1 a *Ginástica Olímpica* estava sendo bastante difundida naquele período e, por se caracterizar também, como atividade de suporte para as demais, tal sujeito considerou importante sua presença no currículo de 78.

*(...) a Ginástica Olímpica, quando foi criado esse trabalho (documento de 1978), nós não tínhamos muita ideia do quê que era ainda não. Estava começando em 78, estávamos começando a trabalhar a Ginástica Olímpica aqui em Minas Gerais (...) então, por isso, ela ficou... (R1).*

Quanto ao conteúdo *Natação*, os sujeitos E1 e C1, responderam que não se recordavam; E2, E4 e R1 esclareceram os objetivos almejados por eles ao incluírem tal modalidade no referido currículo:

*A Natação por quê, vou te explicar, porque no estado de Minas Gerais tem mais ou menos 78 clubes que foram criados, chamadas Praça de Esportes, que foram criadas no auge do Getúlio Vargas, do Benedito Valadares e etc., pra divulgar a Natação no Estado e esses clubes estão por aí, por Minas Gerais inteira, eles deram para as prefeituras administrarem e etc. ... Então a gente tinha um sonho, junto com o professor Olimpo, de motivar a Natação, que não fosse lá dentro da escola, mas que, por exemplo, esses clubes cedessem uns horários (E2).*

*Pois é (...) se não tem uma quadra vai ter uma piscina? Em hipótese alguma. Mas é o seguinte, se você tem bons diretores de escola, bons gestores educacionais e tem bons professores eles podem fazer, formal ou informalmente, convênios com parcerias, né? Então, às vezes, tinha um clube na cidade do interior que podia ser usado pela escola. Então, pensando nisso. Porque na região de Juiz de Fora, por exemplo, naquelas*

*cidadezinhas, sempre você tem uma piscina lá nas cidades (...) subutilizadas de um modo geral (...) quer ver, se você olha a quantidade de crianças, jovens e adultos que morrem afogados, hoje ainda? Quando você olha as seleções brasileiras paraolímpicas de Natação, todos aprenderam a nadar depois dos 18 anos de idade. Todos (...) então assim, a quantidade de gente que morre, o bem que faz para saúde, para o lazer... E ninguém tem acesso. Então, daí a preocupação (E4).*

*Eu sempre considerei a Natação uma atividade utilitária porque como nós temos muitas piscinas e muitos rios, o curso de Educação Física deu muita ênfase às aulas de Natação, mas como aprendizado, até dos professores, de aprender a nadar como utilitário. A Natação utilitária, sabe? Eu achava isso muito importante para qualquer acidente (R1).*

O professor R1, em seu depoimento, salientou que a escolha dos conteúdos para integrar o Currículo de 1978, foi resultado também da intenção de se estimular a prática da atividade física, começando desde a vida escolar do indivíduo e transcendendo à vida adulta. Um desejo de incutir na população um hábito saudável.

*(...) Voleibol era o esporte em que um homem e uma mulher praticavam e, poderia, praticar até junto, isso como recreação (...) como atividades que... Porque a gente procurava uma atividade que o indivíduo, o cidadão, poderia amanhã, continuar fazendo Educação Física, porque não iria ter mais a aula de Educação Física, ele já terminou o seu período de estudo. E que ele poderia ter atividade para o resto da vida. Já tínhamos essa preocupação, na época (...) coisa que hoje a população já entende perfeitamente. Já faz parte do cotidiano de todo mundo. Aí, correr, principalmente, todo mundo faz isso. Mas na época não fazia, na época não tinha nada disso (R1).*

Indagados a respeito do conceito de Educação Física, definido na introdução do documento – a saber, “oportunidade de se educarem não somente no aspecto psicomotor, mas também, em conhecimentos e ideias”(MINAS GERAIS, 1978) - da metodologia e da avaliação, bem como se houve pontos antagônicos em suas opiniões, ocasionando a necessidade de esclarecimentos/convencimentos entre o grupo, os participantes E4 e C1 disseram não se recordarem da discussão sobre esses temas. E1, R1 e a coordenadora foram enfáticos em suas declarações:

*Olha na realidade é... eu acho que a gente não tinha muita clareza desse referencial teórico, tinha assim, que é estruturado é..., o que é que era a visão tecnicista, mas aquilo era o que estava certo no momento, a gente nunca problematizou isso(...) e a gente falava assim ‘oh o que tem de mais novidade agora é pensar nisso aqui, quais são as vantagens, nós temos uma Educação Física que, como se diz, não ensina nada, então nós vamos passar a ensinar alguma coisa que a gente sabe o quê que é, sistematizar esse*

*conhecimento'. Então, não! A gente não teve grandes discussões, teve trocas né, mas assim, pontos antagônicos... não. Por que essa discussão de linhas da Educação Física, ela não apareceu, ela não aparecia naquela época, ela veio logo um pouco depois de 80, é que começou esse debate mais forte, mas antes não, era algo que era mais comum entendeu (Coordenadora do documento de 1978).*

*Sabe o que eu acho, por exemplo, em termos de estrutura de documento, assim, eu acho que quase ninguém (grupo que participou da elaboração) tinha vivência dele, de fazer entendeu (...) Por isso, quer dizer, acho (...) que eles estavam muito mais acostumados com seus planos de aula, a prática e etc., então a questão de estruturar o conhecimento era novidade pra eles. No geral, davam a sua contribuição, mas o quê que significa isso lá na prática, e também na técnica que eles dominavam...(Coordenadora do documento de 1978).*

*Todo trabalho que era feito naquela época, quando começou essa discussão de... 'ah... não vai ser esporte', 'não pode ser tão direcionado para o esporte', 'tem que ser um desenvolvimento mais completo' e tal..., isso aí, eu sempre concordei, a atividade rítmica, ela ajudava a criança em vários aspectos, por exemplo, o desenvolvimento cognitivo (...), mas já existia essa preocupação de levar pra Educação Física algo mais que o aprimoramento físico, muito mais (E1).*

*Eu não consigo me lembrar de alguma discordância nesses aspectos, mas o que eu posso te dizer é que, como esse grupo de professores ele era, realmente, muito unido, muito próximo, e que a ideia, principalmente da Eustáquia, que levou ao grupo, fez com que aquilo fosse uma aceitação geral e poderia ter até uma discussõzinha de um ponto, de um aspecto, mas sem grandes problemas (...) sem grandes obstáculos (R1).*

Logo em seguida, já encaminhando para o término da entrevista, perguntei aos professores se o documento final, realmente, foi lançado/impresso idêntico aos rascunhos esboçados pelos mesmos e se eles tiveram acesso a essa publicação em suas escolas. E1 e R1 responderam que, por não estarem atuando na rede estadual no momento da elaboração do referido documento, não tinham conhecimento sobre este fato, nem tampouco o receberam. Os professores E2, E4 e C1 disseram que o documento foi impresso tal qual o rascunho e declararam o recebimento da cópia do mesmo. O sujeito E4, completou ainda, relatando sobre os rascunhos onde foram efetuadas suas escritas:

*Olha da minha parte foi assim... é porque aqui, ó, você tinha um quadro, aí você tinha que colocar dentro desse padrão. Aqui ó: objetivo, conteúdo programático, as sugestões de atividades; aí na avaliação, como é que eu vou avaliar a aprendizagem? Técnicas, instrumentos e atividades. Então, se você olhar isso, segue com essa dinâmica (...) então, eu tinha que escrever*

*considerando essa formatação aqui. Isso foi acordado anteriormente, senão, por consciência, ninguém chegaria aqui (E4).*

Interroguei aos sujeitos, baseados em suas experiências com a EFE, como eles perceberam a circulação do Documento Curricular de 1978 entre os professores da rede estadual e, também, sobre sua real aplicação nas escolas. Os professores E1, E4 e C1 enfatizaram em suas respostas não conhecerem, de fato, a repercussão do referido documento por não estarem atuando na rede estadual e nem terem tido contato com os docentes da mesma. O entrevistado E2 disse ter recebido informações de docentes que conheceram e utilizaram essa proposta curricular como referência, mas relatou também ter tido notícias de docentes que não sabiam nem de sua existência, “*Óh, nunca vi isso não. Na minha biblioteca tinha?*”(E2). O sujeito R1 mencionou em seus relatos, principalmente, sobre a dificuldade na época de entendimento da maioria dos docentes da rede estadual em reconhecer que tinha que trabalhar, que existia conteúdo na Educação Física e que os mesmos tinham que mudar a postura do *rolar a bolinha*.

*(...) muita gente, nesses contatos com as escolas, muita gente falava ‘ah... tá me ajudando muito!’, ‘Que legal, nunca tinha pensado que a Educação Física tinha que ensinar tantas coisas, tantos detalhes, tá me auxiliando no dia a dia, eu vou lá pegar sugestão de atividades’, então, variava né, e tinha gente que falava, ‘não, eu não sabia que existia isso não’ (risos) (E2).*

*(...) Muita gente não quis pegar muito nesse documento, largou para lá e continuou rolando a sua bolinha (...) por que os maus existem em todo lugar (...) então, os maus continuaram fazendo aquilo que sempre fizeram e não deram bola, mas um grande número eu acredito que foi influenciado (R1).*

A pergunta que encerrou as entrevistas buscou identificar, através dos relatos dos sujeitos desta pesquisa, se o Documento Curricular mineiro de 1978 representou/refletiu a Educação Física daquele período ou se eles percebiam que o referido documento apresentou nuances de mudança na área. As declarações foram bem peculiares, próprias da vivência/estudo que cada sujeito absorveu ao longo de sua trajetória acadêmica-profissional.

*(...) então, muito do que você vai encontrar nesse livro aqui (apontando para o Documento de 78) tem a ver com essa sistematização da Educação Física naquele momento (...) Eu acho que... naquele momento, ele representou, ele foi importante por essa capacidade de (...) sistematizar o conhecimento, de alertar pra Educação Física nessa dimensão mais ampla que não é só*

*ensinar... só fazer, é o fazer pelo fazer, você vê que ele ia um pouco além... você vê que ele não tinha nada de visão crítica aqui dentro, nada de reflexão não, mas o fazer passou a ser mais explorado, ele tinha uma lógica sabe, uma visão tecnicista que era né, apesar de que talvez ele tenha algum avanço quando ele não abraçava o tecnicismo no todo, quando ele considerava, 'não eu tenho que ver que aluno é esse, o que ele já sabe, de onde que eu vou partir' e o professor também 'óh, eu não tenho uma receitinha pra dar aqui, eu tenho uma proposta, mas aí eu vou ter que pegar e fazer, planejar pra minha escola, para os meus alunos...' eu acho que ele foi um avanço nesse sentido, era um trabalho rico de detalhes né, olha aí, um tanto de detalhes, Jogos com Bola... Outra coisa, vamos imaginar, vamos lembrar que nesse momento tinha muito poucos livros (...) Eu acho que ele mostra uma nuance em relação aos outros exatamente porque antes, era como eu te falei, eles só tratavam da descrição da técnica, aqui já teve que estruturar, organizar o conhecimento, tentar chamar a atenção por algumas é... exatamente algumas nuances né, de lembrar do aluno, lembrar condições da escola, lembrar que ao ensinar o movimento você tá ensinando mais do que o movimento né, já tem uma perspectiva da educação do movimento, mas também pelo movimento né, do afetivo que sempre foi muito trabalhado na Educação Física (...) uma coisa que chamou muito a atenção foi a dimensão afetiva, porque a pessoa, puxa a gente faz isso tanto, ajuda o menino, faz isso, preocupa com o menino etc., mas não pensa que isso pode ser algo estruturado que vai pra um documento né (Coordenadora do documento de 1978).*

O sujeito E1 reiterou suas declarações relatadas em momento anterior da entrevista, acerca da escolha pelo nome Atividades Rítmicas no lugar de Ginástica Rítmica. Segundo o mesmo, significou já uma tentativa de mudança para a época pois esperava-se o ensino técnico da GRD propriamente dita, contudo, preferiu-se ampliar as possibilidades neste documento. E acrescentou:

*(...) essas 'habilidades dos movimentos básicos' veio muito sabe do que, da psicomotricidade, já estava começando naquela época e eu tinha feito um curso na Federal de Viçosa, especialmente, um curso muito bom, que até hoje eu lembro dele, com um professor do Rio Grande do Sul sobre psicomotricidade entendeu, que são essas... isso aí (...) 'Jogos com Bola' é outra coisa que foi inovação né (...) (E1).*

*Era uma tentativa de mudança. Primeiro de estruturar um documento que tivesse uma formatação metodológica. Ok? Então aquilo está sendo feito... (...) você não tinha um referencial. Aí ele passou a ter um referencial. Ok? O que você tinha era o quê? Qual que era realidade? O professor sem nenhuma formação. Né? Ou ele tinha uma formação, mas era precária a formação. Então foi fornecer para ele um instrumento de qualidade, da época... (...) que, se ele quiser, ele pode se basear aqui para ministrar aulas melhores (...) um fato importante, alguém dentro da secretaria teve essa boa preocupação. De mudar alguma coisa para melhor. Né? Então, vamos tentar. Vamos fazer alguma coisa. Por exemplo (...), o Handebol tentou se implantar e conseguiram muita coisa no Handebol. Então, assim, era uma modalidade que até hoje você pega o Handebol escolar e ele ainda é bom (...) então, ele veio dessa época (E4).*

*Reflete a Educação Física da época, porque, olha, desse grupo aqui, o E2, o E3, o E4, eu, o C2, o C3, o C4, o C5, todos esses eram professores da Escola de Educação Física e que colaboraram na elaboração do currículo do Curso de Educação Física da UFMG e da elaboração do currículo aí (referindo-se ao Documento de 78) é o que vem trazer a nova ideia da Educação Física (...) que, lamentavelmente, eu não consegui implantar tudo que pretendia fazer quando nós começamos a fazer o trabalho, mas fizemos um avanço muito grande. Por que quando fomos elaborar o currículo do Curso de Educação Física a gente achou muita resistência dos professores da Escola de Educação Física que não aceitavam muito aquelas ideias. (R1).*

*(...) quando eu descrevo aqui os fundamentos da Ginástica Rítmica, dou algumas ideias, e se a professora é ativa, se ela ama o que faz, a partir disso aqui, ela pode fazer muito mais. Vamos voltar ao fundamento andar. Ela pode fazer muito mais. Depende do profissional que usou o currículo. Entendeu? Aí, como eu te disse, andar: andar quatro tempos, com passo ligado para frente combinado com quatro molejos no lugar, bom, isso aqui, hoje eu considero quadradinho, mas se partir disso, dessa sugestão que está aqui, eu ia mudar infinitamente este fundamento. Essa é a sugestão. Então, Simone, depende das pessoas... Hoje, eu considero quadradinho na minha vivência porque eu valorizo muito a criatividade (...), mas quando trabalho com esses fundamentos aqui eu não visava aprimoramento físico não. Em momento nenhum. Quando suscitava aos alunos a andar para frente, andar para direita, andar para esquerda, o que que isso tem a ver com o aprimoramento? Nada. É a possibilidade do homem de tomar diferentes direções da sua vida. E quando você pega uma criancinha e faz isso, isso é bárbaro para ela. Então, nada tem um aprimoramento aqui. Aprimoramento é na técnica. A técnica e o treinamento são outra coisa. Eu nunca fiz aprimoramento nas minhas aulas de Educação Física. Nunca fiz (C1).*

E assim, após elucidar, cuidadosamente, as estratégias de recolha e tratamento dos dados e permitir ao leitor uma aproximação com as declarações dos sujeitos desta pesquisa, encerra-se a dimensão descritiva, fase bastante característica da Análise de Conteúdo, técnica escolhida para lidarmos com os conteúdos das falas dos sujeitos e do próprio Documento de 1978.

## **2.4 A Análise das falas dos Sujeitos**

O texto a seguir pretende realizar uma análise interpretativa das falas dos sujeitos desta pesquisa, descritas na sessão anterior, buscando uma mediação entre suas declarações e os autores de referência para a produção de inferências sobre os próprios sujeitos e do Documento de 1978. Em um primeiro momento serão feitas análises sobre os sujeitos da pesquisa, mais precisamente sobre formação, trajetória

acadêmica/profissional e relação com a Educação Física de uma forma geral, a fim de se refletir sobre a identidade desses professores. Posteriormente, no subseção adiante as análises de seus relatos irão abordar questões do Documento de 78 propriamente ditas.

Produzir inferências a partir dos dados coletados em campo corresponde a uma fase bastante característica da técnica de análise de conteúdo. Para Bardin, “o ato de inferir significa a realização de uma operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude de sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras” (BARDIN, 1977, p. 39). Guerra (2006) afirma que, além de descrever as situações, a AC objetiva interpretar o sentido do que foi dito. Cumpre destacar que, as análises que se seguem constituem-se como uma entre as múltiplas possibilidades de interpretações acerca dos relatos das fontes desta pesquisa, já que, “a interpretação nunca será a última palavra sobre o objeto estudado, pois o sentido de uma mensagem ou de uma realidade está sempre aberto em várias direções” (MINAYO, 2012).

Depois da fase de organização dos dados coletados e a partir da exploração dos mesmos, foram criadas categorias, visando facilitar a produção de inferências.

A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objectivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. (...) A análise de conteúdo assenta implicitamente na crença de que a categorização (passagem de dados brutos a dados organizados) não introduz desvios (por excesso ou por recusa) no material, mas que dá a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados brutos. É preferível estar-se consciente do que se passa quando da efectuação de uma operação de tal modo habitual que parece anódina (BARDIN, 1977, p.119).

#### **2.4.1 A Identidade dos Sujeitos**

A primeira categoria a ser analisada reflete sobre os sujeitos que participaram da elaboração do Documento Curricular de Educação Física do Estado de Minas Gerais de 1978. Elegi os sujeitos como categoria preliminar, haja vista a importância atribuída a eles e o grau de relevância que os mesmos conferem a esta investigação. Através desses sujeitos, apropriadamente designados como fontes orais<sup>17</sup> da pesquisa, foi possível obter

---

<sup>17</sup>Como afirma Margarita Victoria Rodríguez (2010), segundo a classificação tradicional, ainda utilizada pelos historiadores, as fontes históricas podem organizar-se em: Fontes Escritas, Fontes Materiais, Fontes

informações subjetivas, dados novos que vão além daqueles contidos ou indicados no documento escrito de 78. Suas vozes, suas trajetórias de vida, suas experiências, suas memórias, possibilitaram-me apontar algumas respostas aos questionamentos iniciais, tornando-os, assim, elementos-chave deste trabalho. Entretanto, como argumenta Sarat e Santos (2010), recorrer à memória dos sujeitos recuperadas nas entrevistas para auxiliar na compreensão e análise do Documento de 1978 exigiu um ler nas entrelinhas um procurar por indícios que me levassem à solução da pesquisa, pois

nesse processo de contar, recontar, rememorar, trazer à tona lembranças, quase sempre cheias de significado para a pessoa, existem elementos que se apresentam ou se omitem. A percepção de tais elementos torna-se importante e necessária, no momento da análise, para que aquele conteúdo, tal como foi exposto, seja compreendido e tenha aceitação. Nem sempre as “verdades” buscadas, ou aquilo que é mais significativo, podem ser vistas a olho nu; às vezes, é preciso procurar os indícios, pistas e sinais que nos levem ao resultado pretendido, que pode estar escondido nas entrelinhas da oralidade. Esta tarefa não é das mais simples, pois estamos sempre em busca de respostas que em ciências sociais se apresentam de forma subjetiva (SARAT E SANTOS, 2010, p. 58).

Dos quatorze sujeitos que atuaram na construção do documento, divididos segundo a denominação apontada em suas páginas finais - *elaboração, revisão, colaboração e capa* – cinco foram entrevistados efetivamente. Vale lembrar que, desses cinco, três foram responsáveis pela elaboração da proposta propriamente dita; um pela revisão geral no que tange aos assuntos ligados à disciplina Educação Física e o outro participou como colaborador. Considero importante elucidar o quantitativo de sujeitos entrevistados, apesar do enfoque qualitativo desta investigação e sua relação com a função desempenhada na construção da proposta, pois daí resultará as análises seguintes. De acordo com os relatos da coordenadora do documento de 1978 o termo elaboração designou os responsáveis diretos por nortearem todo o processo de construção do currículo de 1978, assim como o sujeito R1 prestou assessoria à coordenadora quanto aos assuntos gerais do processo de elaboração, segundo suas declarações.

---

Orais ou Tradicionais. A coleta de depoimentos orais aproxima-nos do passado recente. A memória dos adultos, especialmente informantes do entorno mais imediato, fornece informação sobre os últimos anos das cidades, ofícios, objetos, trabalhos, festas, costumes, acontecimentos sociais, políticos, militares, entre outros.

Cf. RODRÍGUEZ, Margarita Victoria. *Pesquisa Histórica: o trabalho com fontes documentais* in Fontes e Métodos em História da Educação. Organizadores: COSTA, Célio Juvenal; MELO, José Joaquim Pereira; FABIANO, Luiz Hermenegildo. Dourados, MS: Editora UFGD, 2010. 350 p.

(...) a gente tentava garantir a linha mestra, nós aqui (Coordenadora do documento de 1978). Apontando para o documento na listagem referente aos quatro professores “Elaboradores”, E1, E2, E3 (Falecido) e E4.

*Eu fiquei mais na revisão. Eu fiquei mais na, quer dizer, junto com a Eustáquia, mais ou menos na parte de... quase coordenação. Não era bem coordenador, não, mas... era uma coisa mais ou menos assim. Fazia um apanhado... Eu fazia um apanhado do trabalho de todo o pessoal. Certo? (R1).*

Posto isto, torna-se possível inferir que os três sujeitos que fizeram parte da elaboração E1, E2 e E4 - lembrando que, neste grupo, inclui-se a coordenadora do trabalho juntamente com o sujeito R1, revisor geral da proposta curricular, foram por mim entrevistados e podem garantir uma representatividade expressiva em relação aos demais participantes não entrevistados. Eles foram os principais sujeitos da elaboração do referido documento, levando-se em conta as funções que os mesmos desempenharam junto à esta proposta e, com isso, a capacidade de responderem às questões da pesquisa. Pode-se dizer que os cinco sujeitos que foram entrevistados são representativos e permiti-nos generalizar as respostas ao universo dos sujeitos que participaram da referida elaboração. De acordo com Bardin (1977), a constituição do *corpus de trabalho*, muitas vezes, implica em seleções, escolhas e aplicação de regras, como a *regra da representatividade*, por exemplo, cuja amostra poderá efetuar-se caso o material a isso se preste.

Tendo sido demonstrada a importância e a representatividade dos entrevistados, sigo relatando a identidade desses sujeitos e de suas histórias com o campo da Educação Física. Conhecer um pouco sobre a formação dos cinco entrevistados e a trajetória/experiência profissional dos mesmos e o entendimento que eles têm a respeito dos assuntos ligados à EFE poderá viabilizar o apontamento de muitos indícios sobre quem são os sujeitos que participaram da elaboração do currículo de EF de 1978, sobre suas identidades e como estas influenciaram, de alguma forma, na construção da referida proposta curricular.

Ponderando sobre a formação acadêmica dos sujeitos, torna-se possível dizer que os mesmos tiveram a possibilidade e/ou oportunidade de concluir seus estudos, indo do ensino primário à pós-graduação, em uma época cujo acesso à educação e o reconhecimento de seu valor era restrito a uma pequena parcela da população. Como afirma Cury (2002, 2008), apesar de o Brasil reconhecer o ensino fundamental como um

direito desde a Constituição de 1934 e garanti-lo ao cidadão, o mesmo ainda não era exercido pela totalidade da população àquela época, nem tampouco nos dias de hoje. A desigualdade socioeconômica, elemento que sempre esteve presente no cotidiano brasileiro, foi responsável por deixar milhões de crianças fora da escola até os anos de 1970 (Ibidem). Os sujeitos entrevistados deixaram suas cidades-natal, todas no estado mineiro, rumo a Belo Horizonte com o intuito de se qualificar. Graduaram-se em Educação Física pela PUC (R1) e UFMG<sup>18</sup> (E1, E2, E4 e C1), especializaram-se dentro de suas áreas de interesse, aproximaram-se de algumas modalidades específicas fora do ensino formal da Educação Física escolar e quatro dos cinco participantes puderam sair do Brasil para complementar seus estudos de pós-graduação na década de 70, valendo-se do incentivo/convênio oferecido pelo governo federal àquela época. Vale destacar: E2 esteve na Bulgária e E1, E4 e R1 estiveram na Alemanha.

Considero importante situar o leitor acerca das ideias pedagógicas e das concepções de Educação Física que circulavam no momento das graduações dos sujeitos desta pesquisa e que, de certa forma, embasaram suas formações, bem como sobre o contexto político do período em questão. O entrevistado R1, o mais longo dos sujeitos, com 85 anos, graduou-se de 1952 a 1954, quando o Brasil era governado pela segunda vez por Getúlio Vargas (1951 – 1954)<sup>19</sup> e Minas Gerais por Juscelino Kubitschek de Oliveira (1951 - 1955)<sup>20</sup>. No campo educacional, como afirma Saviani (2013) predominavam as ideias da Pedagogia Nova, cuja ênfase do processo ensino-aprendizagem deslocava-se para o aluno. Anísio Teixeira, influenciado pelo ideário renovador de John Dewey, estabelecia-se como figura central dessa década, lutando pela implantação e consolidação de uma escola verdadeiramente pública, universal e gratuita. Acirrava-se o conflito entre escola pública e escola particular. Nos cursos de formação de Educação Física, como declarou o sujeito R1, além de basicamente serem voltados para a prática e para a técnica esportiva, havia uma divisão dos conteúdos por sexo:

---

<sup>18</sup> Importante salientar que, nesse período de formação/graduação dos sujeitos entrevistados, que compreende a década de 50 e a década de 70, havia em Minas Gerais poucos cursos de formação em Educação Física, de acordo com os dados obtidos através da dissertação de mestrado de Gabriela Villela Arantes, intitulada: A Educação Física em cena: olhares sobre o Colégio Estadual de Minas Gerais (1956-1973). O sujeito R1 graduou-se em 1953/1954, na Escola de Educação Física de Minas Gerais, que mais tarde, viria a se tornar Pontifícia Universidade Católica – PUC. Os sujeitos E2, E1, E4 e C1, graduaram-se já na Universidade Federal de Minas Gerais em 1970, 1971, 1972 e 1973, respectivamente.

<sup>19</sup>Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/presidentes2019/index.html> Acesso em: 07/03/2019.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.mg.gov.br/galeria-governadores>. Acesso em: 07/03/2019.

*Por lei, era proibido à mulher jogar Futebol (...) por que a concepção da época é que o Futebol seria prejudicial à função de mãe da mulher (...) a mulher não podia fazer salto triplo, não fazia uma porção de esportes (...). As lutas eram todas impedidas às mulheres: o judô, o boxe, tudo era impedido. Era proibido para mulher. Isso pela legislação brasileira. (...) Baseado em quê isso? Em uma ideia que o legislador tinha de que poderia ser prejudicial para mulher, quer dizer, então era uma coisa que não tinha nada científico. Nenhuma conotação científica (...) Era a Educação Física da época (...) as aulas femininas eram separadas das masculinas... Era completamente separado. Só mulher dava aula para as meninas e só homem dava aulas para os meninos (...) Aliás, o Curso de Educação Física até 88, quando foi o currículo que nós implantamos, até 88, existia na realidade dois Cursos de Educação Física: O Curso de Educação Física feminino e o Curso de Educação Física masculino. Até as disciplinas eram separadas, eram diferentes. Pois as mulheres não faziam judô, não fazia o Futebol, não fazia futsal... Esse era o currículo da graduação de Educação Física. Era separado porque à mulher era proibida de fazer judô e ao homem não era proibido, não, mas não era recomendado a fazer... Atividades Rítmicas (...) tanto que para o vestibular da Escola de Educação Física, a metade das vagas eram para homens e a outra metade para as mulheres. Era exatamente. Eram turma de 50 alunos e eram 25 homens e 25 mulheres que entravam na escola. Então, quer dizer, era metade e metade (R1).*

A formação profissional em Educação Física no período cursado pelo sujeito R1, como indicam as reminiscências,

teria sido precária, empírica, generificada, militarizada e com um currículo esportivizado. As ações docentes teriam sido marcadas pela hierarquia, por práticas sexistas e pela crescente valorização de conteúdos e princípios relacionados ao fenômeno esportivo. Em menor escala aparecem iniciativas de aulas mistas, com debates de luta por direitos de igualdade, a pluralidade de conteúdos e tentativas de aproximação da comunidade local (PINTO, 2014, 563).

Os sujeitos E1, E2, E4 e C1 graduaram-se em 1971, 1970, 1972 e 1973, respectivamente. Israel Pinheiro da Silva, governador de Minas de 31/01/1966 até 15/03/1971 passava o cargo para Rondon Pacheco, que permaneceu à frente do governo mineiro de 15/03/1971 até 15/03/1975. O Brasil vivia sob a égide do regime militar instaurado após o Golpe de 1964. Como aponta Saviani (2013) é nesse contexto que uma série de reformas legais foram baixadas pela ditadura a fim de se instituir uma reestruturação no ensino em todos os níveis e ajustar a educação às demandas do novo governo.

Entre as principais medidas situam-se o Parecer nº 977, de 3 de dezembro de 1965, conhecido como Parecer Newton Sucupira, que dá início ao processo de estruturação da pós-graduação no Brasil, os Decretos-Lei de nº 53 de 1966 e nº 252 de 1967, que subsidiaram a implantação das bases fundamentais da reforma universitária

estabelecendo, entre outras questões, as regras para a pós-graduação (ALVES e OLIVEIRA, 2014)<sup>21</sup>. O ano de 1969 representa o marco de abertura dessa nova etapa, uma vez que em função do Decreto nº 464, de 11 de fevereiro desse ano, entra em vigor a reforma universitária expressa na Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968<sup>22</sup>, assim como foi aprovado no mesmo dia, 11 de fevereiro o Parecer CFE nº 77/69, que regulamentou a implantação da pós-graduação (SAVIANI, 2013). Outra importante medida tomada pelo governo dos militares, segundo enfatiza esse mesmo autor, foi a aprovação da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, que alterou as bases organizacionais do ensino fundamental e médio, porém, mantendo os primeiros títulos da antiga LDB nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Com a aprovação da Lei n. 5.692/71, princípios como racionalidade, eficiência e produtividade foram incorporados a essa legislação buscando estendê-los a todas as escolas do país por meio da pedagogia tecnicista convertida em pedagogia oficial do país nesse período (SAVIANI, 2013). O objetivo da pedagogia tecnicista segundo esse mesmo autor era o de preparar profissionais para o mercado de trabalho adotando um modelo empresarial na educação, moldando os padrões educacionais para a sociedade moderna e tecnológica.

O processo educativo, então, devia tornar-se objetivo, operacional e com máxima eficácia e produtividade e, para isso, procedimentos de ensino de inspiração behaviorista foram utilizados como estratégia para atingir tais objetivos. No ideário tecnicista, a organização do processo supostamente convertia-se na garantia da eficiência, ou seja, o elemento principal passava a ser a organização racional dos meios, há uma radicalização da ênfase nos métodos (SAVIANI, 2013).

Na área da Educação Física, durante esse período, houve uma forte influência do esporte no sistema escolar, cujo objetivo fundamental era a caracterização da competição e superação individual como valores predominantes a serem conquistados. A Educação Física era sinônimo de desporto e este, sinônimo de verificação de performance (SOARES et al, 1993). Como afirma Soares et al (1993),

Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da educação física aos códigos/sentido da instituição esportiva,

---

<sup>21</sup>Cf. ALVES, Miriam Fábria; OLIVEIRA, João Ferreira de. *Pós-Graduação no Brasil: do Regime Militar aos dias atuais*. RBPAAE- v. 30, n. 2, p. 351-376, mai/ago. 2014.

<sup>22</sup> Cf. BRASIL. Lei nº 5.540 de 18 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 11/02/2019.

caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema esportivo nacional e internacional. Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas (SOARES ET AL, 1993, p. 54).

Dessa forma, também o currículo do Curso de Educação Física sofreu influência desse contexto histórico, pesando na formação e atuação dos sujeitos E1, E2, E4 e C1. Um curso voltado para a prática, para as atividades físicas na qual aprendia-se muito joguinhos, muita técnica esportiva, mas pouco conhecimento científico, pois ainda não existiam pesquisas na área (SOUZA in PRESENÇA PEDAGÓGICA, 2007). As matérias essencialmente técnicas, esportivas e da área biofisiológica estiveram presentes durante todo o período de suas graduações e poucas disciplinas relacionadas à área da pedagogia e psicologia (OLIVEIRA, 2017), como aponta a coordenadora da proposta curricular de 1978:

(...) O curso na época, a Educação Física na época no Brasil inteiro, posso te dizer isso, e aqui também em Minas Gerais, ela era sobretudo uma técnica esportiva (...) Mulheres separadas dos homens, era... então estou dando esse exemplo pra te mostrar (...) os professores no geral eram muito dedicados está bom. Eu tinha disciplina de anatomia, fisiologia, não existia fisiologia do exercício ou do esforço naquela época ainda, nós tínhamos biometria, tinha cinesiologia (...) deixa eu ver o que mais tinha, tinha História da Educação Física, Pedagogia da Educação Física, essa que depois virou “GRD”, que chamava Educação Física feminina, tinha ginástica artística, que chamava ginástica de solo, ginástica de solo, basquete, Voleibol, Futebol mulher não aprendia (...) era como se eu fosse uma atleta realmente, mas isso era o que acontecia na Educação Física brasileira “né”, aqui não era um diferencial, acontecia dessa forma, então por isso que exigia o vestibular prático, senão você não daria conta de executar “entendeu” (SOUZA in OLIVEIRA, 2017, p. 06).

Como afirma Bracht (2007), a década de 70 parece ter sido decisiva para a Educação Física de uma forma geral. Foi um período de institucionalização da pesquisa científica<sup>23</sup>, criação e implantação de cursos de pós-graduação, incentivo à capacitação docente e financiamento e fomento de pesquisa científica. E o autor completa,

O “Diagnóstico da Educação Física e dos Desportos”, realizado pelo MEC em 1969/1970, identificara a falta de pesquisa científica na área (...). Datam

---

<sup>23</sup> Em 1978 é criado o CBCE, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, entidade científica que teve forte influência e buscou para si a responsabilidade de orientar o desenvolvimento científico da área da EF/ Esportes. (IBIDEM, 2007).

dessa década uma série de iniciativas no setor: envio de grande número de professores para cursar pós-graduação no exterior, principalmente nos EUA; convênios e intercâmbios com centros de pesquisa no exterior – por exemplo com a Escola Superior de Colônia, da Alemanha; criação e implantação de cursos de pós-graduação na área da EF/CE; implantação de laboratórios de pesquisa (...) em alguns centros universitários – por exemplo, na UFRJ e UFRGS (BRACHT, 2007, p. 59).

Vale destacar as experiências e os conhecimentos que os quatro sujeitos que estudaram fora do Brasil, amparados pelos convênios supracitados, adquiriram através do contato que tiveram com a cultura estrangeira e pela vivência na área da Educação Física em universidades equipadas e modernas para a época. Tais professores somados ao sujeito C1 já trabalhavam com modalidades esportivas e artísticas específicas em Belo Horizonte e mediações, à exceção da coordenadora deste trabalho que diversificou bastante sua área de atuação. Eram especialistas/técnicos em Ginástica Rítmica/Dança (E1), Atletismo (E4), Ginástica Acrobática, mais tarde, Ginástica Olímpica (R1) e Ginástica Rítmica, Olímpica e Dança (C1). Digo especialistas por terem sido, durante algum tempo, referências em tais modalidades, chegando a participar de campeonatos brasileiros, primeiro como atletas, posteriormente como professores/técnicos, organizando eventos e competições, entre outros. Muitos deixaram um verdadeiro legado na história da Educação Física mineira sendo, por isso, frequentemente requisitados como fontes de pesquisas para diversos temas ligados à essa área. É significativo mencionar que, paralelamente ao ensino e vivência dessas modalidades, as quais se deram fora do contexto escolar, todos os entrevistados tiveram contato com a EFE nas redes de ensino municipal, estadual e/ou particular em algum momento de sua trajetória profissional. Entretanto, no momento da elaboração da proposta curricular de 1978, os cinco sujeitos entrevistados atuavam no CEFET<sup>24</sup> de BH/MG (E1, E2 e R1), na UFMG (E2, E4 e R1) e na rede de ensino municipal (C1).

---

<sup>24</sup> O CEFET/MG, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, antiga Escola Técnica de Minas Gerais, é uma instituição de ensino que teve origem no Decreto nº 7.566, assinado pelo Presidente Nilo Peçanha, em 23 de setembro de 1909 e, em 1978 passou a oferecer o Ensino Superior. Hoje, O CEFET-MG oferece uma formação acadêmica que vai desde o técnico de nível médio até o doutoramento. Durante sua trajetória, o CEFET-MG recebeu diversas denominações a saber - 1909 – Escola de Aprendizes Artífices de Minas Gerais; 1941 – Liceu Industrial de Minas Gerais; 1942 – Escola Técnica de Belo Horizonte; 1969 – Escola Técnica Federal de Minas Gerais; 1978 – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Os técnicos certificados pelo CEFET-MG apresentam formação científica e tecnológica. Disponível em: <http://cefetmg.br/textoGeral/historia.html>. Acesso em 11/02/2019.

Torna-se importante atentar-nos para o fato de que, de acordo com as declarações desses sujeitos, os mesmos se conheciam e se relacionavam profissionalmente, eram conhecedores uns dos trabalhos/experiências/trajetórias dos outros. Esse dado me permite apontar as razões que levaram a coordenadora desta elaboração curricular convidar exatamente estes professores para compor o grupo dessa construção. A coordenadora tinha ciência do comprometimento de tais professores com a EFE, do domínio que cada um tinha acerca de sua modalidade esportiva, das suas vivências/experiências e formação na área, enfim, entendia que o grupo era qualificado e, o mais importante, que poderia encontrá-los diariamente no CEFET e/ou na UFMG, haja vista os sujeitos E1, E2, E4 e R1, já participarem, semanalmente, de reuniões em seus locais de trabalho, fato que viabilizaria a discussão sobre a construção do documento de 78.

Ao mesmo tempo, esse fato serviu de impedimento para que a coordenadora convidasse professores que atuavam na rede estadual de ensino. Sem dispensa de suas aulas diárias, sem pagamento pelo trabalho somado à pouca qualificação dos professores da rede, seria inviável a participação desses professores, de acordo com os relatos da coordenadora. A Secretaria de Estado da Educação, na pessoa do Sr. Lincoln Raso<sup>25</sup>, não intencionou formar um grupo de professores para esse ofício. O convite foi feito unicamente à coordenadora e esta, com o objetivo de dar voz a mais professores, convidou o grupo que trabalhava com ela, professores especialistas em algumas modalidades esportivas com boa formação que tinham contato com as escolas da rede e professores que atuavam no ensino superior. Esses argumentos justificam a escolha desse grupo pela coordenadora do documento de 1978.

Importante destacar que mesmo não tendo sido possível encontrar os quatorze sujeitos que participaram da elaboração do Documento de 1978, os cinco sujeitos da pesquisa, todos, sem exceção, se reportaram durante as entrevistas aos demais colegas constituintes desse grupo dos quatorze professores. Segundo os relatos dos cinco entrevistados, os “quatorze” eram um grupo de amigos de profissão e foi possível perceber, pela entonação e emoção de suas vozes, uma satisfação em rememorar

---

<sup>25</sup> Lincoln Raso foi professor da UFMG, ligado à disciplina futebol e handebol e Assessor de Educação Física da Assessoria de Educação Física e Desportos Escolares da Secretaria do Estado da Educação. Partiu dele, enquanto assessor de Educação Física, o convite à professora Eustáquia Salvadora de Sousa para coordenar a elaboração do currículo mineiro de educação física de 1978. Lincoln Raso e o sujeito R1, veterano do grupo de entrevistados, foram colegas de turma na Escola de Educação Física, tendo Sílvia Raso, um dos baluartes da Educação Física no Estado mineiro, irmão de Lincoln Raso, como professor de ambos.

momentos do dia a dia de trabalho. Por vezes, os entrevistados fugiam à pergunta realizada, revelando fatos curiosos de suas rotinas no CEFET e na UFMG. Cabe destacar também que, segundo as declarações dos entrevistados, os sujeitos não-encontrados atuavam também nos locais acima citados (vide quadro 2) no período em que o documento foi elaborado, a saber – E3, trabalhava no CEFET e na UFMG; C2, C3, C4 e C5 na UFMG; C6 e C7, no CEFET. Para Halbwachs (1990 apud SARA e SANTOS, 2010, p. 54), a memória coletiva é “construída pela pessoa profundamente ligada ao grupo a que ela pertence. Tais vivências e situações se colariam às lembranças da pessoa, de forma a constituir todas as suas concepções. Assim, quando começa a rememorar, o entrevistado dificilmente consegue se separar das experiências vividas pelo seu grupo ou pela comunidade de que ele fez ou faz parte”.

Outro fator importante que faz jus ser refletido, consiste nas implicações decorrentes de se atuar no ensino técnico e no ensino superior para a constituição das identidades profissionais dos sujeitos desta pesquisa. Recorrendo aos argumentos de Alan Michael Huberman (1989)<sup>26</sup>, pesquisador que investiga sobre o ciclo de vida profissional dos docentes na perspectiva de suas carreiras, a instituição na qual esses profissionais trabalham, o ideário pedagógico dessa instituição, os métodos de aula, os companheiros de trabalho e as experiências que vivenciam ao longo de suas carreiras são determinantes para a constituição de suas identidades. As pessoas influenciam as organizações as quais trabalham e, ao mesmo tempo, são influenciadas por ela. Esse entendimento também é compartilhado por Sacristán (2000):

O professor possui significados adquiridos explicitamente durante sua formação e também outros que são resultado de experiências continuadas e difusas sobre os mais variados aspectos que podemos distinguir num currículo: conteúdos, habilidades, orientações metodológicas, pautas de avaliação, etc. A interação entre os significados e usos práticos do professor (condicionados por sua formação e experiência, que são as que guiam a percepção da realidade), as condições da prática na qual exerce e as novas ideias configuram um campo-problema do qual surgem soluções ou ações do professor, que são resultantes ou compromissos a favor de um extremo ou outro desse triângulo - o triângulo de forças da práxis pedagógica (SACRISTÁN, 2000, p. 178).

---

<sup>26</sup> Huberman (1989), estudou o ciclo de vida profissional dos professores na perspectiva de suas carreiras. Para o autor, é possível delimitar uma série de “sequências” ou “maxiciclos” que atravessam não só as carreiras de pessoas diferentes, dentro da mesma profissão, como também as carreiras de indivíduos no exercício de profissões diferentes. (Esta citação foi extraída do texto II O Ciclo de Vida Profissional dos professores, de Michael Huberman (1989), tradução do capítulo inicial da obra *La vie des enseignants – Évolution et Bilan d’une profession* (Neuchâtel – Paris: Delachaux et Niestlé, 1989).

No momento da elaboração do documento curricular de 1978, os professores entrevistados se identificavam profissionalmente como professor/técnico esportivo no ensino de EF não-formal e professor de EFE do município de BH (C1); professor de EFE do ensino secundário técnico CEFET (E1, E2, R1 e C1) e professor do Curso de Educação Física da UFMG (E2, E4 e R1).

Depreende-se, a partir do exposto, que os sujeitos que construíram o Documento de 1978 tiveram suas identidades pessoais/profissionais forjadas pelas características das instituições as quais se formaram e trabalhavam, pelo ideário pedagógico defendido à época pelas mesmas, pelas experiências acumuladas enquanto atletas/técnicos, pelas experiências vividas estudando fora do país, pelas práticas diárias compartilhadas pelos colegas da profissão, bem como pelo contexto socioeducacional, econômico e político do regime militar. Infere-se que a identidade desses sujeitos deixou marcas impressas no documento curricular de 1978.

#### **2.4.2 A Coordenadora da Elaboração do Documento Curricular de 1978**

Antes mesmo de iniciar o processo de tratamento dos dados obtidos em campo, ainda no momento de realização das entrevistas com os sujeitos desta pesquisa pude compreender que estava diante de professores valorosos, cujas trajetórias profissionais ajudaram a escrever parte da história da Educação Física do Estado. Suas declarações, as quais carinhosamente e com muita disponibilidade estavam sendo cedidas a mim, revelavam ricos detalhes contidos nas lembranças dos mesmos, minúcias que vão além dos conteúdos prescritos no referido documento e que, certamente, apontariam possíveis respostas às indagações propostas para essa investigação. Foi dessa forma, ao conhecer um pouco da história de vida e da trajetória acadêmica-profissional da coordenadora responsável pela elaboração dessa proposta, entendi que seria essencial dissertar um pouco mais sobre os caminhos trilhados por ela, sobre como sua identidade foi sendo construída no decorrer de anos dedicados à área da educação e da Educação Física e que, decerto, influenciaram na elaboração do Documento de 1978. A identidade da professora Eustáquia, portanto, caracterizou-se como uma segunda categoria de análise desta pesquisa.

Eustáquia Salvadora de Sousa, mineira, natural de Santa Rosa dos Dourados, no município de Coromandel, mudou-se aos cinco anos com sua família para um sítio em Patrocínio, no interior de Minas Gerais, cidade onde cursou o primário aos sete anos de idade. Estudou o ginásio no colégio de freiras Nossa Senhora do Patrocínio e na mesma escola cursou o Normal aos quatorze anos. Já como professora normalista, prestou concurso aos dezoito anos para atuar como professora primária, hoje, ensino fundamental I/anos iniciais, sendo aprovada, porém, não nomeada de imediato para assumir o cargo. Nesse ínterim, trabalhou como contratada em um serviço de extensão rural<sup>27</sup> em Monte Carmelo/MG, onde desenvolvia um trabalho com um grupo de mulheres da região sobre alimentação, vestuário, administração do lar, entre outros. Ao final dos encontros, costumava realizar jogos e brincadeiras diversas, as quais tinha aprendido no Curso Normal e foi ali, em meio às risadas decorrentes desses momentos que a professora Eustáquia despertou o interesse para o trabalho com a Educação Física: “E eu falava, que coisa tão legal esta né, ajudar a pessoa a ser feliz, a brincar (...) e aquilo me chamou a atenção”.

De volta à cidade de Patrocínio, assumiu seu cargo como professora primária durante o período de um ano, onde ficou sabendo da possibilidade de participar, na condição de professora normalista efetiva do Estado, de um curso de especialização em Educação Física infantil em Belo Horizonte, oferecido pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais (SEE-MG). Esse curso vinha atender ao que preconizava o Decreto-Lei 1.212, de 17 de abril de 1939, da criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, cujos objetivos eram:

- a) formar pessoal técnico em Educação Física e desportos; b) imprimir ao ensino da Educação Física e dos desportos, em todo o país, unidade teórica e prática; c) difundir, de modo geral, conhecimentos relativos à Educação Física e aos desportos; d) realizar pesquisas sobre a Educação Física e os desportos, indicando os métodos mais adequados à sua prática no país (BRASIL, 1939, s.p).

---

<sup>27</sup> De acordo com Oliveira (2017), o serviço de extensão rural no qual a professora Eustáquia trabalhava, chamava-se ACAR – Associação de Crédito e Assistência Rural, hoje EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais. Fundada em 1948, foi a primeira experiência brasileira direcionada para a introdução de novas técnicas de agricultura e economia doméstica, de incentivo à organização e de aproximação do conhecimento gerado nos centros de ensino e pesquisa aos produtores rurais. Essa associação possuía equipes de trabalhos em diversos municípios mineiros.

Com o Decreto-Lei, buscou-se sistematizar a Educação Física em todo o país, além de tornar obrigatória a formação em Educação Física para atuar como docente nos estabelecimentos de ensino oficiais.

Art. 35. A partir de 1 de janeiro de 1941, será exigido, para o exercício das funções de professor de Educação Física, nos estabelecimentos oficiais (federais, estaduais ou municipais de ensino superior, secundário, normal e profissional), em toda a República, a apresentação de diploma de licenciado em Educação Física.

Art. 36. A partir de 1 de janeiro de 1941, será exigido, para o exercício das funções de professores de Educação Física, nos estabelecimentos oficiais de ensino primário, no Distrito Federal, nas capitais dos Estados ou em quaisquer outras cidades de população superior a 50.000 habitantes, a apresentação do diploma de normalista especializado em Educação Física (BRASIL, 1939, s.p.).

Sendo assim, Eustáquia parte para Belo Horizonte a fim de se preparar para as provas teóricas e práticas do vestibular de Educação Física. Aprovada, dá início aos seus estudos, realizados na Escola de Educação Física de Minas Gerais, vinculada à Universidade Católica, atual PUC/MINAS. Durante o período em que esteve cursando a especialização, no intuito de driblar as dificuldades financeiras, trabalhou em algumas instituições de ensino tais como o Instituto de Educação, como docente da educação infantil, o Jardim de Infância Presidente Kenedy e também o Colégio Pandiá Calógeras (OLIVEIRA, 2017). Terminado o curso de especialização em 1967, decidiu continuar seus estudos em Educação Física e, novamente, passou por exame vestibular para ingressar no Curso Superior de Educação Física, licenciatura, realizado na mesma instituição, a qual em 1969 foi incorporada à UFMG, tornando-se a Escola de Educação Física e Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EEFETO, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (OLIVEIRA, 2017).

Em entrevista à Revista Presença Pedagógica, Eustáquia explica:

*Foi aí que descobri que Educação Física, apesar de, necessariamente, ter a ludicidade como um de seus princípios pedagógicos, é muito mais do que fazer alguém rir (...) e que precisava estudar muito para ser professora de Educação Física (...) Foi um curso muito bom para a época, certamente havia limitações e, hoje, podemos fazer uma leitura melhor daquele momento. Era um curso voltado essencialmente para a prática, para as atividades. Aprendíamos muito joguinhos, muita técnica esportiva, mas pouco conhecimento científico, pois ainda não existiam muitas pesquisas na área. Isso ocorreu entre os anos de 1967 e 1970 e, de um jeito ou de outro,*

*foi uma experiência que ficou* (PRESENÇA PEDAGÓGICA, 2007, p. 05 e 06)<sup>28</sup>.

Considero importante destacar as experiências profissionais adquiridas por Eustáquia ainda nesse período de sua graduação. Durante a faculdade de licenciatura em Educação Física, após transferir seu cargo de professora primária do interior de Minas para BH, teve a possibilidade de trabalhar na Escola Leon Renault que, de acordo com suas declarações, era chamada *Escola Modelo*, ligada ao departamento da SEE/MG, responsável pela formação de professores mineiros, que recebia professores de todo o Brasil na Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério – DAP.

Para Oliveira (2017):

A professora destaca que ter atuado nessa escola foi uma experiência profissional que possibilitou grandes aprendizados com os docentes com os quais conviveu, entre eles, a professora Maria da Conceição Bonfim, que mais tarde aceitaria o convite de Eustáquia para colaborar na construção da proposta curricular de Educação Física de Minas Gerais (1976) (OLIVEIRA, 2017, p. 62).

Em 1970, Eustáquia concluiu sua graduação e, um mês depois, realizou um concurso para a primeira Escola Polivalente a ser inaugurada no Brasil, a Escola Polivalente do Horto em Belo Horizonte, hoje, Colégio Estadual Professor Emanuel Brandão Fontes (PRESENÇA PEDAGÓGICA, 2007) tornando-se também a primeira professora de Educação Física concursada de uma Escola Polivalente, onde atuou de 1970 a 1975.

Fruto de convênios firmados entre Brasil e os Estados Unidos, parceria que se intensificou durante o período do regime militar, as escolas polivalentes, alicerçadas no modelo americano, objetivavam difundir o ensino de caráter mais técnico e profissionalizante com estruturas físicas específicas especialmente projetadas para esse fim, equipamentos e qualificação docente (BITTENCOURT, 2007; SAVIANI, 2010; PINTO, 2012 apud OLIVEIRA, 2017). Uma escola de tempo integral, com laboratórios de técnicas agrícolas e gráficas, contabilidade e também Educação Física (PRESENÇA PEDAGÓGICA 2007), cujos docentes trabalhavam em regime de dedicação exclusiva e

---

<sup>28</sup> Cf. PRESENÇA PEDAGÓGICA. Belo Horizonte: Editora Dimensão Ltda, v. 13, n. 73, Jan/Fev 2007 – bimestral. ISSN: 1413-1862, p. 05 e 06.

seu funcionamento deveria servir de modelo para as demais escolas do tipo, implantadas na década de 1970 no país, mas que, no entanto, entrou em declínio após o término do convênio com a USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional) após a mudança do governo em Minas Gerais e o abandono desse projeto de educação (OLIVEIRA, 2017).

Durante depoimento cedido à Revista *Presença Pedagógica* (2007), Eustáquia destaca a busca de talentos esportivos como um dos objetivos almejados pelo governo com a implantação da Educação Física nas escolas polivalentes:

*(...) O que se queria alcançar com a implantação da Educação Física nessas escolas era o modelo desportivo internacional e, a partir daí, inserir a prática da Educação Física na Educação Básica. O esporte era, então, o grande foco. Do ponto de vista da legislação – o Decreto 69.450, que regulamentava a LDB na época – estava muito claro que o conteúdo único e exclusivo da Educação Física era o ensino do esporte, enquanto que os objetivos da matéria eram representados pelo aprendizado da disciplina, da moral cívica etc. Esse era o contexto da escola polivalente. Mas, nós professores e alunos fomos capazes de desenvolver experiências corporais muito ricas, vividas com muita alegria, cooperação e inclusão de todos (SOUZA in PRESENÇA PEDAGÓGICA, 2007, p. 07).*

Interessante observar na citação acima que a despeito do que era preconizado pelo governo militar em 1970 para a Educação Física escolar e para a Educação Física de uma forma geral e também corroborado pela tese da historiografia brasileira da Educação Física nas décadas de 1980 e 1990, efetivamente, no interior da instituição escolar, outro viés era concebido às aulas de EF pelos docentes. Esse entendimento de que a prática da Educação Física escolar se desenvolveu com uma autonomia relativa perante as orientações de um governo autoritário é compartilhado por Taborda (2002). O autor argumenta que:

*(...) a escola tem sido cada vez mais reconhecida como um espaço de contradição, capaz de produzir práticas singulares a partir das experiências de seus agentes, o que não confirma a tese da historiografia da área de transposições mecânicas para o seu interior (...). A escola produz uma cultura muito própria, filtrando as determinações extraescolares ou assimilando-as conforme suas necessidades e conveniências (CHERVEL, 1990; GOODSON, 1990, 1991, 1995a, 1995b, 1995c; BELHOSTE, 1995; CHEVALLARD, 1998 apud TABORDA, 2002, p. 58).*

Durante o período em que atuou na escola polivalente, Eustáquia teve oportunidade de receber os graduandos do curso de Educação Física da UFMG como

estagiários da disciplina Didática da Educação Física, hoje equivalente à disciplina Prática de Ensino, cargo que viria ocupar um ano mais tarde. Atenta aos acontecimentos à sua volta e percebendo o declínio da Escola Polivalente, prestou concurso para a Fundação de Ensino de Contagem – FUNEC. Tendo sido aprovada em primeiro lugar, atuou nesse estabelecimento de 1974 a 1975.

A essa altura, entre o término de sua graduação em 1970 até 1975, Eustáquia já havia participado da construção de dois programas curriculares para o Estado mineiro. O primeiro deles em 1970, “elaborado junto com a professora Maria da Conceição Bonfim, com quem trabalhou na Escola Leon Renault, foi o “Programa do Curso Colegial Normal”, organizado especialmente para a Escola Normal Experimental da DAP – Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério” (OLIVEIRA, 2017, p. 90). Em 1974, atuando na Escola Polivalente, organizou o “Programa de Educação Física para as Escolas Polivalentes do Estado de Minas Gerais” (Ibidem). Ainda em 1974, a convite da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, através do Departamento do Ensino de 1º Grau, Eustáquia dá início aos trabalhos de coordenação para a elaboração da proposta curricular da área da Educação Física, concretizado no *Manual de Orientação, Parte de Educação Geral, Primeiro Grau, Educação Física* publicado em 1976, documento este, predecessor ao Currículo de 1978, objeto de estudo dessa pesquisa.

Outra experiência marcante na trajetória profissional de Eustáquia se deu na Escola Técnica de Minas Gerais, atual CEFET/MG. Em 1975, a convite do professor Luiz Afonso Teixeira de Vasconcelos e Almeida, o qual tinha sido seu professor na graduação, a coordenadora passou a integrar o quadro docente dessa instituição até o ano de 1979, quando precisou pedir demissão para cursar o mestrado<sup>29</sup>, haja vista não ter conseguido liberação pela ausência, nesta instituição, de uma política de incentivo à pós-graduação para seus docentes. Importante salientar que os quatro sujeitos responsáveis diretos pela elaboração da proposta curricular de EF de 1978 - incluindo o próprio professor Luiz Afonso, falecido na ocasião da realização das entrevistas desta investigação - e parte dos demais colaboradores dessa proposta também eram docentes no CEFET/MG. A Educação Física dessa instituição, que se destacava na área esportiva segundo depoimentos da professora Eustáquia, era referência em Minas Gerais. De acordo com o sujeito R1, braço direito da coordenadora no desenvolvimento dos

---

<sup>29</sup> Eustáquia é mestre em EF/Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria – RS, fez parte da primeira turma de mestrado dessa instituição e foi a primeira mestranda a defender sua dissertação em 1981.

trabalhos com o Documento de 1978 para atuar no CEFET o professor não podia rolar a bolinha, tinha que ser bom:

*(...) na realidade, o CEFET foi uma... Era um grupo de professores que fizeram da Educação Física, inclusive, aqui em Belo Horizonte tinha uma queixa, entrelinhas, dos professores de Educação Física, que o pessoal do CEFET era uma panelinha. Então (...) quer dizer, aqui é uma panela sim e para entrar tem que ser primeiro bom.” (risos). E para entrar nessa panela a primeira característica é que tem que ser bom. Então... através de concurso (...). Automaticamente a pessoa já tinha que ter qualificação. Primeira qualidade, primeira condição é ser bom (R1).*

Em 1976, Eustáquia passou a atuar no ensino superior, ao ser selecionada para ocupar a vaga na disciplina Didática da Educação Física, na Faculdade de Educação da UFMG, onde desenvolveu conhecimentos relativos à prática de ensino dessa área, trabalhando com a formação de professores, especificamente. Torna-se importante atentar para as vivências/experiências acumuladas por Eustáquia durante esses primeiros anos de atuação no ensino superior, pois daí, de certa forma, surgiu parte das influências que nortearam a elaboração do programa curricular de 1978. A aproximação com educadores de outras áreas do conhecimento na FaE possibilitou trocas teóricas e discussões relevantes acerca dos assuntos que permeavam a educação nesse período, tais como Taxonomia dos objetivos educacionais – domínio cognitivo, de Bloom (1976) e Taxonomia do domínio psicomotor, de Anita Harrow (1983).

Eustáquia precisou debruçar-se sobre os livros, recorrendo aos auxílios constantes de seus colegas da FaE, pois necessitava compreender toda essa sistematização, à época desconhecida para a mesma e transpô-la para a prática da Educação Física escolar com seus alunos do estágio e prática de ensino. Logo em 1977, o Ministério da Educação, através do Departamento de Educação Física, promoveu um curso de Didática, organizado pelos professores do Rio de Janeiro, para professores de Prática de Ensino com a participação de diversas universidades federais, estaduais públicas, inclusive a USP. Nesse período, estava acontecendo um movimento em diversos estados brasileiros dos docentes de Estágio, Didática Geral e Prática de Ensino, vinculados às faculdades de educação, com encontros e realização de cursos frequentes em várias localidades tais como, Niterói, Goiânia, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros, sob a liderança de nomes como Alfredo Gomes de Faria Junior e Manoel Gomes Tubino. Eustáquia participou do curso promovido pelo Ministério da Educação que foi realizado em São Paulo e, durante um período de quinze dias, com aulas pela manhã à

tarde e à noite, teve a oportunidade de conhecer de forma mais aprofundada sobre assuntos relacionados a Taxonomia de Bloom e de Harrow, entre outros.

Importante salientar as experiências profissionais adquiridas por Eustáquia em suas atuações/vivências fora do ensino formal da Educação Física escolar, as quais contribuíram também para torná-la conhecida pelos profissionais da área em várias regiões. Como membro da FUME – Federação Universitária Mineira de Esportes, lidava diretamente com a realização de grandes eventos esportivos estudantis tais como os Jogos Universitários Brasileiros, Olimpíada Universitária Global e Olimpíada Operária Global. Na entrevista, a professora Eustáquia reforçou:

*(...) eu mexia muito com esportes na Federação de Atletismo, era árbitro de Natação, aos domingos eu estava lá no Minas Tênis direto é... arbitrando e na FUME também, que é a Federação Universitária Mineira de Esportes né, eu joguei basquete lá um tempo, depois eu acompanhava né eu... eu era a... cartola ajudava a organizar campeonato, a Olimpíada Operária Global, a Olimpíada Universitária Global, essas coisas todas eu participei durante muitos anos.*

No decorrer de toda sua trajetória acadêmica-profissional, Eustáquia permaneceu em contato direto com os estudos. Sempre se atualizando e dialogando com as transformações que permearam o campo educacional durante sua carreira, em 1990, partiu para São Paulo com o intuito de fazer o doutorado. Defendeu sua tese intitulada *Meninos à marcha, meninas à sombra: a história do ensino de Educação Física em Belo Horizonte*, em 1994, pela Universidade Estadual de Campinas. Como aponta Oliveira (2017),

*Esta pesquisa abordou a história da Educação Física em Minas Gerais e trouxe importantes contribuições para a área ao problematizar discussões a respeito de questões relativas ao gênero e às aulas de Educação Física, sendo pioneira nesse assunto e influenciando estudos nessa linha daí pra frente (...) A divulgação desse estudo contribuiu para que em muitas escolas as aulas de Educação Física passassem a ser realizadas com meninos e meninas juntos (OLIVEIRA, 2017, p. 139).*

Interessante evidenciar sua visão de vanguarda a respeito das questões relacionadas à gênero. Antes mesmo de decidir cursar o doutorado no início dos anos de 90 e investigar o tema acima mencionado, Eustáquia já se sentia incomodada com a separação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física, bem como no Curso de Educação Física. Não concordava com essa divisão desde os tempos da Escola

Polivalente, na década de 1970. Diante dessas inquietações, pensava em estudar a mulher, como afirmou em suas declarações. À época, não se falava em gênero, segunda a mesma:

*(...) E eu fui sempre muito preocupada com isso, desde o Polivalente, eu sempre dava aula, juntava a turma masculina e a gente trabalhava Dança junto, muitas coisas... eu achava muito estranho isso né, quando também eu fui pra Faculdade de Educação tinha Prática de Ensino masculina e Prática de Ensino feminina, então eu falei, ah... eu pedi pra universidade pra acabar com isso, eu falei, os professores e as professoras têm que ir pra escola pra trabalhar junto, como é que aqui vão estudar separado né, eu já tinha essa coisa comigo assim sabe.*

Outra questão de suma importância para a agenda educacional atual, a qual teve a participação de Eustáquia logo no início das discussões sobre o tema no Brasil está relacionada à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física. Eustáquia e o sujeito E4 participaram de diversas reuniões e encontros por todo o país a fim de discutir sobre esse assunto porém, pela incipiência dos debates, esse conteúdo não fez parte da proposta curricular de 1978.

*(...) Sim, sim estadual, municipal e particular, foi sempre o foco inclusive com pessoas com deficiência também, apesar de isso não ter aparecido muito aí (aponta para o Documento de 78). A gente, mas naquele momento histórico não se falava muito ainda em preocupação com a Educação Física...para deficientes (...) e depois eu participei de muitos movimentos pra isso, mas nos anos 80 (...) muito movimento, eu participei de reuniões no Rio Grande do Sul ah... coisas que a gente sonhava, parecia uma bobagem dizer assim, olha os cursos de Educação Física têm que tratar desse assunto, não é só de coisa... tem a Carta de Batatais que a gente escreveu, tem um monte de coisa que eu participei... mas depois. Nesse momento a Educação Física era pra busca de atleta, em síntese né". "(...) Porque aqui ninguém falava muito nisso e ele lá (sujeito E4 quando esteve na Alemanha), trabalhava com cadeirante, aprendendo a andar de cadeira de roda, então aquilo eu falei, 'puxa é uma coisa legal pra gente começar a pensar lá no Brasil (...).*

Eustáquia não parou por aí. Como pesquisadora na área da Educação e da Educação Física, atuou junto ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE<sup>30</sup> -

---

<sup>30</sup> “Criado em 1978, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) é uma entidade científica que congrega pesquisadores ligados à área de Educação Física/Ciências do Esporte. Organizado em Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos, liderados por uma Direção Nacional, possui

desde 1982, onde exerceu o cargo de diretora científica dessa entidade entre os anos de 1995 a 1997. Participou também da comissão organizadora de eventos científicos e pedagógicos nos campos da educação e da Educação Física (OLIVEIRA, 2017). Em meio a essas experiências profissionais, novos convites surgiram para coordenar a elaboração de programas curriculares mineiros: em 1978, *A Educação Física no Ensino de 1º Grau*, pela Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais, objeto de estudo desta investigação; em 1984 – *Educação Física de Base*, pela Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais e em 2005 – *Conteúdos Básicos Comuns (CBC's) de Educação Física de Minas Gerais*, proposta implementada pela Rede Estadual de Educação de Minas Gerais via decreto, permanecendo até os dias atuais.

Na UFMG, além de atuar como docente de 1976 a 2003, Eustáquia participou de bancas examinadoras de defesas de teses e dissertações, bancas de concursos públicos para contratação de professores efetivos de Universidades Federais, orientou alunos, foi chefe de departamento e vice-diretora da FaE de 1998 a 2002. Participou da comissão para verificar a existência de condições para autorizar o funcionamento de cursos superiores a pedido da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação – MEC, foi consultora de Educação Física em colégios particulares. Além de todas essas atuações, Eustáquia

compôs a equipe de profissionais que elaborou e implantou os Cursos de Licenciaturas e de Bacharelados em Educação Física da PUC MG, onde foi coordenadora no seu início. Já havia atuado nessa instituição na década de 1980, quando coordenou cursos de especialização voltados para o treinamento esportivo e para a Educação Física Escolar no Programa de Pós-Graduação Lato Sensu (PREPES – PUC/MG) (OLIVEIRA, 2017, p. 140).

Os caminhos trilhados pela professora Eustáquia, sempre com muita dedicação, disponibilidade e competência, levaram-na a ser convidada a elaborar todos os programas curriculares mineiros, de 1970 a 2005, sendo considerada uma especialista nessa área pelo meio acadêmico. Sua trajetória acadêmica-profissional, e porque não dizer, sua trajetória de vida, tornam esse fato compreensível. Eustáquia sempre teve prazer em estudar, estudava tudo, dizendo a mesma em seus relatos. Desde o início de

---

representações em vários órgãos governamentais, é ligado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e está presente nas principais discussões relacionadas à área de conhecimento. O seu evento científico nacional, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), realizado a cada dois anos, está entre os principais do país. Além disso, são realizados periodicamente congressos estaduais e ou regionais, bem como encontros dos Grupos de Trabalho Temáticos, sempre de relevada importância e contando com ampla participação da comunidade acadêmica”. Cf. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/historia.php>. Acesso em: 19/03/2019.

sua carreira, sempre atuou na escola pública tendo contato direto com todas as faixas etárias em todas as etapas da educação, inclusive nas redes municipal e particular. Mesmo quando atuou no ensino superior, por estar envolvida com a formação de professores na Prática de Ensino e com os Estágios de seus alunos, gostava de ir pessoalmente nas escolas, conhecer, estar lá e, por isso, compreendia o que era necessário e urgente dentro dessas instituições. Além da presença marcante no ensino formal da Educação Física e da Educação e por ter trabalhado em escolas modelos de grande visibilidade, tornando-se, dessa forma, conhecida na Secretaria do Estado da Educação, Eustáquia também se envolveu com a Educação Física não-formal com modalidades como atletismo e basquete, por exemplo. Atuou em clubes, nas federações esportivas, arbitrando, organizando competições, tendo notoriedade também nesse meio.

Muito homenageada e respeitada por seus colegas de profissão, tornou-se figura de renome em Minas Gerais e no Brasil. Vale destacar as impressões de alguns dos sujeitos dessa investigação, proferidas espontaneamente no decorrer das entrevistas:

*(...) a Eustáquia, ela era muito, vamos dizer assim, mais alerta e de conhecimento desse sistema de escola, entendeu, ela sempre foi muito autoridade nesse ponto (...)* (E1).

*(...) a Eustáquia era, para mim, uma cabeça* (R1).

*(...) a Eustáquia sempre me apadrinhou, vamos dizer que ela foi minha madrinha profissional. Quer dizer, quando ela falava, tipo: 'C1, está na hora de você fazer um mestrado' (...) Ai eu fiz um mestrado porque ela falou 'vai fazer o mestrado'(...)* (C1).

A história acadêmica-profissional da professora Eustáquia, como ela gosta de ser reconhecida revelada através dessas páginas é indispensável para o entendimento do leitor acerca das inferências/análises que se seguem sobre o Documento Curricular de 1978. Pela riqueza das informações que foram a mim relatadas durante a entrevista, permito-me apontar que sua identidade profissional influenciou, sobremaneira, na elaboração do Documento de Educação Física mineiro de 1978. De certa forma, suas atuações, formações e vivências trouxeram elementos didáticos e elementos técnicos para a elaboração da referida proposta curricular e, apesar de ter sido influenciada pelo ideário pedagógico, pelo contexto histórico e político da década de 1970 e pelos ordenamentos legais/governamentais, sua sensibilidade, visão crítica e inquietação com as questões que envolviam a área da EFE fizeram com que ela tentasse aproximar, ao

máximo, a proposta curricular que estava sendo construída à realidade cotidiana das escolas, às necessidades dos alunos e professores. Seu desejo primeiro era de que esse documento fosse, de fato, instrumento valioso nas mãos do professorado mineiro. Fato possível de se comprovar no momento em que Eustáquia optou por dar voz a outros professores, pensando na contribuição positiva que diversos olhares trariam à proposta e, certamente com isso, um documento profícuo estaria sendo produzido.

Sempre atenta às demandas da agenda educacional em cada período de sua carreira e dialogando com as transformações que ocorreram na sociedade, Eustáquia tornou-se uma pesquisadora referência para a área, uma profissional à frente de seu tempo. Muito respeitada, querida e homenageada (OLIVEIRA, 2017), segue iluminando educadores mineiros e de todo o país através de seu legado, sendo requisitada com frequência a colaborar, de alguma forma, com diversas pesquisas acadêmicas da área, como neste trabalho, por exemplo.

## **2.5 Análise do Documento Curricular de Educação Física do Estado de Minas Gerais de 1978**

O texto a seguir busca articular as declarações dos sujeitos, fontes narrativas desta investigação aos conteúdos prescritos no Documento de 1978, considerando, para isso, os questionamentos iniciais desta investigação e o quadro teórico utilizado como referência a fim de auxiliar na interpretação, análise e inferência acerca do próprio documento.

O documento curricular mineiro de 1978 (figura 01) foi uma realização da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. O professor Lincoln Raso<sup>31</sup>, na condição de chefe da Assessoria de Educação Física e Desportos Escolares da Superintendência Educacional, convidou a professora Eustáquia Salvadora de Souza para a organização do trabalho, tendo em vista sua experiência profissional e o fato de a mesma ser, reconhecidamente, especialista nessa área. Ela, então, na perspectiva de

---

<sup>31</sup> Havia uma parceria profissional entre Lincoln Raso e a professora Eustáquia Salvadora de Sousa. Ele foi professor de Eustáquia na disciplina Handebol durante o período da graduação e, no momento da realização do convite para coordenar a elaboração da proposta curricular de 1978, ambos integravam o “projeto de implantação de laboratórios de educação física”, desenvolvido na Escola de Educação Física da UFMG, em parceria com as escolas que recebiam os estagiários supervisionados pela professora Eustáquia na disciplina *Prática de Ensino* (OLIVEIRA, 2017).

contemplar áreas diversas de saberes da EF e de atuação no campo, convidou professores qualificados para a discussão e produção do documento. Eustáquia teve a iniciativa de dar vozes a seus pares, objetivando produzir um documento profícuo capaz de nortear os docentes mineiros, os quais, em sua maioria, eram leigos e com uma formação precária. Dessa maneira, organizou-se um grupo heterogêneo de ação composto por professores que atuavam na educação básica – principalmente ensino secundário, CEFET de BH - e no ensino superior. Professores considerados especialistas em determinadas modalidades esportivas tais como Handebol, Voleibol, Basquetebol, Futebol, Atividades Rítmicas e aquáticas, Atletismo, ginásticas e jogos. Participaram do grupo a própria Eustáquia Salvadora de Souza, Elenice Faccion, Luis Afonso Teixeira de Vasconcellos e Almeida, Pedro Américo de Souza Sobrinho, Élcio Guimarães Paulinelli, Elizabete de Fátima Costa Rossete, Isabel Montandon Soares, José Tarcísio Cavalieri, Wilson Camelier, Márcia Duarte de Assumpção, Túlio Max Ferreira Leite e Maria Helena Vitorino.

Figura 01 - Capa do documento curricular de EF mineiro de 1978.



Fonte: Fotografia realizada por Cláudio Pellini Vargas. MINAS GERAIS. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. Assessoria de Educação Física e Desportos Escolares da Superintendência Educacional. *A Educação Física no Ensino de Primeiro Grau*. 1978.

Importante apontar a relação dialética que envolve de um lado o Estado, enquanto órgão oficial detentor do poder em ordenar elaboração de propostas curriculares, determinando assim, uma política curricular e de outro, a Universidade, enquanto representante de um tipo de conhecimento a ser transmitido pelo julgamento e prática dos estudiosos especialistas (GOODSON, 1995). Recorrendo aos argumentos de Michael Apple (1979), que em seus estudos associou conhecimento e poder e, posteriormente, ao conhecimento hegemônico, “o conhecimento técnico e acadêmico

legitimado por relações de poder mediadas pelos órgãos oficiais do Estado” (LOPES e MACEDO, 2011) torna-se um conhecimento oficial, pois

(...) as escolas conferem legitimação cultural ao conhecimento de grupos específicos. Mas isto não é tudo, pois a capacidade de um grupo em tornar seu conhecimento em “conhecimento para todos” está relacionada ao poder desse grupo no campo de ação político e econômico mais amplo. Poder e cultura, então, precisam ser vistos, não como entidades estáticas sem conexão entre si, mas como atributos das relações econômicas existentes numa sociedade. Estão dialeticamente entrelaçados, de modo que poder e controle econômico estão interligados entre poder e controle cultural (APPLE, 1979, p. 99).

O documento curricular de 1978 foi dividido nas seguintes seções: Apresentação; Introdução; Normas para a elaboração de um plano de curso; Esquema do programa de Educação Física; Objetivos gerais da Educação Física na escola de 1º Grau; Movimentos básicos fundamentais e habilidades perceptivas; Atletismo; Atividades Rítmicas; Ginástica Olímpica; Esportes Coletivos – Jogos com Bola, Basquetebol, Handebol, Voleibol; Natação e Bibliografia.

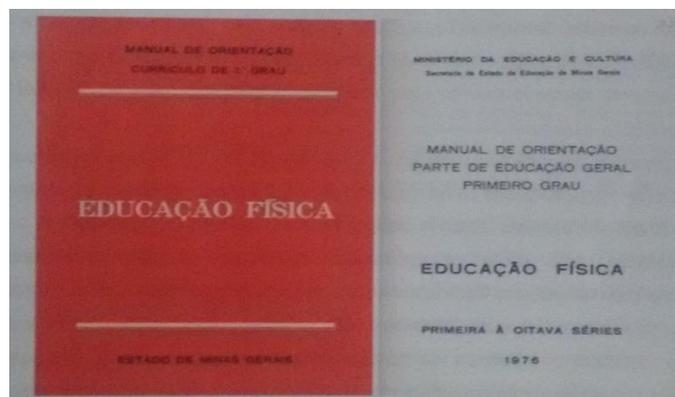
Logo na seção *Apresentação*, assinada pelo professor Lincoln Raso, ficou evidenciado o objetivo do documento, o qual não tinha a finalidade de ser um pacote fechado para guiar o trabalho dos professores de Educação Física, mas uma orientação organizada por profissionais da área ao professorado mineiro, sendo estes incumbidos da tarefa de adaptá-lo às diferentes realidades das escolas e dos alunos. A Assessoria de Educação Física e Desportos Escolares da Superintendência Educacional visava com o documento:

apresentar uma orientação para o trabalho do professor de Educação Física de 1º grau [...] Sua estrutura permite uma utilização flexível e criativa por parte do professor que o adaptará às necessidades e interesses da criança, bem como às condições e recursos disponíveis das unidades escolares (MINAS GERAIS, 1978, s/p).

Ainda nessa parte foi anunciado o conceito de Educação Física que fundamentou a construção do documento, a “Educação Física não apenas como aprimoramento físico, mas de desenvolvimento de habilidades intelectuais e formação de atitudes favoráveis em relação à vida social” (MINAS GERAIS, 1978). A Educação Física, portanto, teria o aprimoramento físico como referência, mas também estaria voltada à aquisição de outras habilidades do campo cognitivo e atitudinal, referências próprias do tempo da década de 1970 (NEIRA; NUNES, 2009).

Na *Introdução*, o documento de 1978 ratifica o caráter orientador das ideias ali apresentadas para os professores, bem como a necessidade de cada instituição escolar elaborar suas adaptações em atenção às suas características físicas e materiais e com relação aos interesses dos estudantes. Sobre esse aspecto, a coordenadora foi enfática ao alertar para a necessidade de se manter os pés no chão, ao orientar os profissionais convidados quanto à elaboração da referida proposta curricular. Torna-se possível inferir que, o pensamento constante em tornar a proposta de 1978 profícua para os docentes da rede estadual de ensino, justificou-se no fato de o documento predecessor à proposta de 1978, o *Manual de Orientação, Parte de Educação Geral, Primeiro Grau, Educação Física*, publicado em 1976 (Figura 02), ter se constituído em um manual de atividades demasiadamente técnico, com especificações oficiais e minuciosas apresentadas dos espaços, instalações, equipamentos e materiais que seriam necessários à prática da Educação Física nas escolas, fato que inviabilizou, sobremaneira, a utilização dessa proposta pelos professores da rede devido à realidade de suas escolas e de seu alunado.

Figura 02 – Capa documento curricular mineiro de EF de 1976



Fonte: OLIVEIRA (2017, p. 88)

Os argumentos da professora Eustáquia, relatados em entrevista cedida à Guilherme Leopoldino de Oliveira por ocasião da realização de seu mestrado em 2016/2017, nos permitem compreender, em parte, as razões para a construção de dois programas para a área da Educação Física em tão pouco tempo:

Apesar de desconhecer os motivos que levaram a Secretaria de Educação a elaborar outra proposta de Educação Física em tão curto espaço de tempo, Eustáquia explica que na época havia um grande número de professores na área que não eram formados, o que gerava um intenso debate sobre a atuação do professor graduado e do professor leigo “profissional militar que atuava em muitas escolas, ou mesmo ex-atletas” (KUNZ, 1991, p. 130). Havia ainda, os que realizavam cursos de curta duração em quinze dias em instituições autorizadas tais como a Divisão de Educação Física (DEF) de Minas Gerais “(...) e tinha o registro definitivo para o resto da vida (...)” (SOUZA, 2016a). Nessas circunstâncias, a professora pondera que ao aceitar fazer a proposta (de 1978) levou em consideração a possibilidade de construir um material que auxiliasse mais “diretamente o professor, com mais sugestões de atividades e formas de ele organizar, porque aquela lá (referindo-se à proposta curricular de 1976) não aparecia formas de organização” (SOUZA, 2016<sup>a</sup> apud OLIVEIRA, 2017, p. 101).

A seção *Introdução* evidencia ainda a ideia de que “o educador deve ter o cuidado de não deixar que as suas habilidades e preferências influenciem demasiadamente na escolha dos objetivos e conteúdos”(MINAS GERAIS, 1978). Essa passagem parece indicar uma objeção ao predomínio do conteúdo esportivo no planejamento das aulas de EF. Assim, ao alertar os educadores, o documento sugere defender uma perspectiva mais ampla de EF, para além da esportivização e da ênfase ao tecnicismo. Infere-se que os elaboradores apontam para uma EF, conforme outro trecho do texto, que leve também em consideração os interesses e as necessidades dos estudantes. Outro fato que ressaltado no trecho acima em destaque, corresponde à escolha dos organizadores em utilizar o termo *educador* para se referirem ao docente de EF. Torna-se possível apontar que a escolha por esse termo esteja relacionada à utilização do livro de Alfredo Gomes de Faria Junior, *Introdução à didática da Educação Física*, de 1969, como bibliografia para elaboração dessa proposta curricular.

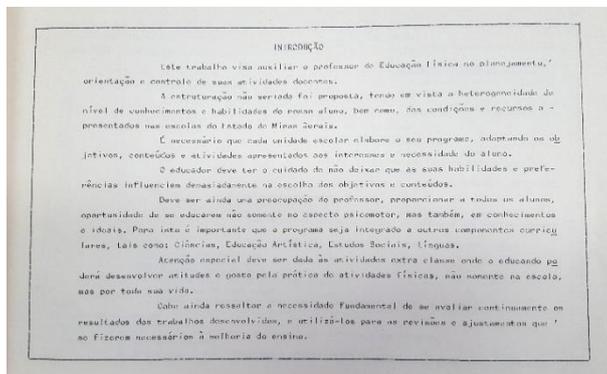
Essa obra foi referência para as Escolas Superiores de Educação Física na década de 1970 e trazia, para os futuros professores especialistas<sup>32</sup>, noções acerca das técnicas de ensino, entre outros assuntos pertinentes à prática da EF. O autor, ao se referir aos docentes e discentes no seu texto, adota a palavra educador e educando, indicando o aluno como centro do processo educativo e o professor como um “autêntico” educador, sugerindo que este, se assim o fosse, estaria preocupado com questões mais amplas relativas ao processo ensino-aprendizagem (FARIA JUNIOR, 1969). O docente educador, não deveria agir como o professor tradicional ou o instrutor

---

<sup>32</sup> Professor especialista, naquela época, era o professor graduado em Curso Superior de Educação Física.

da EF que colocava em primeiro plano na organização das aulas as suas preferências e habilidades sem dar voz aos estudantes ou pensar de maneira mais abrangente em relação aos conteúdos da área.

Figura 03 – Introdução do documento curricular mineiro.



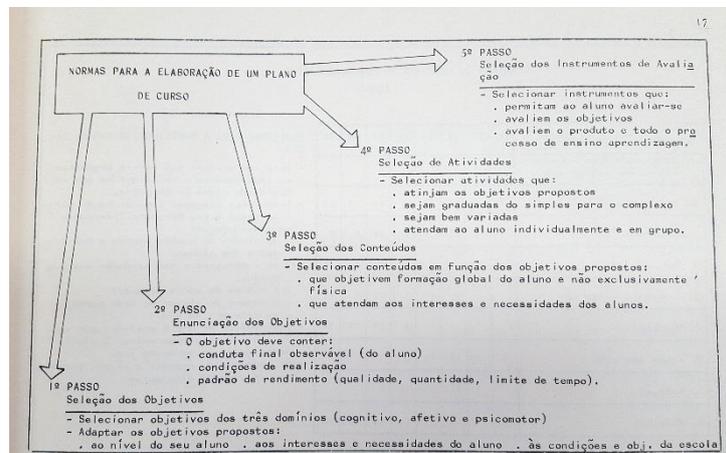
Fonte: MINAS GERAIS (1978, p. 16).

Importante ressaltar mais dois aspectos nesta seção. Primeiro, o avanço significativo em relação à ideia de educar para além do aspecto psicomotor, ou seja, um dado importante e contraditório para se flagrar no documento, tendo em vista os estudos sobre a Taxonomia de Bloom e Harrow terem dominado largamente as discussões no campo educacional àquela época, subsidiando a elaboração desta proposta. Percebe-se, nesse fato, os indícios de tentativa de se pensar a EF de forma mais ampla, considerando, também, uma abordagem do processo educacional mais humanista. Em segundo, destaco que o documento trata de uma EF que já oportunizaria aos estudantes se educarem em conhecimentos e ideais, sendo necessária a interdisciplinaridade, ou seja, outro argumento e estratégia de legitimar a disciplina no âmbito escolar e pensá-la numa perspectiva um pouco mais crítica.

Analiso também outro parágrafo da seção introdutória, que declara a opção dos elaboradores por uma estruturação não seriada como justificativa da heterogeneidade de nível de conhecimento e habilidades dos alunos, bem como das condições e recursos apresentados nas escolas da rede estadual mineira. De acordo com os relatos da organizadora do trabalho, torna-se possível apontar que, uma estrutura não seriada, auxiliaria o professor a flexibilizar a escolha do conteúdo para suas aulas, considerando a realidade de sua escola e de seu aluno. Fixar conteúdos segundo as séries constituiria motivo para tornar a proposta de 1978 inviável, assim como sua predecessora.

Outro fato revelador nesta seção diz respeito ao alerta que os organizadores fazem aos docentes da rede estadual quanto à atenção especial que deveria ser dada às atividades extraclasse, como forma de desenvolver no alunado atitudes e o gosto pela prática de atividades físicas, não somente durante o período escolar, mas por toda a sua vida. Depreende-se que havia também no documento de 1978 uma preocupação expressa em disseminar a prática da atividade física para a população de um modo geral, como afirma o revisor do documento de 1978 e que, através da escola, esse intento poderia ser alcançado. No último parágrafo dessa seção, evidenciou-se “a necessidade fundamental em se avaliar continuamente os resultados dos trabalhos desenvolvidos e utilizá-los para as revisões e ajustamentos que se fizerem necessários à melhoria do ensino” (MINAS GERAIS, 1978). A partir do destaque dado a esse aspecto, logo nas páginas introdutórias do documento, torna-se perceptível um avanço em relação ao documento de 1976, cujo texto não faz menção sobre essa importante dimensão da prática pedagógica.

Figura 04 - Normas para elaboração de um plano de curso.



Fonte: MINAS GERAIS (1978, p. 17).

A seção *Normas para a elaboração de um plano de curso* (figura 04) traz uma planificação bem estruturada, contendo cinco etapas divididas passo a passo, explicitando na primeira etapa/passos que os objetivos devem ser selecionados atendendo aos três domínios: cognitivo, afetivo e psicomotor, adaptando-os ao nível do aluno, seus interesses e necessidades, bem como às condições da escola. A segunda etapa/passos da planificação, parte reservada para a enunciação dos objetivos, orienta os professores que

cada objetivo selecionado deve conter *conduta final observável* (do aluno), *condições de realização* e *padrão de rendimento* (qualidade, quantidade, limite de tempo).

Essa seção do documento de 1978 revela, claramente, as influências dos estudos sobre a Taxonomia dos objetivos dos processos de aprendizagem de Benjamin S. Bloom e Anita Harrow, cujos conceitos e princípios permearam a área educacional daquela época, referendando as discussões e norteando, sobretudo, a sistematização da EF neste documento curricular, como foi mencionado pela coordenadora desta proposta. O conteúdo dessa seção indica também o caráter transitório de uma EF tecnicista para uma concepção que trataria de questões mais amplas da vida dos sujeitos. A marcação das etapas na planificação curricular para os cursos escolares da EF mineira reforça um aspecto significativo sobre a trajetória das teorias curriculares no Brasil que permearam a primeira metade do século XX, culminando na década de 1970. Recorro às ideias de Ralph Tyler (MOREIRA, 2010; LOPES, MACEDO, 2011) e suas intenções de articulação entre o progressivismo e as concepções de eficiência, as quais influenciam o documento exposto. As teorias do autor caracterizam-se mais por um tipo de racionalidade curricular próxima dos aspectos de eficiência, evidenciando etapas de objetivos e as respectivas avaliações dos resultados.

A perspectiva de Tyler (1973) como teoria do currículo, exemplo paradigmático desta orientação, foi decisiva e estabeleceu as bases do que tem sido o discurso dominante nos estudos curriculares e nos gestores da educação. O único discurso até há pouco tempo e ainda arraigado em amplas esferas da administração educativa, da inspeção, da formação de professores, etc. Para Tyler, o currículo é composto pelas experiências de aprendizagem planejadas e dirigidas pela escola para conseguir os objetivos educativos (SACRISTÁN, 2000, p. 46).

Entretanto, o documento no chamado terceiro passo, chama a atenção quanto à seleção dos conteúdos, evidenciando que estes deveriam articular-se aos objetivos propostos, intencionando à “formação global do aluno e não exclusivamente física” (MINAS GERAIS, 1978) e atendendo aos interesses e necessidades dos alunos. No “quarto passo” da planificação, indica que as atividades da EF deveriam graduar-se do simples para o complexo e serem bem variadas, atendendo aos alunos individualmente e em grupos. Torna-se possível identificar rudimentos de mudanças nos aspectos citados, que corroboram com as perspectivas críticas da EF dos anos de 1980, as quais já se avizinhavam.

O quinto passo da planificação sugerida pelo documento, por sua vez, aborda a questão da avaliação e traz outra significativa consideração, a qual revela a importância sobre a autoavaliação e a preocupação com todo o processo de ensino aprendizagem. O documento parece direcionar a uma reflexão de que o processo avaliativo não pode ser reduzido às questões meramente técnicas, ainda que sejam enaltecidas as ideias de instrumentos que possam verificar o alcance de objetivos. Já eram visíveis também alguns indícios das ideias de que as avaliações precisariam considerar outros tipos de lógica (PERRENOUD, 1999), característica esta que também assinala o prenúncio das perspectivas críticas.

Neira e Nunes (2009) são enfáticos ao abordar as concepções de currículo desse período histórico no Brasil, sustentando que a preocupação dos professores estava direcionada para a organização racional do processo de ensino e para sua planificação. Esse momento ficou marcado, no âmbito da EF, “pela proliferação de obras e manuais que apresentavam, passo a passo, as aulas prontas, restando ao professor o papel de minimizar os problemas disciplinares ou estruturais e colocar em prática o currículo ideal” (NEIRA E NUNES, 2009, p. 76).

Como foi destacado anteriormente, não era esse o objetivo do documento mineiro de 1978, que tinha a perspectiva de servir como uma orientação aos professores.

Figura 05 – Esquema do Programa de Educação – Exemplo

ESQUEMA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
EXEMPLO

Unidade	Série	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª
1. Movimentos básicos e habilidades perceptivas		I	I						
2. Atividades Rítmicas			II	III	IV	V	VI	VI	VI
3. Atletismo		I	I	II	II	III	IV	V	V
4. Basquetebol							I	II	III
5. Ginástica Olímpica				I	I	III	IV	V	VI
6. Handebol						I	II	III	IV
7. Jogos com bola		I	II	III	IV				
8. Natação			II	II	III	IV	V		
9. Voleibol						I	II	III	IV

SUGESTÕES PARA A DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES:

- Leia com atenção aos níveis propostos em cada assunto e verifique em que estágio seu aluno se encontra.
- Tendo esta diagnose como ponto de partida trace o seu programa levando-se em consideração:
  - os níveis de conhecimentos e habilidades dos alunos;
  - os interesses e necessidades dos educandos;
  - o número de aulas semanais;
  - o número de alunos em cada turma;
  - as estações do ano.
- Desenvolver de 4 a 6 unidades por ano.
- Se conveniente, desenvolver 2 níveis da unidade, em um mesmo ano.
- Se necessário, repetir o nível, porém com atividades diferentes.

Fonte: MINAS GERAIS (1978, p. 18).

Em *Esquema do Programa de Educação Física – Exemplo*, (figura 05) o documento apresenta os conteúdos/unidades a serem trabalhados nas aulas de EF, dispostos em níveis ao longo das oito séries do então primeiro grau. É possível perceber

a influência das ideias e conhecimentos da Aprendizagem Motora e do Desenvolvimento Motor na orientação e distribuição das unidades com relação à seriação e dentro das próprias séries. A base de todo o trabalho está na primeira unidade, disposta na primeira e na segunda série, cujo objetivo seria desenvolver nos estudantes as habilidades motoras e perceptivas básicas: movimentos locomotores, axiais e de manipulação; reconhecimento das partes do corpo; equilíbrio; percepções visuais, auditivas e táteis. Adquiridas essas habilidades, os estudantes estariam aptos a se envolver em atividades mais complexas, como as Atividades Rítmicas, os Jogos, a Ginástica, os Esportes e a Natação.

Os argumentos da coordenadora da equipe relativos à escolha da divisão em níveis para cada assunto nos auxiliam a inferir sobre essa passagem. No documento de 1976 não houve uma preocupação em delimitar os conteúdos de acordo com as séries. As atividades sugeridas poderiam ser realizadas da 1ª a 8ª séries (atual segundo e nono ano) de acordo com a prontidão dos alunos. Os professores ensinavam as mesmas matérias, aquelas que lhes fossem familiares, em todas as séries, “quando ensinavam”, como relatou a coordenadora. Foi pensando em minimizar essas questões que estabeleceu-se, no documento de 1978, os níveis e as unidades para desenvolvimento dos conteúdos, buscando sistematizar o conhecimento da EF ao longo das séries.

O aluno precisava, então, de um ano para o outro, “ter experiências desafiadoras em diferentes graus de dificuldade”, acrescentou a professora, progredindo de acordo com seu desenvolvimento e habilidades. Desse modo, realizado o diagnóstico da turma, o professor poderia traçar o seu programa pulando um ou dois níveis ou repetindo-os, caso houvesse necessidade, variando as atividades, considerando também, para isso, o estágio em que seu aluno e/ou a turma se encontrava, a realidade de sua escola, interesses e necessidades dos educandos. Destaco que apesar da ideia inicial dos organizadores ter sido a resolução dos desafios que emergiam do chão das quadras, muito em função da formação precária da maioria dos docentes que atuavam nessa rede de ensino, esse interesse em sistematizar o conhecimento da EF sugere, além da busca pela legitimidade dessa disciplina e pela valorização do professor enquanto educador nas escolas (NÓBREGA, MENDES e GLEYSE, 2016), o afloramento de um pensar a EF de uma maneira mais ampla em termos pedagógicos, superando a prática esportiva excessiva que, por vezes, respaldava o “rolar bola”, prática comum ainda nos dias de hoje.

O quadro também revela a marcante presença do esporte como conteúdo fundamental da EF, uma vez que modalidades desse conteúdo dominam o exemplo do programa apresentado a partir da 5ª série (atual sexto ano), pelo documento mineiro de 1978. Essa passagem coaduna-se com o artigo 3º, no parágrafo 2º, do Decreto nº 69.450, de 1º de novembro de 1971, que regulamentou o funcionamento da Educação Física escolar em consonância com a LDB nº 5.692/71.

Art. 3º. A Educação Física, desportiva e recreativa escolar, segundo seus objetivos, caracterizar-se-á:

§ 2º A partir da quinta série de escolarização, deverá ser incluída na programação de atividades a iniciação desportiva (BRASIL, 1971) .

Essa também é uma característica da década de 1970, como apontam diversos estudos (BRACHT, ALMEIDA, 2003; NEIRA; NUNES, 2009; BRACHT, 1992) e o documento mineiro revela essa centralidade do esporte à época, trazendo o que Pacheco (2001) diz sobre o currículo enquanto proposta de uma dada identidade cultural,

marcado pelas relações de poder decorrentes das opções ideológicas e das posições hegemônicas sustentadas pelos diversos grupos de interesses. Onde tais interesses são mais visíveis é no nível da seleção do conhecimento escolar, que constitui a base nutritiva do currículo, pois as disciplinas científicas não representam apenas campos do saber definidos por pressupostos metodológicos. São espaços de poder instituídos, nos quais diferentes atores sociais buscam construir sua hegemonia (...) (PACHECO, 2001, p. 03).

Nesse sentido, vale refletir sobre o papel que o professor de EF exercia naquela época, o qual pode ser destacado pela ideia do reproduzidor de práticas corporais, em especial as esportivas, como se pode depreender da observação do documento (Figura 05) sobre o esquema do programa de EF. As concepções que abordavam outros aspectos da cultura corporal, como Atividades Rítmicas e Jogos com Bola eram minoritárias. Outros temas, como lutas e Danças, eram inexistentes.

Inexistente também foi o conteúdo *Futebol*. Uma clara ruptura flagrada no documento de 1978, haja vista sua presença ter figurado na proposta de 1976 e a preponderância dos conteúdos esportivos nas aulas de EF no período em questão, bem como no próprio texto do referido programa. Ressalto os argumentos da coordenadora elucidados através de sua fala, acerca do pensamento que moveu o grupo a decidir pela exclusão dessa modalidade esportiva.

*(...)é viável na escola?Vamos fazer algo que seja viável, mas vamos tentar dar um ‘empurrãozinho’ nisso, por exemplo, você vê, a gente não botou Futebol aqui, naquele momento é... naquela momento tinha uma coisa que dizia assim, ‘ah ensinar Futebol, não tem que ensinar Futebol na escola não, porque os professores só ensinavam Futebol e queimada, pras meninas queimada, pro professor Futebol, só que não ensinava. (...)Porque tem muita coisa pra ser ensinada no Futebol que é maravilhoso, mas naquela época não, já chega de falar de Futebol e queimada porque todo mundo fica só naquilo, joga a bola e senta debaixo da árvore e ponto(SOUZA, 2018).*

Analisando as declarações da coordenadora, reitero que essa ruptura, a ausência do conteúdo *Futebol* no documento de 1978 evidencia claros indícios de uma tentativa de se pensar a EF de uma forma mais crítica. Em contrapartida, o tecnicismo, o reprodutivismo, a preocupação com a eficiência, o desenvolvimento de habilidades e competências (valências físicas e esportivas) e os aspectos motores de suporte às habilidades cognitivas dominavam o currículo. O documento, então, expressando suas tensões e conflitos, admite também a interpretação de Neira e Nunes (2009, p. 76) sobre a EF dos anos de 1970 no país:

O professor tornou-se mero executor de objetivos instrucionais, de estratégias de ensino e avaliação. Acentuou-se o formalismo didático por meio dos planos elaborados segundo normas prefixadas. O planejamento educacional propunha uma forma de organização que evitasse ao máximo qualquer interferência subjetiva que viesse a desestabilizar o processo. Com os objetivos preestabelecidos, bastava operacionalizar a ação didática de forma mecânica, a fim de evitar qualquer risco. Aqueles que pudessem ser sinalizados como perigosos ao êxito dessa maquinaria eram reprimidos ou excluídos do processo, fossem alunos ou, até mesmo, professores. A prática pedagógica foi concebida, simplesmente, como estratégia para alcançar os produtos previstos, traduzidos comumente em comportamentos desejáveis (NEIRA E NUNES, 2009, p.76).

Com relação à seção “*Objetivos gerais da Educação Física na escola de 1º grau*”, o documento indica que esse componente curricular visava promover “a Educação Psicomotora; O desenvolvimento das qualidades físicas básicas; A socialização; A criatividade; A consolidação de hábitos higiênicos; A valorização da prática de atividades físicas” (MINAS GERAIS, 1978, p. 21).

Quanto à educação psicomotora, atrelada a essa fase da história do currículo da EF escolar nitidamente observada no texto, passou a ser ainda mais explorada na década subsequente, anos de 1980. Começavam a se destacar os aspectos psicológicos da educação e, naturalmente, a EF sofreu também essa influência, ou seja, centrava-se no

desenvolvimento do aluno, dos aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores (com uma clara influência da Taxonomia de Bloom) e em como a criança aprendia (NEIRA, NUNES, 2009).

A recente análise de Nóbrega, Mendes e Gleyse (2016) sobre os discursos presentes na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), um dos poucos periódicos de relevante influência na área no início dos anos 1980, reforça essa visão sobre o desenvolvimento dos estudos em Psicologia voltados para a área de EF:

No Brasil, [o discurso da psicomotricidade] se faz presente e reforça a influência dos estudos de Le Boulch para a Educação Física brasileira. No cenário brasileiro, por um lado essa influência foi importante para superar a lógica esportivizante, mas por outro lado também se pautou numa lógica psicologizante (NÓBREGA, MENDES E GLEYSE, 2016, p. 233).

A esfera axiológica<sup>33</sup>, aspecto amplamente presente nas práticas pedagógicas da EF, a qual visa agregar o desenvolvimento de valores por meio da socialização e do estímulo da criatividade também pode ser observada na proposta curricular ao tratar dos objetivos gerais da disciplina. E vale ainda citar os objetivos quanto à consolidação dos hábitos higiênicos, uma permanência que impregna a EF brasileira desde o século XIX (CUNHA JUNIOR, 2008).

Após enunciar os objetivos gerais da Educação Física de 1º Grau, o documento traz o desenvolvimento de cada conteúdo e seus níveis, formatados e descritos em um quadro (figura 06) contendo os Objetivos; Conteúdo Programático; Sugestões de Atividades; Avaliação – Técnicas e Instrumento e Atividades.

---

<sup>33</sup> O termo deriva-se de axiologia, que vem do Grego axia, “valor”, mais logos, que quer dizer “palavra, estudo, tratado”. Axiologia é o estudo de valores, uma teoria do valor geral, compreendido no sentido moral. A axiologia tenta estabelecer uma hierarquia de valores.

Figura 06 – Exemplo do desenvolvimento do conteúdo Movimentos Básicos Fundamentais e Habilidades Perceptivas

MOVIMENTOS BÁSICOS FUNDAMENTAIS E HABILIDADES PERCEPTIVAS 25				
Objetivos	Conteúdo Programático	Sugestões de Atividades	Avaliação	
			Técnicas e Instrumento	Atividades
<p>O aluno deverá ser capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Executar movimentos locomotores, axiais e de manipulação dentro do ambiente normal do seu grupo.</li> <li>- Reconhecer as partes do seu corpo.</li> <li>- Equilibrar em diferentes posições.</li> <li>- Diferenciar objetos, ambientes e acontecimentos.</li> </ul>	<p>Movimentos básicos fundamentais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. locomotores</li> <li>. axiais (não locomotores)</li> </ul>	<p>Movimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. rastejando, engatinhando, escorregando, andando, correndo, pulando, saltando, rolando, escapando, deslizando</li> <li>. saltando para a frente com os pés paralelos, utilizando os braços, caindo com os pés juntos</li> <li>. empurrando, puxando, balançando, flexionando e estendendo, girando e circundando, relaxando, lançando</li> <li>. lançando uma bola, dando um passo à frente com a perna contrária, mudando o peso do corpo, fazendo com que a bola percorra uma distância determinada</li> <li>. contraindo e relaxando partes diferentes do corpo até chegar à totalidade (com comando e direção, com ou sem música)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação do professor</li> <li>- Auto-avaliação</li> <li>- Testes específicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saltar para a frente com os pés juntos e paralelos.</li> <li>- Lançar uma bola à distância de 3m.</li> <li>- Colocar um cadarço no sapato em menos tempo que antes.</li> <li>- Andar para frente e para trás sobre uma trave de equilíbrio sem cair.</li> </ul>

Fonte: MINAS GERAIS (1978, p. 25).

Observamos na folha introdutória dos conteúdos *Atletismo*, *Atividades Rítmicas*, *Ginástica Olímpica* e *Esportes Coletivos* algumas recomendações dos elaboradores quanto à possibilidade de confeccionar material alternativo para as aulas, inclusive, sugerindo acionar os professores de Artes ou Trabalhos Manuais para que estes possam auxiliar os alunos nessa tarefa, visando, com isso, suprir a carência material das escolas, a falta de recursos das mesmas para aquisição de materiais oficiais e, também, ratificando a integração da EF com outros componentes curriculares. Essas sugestões me permitem apontar a intenção dos organizadores em tornar a proposta curricular de 1978 viável para o professorado mineiro, tendo em vista as especificações demasiadamente técnicas dos equipamentos, espaços e instalações para as aulas de EF da proposta predecessora.

Nas recomendações para o conteúdo *Esportes Coletivos*, o documento volta a enfatizar que a *fase esportiva* só deverá ser iniciada após os alunos dominarem as situações de jogo propostas em *Jogos com Bola* e confirma também, a necessidade de se observar o grau de desenvolvimento do aluno para se efetuar a escolha do nível da unidade, não levando em conta a série que cursa esse aluno. Como apontado anteriormente, essas recomendações coadunam-se com os conceitos da Aprendizagem Motora e do Desenvolvimento Motor. Já para o revisor desta proposta curricular, o aluno não deve aprender as modalidades esportivas em tenra idade por não ter ainda amadurecimento emocional suficiente para compreender o significado de competir, por não entender o ganhar e o perder. Antes, é necessário ensinar jogos nos quais seja enfatizado o jogar *com* e não *contra* os colegas, de uma forma lúdica. Para a

coordenadora deste trabalho, a presença do conteúdo *Jogos com Bola* foi uma inovação no documento de 1978, uma vez que estes materializaram a intenção do grupo de se ampliar os conceitos de uma EF esportivista para uma EF com objetivos mais pedagógicos e menos competitivistas. Os elaboradores alertam ainda nas recomendações de *Esportes Coletivos* que a técnica não deve ser objeto de maior preocupação dos professores, devendo-se utilizar as formas dos pequenos jogos como estratégia e sempre observar os interesses e as necessidades dos alunos. Lembram o professorado também quanto à necessidade de avaliar em todas as atividades propostas, sobre a autoavaliação pelo aluno e sobre dar atenção especial aos objetivos afetivos.

No que concerne ao conteúdo *Natação*, cabe relembrar os argumentos que levaram os professores organizadores à escolha da mesma para fazer parte desta proposta. Para eles, era emergente o ensino dessa modalidade esportiva às crianças desde bem cedo, haja vista a quantidade de rios e cachoeiras no entorno das cidades mineiras e o eminente perigo representado pelos mesmos. A escola seria o local ideal para disseminar essa prática, segundo o revisor da proposta. Sobre a ausência de piscinas nas instituições escolares, nem tampouco haver recursos materiais e financeiros para construção e manutenção das mesmas, os professores justificaram que havia a possibilidade de se realizar parcerias e convênios com os clubes e as Praças de Esportes, reservando os horários que se encontravam ociosos para os alunos da rede estadual de ensino.

Posteriormente ao desenvolvimento dos conteúdos, o documento traz, em sua última seção, a *Bibliografia* com uma lista das obras que foram utilizadas como referências para esta elaboração. Destaco a preponderância das obras voltadas para a técnica esportiva em detrimento das obras de conteúdos teóricos da Educação e da Educação Física, bem como para o número significativo de obras publicadas em língua estrangeira. Os cinco sujeitos entrevistados foram unânimes acerca da escassez de publicações nacionais relativas à Educação Física na década de 1970. Quando havia publicações, eram livros essencialmente técnicos e/ou ligados à área médica como fisiologia, biomecânica, entre outros, sendo necessário também importá-los da Espanha e Argentina, principalmente. “Livros voltados para a prática pedagógica da EF não existiam”, relatou a coordenadora da elaboração. Para o revisor da proposta, foi uma época empírica da EF, com pouquíssimo ou quase nenhum material didático que auxiliasse o docente em sua prática pedagógica. Sob esse viés, torna-se possível inferir que a sistematização dos conteúdos apresentada na forma do documento de 1978, foi

uma tentativa dos organizadores de minimizar essa ausência de literatura e material didático às mãos da maioria dos docentes mineiros e, principalmente, subsidiar a prática pedagógica de um professorado, em sua maioria, leigo e/ou com uma formação precária.

## Considerações finais

Ocupar-se do já conhecido e realizado para interrogar; nunca ficar de fora; ocupar-se da tradição para encontrar outros caminhos; tradição de rever, analisar e problematizar os percursos trilhados por outros que nos deixaram as suas propostas, suas experiências e os seus escritos; tradição de educar as novas gerações e de pensar e se posicionar sobre que conhecimentos lhes ensinar (PARAÍSO, 2010, p. 11).

E assim, recorrendo às palavras de Marluce Alves Paraíso, inicio o desfecho da minha pesquisa. Neste momento, vem à tona em meus pensamentos cada etapa concluída dessa longa jornada que culminou na síntese deste trabalho. Pensar as questões que envolvem a Educação Física, seu papel dentro da escola, seus saberes e conhecimentos e, principalmente, seu currículo, moveu-me até aqui. Impossibilitada de investigar o programa contemporâneo dessa disciplina do município de Juiz de Fora, cheguei ao Currículo de Educação Física do Estado de Minas Gerais de 1978. Contudo, foi inevitável conter a indagação. Ora, por que estudar um currículo de 41 anos? Ao longo deste texto, esta e outras reflexões serão suscitadas.

Recupero os objetivos enunciados inicialmente, antes de ir a campo. Esta pesquisa intencionou analisar o documento curricular de EF escolar de Minas Gerais, publicado em 1978 pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, bem como refletir sobre os códigos, sentidos e significados de sua proposta. Caracterizar, analisar e problematizar o referido documento e suas concepções teóricas e metodológicas, analisar como se deu o processo de seleção, discussão e desenvolvimento de seus conteúdos prescritos e, por último, identificar o grupo de professores que participou de sua elaboração também fizeram parte dos objetivos do trabalho.

Construído apenas dois anos após seu predecessor, o documento curricular de 1978 trouxe avanços pedagógicos significativos em sua proposta. Entretanto, como argumenta Silva (2018), mais importante que fazer uma análise linear e estática do passado, considerando somente os progressos e/ou retrocessos entre um documento e outro, é refletir sob o viés de uma “perspectiva que vê o conhecimento corporificado no currículo escolar como artefato social e cultural” (Ibidem, p. 08), é descrever a dinâmica social, cultural, política e econômica que o moldou, tentando explicar como esse determinado artefato veio a se tornar o que é. O currículo é resultado de um processo

histórico e, como tal, se transforma de acordo com as mudanças que ocorrem na sociedade (Ibidem).

O documento de 1978 sistematizou e organizou os níveis de ensino para o desenvolvimento dos conteúdos, evidenciou a avaliação como uma das etapas essenciais do processo ensino-aprendizagem, bem como enfatizou a necessidade de integração da Educação Física com as demais disciplinas da estrutura curricular. Contudo, em sua essência, o referido programa coadunava-se com as normatizações pedagógicas engendradas pelo contexto do regime militar – a saber, LDB nº 5.692/71 e o Decreto nº 69.450/71 - as quais estabeleceram a Educação Física como componente curricular obrigatório em todo o sistema de ensino, caracterizando-a como atividade e não disciplina e determinando a “aptidão física como referência fundamental para orientar o planejamento, o controle e sua avaliação nos estabelecimentos escolares” (BRASIL, 1971, s.p.). Assim, em conformidade com a legislação educacional vigente nesse período, o documento de EF de 1978 teve seu enfoque voltado para o aprimoramento físico e a predominância dos conteúdos esportivos a partir da 5ª série, perdurou por quase três décadas como proposta de referência da área e apresentou elementos inequivocamente mais sólidos como foi demonstrado, que sustentavam a perspectiva de uma EF escolar mineira ainda cerceada por um forte componente tecnicista e de habilidades motoras e esportivas, características das ideias pedagógicas que circulavam e da política de governo deste período (NEIRA; NUNES, 2009).

No entanto, após análise realizada de seu conteúdo e do depoimento de seus elaboradores, argumento que o documento curricular mineiro revela também outras perspectivas. Ao dar ênfase à aquisição de habilidades do campo cognitivo e atitudinal, à importância de se pensar no interesse e nas necessidades do aluno, colocando-o como centro do processo educativo, ao enfatizar conteúdos que atendam aos mesmos de forma global e da importância do movimento para o desenvolvimento integral da criança, o referido programa demonstra uma visão já um pouco mais ampla da Educação Física, uma tentativa de superar o esportivismo, pensando uma EF com objetivos mais pedagógicos e menos competitivistas. Tais aspectos são influências nítidas dos discursos da psicomotricidade, com ênfase na Taxonomia de Bloom (1976) e Harrow (1983) e da influência dos estudos da psicologia voltada para a educação.

Temos observado que a literatura pertinente ao tema do *Movimento Renovador* da EF, período marcado pela influência das teorizações críticas sobre a área, seus professores e suas produções destaca a década de 1980, a partir da obra de Medina

(1983), como o início de tais reflexões. Tendo encontrado potencialização a partir do período de reabertura política do Brasil, ao fim da ditadura militar, o referido movimento tem sido considerado pelos estudiosos da área como Medina (1983), Bracht (1986), Castellani Filho (1988), Betti (1991), Freire (1994), Soares et al (1992), Kunz (1991, 1994), Daolio (1995), Darido (1998), entre outros como um momento de ruptura de paradigma, ou seja, a EF passou a não mais se pautar pela prática exclusiva de desenvolvimento da aptidão física no interior escolar.

Conforme Machado e Bracht (2016), em análise de discursos de professores de EF formados na década de 1980, é possível perceber que existe certa confusão sobre o entendimento das origens do *Movimento Renovador*. Será ele marcado pela presença das teorias críticas ou pela ideia de ruptura com Paradigma da Aptidão Física? Para os autores,

A década de 1980 foi marcada, no campo da Educação Física Escolar brasileira, pelo surgimento de um conjunto de produções e debates que ficou conhecido, posteriormente, como Movimento Renovador da Educação Física (MREF) (CAPARROZ, 1997). Pode ser entendido como um movimento de caráter “inflexor”, dado ter representado um forte e inédito esforço de reordenação dos pressupostos orientadores da Educação Física, como, por exemplo, “colocar em xeque”, de maneira mais intensa e sistemática, os paradigmas da aptidão física e esportiva que sustentavam a prática pedagógica nos pátios das escolas (MACHADO E BRACHT, 2016, p. 850).

Porém, Bracht (2007) esclarece que

É importante termos claro que a definição do objeto da EF está relacionada com a função ou com o papel social a ela atribuído e que define, em largos traços, o tipo de conhecimento buscado para sua fundamentação. (...) Aqui estamos de frente a uma via de mão dupla: a função atribuída à EF determina o tipo de conhecimento buscado para fundamentá-la e o tipo de conhecimento sobre o corpo/movimento humano determina a função atribuída à EF (BRACHT, 2007, p. 43).

Apoiando em Bracht (2007), afirmo que o documento de 1978 quando passa a não mais considerar somente as atividades físico-esportivas como saber específico para a prática pedagógica da EF, mas admite também o movimento humano como possibilidade de ensino, começa operar com a perspectiva de um novo objeto da EF, um novo saber próprio da EF. É justamente nesse momento, de pensar a EF mais voltada para a ação pedagógica e de início de mudança de seu objeto específico, que há indícios do MREF. Confirmo a hipótese levantada no início desta investigação: a proposta de

1978 evidencia uma sólida presença das teorizações tradicionais de currículo em seu interior, entretanto, há também rudimentos do debate crítico que inspirou o conhecido Movimento Renovador, no entanto, sem ainda, uma mudança do Paradigma da Aptidão Física. Sob esse viés o autor declara que

A absorção na EF do discurso da aprendizagem motora, do desenvolvimento motor, da psicomotricidade e, mesmo, em certo sentido, da antropologia filosófica, resultou numa mudança de denominação de nosso objeto (embora nem sempre numa mudança de paradigma ou de concepção) (BRACHT, 2007, p. 44).

As ideias, os sentidos, os códigos e as normas tecnicistas que influenciaram a EF brasileira, especialmente a partir dos anos 1960, aparecem no documento mineiro de 1978, mas a análise realizada de seu conteúdo também revela outras perspectivas: o início de um pensamento mais crítico, influência das teorias críticas que já se avizinhavam. Sustento que o documento mineiro de 1978, no auge do governo militar, traz indícios do início do chamado Movimento Renovador, o qual procurava caminhos mais críticos para a EF nas escolas.

O documento de EF de 1978 apresentou permanências, rupturas e também nuances de mudanças em seus sentidos, ideias, códigos e conteúdos, mas, sobretudo, foi fruto da tentativa dos organizadores de equacionar as demandas educacionais daquele período. Verdadeiros desafios, advindos de questões indógenas e exógenas às escolas mineiras.

Naquele momento, de acordo com seus relatos, não se pensava em dar nomes aos conceitos e teorias da EF, nem tampouco se esta estava a serviço do governo. Para os professores elaboradores existia a convicção de se produzir uma proposta profícua, capaz de subsidiar a prática pedagógica do professorado mineiro, minimizando os efeitos de sua precária formação e da carência de material didático e literatura da área.

Importante ressaltar, neste momento de balanço da pesquisa, o papel da professora Eustáquia, organizadora desta proposta. Sempre atenta às demandas da agenda educacional em cada período de sua carreira e dialogando com as transformações que ocorreram na sociedade, posso afirmar que sua identidade profissional influenciou, sobremaneira, na elaboração do Documento de Educação Física mineiro de 1978. De certa forma, suas atuações, formações e vivências trouxeram elementos didáticos e elementos técnicos para o documento e, apesar de ter sido influenciada pelo ideário pedagógico, pelo contexto histórico e político da década de

1970 e pelos ordenamentos legais/governamentais, sua sensibilidade, visão crítica e sua inquietação com as questões que envolviam a área da EFE fizeram com que ela tentasse aproximar, ao máximo, a proposta curricular que estava sendo construída à realidade cotidiana das escolas, às necessidades dos alunos e professores. Seu desejo primeiro era que esse documento fosse, de fato, instrumento valioso nas mãos do professorado mineiro. Fato possível de se comprovar no momento em que Eustáquia optou por dar voz a outros professores, pensando na contribuição positiva que diversos olhares trariam à proposta e, certamente com isso, um documento proficiente estaria sendo produzido. Eustáquia, profissional de vanguarda, através de seus incessantes estudos, buscou objetivos para essa proposta, para além do que era preconizado à época, contribuindo com o movimento que pôs em xeque os pressupostos teóricos e metodológicos da EF brasileira.

Investigar um documento curricular de 41 anos que esteve em vigência por quase 30 anos, possibilitou-me rever e dialogar com o passado, compreender e problematizar os caminhos trilhados pelos sujeitos comuns que fazem a nossa história e narram a história a partir de seus olhares e suas perspectivas, não com a intenção de julgar a forma como fizeram, mas com o intuito de entender como o currículo veio a adquirir a forma que tem hoje, interrogando o presente para tentar modificá-lo, transgredi-lo, no sentido de ultrapassar limites. Para Goodson (2018),

A escola e currículo representam uma das mais centrais invenções sociais da modernidade (...), é necessário situá-los na moldura histórica que determinou as formas particulares com as quais, presentemente, eles nos confrontam (GOODSON, 2018, s.p.).

Entendo que meus escritos estampam meus achados em um determinado momento sobre este fato/artefato que foi o documento de 78 são minhas verdades, meu discurso e, como tal, constituem-se apenas uma entre outras tantas possibilidades de interpretação. Novas perspectivas de análises ainda fazem-se necessárias, já que minhas investigações não encerram as diversas alternativas que se apresentam sob novos olhares. Assim, penso que entender como se deu a implementação do currículo de 1978 nas escolas da rede estadual, buscando analisar as práticas escolares da EF, a partir de um olhar para dentro das instituições, ouvindo os sujeitos que fazem e contam uma outra história, bem como investigar se houve, efetivamente, parcerias e convênios que

possibilitaram aos professores ministrarem o conteúdo Natação, entre outros representam novas alternativas de se esquadrihar o documento de Educação Física do Estado de Minas Gerais de 1978 e fazer história para os outros que virão.

## Referências

- ALVES, M. F; OLIVEIRA, J. F. **Pós-Graduação no Brasil: do Regime Militar aos dias atuais.** **RBPAE**, v. 30, n. 2, p. 351-376, mai/ago. 2014.
- ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- APPLE, M.W. **Ideologia e Currículo.** São Paulo: Editira Brasiliense, 1979. Tradução: Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho. Autêntica, 2010b.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro, Lisboa/Portugal: Edições 70, 1977.
- BETTI, M. **Educação Física e sociedade.** Editora Movimento, 1991. 184P
- BLOOM, B.S. et al. **Taxonomia dos objetivos educacionais** - domínio cognitivo. Tradução: Flávia Maria Sant'Anna. Globo, Porto Alegre, 1976.
- BOBBIT, J. F. **The Curriculum:** a summary of the development concerning the theory of the curriculum. 1918.
- BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n.7, v.2, p. 62-68, 1986.
- BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, maio de 2003.
- BRACHT, V. **Aprendizagem social e Educação Física.** Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRACHT, V. **Educação Física e Ciência: Cenas de um casamento (in)feliz.** 3 ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. – 160p. – (Coleção Educação Física)
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Introdução à didática de Educação Física.** Brasília, 1969.
- BRASIL. **Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 06/03/2018.
- BRASIL. **Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 06/03/2018.
- BRASIL. **Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 06/03/2018.
- CAMPOS, C.J.G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília (DF) 2004, set/out; 57(5): 611 - 4

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: A história que não se conta.** Campinas, SP: Papirus, 1988. 225p.

CHERVEL, A. História das Disciplinas Escolares: Reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação.** Porto Alegre, nº 2, p. 177-229, 1990. Disponível em: <http://www.pt.scribd.com/doc/62595645>. Acesso em: 21/07/2016.

CORAZZA, S. M. **O que quer um currículo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 14.

CUNHA JUNIOR, C. F. F. **O Imperial Collegio de Pedro Segundo e o ensino secundário da boa sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

CURY, C. R. J. Direito à Educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 245 – 262, julho/2002.

CURY, C. R. J. A Educação Básica como direito. **Cadernos de Pesquisa**, V. 38, n. 134, p. 293 – 303, maio/ago. 2008.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo.** Campinas, SP: Papirus, 1995.

DAOLIO, J. Educação Física escolar: uma abordagem cultural. In: PICCOLO, V.L.N., org. **Educação Física escolar: ser...ou não ter?** Campinas, UNICAMP, 1993.

DARIDO, S. C. Apresentação e análise das principais abordagens da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 20 (1), 58-66, 1998.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões.** Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1998.

DEWEY, J. **The Child and the Curriculum.** University of Chicago Press. 1902. 40 p.

FERNANDES, A.J.; DURÃES, G.M. **As Praças de Minas: A Fênix do esporte mineiro.** Motricidade (online), 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273023568033>. Acesso em: 06/04/2019.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da Educação Física.** 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Autores Associados, 1999. KANT, J. **Crítica à razão pura.** São Paulo, 1980.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas.** 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

CAVALIERE, G. C. M. S. Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Este texto foi produzido a partir do projeto **Tempos na escola.** Coordenado pela Prof. Luciana Pacheco Marques. [http://www.ufjf.br/espacoeducacao/files/2009/11/cc07\\_3.pdf](http://www.ufjf.br/espacoeducacao/files/2009/11/cc07_3.pdf) Acesso em: 09/05/2019.

GOODSON, I. F. **Currículo: Teoria e História.** Rio de Janeiro: Vozes, 1995 In: CARDOSO, Maria Angélica. **História das Disciplinas Escolares e Cultura Escolar: Apontamentos para uma prática pedagógica.**

2007[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada7/\\_gt4%20pdf/hist%20d3ria%20das%20disciplinas%20escolares%20e%20cultura%20escola1.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_gt4%20pdf/hist%20d3ria%20das%20disciplinas%20escolares%20e%20cultura%20escola1.pdf). Acesso em 20/05/2016.

GOODSON, I.F. **Currículo: Teoria e História**. Apresentação de Tomaz Tadeu da Silva. 15ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GUERRA, I. C. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de uso**. Principia Editora Lda. Cascais - Portugal, 2006.

HARROW, A. **Taxionomia do Domínio Psicomotor**. Porto Alegre: Globo, 1983

JAEHN, L; FERREIRA, M. S. Perspectivas para uma história do currículo: as contribuições de Ivor Goodson e Thomas Popkewitz. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 256-272, Set/Dez 2012. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. ISSN 1645-1384 (online) [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org) Acesso em 09/06/2016.

JÚNIOR, M. S.; GALVÃO, A. M. O. História das disciplinas escolares e história da **educação: algumas reflexões**. **Educação e Pesquisa [online]**. 2005, vol. 31, n.3, pp.391-408. ISSN 1517-9702. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000300005>. Acesso em: 08/05/2019.

KILPATRICK, W. H. **Educação para uma Civilização em Mudança**. Porto Alegre: Melhoramentos, 1965.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991. 206p

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LE BOUCH, J. **A Educação pelo movimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: pedagogia crítico – social dos conteúdos**. SP: Loyola, 1985.

LINHALES, M. A. **A escola, o esporte e a “energização do caráter”**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925 – 1935). 2006. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

LOPES, A. C; MACEDO, E. **Teorias De Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. Apoio: Faperj

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, A. F. B(Org.). **Pesquisador em currículo**. Belo Horizonte:

MACHADO, T. S; BRACHT, V. O impacto do Movimento Renovador da Educação Física nas identidades docentes: Uma leitura a partir da “Teoria do Reconhecimento” de Axel Honneth. **Porto Alegre**, v. 22, n. 3, 849-860, jul./set., 2016. Disponível em: <https://see.ufrgs.br/movimento/article/download/60228/38854>. Acesso em: 18/03/2018.

MACHADO, T. S; BRACHT, V. O impacto do Movimento Renovador da Educação Física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “Teoria do Reconhecimento” de

Axel Honneth. **Movimento Revista de Educação Física da UFRGS**, v. 22, n. 3, 849-860, jul./set. de 2016. Porto Alegre, 2016.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**. 1ª ed. Campinas: Papirus, 1983.

MEDINA, J. P. S. **Educação física cuida do corpo e... “mente”**: Bases para a renovação e transformação da educação física. 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MELLO, G. N. **Social Democracia e Educação**. 3ªed. São Paulo: Cortez, 1993. v. 01. 90p.

MELLO, G. N. **Magistério de 1º grau**: da competência técnica ao compromisso político. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 1993. v. 01. 151 p.

MELLO, G. N. **Educação Escolar**: Paixão, Pensamento e Prática. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 1986. V. 01. 191p.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Assessoria de Educação Física e Desportos Escolares da Superintendência Educacional. **A Educação Física no Ensino de 1º Grau**. 1978.

MINAYO, M. C. S. **Ciência e Saúde coletiva**.17 (3): 621 – 626, 2012.

MOREIRA, A. F. B. A constituição e os rumos iniciais dos estudos de currículo no Brasil. In: PARAÍSO, M. A. (Org.). **Antonio Flavio Barbosa Moreira**: Pesquisador em currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. da. **Currículo, cultura e sociedade**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. da. **Sociologia e Teoria do Currículo**: uma introdução. In: MOREIRA, A.F.B.; SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MOREIRA, A.F.B.; **Currículos e Programas no Brasil**. 2ªed. Campinas, SP: Papirus, 1995 - Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico.

MOREIRA, A. F. A configuração atual dos estudos curriculares: a crise da teoria crítica. In: PARAÍSO, M. A. (Org.). **Antonio Flavio Barbosa Moreira**: Pesquisador em currículo. Belo Horizonte:Autêntica, 2010a.

MOREIRA, W. W. **Educação Física escolar**: uma abordagem fenomenológica. Campinas: Unicamp, 1991.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009. 288p.

NÓBREGA, T. P; MENDES, M. I. S; GLEYSE, J. Compreensões de corpo na educação física: análise de conteúdo das revistas EPS (França) e RBCE (Brasil). **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 38, n. 3, p. 227 – 234.

OLIVEIRA, G. L. (Entre) cruzamentos da história de vida de uma professora e das propostas curriculares de educação física do Estado de Minas Gerais (1970 – 2004). Programa de Pós-graduação em Educação. **Dissertação de mestrado**. Educação Escolar - políticas e práticas curriculares, cotidiano e cultura. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

PACHECO, J. A. A educação para a cidadania: o espaço curricularmente adiado. **Revista Teias**, UERJ, v. 01, n. 02, 2001.

PAIVA, F. S. L. Sobre o pensamento médico-higienista oitocentista e a escolarização: condições de possibilidade para o engendramento do campo da Educação Física no Brasil. 2003. **Tese (Doutorado em Educação)** –Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2003.

PARAÍSO, M. A. **Antonio Flavio Barbosa Moreira**: pesquisador em currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010 (Coleção Perfis da Educação; 2).

PERRENOUD, P. **Avaliação: Da Excelência à Regulação das Aprendizagens – entre duas lógicas**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PINTO, J. F. Memórias de professores/as de Educação Física das décadas de 1950, 1960 e 1970: esportivizações da escola e escolarizações do esporte. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S563-S576, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/2153/1110> Acesso em: 20/05/2019.

PRESENÇA PEDAGÓGICA. Belo Horizonte: **Editora Dimensão Ltda**, v. 13, n. 73, Jan/Fev., 2007 – bimestral. ISSN: 1413-1862.

REIS, Adriano de Paiva et al. **Pedagogia Histórico-Crítica e Educação Física**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

RODRÍGUEZ, M. V. **Pesquisa Histórica**: o trabalho com fontes documentais in *Fontes e Métodos em História da Educação*. Dourados, MS: Editora UFGD, 2010. 350 p.

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3ª Porto Alegre: Artmed, 2000.

SARAT, M; SANTOS, R. **História Oral como fonte**: Apontamentos Metodológicos e Técnicos da Pesquisa in *Fontes e Métodos em História da Educação*. Organizadores: COSTA, C. J; MELO, J. J. P; FABIANO, L. H. Dourados, MS: Editora UFGD, 2010.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983.

SAVIANI, D. (et. al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. – (Coleção Memória da Educação)

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª edição. 7ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SOARES, C. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1993.

SOUSA, E. S.. **Meninos, a marcha! Meninas, a sombra: a história do ensino da Educação física em Belo Horizonte (1897-1994)**. 1994. 265f. **Tese (doutorado)** - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, [SP..

TABORDA, M. A. O.. **Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003a.

\_\_\_\_\_. Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984): história e historiografia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 51-75, jan./jun., 2002.

TYLER, R. W. **Princípios básicos de currículo e ensino**. Porto Alegre: Globo, 1974

VAGO, T. M. **Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público de Belo Horizonte**. Bragança Paulista, SP: EDUFG, 2002. 370p. (Coleção Estudos CDAPH. Série Historiografia)

VARGAS, C. P. Teoria e política curricular de Educação Física: a conformação dos conteúdos básicos comuns de Minas Gerais. 2017. 267 f. **Tese de doutorado**. Área de concentração: Gestão, Políticas Públicas e Avaliação Educacional, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2017.

## ANEXOS

## Anexo 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPG  
 MESTRADO EM EDUCAÇÃO

## Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Eustáquia Salvadora de Sousa

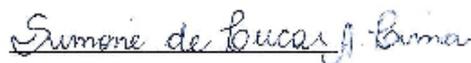
\_\_\_\_\_



Assinatura

x \_\_\_\_\_  


Assinatura do Orientador



Assinatura da Pesquisadora

Pesquisadora: Simone de Lucas Agostinho Lima - (32) 98812-3813 - [Simonedelucasagostinholima@gmail.com](mailto:Simonedelucasagostinholima@gmail.com)

Orientador: Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior - (32) 98902-1717 - [carlos.fernando@ufjf.edu.br](mailto:carlos.fernando@ufjf.edu.br)

Comitê de Ética em Pesquisa: (32) 2102-3788 - [cep.propeq@ufjf.edu.br](mailto:cep.propeq@ufjf.edu.br)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Consentimento Livre e Esclarecido

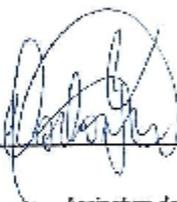
Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Elenice Faccion

\_\_\_\_\_



Assinatura

x 

Assinatura do Orientador



Assinatura da Pesquisadora

Pesquisadora: Simone de Lucas Agostinho Lima – (32) 98812-3813 – [Simonedelucasagostinholima@gmail.com](mailto:Simonedelucasagostinholima@gmail.com)

Orientador: Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior - (32) 99902-1717 - [carlos.fernando@ufjf.edu.br](mailto:carlos.fernando@ufjf.edu.br)

Comitê de Ética em Pesquisa: (32) 2102-3788 - [cep.propesq@ufjf.edu.br](mailto:cep.propesq@ufjf.edu.br)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Pedro Américo de Souza Sobrinho



Assinatura do Orientador



Assinatura



Assinatura da Pesquisadora

Pesquisadora: Simone de Lucas Agostinho Lima - (32) 98812-3613 - [Simoneoclucasagostinhoflora@gmail.com](mailto:Simoneoclucasagostinhoflora@gmail.com)

Orientador: Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior - (32) 99902-1717 - [carlos.fernando@ufjf.edu.br](mailto:carlos.fernando@ufjf.edu.br)

Comitê de Ética em Pesquisa: (32) 2102-3788 - [cep.propesq@ufjf.edu.br](mailto:cep.propesq@ufjf.edu.br)

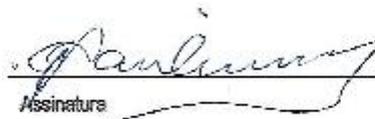
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Écio Guimarães Paulinelli

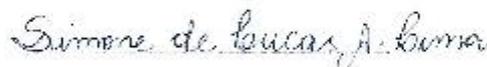
\_\_\_\_\_

  
Assinatura

x

  
\_\_\_\_\_

Assinatura do Orientador



Assinatura da Pesquisadora

Pesquisadora: Simone de Lucas Agostinho Lima - (32) 99812-3613 - [Simone.dclucasagostinho@ufjf.edu.br](mailto:Simone.dclucasagostinho@ufjf.edu.br)

Orientador: Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior - (32) 99802-1717 - [carlos.fernando@ufjf.edu.br](mailto:carlos.fernando@ufjf.edu.br)

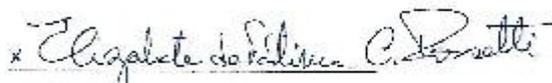
Comitê de Ética em Pesquisa: (32) 2102-3786 - [cep.propesq@ufjf.edu.br](mailto:cep.propesq@ufjf.edu.br)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

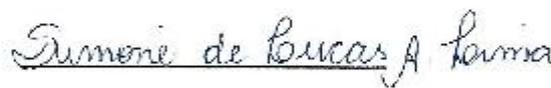
Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Elizabete de Fátima Costa Rossete

x   
Assinatura

x   
Assinatura do Orientador

  
Assinatura da Pesquisadora

Pesquisadora: Simone de Lucas Agostinho Lima – (32) 98812-3613 – [Simonedelucasagostinholima@gmail.com](mailto:Simonedelucasagostinholima@gmail.com)

Orientador: Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior – (32) 98802-1717 - [carlos.fernando@ufjf.edu.br](mailto:carlos.fernando@ufjf.edu.br)

Comitê de Ética em Pesquisa: (32) 2102-3788 - [ccp.propesq@ufjf.edu.br](mailto:ccp.propesq@ufjf.edu.br)

## **ANEXO 2 - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS**

### ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

Entrevistada: Eustáquia Salvadora de Souza (coordenadora da elaboração).

#### **Perguntas de Abertura/Aquecimento:**

- Agradecimentos
- Nome/identificação
- Data de nascimento completa/localidade
- Formação (O que a motivou ingressar no curso de Educação Física?)
- Trajetória/Experiência acadêmica-profissional/Quando começou seu envolvimento com a EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

#### **Perguntas sobre o Documento Curricular mineiro de Educação Física de 1978:**

(Mostrar o documento impresso)

- 1- O que você entende por currículo?
- 2- Como surgiu o convite para coordenar a elaboração do Documento de EF de 1978? Foi em qual ano?. Fale um pouco de sua relação com a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais/Assessoria de Educação Física e Desportos Escolares/ Pessoa do Sr. Lincoln Raso/ Onde estava atuando/trabalhando no momento do convite.
- 3- O Sr. Lincoln Raso assinou a “Apresentação” do documento de 78. Qual foi o papel dele neste documento? (Houve alguma orientação/roteiro/pedido/observação/participação do Sr. Lincoln Raso sobre o Documento Curricular?)
- 4- Qual foi o critério utilizado para a escolha dos professores que participaram da elaboração do documento?
- 5- No final do documento há uma lista com os nomes dos professores que participaram desta construção curricular com a seguinte divisão: “Elaboração”, “Revisão” e “colaboração”. Havia uma função específica para cada grupo de professores/todos dialogaram/opinaram a respeito de todos os assuntos em conjunto?
- 6- Como se deu a dinâmica/os procedimentos sob o ponto de vista prático para a elaboração do currículo? Fale um pouco dos encontros, dos locais, disponibilidade de tempo.
- 7- Houve algum documento curricular precedente (fale um pouco sobre ele) que norteou o diálogo/discussões de elaboração do Documento de 78?

- 8- Houve algum estudo/referencial teórico/preparação anterior que subsidiou as discussões? Houve algum tipo de participação dos professores da rede ou isso não foi pesando?
- 9- Como se deu o processo de seleção, discussão e desenvolvimento dos conteúdos? (Por que esses conteúdos/modalidades esportivas foram selecionados, por que não “peteca”, “tênis”, por exemplo)por que natação, por exemplo? Por que ginástica, etc?
- 10- Há no documento uma nítida prevalência de modalidades esportivas/jogos com bola, fale um pouco sobre essa escolha.
- 11- Fale um pouco sobre como foi pensado a divisão em níveis dos conteúdos X níveis de desenvolvimento e habilidade dos alunos, bem como a divisão em ciclos e não séries.
- 12- Houve discordâncias/ acordos do ponto de vista: do conceito de EF definido para nortear todo o estudo, referencial teórico, metodológico, avaliação, conteúdos, outros que necessitaram tempo para esclarecimentos/convencimentos?
- 13- Nas páginas introdutórias do Documento de 78 algumas questões como “necessidades e interesses dos alunos”, “nível de conhecimento e habilidade dos mesmos” e “adaptação à realidade da escola” foram enfatizadas, se repetiram. Fale um pouco sobre como se deu a discussão em torno dessas questões.
- 14- A escrita final/documento impresso saiu como nos rascunhos?
- 15- Na sua opinião, o que o Documento Curricular mineiro de Educação Física representou para a Educação Física daquele período? Com a sua experiência na ef mineira, como a senhora percebeu a circulação do documento entre os professores da rede e sua real aplicação?
- 16- O documento reflete a educação física da sua época ou apresenta nuances de mudanças na área?

## ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

Professores elaboradores/colaboradores.

### **Perguntas de Abertura/Aquecimento:**

- Agradecimentos
- Nome/identificação
- Data completa de nascimento/localidade
- Formação (O que o (a) motivou ingressar no curso de Educação Física?)
- Trajetória/Experiência acadêmica-profissional/tempo de atuação/ tinha vínculo efetivo com a rede de ensino estadual no período da elaboração do documento.

### **Perguntas sobre o Documento Curricular mineiro de Educação Física de 1978:**

(Mostrar o documento impresso)

- 1- O que você entende por currículo?
- 2- Como surgiu o convite para participar da elaboração do Documento de EF de 1978? Foi em qual ano?. Onde estava atuando/trabalhando no momento do convite? Por que você acha que foi escolhido para participar daquele grupo?
- 3- Como foi a dinâmica/os procedimentos sob o ponto de vista prático para a elaboração deste documento? Fale um pouco dos encontros, dos locais, disponibilidade de tempo, se houve liberação da SEEMG. Houve algum tipo de participação dos professores da rede?
- 4- No final do documento há uma lista com os nomes dos professores que participaram desta construção curricular com a seguinte divisão: “Elaboração”, “Revisão” e “colaboração”. Havia uma função específica para cada grupo de professores/todos dialogaram/opinaram a respeito de todos os assuntos em conjunto?
- 5- Houve algum documento curricular precedente (fale um pouco sobre ele) que norteou o diálogo/discussões de elaboração do Documento de 78?
- 6- Houve algum estudo/referencial teórico/preparação anterior que subsidiou as discussões?
- 7- Como se deu o processo de seleção, discussão e desenvolvimento dos conteúdos? (Por que esses conteúdos/modalidades esportivas foram selecionados, por que não “peteca”, “tênis”, por exemplo)por que natação, por exemplo? Por que ginástica, etc?

- 8- Fale um pouco sobre como foi pensado a divisão em níveis dos conteúdos X níveis de desenvolvimento e habilidade dos alunos, bem como a divisão em ciclos e não séries.
- 9- Houve discordâncias/ acordos do ponto de vista: do conceito de EF definido para nortear todo o estudo, referencial teórico, metodológico, avaliação, conteúdos, outros que necessitaram tempo para esclarecimentos/convencimentos?
- 10- A escrita final/documento impresso saiu como nos rascunhos? Você teve acesso ao documento final em sua escola?
- 11- Na sua opinião, o que o Documento Curricular mineiro de Educação Física de 1978 representou para a Educação Física daquele período? Com a sua experiência na ef mineira, como a sra. (sr.) Percebeu a circulação do documento entre os professores da rede e sua real aplicação?
- 12- O documento reflete a educação física da sua época ou apresenta nuances de mudanças na área?

## ANEXO 3 – ENTREVISTAS



Entrevistadora: Simone de Lucas Agostinho Lima

Entrevistada: (ELABORADORA 1 – E1)

Transcrição da entrevista

**Pesquisadora:** Antes da gente começar eu já queria te agradecer de antemão a disponibilidade de você me receber aqui na sua casa pra essa entrevista, como eu disse anteriormente, o “pulo do gato” da minha dissertação serão os sujeitos que participaram da elaboração desse documento, então assim..., é de grande importância esse contato que a gente está tendo!

**Entrevistada:** No que eu puder ajudar...

**Pesquisadora:** Então eu gostaria, pra gente começar, que você se identificasse, falasse a localidade onde você nasceu, quando...

**Entrevistada:** Eu sou (XX), naquele tempo era “X” com um “c” você deve ver aqui no documento, mas meu pai arrumou nosso nome em São João Del Rei. Diz ele que, a história que ele contou foi que durante a guerra, o comandante do 11 simplificou o nome dos italianos porque lá em São João Del Rei é muito italiano e a tropa tinha muito italiano, do 11, e aí ele simplificou tirou dois “l”, dois “c” porque eles iam lutar na Itália contra o Mussolini então ele simplificou e quando eu já estava casada teve um juiz em São João Del Rei que resolveu reverter o processo pra quem quisesse e meu pai quis e aí eu troquei meu nome pra dois “c” e meus filhos já nasceram com dois “c”. Então nesse documento é com um “c”, mas meu nome atual é com dois “c”

**Pesquisadora:** Inclusive eu achei que o documento estava errado porque eu a conheci como “XX” com dois “c”, eu falei, acho que erraram a impressão (risos)

**Entrevistada:** Não, não é porque os antigos estão com um “c” só, inclusive diploma

essas coisas todas. Bom, eu nasci em São João Del Rei em 1951, sou da turma de 71 da UFMG, formei com 20 anos e com 21 eu comecei a dar aula na ESEFM, no sul de Minas em Muzambinho.

**Pesquisadora:** Aí...até antes disso, por que Educação Física? O que te motivou a ingressar na Educação Física?

**Entrevistada:** Meu pai era apaixonado pelo esporte, pela Educação Física e assim que a gente chegou em Poços de Caldas, que eu tinha 3, 4 anos, eu me lembro que desde os 5 eu frequentava a Caldense né e a Caldense ela só tinha glórias, Associação Atlética Caldense, e aí um médico da cidade que tinha muito dinheiro começou a dar dinheiro pra Caldense e ser o presidente da Caldense e meu pai foi ser secretário e ali ele ficou secretário da Caldense e eu fui criada ali dentro e com... pequenininha já ia pras aulas de atletismo que meu pai me levava e eu tinha assim pavor de saltar (risos) aí quando a gente tinha uns 9 anos, 10, a Caldense começou a construir o seu ginásio e... e então meu pai que gostava muito dos... eles chamavam Esportes Especializados né não tinha muito, não tinha ainda o Futebol de Salão e o Handebol, ele começou a ensinar pra gente a única coisa que ele sabia que eram os passes do Basquetebol. As bolas eram de couro feita a mão né e aí a gente começou, chegou em Poços de Caldas o professor que era formado, aqui na ainda no tempo, me parece, que a Escola de Educação Física era Ensino Médio, Marcelo Castelano, que foi um técnico de vôlei posteriormente, ele chegou em Poços de Caldas começou a ensinar a gente o Basquete na Caldense né, então eu tinha lá meus 11 anos quando isso aconteceu e comecei a jogar Basquete e aí a Caldense foi crescendo, fez o ginásio, fez uma sedezinha do lado, a gente jogava tênis de mesa, ping-pong e aí ela foi crescendo e a gente crescendo junto com a Caldense né, então eu joguei vôlei, joguei basquete e aí quando eu tava com quatorze anos chegou a segunda professora formada em Poços de Caldas que foi a Maria José Granato e a Maria José Granato, ela era apaixonado com Dança e Ginástica Moderna, e aí ela misturava, que hoje virou Ginástica Geral

**Pesquisadora:** Uhum

**Entrevistada:** Que não existia naquela época, então ela ensinou os primeiros passos de Dança e Ginástica Geral pra gente no Colégio Jesus Maria José onde eu estudava que era de freira né

**Pesquisadora:** Ahã

**Entrevistada:** E aí teve uma época que a Caldense a contratou e ela levou um grupo

que ela estava formando no colégio pra Caldense
<b>Pesquisadora:</b> Olha!
<b>Entrevistada:</b> E eu decidi ser professora de Educação Física com 11 anos
<b>Pesquisadora:</b> Nossa!
<b>Entrevistada:</b> Porque até então eu queria ser empregada doméstica (risos)
<b>Pesquisadora:</b> (Risos)
<b>Entrevistada:</b> Eu achava maravilhoso
<b>Pesquisadora:</b> O serviço em si? (risos)
<b>Entrevistada:</b> Você tinha uma casa pra morar, você tinha comida pra comer, era meu raciocínio né, e você ainda ganhava pra isso né (risos)
<b>Pesquisadora:</b> (Risos)
<b>Entrevistada:</b> E aí com 11anos eu decidi ser professora de Educação Física e nunca mais pensei em outra coisa
<b>Pesquisadora:</b> mudou de ideia...
<b>Entrevistada:</b> Nunca mais porque aí eu cresci dentro da Caldense, Caldense começou a fazer os Jogos Abertos de Poços de Caldas e que iam grandes equipes
<b>Pesquisadora:</b> Olha!
<b>Entrevistada:</b> E o Basquete feminino que tinha do Botafogo, que tinha a Norminha que era um espetáculo de jogadora e o Voleibol do Fluminense, é... Minas Tênis Clube, ia Pinheiros, Santos então assim, iam os grandes clubes das três capitais principais né, ia o Mackenzie, o Mackenzie tinha uma equipe de vôlei muito famosa feminina também e aí a gente tinha todo ano, foram vários anos, Jogos Abertos de Poços de Caldas com todas as equipes, mas o que eu mais gostei mesmo, quer dizer eu aprendi tudo nas quadras, quadra você aprende tudo
<b>Pesquisadora:</b> Ahã, é verdade!
<b>Entrevistada:</b> Se você cresce numa quadra você aprende tudo, você aprende é... a respeitar a você, o outro, a equipe tudo né e ainda tinha em poços de Caldas os jogos dos colégios
<b>Pesquisadora:</b> Intercolegiais?
<b>Entrevistada:</b> É, tinha os Intercolegiais e então a gente...tinham os Jogos da Média Mogiana que, apesar de Poços de Caldas não pertencer a Mogiana de São Paulo, a Caldense ia, ela era convidada, então meus pais eram diretores e a gente ia nos Jogos da Mogiana né e... era Franca, era São José do Rio Pardo onde a Caldense ia a gente ia né e

naquele tempo também tinham os desfiles né
<b>Pesquisadora:</b> Sim
<b>Entrevistada:</b> Todos os colégios faziam e a Caldense também fazia desfiles nos jogos então a gente era, teve uma geração que foi criada ali dentro assim com o esporte
<b>Pesquisadora:</b> Você viveu o esporte?
<b>Entrevistada:</b> Totalmente e aí quando eu chego aqui pra fazer vestibular, não aí eu fui da equipe de dança e ginástica a Zezé era muito criativa, gostava de dança e teatro então ela fazia as coreografias e teve um festival de ginástica em setembro de 1968 em Belo horizonte e... foi no Minas Tênis Clube, e eu achei muito importante isso pra mim porque naquela época a gente veio, representando a Caldense, não tem registro disso
<b>Pesquisadora:</b> Ah que pena
<b>Entrevistada:</b> Saiu nos jornais e etc... e na, aí a Zezé fez questão de me apresentar pro Élcio, pra Marluce, que foram meus professores, Élcio Paulinelli, e falou “olha ela vem pra cá ano que vem” e na Escola de Educação Física tinha o Sr. Élcio Munin que era do voleibol e que... ele era do Minas também e conhecia a Caldense muito, ele sempre ia lá, conhecia meu pai e tal e ele era secretário da faculdade e aí eu vim fazer vestibular né e a minha turma, nós tivemos uma prova de matemática em 69 que foi depois das 11 da manhã, um calor de rachar, fevereiro, depois de uma prova de atletismo que a gente tinha que fazer 400 metros, a gente tinha que fazer velocidade, às vezes tinha duas provas no mesmo dia tinha que fazer salto em extensão, tinha que fazer salto em altura, natação, ginástica e a parte rítmica, era a parte prática né e a parte prática era eliminatória e aí a minha turma tinha essa uma parte prática muito puxada que eu acho que era atletismo e depois teve a prova de matemática quase meio-dia, eu sempre fui péssima em matemática (risos), mas a turma toda tomou pau nessa prova, passaram pouquíssimas pessoas e a Escola de Educação Física era da PUC, ela era... a base dela da Polícia Militar né, meus professores eram generais e tal... e a Polícia Militar é que dava muita força pra essa escola me parece que ela era da PUC quando eu entrei depois a PUC não tinha mais interesse, na época
<b>Pesquisadora:</b> Em 69 também o governo
<b>Entrevistada:</b> Foi, em 69 o governo disse que toda universidade tinha que ter um Curso de Educação Física e aí a PUC passou para a Federal
<b>Pesquisadora:</b> Pra UFMG né
<b>Entrevistada:</b> É, eu formei na UFMG, entrei em 69 peguei a transição e 71 já era

<p>UFMG e... no primeiro ano meu já fez a transferência sabe, em outubro mais ou menos, e aí eu cheguei aqui com muita base, tanto de esporte com 17 anos um vigor né (risos) e de dança e ginástica</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Estava pronta pra começar</p>
<p><b>Entrevistada:</b> E aí eu fiz Educação Física e quando chegou quando eu me... no primeiro ano, eu fui professora primária porque eu era normalista</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Isso, aí agora eu queria que você contasse um pouco da sua trajetória acadêmica-profissional</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Eu era normalista né, eu formei na Jesus Maria José, Poços de Caldas, Escola Normal e aí eu cheguei em Belo Horizonte e fui dar aula num colégio que hoje eu acho que é Justinópolis, mas a gente ia no ponto final de Venda Nova e andava à pé até uma fazenda que dizem que o senhor tinha dado um pedaço lá pra pôr uma salinha de aula e então tinha a salinha de aula, tinha as crianças, a professora e não tinha mais nada (risos). Naquele tempo o meu pai me deu, que era supermoderno, o flanelógrafo! Comprava o flanelógrafo e dava para os professores</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Estudei num flanelógrafo (risos)</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Então me pai me deu de formatura e me deu, que eu tenho até hoje na casa da minha mãe até aquele com álcool</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Mimeógrafo (risos)</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Mimeógrafo à álcool, então eu era uma professora muito moderna!</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Gente!</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Mas aí eu dei aula, eu achei que eu tinha dado poucos meses de aula, mas não, quando eu fui puxar o meu tempo pra aposentar na UFJF eu vi que eu dei aula lá mais de um ano, entendeu? Então meu primeiro ano todo da faculdade eu fui professora primária, Colégio São Pedro e São Paulo, do Estado, e é... depois... era muito sacrifício né! Porque a Escola de Educação Física a gente fazia aulas práticas o tempo todo...</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E era o dia todo, como na UF?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Não. A gente começava sete e pouco da manhã acho que saía umas 11:30, 11:45 aí chegava em Santa Tereza, pegava dois ônibus, chegava em Santa Tereza, pegava o material, almoçava correndo, ia pra cidade, pegava um ônibus e ia pra Venda Nova então era muito, muito puxado</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Muito puxado né</p>

<b>Entrevistada:</b> Aí eu pedi demissão e comecei a dar aula, no Nobels Estética e Beleza que era do professor Fernando Grosso
<b>Pesquisadora:</b> E lá você
<b>Entrevistada:</b> E lá foi a minha primeira, na carteira minha de trabalho, foi a primeira... registro meu como...
<b>Pesquisadora:</b> Educação Física?
<b>Entrevistada:</b> Não, ele registrou a gente como... deixa eu pegar ali... aqui, era Nobels Estética e Beleza é... servente. Ele contratava a gente pra dar aula né, então tinha um plano certo e tal, pra dar Ginástica Localizada né, naquele tempo só tinha espalдар, os colchões no chão e tinha de maquinário tinha umas... que até tem hoje, até hoje você vê uns vibradores que tinha uma coisa de couro que a mulherada... tinha até briga por causa disso (risos), mas era aula mesmo de localizada
<b>Pesquisadora:</b> Lembro! Lá na Faefid tinha! Lá na Faefid tinha um desse, no Ginasinho!
<b>Entrevistada:</b> É?
<b>Pesquisadora:</b> Tinha!
<b>Entrevistada:</b> Então assim, nós brigamos muito com ele e ele falava assim, não... servente é quem serve e vocês aqui servem, à gente, então é... eu não sei nem se ele trocou aqui, mas eu acho que não, nós pedimos muito, falamos muito com ele e aqui... (olhando a carteira de trabalho) Nobels é...eu saí eu cheguei no mês um e saí no mês oito, tá vendo? De 70, então foi meu segundo ano da Escola de Educação Física
<b>Pesquisadora:</b> Entendi
<b>Entrevistada:</b> Né e aí, depois disso aqui, eu fui dar aula particular, então era o que eles chamam hoje de “personal” e eu ia na casa das senhoras dar aula
<b>Pesquisadora:</b> Ah sim
<b>Entrevistada:</b> Ah a fulana falava com a ciclana e assim e... quando foi em 71, meu último ano da faculdade, meu pai comprou um fusquinha e aí pra mim facilitou minha vida, em maio ele comprou, em junho eu peguei o fusquinha e aí eu comecei, nesse final de ano de terceiro ano, eu tinha mais mobilidade na cidade se não, era de ônibus mesmo né
<b>Pesquisadora:</b> E aqui é bem grande né (risos), é bem grande! Você chegou a trabalhar na rede estadual, municipal com educação física?
<b>Entrevistada:</b> Não, não trabalhei e aí... deixa eu ver se eu lembro, é bom olhar aqui porque eu já não esqueço né... tem tudo aqui (se referindo à carteira de trabalho). Aí,

<p>quando eu formei, eu fui tirar fotografia na Escola de Educação Física pra guardar de lembrança, eu e o menino que eu namorava na época que era da minha turma, o Valter Cipriano que é lá de Varginha ele era de Muzambinho, e aí eu cheguei lá e o diretor falou assim, ah o... como que ele chamava gente, ele é autor de livros até da Sociedade Brasileira de Literatura e tudo..., esqueci o nome dele..., ele tá precisando de um casal lá na... lá em Uberaba então eu lembrei de você e do Valtinho, aí o Valtinho falou assim, eu não quero, eu vou pra Muzambinho, eu não quero ir e eu falei, não eu vou, meu pai estava lá, na época, trabalhando num matadouro da Frenisa e aí eu fui morar com meu pai lá e dar aula na Sociedade de Educação do Triângulo Mineiro que hoje é a UNIUBE, Universidade de Uberaba</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Olha... e pra qual grau de ensino na época?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Naquela época eu dei aula no Ensino Superior pra... era Engenharia e Direito, me parece, que era obrigatório e... é no colégio, Ensino Médio. Eu fiquei lá só meio ano porque meu pai decidiu voltar pra Poços de Caldas, a história é longa, e aí ele não quis que eu ficasse lá. Por que ele não quis que eu ficasse lá, porque teve um Jogos Universitários, e eu ganhava muito dinheiro oh (apontando novamente para a carteira de trabalho), 1.500,00 cruzeiros, era muiiito dinheiro, eu era muito bem empregada, era um bom emprego</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Numa época que o professor tinha valor né</p>
<p><b>Entrevistada:</b> É..., e aí... Mário Palmério, era o dono disso daqui tudo, da Medicina, Odonto, Engenharia, Direito me parece na época e o Colégio Triângulo sabe e, chamava Sociedade de Educação do Triângulo e aí lá, nesse lugar, eu dava lá essas aulas e aí eles chamaram o Ministério de Educação porque eles queriam pôr o curso de Educação Física sabe, foi a primeira vez que eu falei pra um grande público, porque tava tudo cheio assim e aí eles deram a palavra ali, eu falei da importância da Educação Física e tal, depois a equipe do Ministério foi lá pra inspecionar, ver e tal. Bom, nessa época teve um Jogos Universitários lá, provavelmente porque eles promoviam né, não sei... e meu pai foi comigo assistir porque meu pai adorava quadra e eu falei ah, vamos pai, vai ter jogos tal..., chegamos nos Jogos e os rapazes estavam tomando cerveja, cachaça na hora que pedia “tempo” e nome feio né e lá em casa não podia falar nem “merda” né</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Ahã... aí ele não achou adequado, entendo</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Aí ele ficou horrorizado, aí ele foi convidado pra voltar pra Poços de Caldas e eu falei, pai eu vou ficar aqui porque tem um trabalho importante aqui e tal e o</p>

<p>lugar de trabalho era muito agradável também, o patrão era bom e tal... aí ele falou assim, de jeito nenhum que eu vou deixar você nessa cidade eles não respeitam o esporte (risos), você não vai ficar sozinha aí! Eu formei com 20 anos né</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> É muito nova né...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Muito nova, nessa época eu fiz 21 em Uberaba né, então eu fui com ele embora pra Poços de Caldas, tava lá em casa, aí eu arrumei emprego no colégio que eu estudei, Jesus Maria José, e aí chegou lá em casa uma pessoa que eu não conhecia que é Wiliam Perez Lemos né, que foi meu primeiro patrão de Ensino Superior mesmo de Educação Física, aí ele chegou lá casa e falou assim, oh eu ouvi dizer que você formou, que você era da Federação de Ginástica, que você entende de ginástica, eu era da Federação né o tempo todo que eu estava estudando eu trabalhei na Federação de Ginástica, voluntário né e tal, aí..., e que você gosta de ginástica e eu estou precisando de uma professora de Ginástica Geral, aí eu falei assim, legal né mexia muito com Ginástica Olímpica nessa época e aí, tinha sido atleta da Terezinha na Escola de Educação Física de Ginástica Rítmica né, chamava então já não era mais Ginástica Moderna chamou Ginástica Feminina Moderna e muito depois que eu formei foi Ginástica Desportiva... Ginástica Feminina Desportiva sei lá, chamava Ginástica Rítmica Desportiva que foi o que eu trabalhei em Juiz de Fora</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Isso, GRD</p>
<p><b>Entrevistada:</b> E hoje é GR só</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Isso</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Então essa parte da GR eu fui passando assim, primeiro como atleta e depois a Federação começou fazer demonstração e tal porque antes não tinha competição né, eu já tinha formado quando começou a competição que foi que a Betinha começou e foi atleta</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Isso, essa parte ela me contou</p>
<p><b>Entrevistada:</b> E eu já tinha saído do FEGIN né, da Teresinha nessa época, eu formei e fui para o interior né, não fiquei aqui, então assim, eu fui pra Poços de Caldas aí eu fui contratada na é... esse aqui é da... tá vendo do Triângulo também né (apontando para a carteira de trabalho) e eu fui contratada aqui, tá vendo, 07 de agosto de 72... né</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Muzambinho</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Em Muzambinho, eu formei em 71 e 07 de agosto eu comecei a dar aula lá e naquela época eles falavam que a gente trabalhando dois anos no Ensino Superior</p>

<p>poderia é... requerer uma bolsa de estudo pra... no Ministério, na Capes pra estudar na Alemanha, porque naquela época, o negócio era estudar na Alemanha né, era importante e aí eu falei, eu vou ficar dois anos em Muzambinho, gostava demais de lá, fui muito bem recebida pra poder conseguir a bolsa. Eu tava trabalhando em Muzambinho, morava lá na faculdade. Em Muzambinho, eu morei em Poços de Caldas, morei na faculdade, minha mãe mudou pra cá, e aqui eu morava aqui e ia em Muzambinho toda semana dar aula, onze horas de viagem</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Nossa...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> De ônibus</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Bem puxado né, bem puxado</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Dois ônibus, então aqui em Belo Horizonte então foi quando eu trabalhei em colégios, aqui (folheando a carteira de trabalho) tem o colégio Jesus Maria José junto com Muzambinho né e depois, aqui em Belo Horizonte tá vendo, eu já tinha voltado em 73 né, eu voltei, tá vendo 1º de outubro, por que, porque no meio do ano eu voltei pra Belo Horizonte, minha mãe já morava aqui na Praça Raul Soares, vim ficar com eles, dava aula nesse colégio, Abgar Renault, eu acho que era lá no Horto e dava aula nesse colégio aqui a noite, que era ali no... Barro Preto</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E eles eram estaduais ou municipais?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Particular</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Tudo particular</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Esse (apontando para a carteira de trabalho novamente) do Sindicato, à noite, Ensino Médio e esse aqui durante o dia que era um colégio particular que tinha lá no Horto certo, fiquei pouco tempo nesses colégios tá vendo</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Ahã...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> É... não gostei de dar aula pra criança e tudo, não gostei, gostava de dar aula pra adulto, aqui eu gostava muito que era adulto, aqui era criança (risos)</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Entendo...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> E aí eu continuei em Muzambinho, peraí, que eu já ia cumprir o prazo de dois anos e...</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Você continuou estudando, fez especialização, mestrado?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Oh, nessa época não tinha, não existia, existia os cursos da Federação</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Ahã</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Então eu tive curso de árbitro de basquetebol e árbitro de ginástica,</p>

trabalhava na Federação de Ginástica, fui técnica da seleção mineira de Ginástica Olímpica, na época, ia pra Campeonato brasileiro como juíza né
<b>Pesquisadora:</b> Ahã
<b>Entrevistada:</b> Também representando Minas Gerais, fiz algumas coisas assim, mas de trabalho, o quê que acontecia, eu dava aulas nesses colégios, chegava na quinta à noite eu pegava um ônibus até Alfenas, chegava lá quatro horas da manhã, eram seis horas sete de... Fernão Dias era...
<b>Pesquisadora:</b> Difícil né, o caminho
<b>Entrevistada:</b> E a gente, eu chegava sozinha quatro horas da manhã, quatro e meia, sentava lá no meio fio, sozinha e quinze pras seis começava abrir a rodoviária, aí abria o lugar do guichê e abria o cafezinho, que eu ia tomar um café com biscoito ou qualquer coisa assim e seis, seis e meia saía o ônibus pra Muzambinho, parte estrada de chão, aqueles ônibus de motor na frente
<b>Pesquisadora:</b> Ahã (risos), viajei muito nesses ônibus também
<b>Entrevistada:</b> (Risos) entrava é... galinha, engradado, tudo (risos), porco, entrava tudo e eu chegava em Muzambinho nove, nove e meia da manhã, era umas três horas de viagem é... toda empoeirada
<b>Pesquisadora:</b> Morta de cansada
<b>Entrevistada:</b> E aí tinha a professora Maria Helena, Maria Helena..., Helenão que ela chamava, ela era tinha sido professora lá e tinha deixado uma equipezinha começando a formar no colégio de criança na Ginástica Olímpica então é... eu, durante o dia, eu me dedicava né, porque eu não ganhava dinheiro nenhum com isso e à noite tinha a faculdade, tinha aula à noite e sábado pela manhã. É... nessa época, nós começamos, eu tinha feito quatro cursos, três eu acho, que o Ministério do Esporte, Ministério da Educação sei lá, tinha convidado uns professores da Alemanha pra darem um curso, que era um curso uma vez por ano, convidavam os técnicos de Ginástica Olímpica pra gente fazer e então eu tinha contatos, lógico na Federação e aí eu fiz esses cursos, eram cursos nacionais, os professores são convidados da Ginástica Olímpica pra fazerem esses cursos, então eu fiz esses cursos, fiz com o Rominho, a Emiliana também fazia, o povo da ginástica e aí eu conheci o povo da USP e o professor da USP, Púbio, ele gostava muito de mim, ele tinha sido meu professor nos cursos e ele me convidou pra ir trabalhar lá
<b>Pesquisadora:</b> Em São Paulo?

<p><b>Entrevistada:</b> É, mas eu fiquei com medo de enfrentar São Paulo e recusei, mas encontrei de novo o professor Púbio, que eu tenho muito respeito por ele, tinha um outro senhorzinho também baixinho que era juiz, esqueci o nome dele, tinha uma outra professora também da USP que era Sansei, uma fofura, esqueci o nome dela e eu conheci esse pessoal, mas eu não tive coragem e encontrei o professor Púbio novamente que a gente começou a fazer uma pós-graduação na UNAERP, Ribeirão Preto, estrada de chão de Muzambinho lá</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Hum...nossa (risos)</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Então eu dava aula em Muzambinho, de manhã, a gente pegava o carro eu, uma amiga minha de Cabo Verde, Lucília e um amigo que era do Futebol, que tinha formado em outra turma, a Lucília formou comigo, que era o Manoel, que morava em Poços de Caldas e dava aula na Faculdade, a Lucília nunca deu aula lá não, mas ela vinha de Cabo Verde, a gente entrava no carrinho, ou no meu fusquinha ou no carrinho dela e a gente ia pra Ribeirão Preto, na UNAERP, fazer a pós-graduação em Ginástica Olímpica</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Interessante...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Que era com o povo da USP entendeu? Aí a gente ia, a gente ia tranquilo, a Lucília não falou com o pai dela senão o pai dela não deixava ela ir e fomos assim, esse ano de 73 até no meio do ano, só que o Manoel... a Lucília terminou com o Manoel, o Manoel era apaixonado com a Lucília (risos) e aí o quê que ele fez? Ele parou de fazer o curso né</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E aí inviabilizou (risos)</p>
<p><b>Entrevistada:</b> aí foi eu e ela aventurar fazer isso, sozinhas</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Dirigindo as duas</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Só que a gente voltava sozinha e ia sozinha, durante o dia tava tudo bem, só que o curso terminava de noitão sabe</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Ahã...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Era à tarde e à noite no sábado e a gente voltava tarde e era junho, julho, final de junho, Festas Juninas e eles estavam fazendo as estradas de asfalto, que hoje é tudo asfaltado, então estavam nivelando, estavam aquelas máquinas enormes e... muito peão né</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Uhum</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Inclusive muito peão da cidade de Muzambinho e... um dia furou o pneu,</p>

<p>a gente tava na noite, na night, na estrada, terra, um breu e aí a gente teve que ter coragem de pedir ajuda, tivemos muita sorte, era um casal que ia pra um terço, eu lembro que era junho porque eles iam pra um terço numa fazenda</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Olha que bom</p>
<p><b>Entrevistada:</b> De Festa Junina, e ele trocou pra nós e aí nós não pudemos mais viajar, fazer esse curso porque a gente não tinha companhia masculina e a gente ficou com medo, prudência né</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Sim</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Abandonei o curso, tanto eu quanto ela abandonamos esse curso. Fiquei muito triste porque eu gostava muito do curso, o curso era muito bom. E aí é... eu fui até o final desse ano em Muzambinho, foi 73... 74 sei lá, eu trabalhei lá dois anos, em Muzambinho sabe, deixa eu ver aqui... é foi dois anos porque o quê que aconteceu, é... eu tava numa loja na rua São Paulo e o professor Reginaldo, que foi meu professor de atletismo na faculdade, encontrou comigo e os meus professores me chamavam de Faccion, oi Faccion o que você está fazendo aqui, então eu falei, ah tô aqui olhando vitrine e tal, mas você tá trabalhando, falei uai tô, tô indo final de semana a Muzambinho e tô nos colégios dando aula, porque nós estamos precisamos de gente no CEFET, eu vou falar com os professores. E aí eles me contrataram no ano seguinte sabe</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Pra trabalhar aqui?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Sim, aí eu parei com Muzambinho, tinha dois anos lá né, e... e comecei no CEFET</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Aí já estava dentro de Belo Horizonte, mais tranquilo</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Aí eu conheci a Eustáquia né, tinha a Eustáquia, Iara, eu e a Maria Helena e... a outra eu esqueci o nome</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Então no momento de elaboração desse documento curricular você estava no CEFET</p>
<p><b>Entrevistada:</b> CEFET</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Então agora, adentrando mais</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Aí eu conheci Eustáqui né</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Entrando agora no universo desse documento de 78, é... durante né toda a sua trajetória acadêmica com a Educação Física, hoje, o que você entende por “currículo”? O que é o currículo?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Eu trabalhei na UFJF 19 anos né</p>

<b>Pesquisadora:</b> Sim
<b>Entrevistada:</b> Aí que você perguntou das pós-graduações né, lá eu fiz, Treinamento Desportivo na federal do Rio de Janeiro e fiz Ginástica Rítmica na Gama Filho, com Deise Barros
<b>Pesquisadora:</b> Então a UFJF foi depois do CEFET?
<b>Entrevistada:</b> Foi, aí eu fui pra Alemanha estudar
<b>Pesquisadora:</b> Hum...
<b>Entrevistada:</b> Aí eu pleiteei, em Colônia, de eu ia estudar lá. Quem me ajudou muito foi Pedrinho, Pedrinho tinha voltado de lá
<b>Pesquisadora:</b> Pedro Américo? Na entrevista ele disse que esteve lá mesmo
<b>Entrevistada:</b> Ele tinha acabado de voltar de lá, eu acho que ele fez o doutorado até dele lá e ele tinha feito especialização em Atletismo e aí ele me ajudou muito porque... tradução de documentos, contatos essas coisas todas, só que eu não consegui a bolsa do Ministério porque eles falaram que teria que ter tido dois anos em Federal
<b>Pesquisadora:</b> Hum
<b>Entrevistada:</b> E eu tinha tido dois anos em Particular e aí meu pai teve que...
<b>Pesquisadora:</b> Custear
<b>Entrevistada:</b> Custear e eu fui pra lá em 1978, 30 de março comecei de abril de 78 e comecei... eu ia fazer dança porque aí eu dançava aqui na Escola de Dança Maria Helena Martins de onde nasceu o “Corpo”
<b>Pesquisadora:</b> Olha!
<b>Entrevistada:</b> É! Eu fazia aula junto com eles
<b>Pesquisadora:</b> Isso dava uma outra pesquisa (risos)
<b>Entrevistada:</b> E aí eu queria fazer especialização em Dança né, que era com a... uma argentina que era professora lá Pautilia, não Pautilia era nossa pianista, ela tinha qualquer coisa um nome assim, a pianista do Grugim e aí... Pautilia era pianista da Terezinha esqueci o nome da outra... era uma professora famosa lá e o curso lá demorava uns 4, 5 anos era puxado, a Escola de Educação Física Sporthochschule de Colônia é onde o Pedrinho tinha estudado e aí consegui a vaga e aí cheguei pro meu pai e falei assim, consegui a vaga... como é que eu faço e aí ele falou, quantas pessoas conseguiram essa vaga no mundo, e eu falei, poucas né e aí ele falou assim, então vai
<b>Pesquisadora:</b> Oportunidade única
<b>Entrevistada:</b> Né, então ele trabalhava na SUNAB e o que ele ganhava na SUNAB,

que eu acho que era 300,00... cruzeiros, não sei... ele mandava pra mim porque tinha que ter uma responsabilidade pra poder a gente ser estudante lá porque não podia ter... eles chamavam de “schwarze arbeit”, trabalho negro né, então não podia trabalhar lá, aí eu fui morar na Escola de Educação Física e fiquei lá, quando chegou em novembro minha mãe me avisou que o meu pai desde setembro estava sem trabalhar, porque ele teve a enfisema, uma crise de enfisema muito forte, tanto que ele teve dezenove anos com crise de enfisema e ele teve que parar de trabalhar e então ele só tinha o vencimento do quartel

**Pesquisadora:** Entendi...

**Entrevistada:** E aí em dezembro eu voltei. Eu não comecei o curso. Eu fiquei na Escola de Educação Física fazendo o alemão porque a prova de alemão era muito puxada, então eu estudava alemão na universidade e na Escola de Educação Física também tinha um curso de alemão. Eu fiquei lá o tempo todo estudando, lógico fazia uma aula ou outra de dança né, mas a dedicação era passar na prova porque eu podia fazer como ouvinte, mas eu era muito rígida comigo eu queria fazer especialização, aí voltei e é... teve uma seleção aqui na Escola de Educação Física pra Dança é a Maria Helena queria que eu fizesse aula na escola dela, Maria Helena Martins, e é... eu fiz a seleção, mas eu perdi pra Lúcia Guilherme que já tinha dois anos que estava na Federal de Juiz de Fora

**Pesquisadora:** Hum...

**Entrevistada:** Entendeu? E aí ela, eu fiquei em segundo lugar, a professora que era professora nossa de dança, Verinha, queria aproveitar o concurso porque ela queria eu dando aula com ela de dança, mas não consegui e eu fiquei muito triste. Naquela época eu falava inglês e alemão e arrumei um emprego pra ser secretária bilingue no Citibank

**Pesquisadora:** Olha

**Entrevistada:** Só que meu pai... de jeito nenhum, você tem uma profissão maravilhosa, e eu fiquei muito desencantada com o curso da UFMG, de jeito nenhum, você tem uma profissão maravilhosa e secretária naquela época tinha uma conotação muito ruim na sociedade, assim como professora de Educação Física né, mas... aí a Emiliana, o Rommel já tinham voltado, iam voltar da Alemanha ainda estavam lá em Colônia e..., mas tinha o Bassoli lá, a gente era muito amigo e o Bassoli pegou e me ligou, falou Elenice a Lúcia vai sair e eu queria que você viesse fazer aqui a seleção, aí eu fui né, fui até de carona com o Pastel (risos), nas primeiras vezes eu ia com o Pastel até mudar pra lá e... fiz lá a seleção, então foi a Maria Helena Ramalho e eu entramos pra Escola de

Educação Física
<b>Pesquisadora:</b> E isso foi qual ano que você chegou na UFJF então?
<b>Entrevistada:</b> 79
<b>Pesquisadora:</b> 79
<b>Entrevistada:</b> É, aí eu mudei pra UFJF, eu fui contratada eu acho que 02 de abril mais ou menos, e... acho que é 02 de abril mesmo, tá anotado aqui em algum desses aqui, e aí é...essa aqui eu acho que já é da UFJF...é não essa aqui ainda tem o CEFET e esse aqui UFJF, 79 02 de abril
<b>Pesquisadora:</b> 79, então foi é... logo após a elaboração desse documento você foi pra Juiz de Fora
<b>Entrevistada:</b> Sim, fui pra Juiz de Fora, fiquei 19 aos lá, você perguntou da minha profissão né?
<b>Pesquisadora:</b> Foi
<b>Entrevistada:</b> Então ainda tenho muita coisa pra te contar (risos)
<b>Pesquisadora:</b> Olha só (risos)
<b>Entrevistada:</b> Fiquei 19 anos lá
<b>Pesquisadora:</b> Foram 19 anos ao todo de UFJF?
<b>Entrevistada:</b> Foi, eu aposentei dia acho que 28 de abril na UFJF, não sei onde que tá, abaixo aqui, deve tá lá atrás e aí dia 01 de dezembro de 97 eu aposentei lá em 97 tentei levar... não tinha nenhuma faculdade em Juiz de Fora a não ser a Federal, tentei entrar em algum colégio pra trabalhar, embora eu não gostasse, mas por exemplo, no Grambery eu entrei com projeto junto com aquele professor de vôlei, esqueci o nome dele que foi meu colega de turma, o seu professor de vôlei
<b>Pesquisadora:</b> Juninho
<b>Entrevistada:</b> Juninho, um projeto de ginástica e o colégio não aceitou tá, tá tá... aí eu fiquei com dificuldade financeira mesmo porque eu já tinha separado
<b>Pesquisadora:</b> Ahã...
<b>Entrevistada:</b> Né, já tinha três anos divorciada, divorciada não, separada e tinha que manter uma casa muito grande, criança e tal e aí eu fui, descí em outubro pro sul de Minas distribuindo meu currículo eu tinha um trabalho grande de extensão
<b>Pesquisadora:</b> Sim
<b>Entrevistada:</b> Na Universidade Federal de Juiz de Fora, eu tinha sido chefe de departamento, tinha sido vice coordenadora de curso, então a gente tem,

academicamente, umas atribuições que eu tinha experiência de administração
<b>Pesquisadora:</b> Sim
<b>Entrevistada:</b> E aí desci com meu currículo e fui parar em Muzambinho, aí chegou em Muzambinho o Wiliam falou assim, eu quero você aqui pra trabalhar comigo, aí eu fui morar em Poços de Caldas com meus filhos
<b>Pesquisadora:</b> Você saiu de Juiz de Fora pra Poços de Caldas?
<b>Entrevistada:</b> E fui pra lá trabalhar lá, tá vendo? Fui admitida em 01 de dezembro de 97 e saí em 2000 é... e saí em 2000, mas quando eu morava em Poços de Caldas, eu fui trabalhar na em São José do Rio Pardo na Faculdade de Educação Física, entendeu?
<b>Pesquisadora:</b> Perto?
<b>Entrevistada:</b> 30 km, 60 km, acho que por aí, é norte de São Paulo, trabalhei lá, pedi demissão porque os alunos foram muito grosseiros, não eram a delicadeza dos meus alunos da Federal de Juiz de Fora né, eram uns alunos diferenciados e eu não gostei da atitude deles, uma prova que eu fui dar... pedi demissão...99, falei, não, não fico aqui, eu era... tinha só dois mestres, eles imploraram pra eu ficar, eu falei não fico, não tô acostumada com isso, não vou fazer isso mesmo, aí viajava novamente de noite, voltava de madrugada pra casa
<b>Pesquisadora:</b> Uhum...
<b>Entrevistada:</b> E aí eu trabalhei lá de fevereiro a agosto de 99, aí é... enquanto eu estava em Poços de Caldas, de 98 a 2000, eu trabalhei, viajava 1000 km,
<b>Pesquisadora:</b> Nossa...
<b>Entrevistada:</b> Coronel Fabriciano na faculdade lá, eu montei lá a Pró-reitoria de Extensão
<b>Pesquisadora:</b> Nossa, quanta coisa você fez depois da UF...
<b>Entrevistada:</b> E eles não queriam que eu sáísse, mas minhas crianças não queriam mudar pra Ipatinga, colégio lá era difícil, elas tinham... tavam acostumadas com Poços de Caldas e tal, e já estavam ficando mocinhas e aí eu pedi demissão, então eu fiz o trabalho de montar a Pró-reitoria de Extensão e aqui é... em 2000 né, a gente já tava com o conselho, em agosto de 2000
<b>Pesquisadora:</b> O conselho de Educação Física?
<b>Entrevistada:</b> O CONFEF é, eu participei do movimento, da primeira diretoria e tal, fez um congresso nacional aqui, no hotel aqui e no mês, dias anteriores, o Bosque tinha me indicado pra um cargo aqui porque eles estavam precisando de coordenador na

UniBH e eu tinha mandado, mas eu sou mestre né, sou Mestre em Educação pela Federal do Rio de Janeiro
<b>Pesquisadora:</b> Olha
<b>Entrevistada:</b> É, e aí, eu sou Mestre em Avaliação Educacional
<b>Pesquisadora:</b> Ah tá
<b>Entrevistada:</b> E aí é... eu mandei meu currículo pra cá e aí eles me telefonaram, nós não temos interesse em você porque nós queremos doutor, eu falei, tudo bem ótimo, aí eu vim pro congresso do CONFEF como é... é diretora né do conselho aí, com essa coisa do conselho a gente viajou demais, tudo quanto é universidade, trabalhava muito, é... trabalhava sem remuneração, logico né
<b>Pesquisadora:</b> Nossa...
<b>Entrevistada:</b> Isso era amor à arte né, o conselho sempre foi amor à arte e aí (risos), eu estava lá no congresso, o William também que era meu patrão em Muzambinho, tava no congresso também, William Peres Lemos, e aí a diretora daqui foi lá me encontrar que eu nem sabia que ela iria, chegou lá, não aqui é a Elenice, aí eu a conheci e ela falou, nós estamos querendo você, eu falei, como é que é, não, vai lá amanhã que eu quero que você converse com o reitor, aí eu vim aqui, conversei com o reitor, conversei com o Pró-reitor de Ensino e ela, fizeram um reunião e falaram que queriam que eu fosse a coordenadora, eles estavam com certos problemas no curso, que não vem ao caso, e queriam, o curso estava entrando no 3º período, pra te falar que eu não dormi aquela noite né (risos)
<b>Pesquisadora:</b> (Risos) de preocupação?
<b>Entrevistada:</b> Três vezes mais eu iria ganhar aqui
<b>Pesquisadora:</b> Nossa, então tinha que aceitar
<b>Entrevistada:</b> Sim né!
<b>Pesquisadora:</b> É... (nesse momento uma vizinha chamou à porta) Pausa.
<b>Entrevistada:</b> Aí, assim que eu vim pra cá, Fundação Cultural de Belo Horizonte
<b>Pesquisadora:</b> E aí valia à pena você ficar aqui
<b>Entrevistada:</b> Valia à pena, enfrentei minhas meninas e tal, vim pra cá, falei com o William é lógico, o William olha eu não posso te pagar isso acho que tá na hora de você mudar (tchau meu bem depois a gente conversa, obrigada), tá na hora de você mudar, eu não posso te pagar isso, é progresso seu profissional
<b>Pesquisadora:</b> Sim

<b>Entrevistada:</b> Ele é um amor, nós fomos amigos, muito amigos também e aí é... eu fui contratada aqui 24/08, que foi no dia seguinte que a gente tava lá, tava no congresso aqui e...
<b>Pesquisadora:</b> Eles queriam mesmo você
<b>Entrevistada:</b> É e saí de lá de Muzambinho abaixo foi até depois, até... não sei abaixo de Muzambinho sabe, aí eu fiquei aqui cinco anos. Aqui eu fui coordenadora de curso
<b>Pesquisadora:</b> Do Curso de Educação Física?
<b>Entrevistada:</b> Do Curso de Educação Física por um tempo, professora lógico e depois eles me puxaram pra reitoria, então eu montei o setor de Avaliação Educacional né que era do meu mestrado
<b>Pesquisadora:</b> Ahã
<b>Entrevistada:</b> Aí eu pude trabalhar com avaliação institucional legal e depois me convidaram pra eu ser Pró-reitora de Administração, no que eu falei pra eles, não quero porque não mexo com dinheiro dos outros, não sei nada de dinheiro, não sei número, não sei nada, eu entendo de administração um pouco de universidade porque eu vivi isso minha vida inteira, não a gente quer a senhora porque a senhora é de nossa confiança e tal, daquela diretoria que estava lá
<b>Pesquisadora:</b> Sim
<b>Entrevistada:</b> Mas ali morreu o reitor que tinha me contratado, passaram-se três reitores enquanto eu tava trabalhando lá, esses cinco anos, e aí entrou a reitora que não... não era da turma que tinha me contratado e ela me mandou embora, 01 de julho de 2005, aí depois de julho de 2005... é muito coisa né, eu fui contratada pela Bel, que era coordenadora, a Bel era nossa professora ali e quando a Estácio de Sá veio pra Belo Horizonte ela me convidou pra ser coordenadora de curso, que convidou o Ivanir, que tinha sido diretor na UFMG, que é marido da Terezinha e o Ivanir declinou e indicou a Bel, então a Bel era nossa professora de... de Handebol e veio, recebeu todo treinamento no Rio e então veio fundar o curso que era aqui
<b>Pesquisadora:</b> Olha
<b>Entrevistada:</b> Aqui onde tem esse campo de futebol, eles alugaram essa parte toda aqui e aí ela me contratou, tá vendo?
<b>Pesquisadora:</b> Sim
<b>Entrevistada:</b> Ela me contratou 2007, em outubro, então eu saí em junho da UniBH e fui contratada de 2007, aqui 2005 eu saí aqui né, e dois anos depois, um ano e meio

depois, dois anos, dois anos e pouco eu fui contratada pela Estácio e pedi demissão pra aposentar aqui
<b>Pesquisadora:</b> Em 2013
<b>Entrevistada:</b> Em 2013 eu aposentei tá, só que nessa época eu também fui contratada pela Fundação Presidente Antônio Carlos que era o curso de Ribeirão das Neves
<b>Pesquisadora:</b> UNIPAC
<b>Entrevistada:</b> Então eu fui contratada como professora adjunta e depois eu preparei a faculdade pra avaliação né do Ministério e... virei coordenadora de curso, aqui coordenadora de curso tá vendo, eu fui contratada em 07 de fevereiro e virei coordenadora de curso 01 de abril, dois meses depois
<b>Pesquisadora:</b> Que trajetória hein! (Risos)
<b>Entrevistada:</b> (Risos) muita coisa né! E aí, isso aqui até eu tô esquecendo, ah é aí depois disso que eu ganhava muito dinheiro, 5.000, aí, mas a estrada minha filha eu chegava aqui quase 1 hora da manhã, essa estrada BR-040 que já estava super perigosa e aí o Lacio que era, que é também... do conselho e, já conhecia o Lacio a muitos anos e tal ele que tinha me levado lá pra fazer a Pró-reitoria lá de Ipatinga, aí ele falou assim, Elenice tô precisando de você aqui e tal, aí me contratou eu tinha até esquecido disso aqui, que não era Educação Física, então ele falou assim, não eu te contrato daqui um tempo você começa ganhar o que você estava ganhando lá e aí eu fiquei em dúvida né, mas aí, pra não enfrentar estrada sozinha né, porque às vezes eu chegava aqui muito tarde porque lá só tinha curso à noite
<b>Pesquisadora:</b> Tinha os inconvenientes né... e exige muito nesse sentido da segurança
<b>Entrevistada:</b> Entendeu, lugar muito perigoso, perigoso por causa de presídios...
<b>Pesquisadora:</b> Ahã...
<b>Entrevistada:</b> Então assim, eu larguei aqui por causa disso, entendeu, porque pra ficar mais fácil pra mim né, e aí, eu saí de lá em 2012 e em 2013 eu pedi demissão da Estácio pra poder aposentar, só que eu não quis aposentar (risos), aí, eu fiquei 2014 em casa e 2015 fui fazer o curso de professor de Yoga e, desde 2015, no estágio que eu fiz, eu continuei dando aula de Yoga aqui, na minha casa
<b>Pesquisadora:</b> Ah que interessante! Dando aula de Yoga, que paz...
<b>Entrevistada:</b> Pedi pro condomínio, o condomínio deixou, dou aula aqui como se fosse aula particular
<b>Pesquisadora:</b> Ahã

<b>Entrevistada:</b> Então tem assim, por hora, eu tenho umas dez alunas só né, mas é legal porque eu gosto e... e a Yoga é bem legal, é um universo pra você continuar estudando e eu estudo muito Yoga
<b>Pesquisadora:</b> Muito interessante Elenice
<b>Entrevistada:</b> Aí o ano passado eu comecei eu comecei fazer uma Pós-graduação em Arte-terapia que é de uma faculdade de Curitiba com uma instituição daqui e de uma psicóloga que é nome aí da Arte-terapia, não sabia o que era e... tô adorando, tô na fase de TCC, terminando e terminando o estágio que a gente termina em setembro e em novembro tem apresentação de TCC, dos relatórios de estágios e eu faço as sessões aqui também, toda semana, com pessoas que eu convidei pra ser nossos, a... nossos clientes vamos dizer assim né, eu com um colega, a gente faz as sessões de Arte-terapia aqui
<b>Pesquisadora:</b> Você enveredou pra outros caminhos também
<b>Entrevistada:</b> É, porque eu adoro arte e quando eu recebi o folheto do curso eu não sabia que era pós-graduação, entendeu, achei que era um curso assim de um ano, a vou fazer né, cheguei lá era um pós pesada (risos) que nossa senhora, fico o dia inteiro sentada aqui né, fazendo... estudando
<b>Pesquisadora:</b> Ahã
<b>Entrevistada:</b> Lendo né, porque Arte-terapia estuda Jung e a gente tem que estudar tudo do Jung né, a parte de símbolos né, sonhos tudo né
<b>Pesquisadora:</b> Muito interessante...
<b>Entrevistada:</b> Porque eu adoro arte né, então...
<b>Pesquisadora:</b> E aí, voltando aqui pro Currículo de 78
<b>Entrevistada:</b> O quê que é currículo né? Eu tive experiência com currículo, eu não estudei sobre currículo, vamos dizer assim, não sei nem se eu tive alguma matéria no mestrado sobre currículo porque meu mestrado foi em Avaliação Educacional, pode ser que eu tenha tido, o que exatamente, né, você quer saber de currículo?
<b>Pesquisadora:</b> Porque esse currículo aqui ia nortear a Educação Física do Estado nesse período, o que você entende que é o currículo?
<b>Entrevistada:</b> Hoje?
<b>Pesquisadora:</b> Sim, hoje
<b>Entrevistada:</b> Vamos dizer assim, eu tenho que fazer uma crítica o que eu quero no currículo de Educação Física, porque esse aqui é do Estado
<b>Pesquisadora:</b> Não, o que você entende, de um modo geral, por currículo, o que é o

currículo
<p><b>Entrevistada:</b> Eu sou muito tradicional nesse caso, entendeu, eu estive em instituições que eu não vou nem declinar de falar o nome, que unificaram o currículo. Eu acho que o Brasil, acho não né, o continente, se você andar pelo Brasil, porque eu andei muito pouco, tem diferença até de Belo Horizonte pro interior de Minas, então a Educação Física, principalmente a Educação Física que mexe com o corpo né, Educação Física é saúde e educação, então o quê que acontece, cada região tem a sua peculiaridade, só que, lógico que a gente não pode pipocar igual colcha de retalho, mas eu não acho que um currículo deva ser nacional porque cada região nossa, vamos fazer por região, cada região nossa tem um tipo de povo, tem um tipo um tipo de cultura, o currículo, pra mim, ele tem que refletir a cultura do sujeito que vai tá. Ah tem universidades que unificaram, pelas quais eu passei, que passou pelo processo de unificar e que eu sou totalmente contra. Por que? Ah porque que se um aluno nosso for transferir do norte pro sul ele não vai sofrer com as diferenças né, e ele vai poder sair do curso de Direito de lá e entrar no mesmo curso de Direito, mesmo período, mas quantos se transferi, pra você poder, pra você justificar, quantos transferem por ano, são 20, 30, pra você justificar um currículo igualzinho pra todo mundo, então o que eu entende de currículo, currículo pra mim, por exemplo, de Educação Física, eu vivenciei isso bastante aqui no UniBH, porque eu peguei um currículo já feito que teve que ter uns ajustes, a pedido da diretoria e da reitoria, alguns ajustes em disciplinas tá, e no entanto nós mantivemos Esportes Complementares que tinha uma noção de outros esportes que eram afins à Belo Horizonte, por exemplo, Badminton tinha em Belo Horizonte, Badminton né e aí a gente tinha os Esportes complementares que os professores iam trabalhando com a realidade do lugar, se você falar então em Ginástica Rítmica, a Ginástica Rítmica ela praticamente saiu de todos os currículos entendeu, a Ginástica Olímpica em colégio, o quê que você vai trabalhar, qual o colégio que tem material pra você trabalhar ela na plenitude, não tem né, então, pra mim, o entendimento de currículo de Escola de Educação Física teria um núcleo comum, lógico um núcleo comum, básico, no entanto, outras disciplinas que atendessem regionalismo entendeu</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E para a Educação Básica, Ensino Fundamental?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Olha, vou te falar a verdade, eu sou muito por fora disso tudo, sabe</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Você ficou bastante tempo no Ensino Superior né</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Não trabalhei com Ensino Básico e Fundamental, eu posso falar da</p>

minha experiência pessoal né, eu... na minha experiência pessoal era só queimada, em colégio

**Pesquisadora:** Entendo

**Entrevistada:** Não tinha mais nada, na hora que tinham os jogos escolares, quem que ia para os jogos escolares, as atletas da Caldense, raramente entrava uma ou outra menina que gostava e que ouvia o pássaro cantar não sei onde e entrava nos times, é, porque o meu esquema de vida foi, teve um clube, hoje nós não temos nem isso

**Pesquisadora:** “X”, então na época da elaboração desse documento você estava no CEFET?

**Entrevistada:** Tava no CEFET e a Educação Física muito valorizada justamente por causa do regime de trabalho de... de político né, então isso interfere no quê que a sociedade vai entender por aquilo, então por exemplo, até tenho um artigo escrito que tá, que o conselho quando foi instituído, ele distribuiu, que eu escrevi para o Estado de Minas em que é... quando era jovem, a minha avó italiana, filha de italiano né, lá de São João Del Rei pergunta, e aí minha filha você vai fazer o quê, eu falei, eu vou ser professora de Educação Física e eu escrevo isso no artigo não sei nem onde que tá, senão eu podia até te dar, uhlá..., ninguém vai querer casar com você, por que, porque é... eu na Caldense, a gente atravessava a rua tava na Caldense, então você tava com roupa esportiva, mas nem existia, não existia malha, não existia colant, não existia nada, foi se fazendo nosso vestuário à medida que eu fui crescendo e fui entrando na ginástica, mandava fazer na costureira, aqui tinha a Dona Lourdes que tinha uma lojinha ali na... na rua São Paulo e que a gente... a Terezinha bolava, fazia, fazia pro balé, acho que faz até hoje, mas não existia essa roupa, não existia malha, nosso nossa primeira roupa no basquete a minha mãe fez de cetim né, entendeu, então o quê que acontece, a Educação Física, eu peguei uma fase que ela foi evoluindo né, tanto em material quanto bola, material de ginástica e tal como o material que a gente usava, então o quê que era a Educação Física então nessa época né, é... ela era valorizada pelo... pelo governo vamos dizer assim, ah tem que ter todo mundo tem que ter Educação Física, todo mundo tem que fazer no Ensino Superior, tem que ter nos colégios, todo mundo porque se forma uma sociedade... né, porque eu fui educada que a Educação Física era da saúde, então todas as fases da Educação Física entendeu, porque assim, você vai fazer ginástica porque você precisa ser uma boa mãe (risos), pra você ter saúde

**Pesquisadora:** Estava associado né...

<p><b>Entrevistada:</b> Entendeu, meu pai falava em casa, você vai praticar esporte pra você ser uma boa mãe, entendeu, então assim, essa fase, tem as fases da Educação Física militarista né, não sei o quê... a gente, eu mais ou menos passei isso, tô com 67 anos, eu tô na Educação Física desde que eu me entende por gente, tem 61 anos que eu aprendi a nadar né, em Poços de Caldas né, entendeu, então assim, eu peguei essa evolução e continuei nela né, hoje eu tenho meus professores aqui, foram meus aluno na UniBH né, alguns são (risos), entendeu</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E como</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Já com filhos, eu sou bisavó, tataravó da Educação Física! Eu tive aluna que eu encontrei no evento lá de Poços de Caldas, como é que chama, esses eventos que o Paulino faz, de Educação Física são cursos né, eu encontrei uma vez em Poços de Caldas, na década de 70, 78 por aí, encontrei lá em Poços de Caldas uma ex-aluna de Petrópolis que a filha dela já era formada em Educação Física, estavam a mãe e a filha fazendo os cursos, entendeu (risos), oi professora! Se em 79 eu já era avó, imagina agora (risos)</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Pra gente entrar um pouquinho mais aqui no currículo, senão a gente não vai conseguir até às 4 horas, como é que surgiu o convite pra participar da elaboração desse documento?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Da Eustáquia, não me lembro mais, a Eustáquia, a gente trabalhava junto no CEFET, ela falou, eu não entendi muito bem o que era né, eu não participei das reuniões de organização, de nada, o que eu fiz foi baseado no meu conhecimento da época e da bibliografia que eu tinha, né</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Por que você acha que foi escolhida pra participar, junto com a Eustáquia, da elaboração do documento?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Eu era muito ativa na Federação de Ginástica, muito ativa</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E aí...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Eu tive um bom tempo, desde quando eu era estudante tanto quanto quando eu voltei pra cá é... eu sempre ajudei na Federação de Ginástica</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E como é que foi a dinâmica sobre o ponto de vista, assim, dos encontros, se tinha local pra vocês discutirem a respeito</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Não me lembro, não me lembro, eu lembro que eu tive muito</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Houve pagamento, liberação pra trabalhar?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Eu acho que teve, acho que teve sim, liberação pra trabalhar não</p>

<b>Pesquisadora:</b> Então era fora do expediente de trabalho?
<b>Entrevistada:</b> Fora, pra mim foi, fora do expediente, não me lembro de ter tido folga nenhuma, eu me lembro sim que a Eustáquia veio, pagou e eu discutia com a Eustáquia, ela que me orientou de como fazer e tal
<b>Pesquisadora:</b> Entendi, ela foi a ponte entre o que precisava
<b>Entrevistada:</b> É, muitos anos depois eu fui ler, eu falei, era o material que a gente tinha na época, eu sempre fui muito de comprar livro né, então eu sempre tive o material de ginástica
<b>Pesquisadora:</b> Entendo... como você disse né, não teve liberação fora do trabalho, você também não atuava no Estado, você estava no CEFET nessa época da elaboração... e algum professor da rede estadual participou, junto com vocês, da elaboração?
<b>Entrevistada:</b> Comigo não
<b>Pesquisadora:</b> Com você não... No final aqui do documento Elenice, até a gente tava olhando, tem essa divisão, “Elaboração”, “Revisão”, “Colaboração” é... tinha alguma função específica, porque a Betinha também tava responsável por “Ginástica”, pelo que ela já disse na entrevista, mas você está aqui na elaboração, vocês tiveram algum contato, você e a Betinha? Pra discutir?
<b>Entrevistada:</b> Eu tinha muito contato com a Betinha por causa da Federação de Ginástica, acho que nessa época ela já era atleta, porque ela... eu fui atleta, depois que eu deixei de ser atleta, que eu formei, que a Betinha foi ser atleta, mas a gente se dava muito bem porque ela é prima da Gláucia e a Gláucia era minha colega na Federação também na parte de Ginástica Olímpica e a gente se conheceu aí não foi na Escola de Educação Física e eu não me lembro como é que foi...
<b>Pesquisadora:</b> Mas não teve nenhum diálogo a respeito da elaboração em si?
<b>Entrevistada:</b> Não, eu acho que não, não me lembro, se foi eu não me lembro (risos), é... eu me lembro muito meu contato com a Eustáquia, aí sim, o Luís Afonso, ele trabalhava no mesmo departamento que a gente, então nós três trabalhávamos no CEFET, só o Pedro que não.
<b>Pesquisadora:</b> Entendi, então toda conversa a respeito era realizada através da Eustáquia
<b>Entrevistada:</b> O Elcio também trabalhava lá no CEFET, ahã, isso através da Eustáquia, então tinha o Wilson Camelier que trabalhava lá, o Elcio, o Luis Afonso, Eustáquia e eu, são quatro professores que trabalhavam no CEFET, nessa época

<b>Pesquisadora:</b> Entendo, houve algum documento que precedeu esse de 78 que serviu de subsídio pra elaboração?
<b>Entrevistada:</b> Não sei, não sei, não lembro, eu não posso te ajudar muito nesse documento porque eu não lembro dele não (risos)
<b>Pesquisadora:</b> E sobre o material de Ginástica, houve algum referencial teórico que te ajudou nessa parte específica da Ginástica?
<b>Entrevistada:</b> Foi a..., se não me engano, o livro da Erica Sauer, que eu não tenho ele mais, senão podia..., esse “Ginástica rítmica escolar” aqui, me ajudou muito na época, a Sauer
<b>Pesquisadora:</b> Entendo, e “X”...
<b>Entrevistada:</b> Tinha um livrinho também, esses aqui são, eram clássicos, só tinha isso. Deixa eu te explicar uma coisa, essa época, pelo menos a época de 69 até um bom tempo depois, eram poucas as publicações no Brasil, a literatura era muito pequena e a gente é... por exemplo, aqui tem “Guia de educacion física em la escuela primaria”, “La educacion por el movimiento em la edad escolar”, entendeu
<b>Pesquisadora:</b> Ahã
<b>Entrevistada:</b> O que vinha, vinha da Espanha, e a gente, quer dizer, a gente lia espanhol, a publicação brasileira é muito recente no sentido de que nessa, você imagina, 70 não tinha publicação, o livro que nos dava referência era esse da Sauer, era um livro, ele tinha uma borda azul assim e as crianças brincando com corda, arco, essas coisas, que era a Sauer, e da Ilona eu me lembro uma capa azul, era um livro menor, a ilona pegava um pouco mais, mas não escolar, entendeu
<b>Pesquisadora:</b> Entendo, uma parte mais performática, digamos assim,
<b>Entrevistada:</b> Era, mas era isso e esses aqui, tá vendo, Buenos Aires, Buenos Aires
<b>Pesquisadora:</b> Ahã...
<b>Entrevistada:</b> Tá vendo, eram poucos de Buenos Aires, mais da Espanha entendeu
<b>Pesquisadora:</b> Entendo... você se lembra com a Eustáquia, de algum diálogo a respeito de... por que esses conteúdos foram selecionados?
<b>Entrevistada:</b> Não, não, eu não tinha contato com o Estado, eu não tinha contato com o Estado meu contato com esse documento foi só com a Eustáquia, eu não me lembro da gente, de eu ter perguntado alguma coisa assim, não me lembro
<b>Pesquisadora:</b> Entendo... você ficou é... mais com a parte da Ginástica?
<b>Entrevistada:</b> Só, fiquei só focada ali, só

<b>Pesquisadora:</b> Assim então, você não teve contato por que Natação, por que Basquete, por que...
<b>Entrevistada:</b> Não, não
<b>Pesquisadora:</b> Entendo, aqui tem uma parte que mostra os níveis de desenvolvimento e como foi dividida a Ginástica, tá vendo, atividades rítmicas, atividade rítmica, por exemplo, ela começou né, foi dividida pra 1ª a 8ª, você se lembra por que que houve essa divisão em níveis, de acordo com as habilidades... o que foi pensado pra isso?
<b>Entrevistada:</b> Olha, você vê, aqui é lógico que eu peguei as autoras, mas nesse trabalho aqui, provavelmente eu peguei o meu conhecimento de desenvolvimento de criança, é lógico que eu tive muito mais depois, mestrado e tal, mas a gente estudava antes o desenvolvimento que não tinha ainda aquele nome motricidade não sei o quê, que teve nas faculdades, a gente estudava uma psicologia do desenvolvimento antigamente e tal, provavelmente foi por isso tá, e interessante que eu não lembrava, porque tem muito tempo que eu não abro isso, que se chamou “Atividades rítmicas” e não “Ginástica rítmica” tá, e eu usei “Atividade musical cantada” no meu mestrado que foi o tema do meu mestrado na pré-escola, entendeu, eu não estudei pré-escola, mas eu estudei “Atividade musical cantada na pré-escola” em que eu sempre me preocupei com ritmo, porque eu estudei acordeon até o último ano do conservatório
<b>Pesquisadora:</b> Olha!
<b>Entrevistada:</b> Eu larguei, comecei estudar acordeon com 8 anos
<b>Pesquisadora:</b> Além disso tudo que você me contou? (Risos)
<b>Entrevistada:</b> (Risos) Eu sou hiperativa, só descobri isso em 2013 quando eu aposentei, aí que eu descobri que eu era hiperativa porque eu faço um monte de coisa ao mesmo tempo, de arte à atividade rítmica, então o quê que aconteceu, eu estudei acordeon desde os 8 anos e fiz conservatório e eu larguei o acordeon quando eu entrei na Educação Física porque não dava tempo de eu estudar mais, tenho até hoje meu acordeon aí e tal, então eu sempre fui preocupada com atividade rítmica, provavelmente, esse tema foi discutido com a Eustáquia e o nome, provavelmente, foi por essa influência que eu tive sabe, que inclusive, eu trabalhei com iniciação musical chamado “ritmo” dentro da Ginástica Rítmica porque eu achava importante o professor de educação física ter esse conhecimento de ritmo
<b>Pesquisadora:</b> É, inclusive, dentro do documento fala sobre adaptação do material que o professor deve trabalhar...

<b>Entrevistada:</b> A adaptação de material, eu trabalhei com isso muito tempo dentro da Ginástica, inclusive, dei uns cursos na Federação de Ginástica à convite da Terezinha sobre a adaptação de material de Ginástica Rítmica para professores e técnicos
<b>Pesquisadora:</b> Que irão atuar também né...
<b>Entrevistada:</b> Sempre fiz isso e eu tinha um curso também de formação no Conservatório de Campinas, eu fiz antes de entrar na Escola de Educação Física, de bandinha rítmica então eu sempre tive muita preocupação com a música, o quê que ela traz, então esse conhecimento foi encontrado aí também
<b>Pesquisadora:</b> Então provavelmente o nome né... atividades rítmicas e não GRD
<b>Entrevistada:</b> Foi, foi, não era nem Ginástica Rítmica Desportiva que chamava naquela época, acho que era Ginástica Rítmica Moderna, eu acho
<b>Pesquisadora:</b> Sim, acho que pelo que a Bete falou é verdade... então você não teve uma outra professora pra dialogar a respeito da Ginástica, não houve esse momento?
<b>Entrevistada:</b> Não me lembro, eu lembro que os meus diálogos foram com a Eustáquia
<b>Pesquisadora:</b> E com a Eustáquia, vocês chegaram a discordar, em algum momento, com o que deveria ou não entrar nessa parte de ginástica?
<b>Entrevistada:</b> Não, não, não, não teve discordância com a Eustáquia, a Eustáquia, ela era muito, vamos dizer assim, mais alerta e de conhecimento desse sistema de escola, entendeu, ela sempre foi muito autoridade nesse ponto eu poderia ser uma autoridade só na Ginástica, entendeu
<b>Pesquisadora:</b> Entendo, então essa discordância ou mesmo sugestão do ponto de vista de metodologia, avaliação, isso vocês não chegaram a conversar
<b>Entrevistada:</b> Não, não porque eu só tinha interesse em metodologia de ensino de Ginástica e de Dança
<b>Pesquisadora:</b> E sobre esse aspecto, vocês chegaram a discutir ou ela deixou totalmente na mão de vocês
<b>Entrevistada:</b> Não me lembro, não me lembro
<b>Pesquisadora:</b> Entendo é..., a discussão final, o que está aqui no papel, foi o que você tinha pensado pra Ginástica, o que saiu aqui foi o documento final?
<b>Entrevistada:</b> Foi, foi
<b>Pesquisadora:</b> Você teve acesso ao documento depois?
<b>Entrevistada:</b> Tive, eles dão acho que dois exemplares ou três pra cada um de nós, não me lembro do lançamento, não me lembro de nada, eu lembro que eu recebi acho que

<p>foi dois exemplares e depois não falei mais nisso, não vi isso, não sei se foi implantado se não foi, se existiu se não existiu, se ajudou se não ajudou</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Entendo, você não teve contato com nenhum professor que trabalhou...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Eu trabalhei com um professor de formação de professores, eu lembro que uma época, a UFJF fez umas incursões ali por perto de cursos pra formação de professores e tal e que eu me preocupei de levar a atividade rítmica pra esses professores como eu levava normalmente para os meus alunos de faculdade, entendeu, mas eu não lembro de ter usado esse material</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Entendo, é... aqui</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Inclusive a formatação, ela foi dada acho que foi dada pela Eustáquia, essa formatação, objetivo, conteúdo, essa formatação</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Ah sim, ela trouxe essa sugestão de formatação como vocês deveriam... entendo</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Eu não me lembro de ter influenciado na estrutura do documento sabe, eu não me lembro disso</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Logo no início, vem falando a respeito do conceito de Educação Física que esse documento traz, que é uma Educação Física não só voltada pro aprimoramento físico, mas também pro desenvolvimento de habilidades intelectuais é... dentro da Ginástica, que você teve uma participação então, só a participação da Ginástica, você teve essa preocupação de não só o aprimoramento físico ou não foi pensado a respeito desse conceito de Educação Física?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Todo trabalho que era feito naquela época, era pra a gente, quando começou essa discussão de... ah não vai ser esporte, não pode ser tão direcionado pro esporte, tem que ser um desenvolvimento mais completo e tal, isso aí, eu sempre concordei, que a atividade rítmica ela ajudava a criança em vários aspectos, por exemplo, o desenvolvimento cognitivo né, quando a pessoa aprende ritmo, aí podemos colocar a música, que entra melodia, harmonia, ela desenvolve certos setores do cérebro que hoje a gente sabe, mas naquela época eu já tinha esse conhecimento, essa intuição de que a gente é... auxilia a criança no desenvolvimento cognitivo dela, por exemplo, elaborar questões matemáticas e se organizar, entendeu</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Havia essa consciência nesse período?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Havia e havia também pra mim, na Educação Física, todo aprendizado que o corpo da gente traz né, quando a gente mexe com esse corpo né e hoje a gente</p>

<p>sabe que a gente... e naquela época a gente já falava né o corpo é movimento né e hoje a gente sabe né, nos estudos de neurologia e tudo que a gente tem que mexer com o corpo e aí a atividade rítmica, o ritmo, o ritmo da ginástica né, geralmente, a ginástica, a atividade rítmica e a dança carregam essa responsabilidade, mas se você for colocar uma criança pra jogar jogo de bola né é... qualquer jogo de bola de quadra ou mesmo atletismo que tem ritmo 1 2 3 ... la la la, tem o ritmo envolvido, então essa consciência eu já tinha né, eu não sei se eu coloquei aqui no trabalho porque eu já não me lembro mais de nada, mas já existia essa preocupação de levar na Educação Física algo mais que o aprimoramento físico, muito mais</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Algo mais que o aprimoramento físico...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Muito mais, tanto que nós fizemos um trabalho maravilhoso no CEFET de dança e atividade rítmica lá</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E “X”,</p>
<p><b>Entrevistada:</b> E virou dissertação de mestrado também (risos)</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Daria uma outra pesquisa, olha só!</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Que era o Festival de Dança que eu e a Eustáquia criamos (risos)</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Na sua opinião, o quê que esse documento representou pra Educação Física daquela época?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Não sei! Eu não tive nenhum contato com o Estado, sinceramente eu não sei</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Em termos assim, da circulação dele, você não percebeu a circulação que ele teve entre os professores da rede?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Não, eu não tive essa percepção pelo seguinte, eu não tinha contato algum com professor de rede, é... eu não tinha aulas pra dar na rede, eu nunca soube como funciona o Estado, entendeu</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Sim entendo</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Eu funcionava é... CEFET, Federação de Ginástica que era esporte, campeonatos brasileiros e fim</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Entendo, você foi uma parte bem direcionada à técnica da</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Direcionada à técnica da ginástica, exato entendeu, então eu não sei da repercussão, não sei o quê que aconteceu, não sei se ele foi adotado se não foi, eu não sei a história desse documento não</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E você acha que esse documento, na época, ele refletiu a Educação</p>

Física daquela época, ele é o que acontecia naquela época em termos de Educação Física?
<b>Entrevistada:</b> Em termos de Educação Física no CEFET
<b>Pesquisadora:</b> Ou se ele apresentou...
<b>Entrevistada:</b> O CEFET era federal e Ensino Médio ok, no CEFET tinha isso tudo menos a natação que a gente não tinha, não tinha a natação, não tem... acho que até não tem piscina lá entendeu, então é... essas habilidades dos movimentos básicos que veio muito sabe do que, da psicomotricidade já estava começando naquela época e eu tinha feito um curso na Federal de Viçosa especialmente, um curso muito bom que até hoje eu lembro dele, com um professor do Rio Grande do Sul sobre psicomotricidade entendeu, que são essas... isso aí, depois virou disciplina, não sei o que, aí virou pós-graduação pra pedagogia né
<b>Pesquisadora:</b> Quando eu pergunto assim o que
<b>Entrevistada:</b> Então no Estado eu não sei, por quê, olha minha trajetória, eu era colégio particular, Poços de Caldas não tinha colégio público, quando meu pai ajudou a montar o colégio público de lá, porque meu pai trabalhava pra cidade voluntariamente, eu já tava entrando no Curso Normal certo, então eu fiz Curso Normal particular também. Tinha colégio público da 1ª à 4ª série, mas meu pai tinha uma consciência se eu posso pagar pra vocês, deixa o colégio público pra quem não pode pagar, entendeu, então eu fiz primário particular onde não tinha Educação Física, fiz colégio das freiras até a 8ª série onde a professora de Educação Física era a professora de “Jografia” , que ela falava assim, nunca tinha feito esporte na vida (risos), só queimada, eu tive essa vivência, eu era atleta da Caldense, então era esporte puro, com professor de Educação Física dando treino e era Educação Física técnica
<b>Pesquisadora:</b> Uma época bem técnica né
<b>Entrevistada:</b> O vestibular, as provas práticas eram eliminatórias, a gente fazia biologia, um idioma e matemática, acho que teve português também
<b>Pesquisadora:</b> Tudo bem voltado pra aptidão física
<b>Entrevistada:</b> Todos pra aptidão física, entendeu, eu tirei 10 em ritmo, 10 em natação pro vestibular, eu só pulei aquela vareta porque tava quente e eu tinha que passar no vestibular eu tinha horror de salto em altura, chorava nas aulas de atletismo quando era criança porque eu não queria saltar em altura, você entendeu e aí teve extensão, salto em extensão, 400 metros e velocidade e, não sei quanto que eu tirei no atletismo e, então

<p>passsei em natação, atletismo, ginástica rítmica, ritmo, que eu tinha e dança né que era, eu vinha de conservatório pra mim era mole que eu tirei 10, qual que era a outra, é... e uma parte de ginástica que eu acho que tinha lá, sei lá, eu não me lembro mais do vestibular e assim, era bem técnico</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Ou seja, sua formação foi muito em cima da aptidão física</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Toda técnica e aqui eu cheguei e fui trabalhar na Federação de Ginástica então era campeonato brasileiro, era Ginástica Olímpica, entendeu</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Mas quando vocês vão colocar aqui</p>
<p><b>Entrevistada:</b> E aí o CEFET também era assim, CEFET era todo assim, era esporte, esporte, esporte, a gente trabalhava com esportes sabe, e o CEFET tinha aparelhagem de ginástica olímpica né, era voleibol, basquete aí a gente instituiu a dança, instituiu a dança no CEFET</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E quando coloca nesse, quando é colocado nesse documento um conceito de Educação Física para além do aprimoramento físico somente, você percebe se esse documento então refletia uma Educação Física daquela época né, muito técnico ou ele já apresentava uma nuance de mudança pro que viria pra nossa área da Educação Física?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Pode ser, uma nuance de mudança, senão os nomes não seriam tão específicos porque o único nome que não é específico aqui é “Atividade rítmica” e esse aqui, o resto todos são específicos do esporte e você pode pensar que hoje os colégios não têm nem uma área pra trabalhar direito e tinha ginástica olímpica nesse trabalho então assim, jogos com bola é outra coisa que foi inovação né</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Sim</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Porque não existia isso, a nossa Escola de Educação Física, o que a gente fazia no CEFET e o que eu fiz na minha vida era vôlei, oh o handebol, ele apareceu eu tava na Escola de Educação Física e o Lincoln Raso foi professor de handebol e a minha mudança pra Federal mudou todo o currículo</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Lincoln Raso foi quem fez o convite pra Eustáquia pra elaboração desse documento, ele é falecido também</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Falecido, é... ele era meu professor de handebol, foi meu professor de outras coisas, não sei mais, mas de handebol ele foi e o handebol apareceu mais ou menos nessa época e antes um pouco tinha aparecido futebol de salão é... que o meu pai foi contra o futebol de salão lá na Caldense, não queria de jeito nenhum, porque ele</p>

<p>achava que era um esporte que ia acabar com o vôlei e o basquete aí ele não gostava que os meninos jogavam futebol de salão, mas de qualquer forma implantou o futebol de salão lá e os meninos adoravam jogar, os meninos do vôlei, do basquete, que foram criados junto com a gente né e aí, quando eu entrei na Escola de Educação Física eu não tinha handebol, como mudou todo o currículo em outubro, federalizou, entrou o handebol, o Lincoln Raso foi meu professor lá, eu fugia das aulas não sei como que eu passei (risos) sabe, tem um fato muito engraçado na minha vida profissional, eu não estudei handebol, eu passei em handebol, fugia das aulas, eu tinha horror, aí quando eu fui dar aula no Colégio Jesus Maria José, Jogos Escolares de Poços de Caldas, presta atenção, a filha do major Faccion, formada na UFMG, professora do Colégio Jesus Maria José, aí eu já tinha sido contratada pela Caldense pra dar aula e não era de handebol, fui com as meninas pro campo, a ignorante aqui, não leu as regras (risos), aí, lá no meio da história, eu pedi tempo pra mesa e a mesa me deu tempo (risos) e naquela época não tinha, não sei se hoje tem, aí a mesa me deu tempo, as duas equipes foram pro tempo, aí alguém lembrou que não tinha tempo, mas o juiz deu tempo (risos)</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> O juiz também não estava com as regras fresquinha na cabeça (risos)</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Então assim, um fora que eu dei, que a única vez que eu entrei num campo de handebol, pelo amor de Deus, ele não tá aqui tá vendo,</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Handebol tá</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Tá aqui?</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Tá</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Era super novidade esse handebol né, não tanto em 70 e tantos, eu saí de lá em 78, foi, provavelmente, quando que ele foi publicado, provavelmente eu já estava na Alemanha quando ele foi publicado</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Ele é de 78, tem algumas publicações de 79, impressão, aqui atrás fala da impressão em 79</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Tá vendo, então eu nem tava aqui, por isso que eu não lembro de nada, não lembro do</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Mas quando você, aqui oh, impressão 79, mas da elaboração foi 78</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Foi 78</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Foi, ele é de 1978</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Ele é de 78, mas nós devemos ter escrito isso aqui em 77</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Ah sim...</p>

<b>Entrevistada:</b> Porque eu estava aqui
<b>Pesquisadora:</b> Porque 78 você já estava na Alemanha, então você participou dessa parte da ginástica em 77?
<b>Entrevistada:</b> Lógico isso aqui foi feito antes
<b>Pesquisadora:</b> Sim, porque ele saiu em outubro de 79, foi impresso, teve essa impressão aqui oficial, então deve... esse trâmite todo até acontecer. Elenice a gente já está caminhando para o final da entrevista, eu queria te agradecer! É uma história, uma história (risos)
<b>Entrevistada:</b> Eu dei uma resumida pra você, pra ser rápida (risos)
<b>Pesquisadora:</b> Mas uma história muito interessante, obrigada viu!
<b>Entrevistada:</b> Acabou? Já? Então foi rápido!
<b>Pesquisadora:</b> Já! Vai ser muito importante pra essa dissertação porque você foi uma pessoa que participou, específica da ginástica
<b>Entrevistada:</b> É... da ginástica que eu trabalhei a vida inteira! Amo!

.  
. .  
. .

Fim da transcrição.

Entrevistadora: Simone de Lucas Agostinho Lima  
 Entrevistada: (ELABORADORA 2 – E2)

Transcrição da entrevista

<b>Pesquisadora:</b> Eu gostaria de começar agradecendo a disponibilidade de me receber aqui na sua casa pra essa entrevista, é muito importante para a minha pesquisa! Obrigada!
<b>Entrevistada:</b> Claro, é um prazer, no que a gente puder contribuir...
<b>Pesquisadora:</b> Eu gostaria que você me falasse, seu nome completo, local que você nasceu, data de nascimento pra gente ter uma identificação.
<b>Entrevistada:</b> Tá legal, é (XXX)
<b>Pesquisadora:</b> E o seu “(X)” inclusive é com “s” porque eu dei uma olhada (risos)
<b>Entrevistada:</b> Meu “(X)” é com “s” (risos). Meu nome é impregnado de... de religiosidade
<b>Pesquisadora:</b> Olha!
<b>Entrevistada:</b> (X) é o nome do padre (“X”) que foi é... agora no momento ele já está se tornando, como é que é... ele foi beatificado né
<b>Pesquisadora:</b> Ahã
<b>Entrevistada:</b> Pra se tornar santo, ele é muito conhecido em Minas Gerais
<b>Pesquisadora:</b> Ahã, então tem uma história...
<b>Entrevistada:</b> Na realidade ele é um nome mais masculino né e “X” também tem a ver com religiosidade “X” né
<b>Pesquisadora:</b> Minas é muito assim né...
<b>Entrevistada:</b> Então eu nasci numa fazenda no município de Coromandel, que é o Alto Paranaíba, mas morei sempre em Patrocínio até vir pra Belo Horizonte estudar e trabalhar. Eu nasci em trinta de abril de mil novecentos e quarenta e cinco
<b>Pesquisadora:</b> Quando a guerra tava acabando
<b>Entrevistada:</b> Quando a guerra tava acabando quer dizer né, a guerra total mesmo foi mais no finalzinho
<b>Pesquisadora:</b> Isso. E Patrocínio é aqui na redondeza?
<b>Entrevistada:</b> Não, é Alto Paranaíba perto de Araxá, Patos de Minas perto do Triângulo

<b>Pesquisadora:</b> Ah sim. E aí você veio pra Belo Horizonte com o intuito de estudar?
<b>Entrevistada:</b> Eu vim pra Belo Horizonte pra fazer exatamente curso superior porque na minha terra só existia curso ginásial, nem médio, só o curso Normal
<b>Pesquisadora:</b> Ahã
<b>Entrevistada:</b> Mas eu fiz o curso Normal lá
<b>Pesquisadora:</b> E o quê que te motivou a vir buscar o Curso Superior e sendo ele educação física?
<b>Entrevistada:</b> É... quando eu terminei o curso Normal, eu tinha de 17 pra 18 anos, eu fui trabalhar em “extensão rural” que é na Emater.
<b>Pesquisadora:</b> Ahã
<b>Entrevistada:</b> E fiquei lá dois anos. Eu trabalhava com as pessoas do meio rural
<b>Pesquisadora:</b> Sei
<b>Entrevistada:</b> E... quê que acontecia, sempre eu fazia reuniões com os jovens e com as senhoras sabe, a gente tratava de alimentação, vestuário, toda essa parte e eu resolvi então fazer umas brincadeiras, as coisas que eu tinha aprendido no curso Normal
<b>Pesquisadora:</b> Na recreação essa parte de recreação?
<b>Entrevistada:</b> Recreação com eles, no final, e eu sei, que a primeira avaliação que eu fui fazer com elas, e era senhoras assim... muitas viúvas, porque lá tinha muita Doença de Chagas, os homens morriam muito cedo e tal...e elas falavam assim que o quê elas mais gostavam de ir na reunião era pra brincar (risos)
<b>Pesquisadora:</b> Olha que interessante!
<b>Entrevistada:</b> E eu falava, que coisa tão legal esta né, ajudar a pessoa a ser feliz, a brincar
<b>Pesquisadora:</b> E elas deviam ter uma vida mais voltada pro trabalho né
<b>Entrevistada:</b> É... e aquilo me chamou a atenção e quando eu..., eu fiquei só dois anos porque eu tinha feito concurso pro Estado pra ser professora primária, que então eu retornei, fui pra escola, tinha uma possibilidade da gente fazer um curso superior com o trabalho como professora
<b>Pesquisadora:</b> Sim
<b>Entrevistada:</b> O Estado te liberava, se você passasse no vestibular, pra ficar um ano em Belo Horizonte fazendo um curso infantil, que chamava.
<b>Pesquisadora:</b> Olha!
<b>Entrevistada:</b> Então eu fiquei um ano, vim pra fazer esse curso infantil fiquei um ano

aqui e aí quando terminou eu falei ah... quero fazer um curso superior
<b>Pesquisadora:</b> Ahã
<b>Entrevistada:</b> Fiz novo vestibular e comecei...
<b>Pesquisadora:</b> Esse curso infantil era como se fosse uma especialização?
<b>Entrevistada:</b> Na realidade chamava-se especialização, mas..., mas ele era antes da graduação... na época.
<b>Pesquisadora:</b> A... uma especialização
<b>Entrevistada:</b> Mas na realidade esse curso infantil foi criado na..., na 1212 no Rio de Janeiro daquela época que se criou o Curso da Escola Nacional
<b>Pesquisadora:</b> Sim
<b>Entrevistada:</b> Tinha o superior e o infantil. O infantil era, na realidade, era quase que uma síntese do superior porque naquela época não tinha muito o foco em criança o máximo que a gente sabia eram joguinhos etc..., mas não pensar a criança, nada disso. Pegava atletismo reduzia (risos), basquetebol... na realidade eu vi uma síntese toda antes de ver o curso superior
<b>Pesquisadora:</b> Entendi. Olha que interessante! E quando terminou esse curso aí você teve vontade de dar continuidade?
<b>Entrevistada:</b> É. Então eu fiz vestibular novamente né, pro superior, que são mais três anos e consegui disponibilidade do Estado pra ficar aqui, então eu trabalhava e estudava
<b>Pesquisadora:</b> Ah e aí já foram as matérias voltadas pra educação física
<b>Entrevistada:</b> Depois disso aí, quando eu terminei o curso, eu vou voltar ou não pra minha cidade? E etc..., mas surgiu uma chance das Escolas Polivalentes. Escolas Polivalentes foi um programa, você já deve ter lido...
<b>Pesquisadora:</b> Eu estudei em uma Escola Polivalente!
<b>Entrevistada:</b> Então, eu fui professora da primeira Escola Polivalente do Brasil
<b>Pesquisadora:</b> Nossa que legal!
<b>Entrevistada:</b> Que instalou aqui no Orto, hoje ela tem outro nome não chama mais Polivalente né, mas aí foi concurso público super concorrido, mas eu consegui a vaga de Belo Horizonte. E aí o salário era muito bom, era mais ou menos umas...dez vezes o que eu ganhava como professora
<b>Pesquisadora:</b> Naquela época tinha valorização né (risos)
<b>Entrevistada:</b> Eu ganhava duzentos cruzeiros como professora primária e passei a ganhar mil e seiscentos

<b>Pesquisadora:</b> Nossa! E deu pra você se estabelecer em Belo Horizonte?
<b>Entrevistada:</b> É... é aí sim tá, eu comprei meu carro né, comprei apartamento
<b>Pesquisadora:</b> Ai por quê que não volta! (Risos)
<b>Entrevistada:</b> Mas também durou cinco anos mais ou menos, mudou o governo muda, era o governo militar... na época tinha feito essa proposta, mas eu já sabia que em outros países isso não tinha dado muito certo que era aquela ideia da “Escola Modelo”. Você tem aquela escola modelo poucas escolas modelos boas “pras” outras seguirem. A gente trabalhava quarenta e oito horas por semana, horário integral, mais salário bom, condições de trabalho...
<b>Pesquisadora:</b> Era uma “dedicação exclusiva” digamos assim
<b>Entrevistada:</b> É, exatamente.
<b>Pesquisadora:</b> Aí nesse meio tempo, como foi sua trajetória acadêmica? Quando você saiu da Escola Polivalente você deu continuidade ao estudo, qual foi o seu trajeto?
<b>Entrevistada:</b> Aí aconteceu o seguinte, eu fiquei... então eu me formei em 1970 e um mês depois eu fiz concurso pro Polivalente, fiquei no Polivalente até 75, mas enquanto eu estava aqui, é bom ressaltar isso, enquanto eu estava aqui estudando eu dei aula em vários lugares, no Instituto de Educação
<b>Pesquisadora:</b> Olha!
<b>Entrevistada:</b> Numa escola modelo que era a Escola Leon Renault, que era da “DAP”, que era um movimento nacional, então recebia pessoas pra fazer demonstração de aula né
<b>Pesquisadora:</b> Olha que interessante!
<b>Entrevistada:</b> Vinha gente do Brasil todo pra assistir, tinha até aquelas salas isoladas pra você assistir. Era um lugar bem privilegiado assim pra... pra trabalhar
<b>Pesquisadora:</b> Ahã
<b>Entrevistada:</b> Mas aí quando a Escola Polivalente foi... foi terminando, porque ela ia passar a ser uma escola comum, eu fui convidada pra ir pro CEFET
<b>Pesquisadora:</b> Hum...tá
<b>Entrevistada:</b> Então eu entrei pro CEFET em 75 e fiquei até 79 porque 79, em 78 tinha começado o primeiro curso de Mestrado em Educação Física no país que era na USP, mas era uma linha mais da fisiologia e a minha questão sempre foi pedagógica, eu resolvi então, ah eu falei, na USP eu não quero fazer, mas Santa Maria, eu já sabia um pouco das características de lá eu falei, vou tentar Santa Maria e consegui ser aprovada

<p>lá na seleção que foi a primeira turma de mestrado de Santa Maria, Federal de Santa Maria. Bem, então o quê que aconteceu, eu quis pedir licença da... do CEFET e eles falavam ah não pra... e CEFET não tem essa história de fazer mestrado, doutorado não, ensino médio não tem nada a ver com isso e tal, e tal, acabou que eu pedi demissão, pedi demissão pra eu estudar</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Que bom que você tinha decidido, você tinha essa</p>
<p><b>Entrevistada:</b> É, é</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Você poderia ter seguido outro rumo</p>
<p><b>Entrevistada:</b> E quando eu voltei fui pra Faculdade de Educação como professora de prática de ensino</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Hum...e o mestrado nessa época durava dois anos também?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> É... eu fiquei lá dois anos e meio, naquela época podia ser três anos era mais largo o tempo, mas eu consegui fazer em dois anos e meio</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Entendi</p>
<p><b>Entrevistada:</b> E fui a primeira a defender o trabalho lá</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Foi a primeira?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Fui (risos), Santa Maria</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E você lembra o quê que foi que você estudou?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Sim claro, muito (risos)! Eu estudei os “estágios” porque eu era professora de prática de ensino e de estágio né e tinha... então eu lia umas teorias e tal que diziam que o professor, ele assimilava muito do que era o seu orientador de estágio. O orientador do estágio era uma pessoa importante na formação pedagógica...então eu quis estudar isso, mas é um mundo à parte pra eu te contar isso daí, porque pra você conseguir literatura era uma loucura, não tinha computador nada disso. O computador que a gente teve acesso pro mestrado ele era maior do que essa sala, enorme, enorme e a gente tinha que furar cartãozinho...não tinha</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Faça ideia...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> E..., mas aí você ia pra biblioteca e pegava fichinha por fichinha pra vê se achava alguma coisa relacionada. Eu achei um trabalho americano que mostrava exatamente isso... que fizeram o estudo e mostravam que tinha uma correlação bem grande e tal. Por acaso de um professor de Santa Maria que estudava no... nos Estados Unidos, que foi uma época que muitos professores brasileiros foram fazer mestrado nos Estados Unidos, inclusive de Juiz de Fora, aqui e tal e quê que aconteceu, eu dei uns</p>

<p>dólares pra ele pedi pra ele ir lá numa biblioteca achar, xerocar e mandar pelo correio pra mim (risos)... Eu gosto de contar isso pra mostrar, porque você vê a diferença!</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> É, meu início foi... eu também tive que tirar xerox pra fazer trabalho, tinha que fazer empréstimo, não tinha xerox colorido, você vê que dificuldade né, hoje nós temos tanta tecnologia à nossa...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> É, é... Então só pra concluir, eu... na universidade na federal de lá, tinha um estágio que eram quatrocentas horas de estágio, porque foi naquele momento que tinha sido implantado educação física no Ensino Superior</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Hum...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Só que a lei, o decreto 69.450 né, estabelecia que os alunos dos cursos de educação física iriam dar reforço lá entendeu</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Hum, entendi</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Só que os alunos davam aulas sozinhos (risos)</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Não tinha apoio?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Não tinha apoio, lá virou professor barato entendeu? Então, quer dizer, pra eu fazer esse jogo aí tá então eu criei uma tabela que chamava TECA né, Teste de Caracterização de Atitudes e nessa tabela, pra você ter uma noção a minha orientadora era professora de física</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Olha...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> da Faculdade de Educação, pois ela tinha vindo, ela era uma portuguesa que morava nos Estados Unidos, então era toda uma pesquisa nessa linha mesmo né, então a gente fez esse teste, aplicamos e etc., etc... pois a minha sorte porque aí não deu relação nenhuma (risos)</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Olha (risos)</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Por exemplo, as meninas é... davam aula pras meninas, o professor nem ia lá ver as estudantes e etc. e pra depois pra eu falar isso num trabalho</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Num trabalho, como é que faz?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> É bem complicado né? Mas eu dei conta (risos) acabou que (risos) eu concluí com dois anos e meio, mas foi esse o meu estudo né!</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E como surgiu o doutorado?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> O doutorado foi o seguinte, eu voltei é... pra Belo Horizonte né em 81 e nesse momento, eu assumi coisas na universidade né, voltei pra Prática de Ensino, fui chefe de departamento</p>

<b>Pesquisadora:</b> Aí já era UFMG?
<b>Entrevistada:</b> UFMG
<b>Pesquisadora:</b> Faculdade de Educação?
<b>Entrevistada:</b> Faculdade de Educação. Na Faculdade de Educação eu trabalhava com os alunos da Educação Física na Prática de Ensino e na Pedagogia também
<b>Pesquisadora:</b> Eu a conheci primeiro pelo nome, lá na biblioteca
<b>Entrevistada:</b> Ah!
<b>Pesquisadora:</b> Quando eu estava pesquisando a Revista do Ensino, aí eu li os nomes, eu já tinha escrito uns dois capítulos mais ou menos da Revista do Ensino quando a gente decidiu trocar, aí quando eu peguei esse documento, que eu vi o seu nome de novo eu falei, “essa” eu conheço de nome!
<b>Entrevistada:</b> (Risos) pois é!
<b>Pesquisadora:</b> Aí você assumiu muitas funções lá...
<b>Entrevistada:</b> Assumi muitas funções e muito trabalho, pesquisa etc... etc., aí demorei um pouco, aí eu fui só é... em 1990 né, quase dez anos depois, que eu fui fazer o doutorado na UNICAMP... é eu fiz também na faculdade... não, lá foi Educação Física em Santa Maria né, que chamava Ciência da Movimento Humano né e tinha uma forte influência alemã sabe e que a gente tinha, só voltando lá um pouco no curso, a gente tinha... claro nós tivemos professor de Sociologia do Esporte a primeira vez que eu fui ver escutar sobre Marx sobre todo esse... sabe?
<b>Pesquisadora:</b> Ahã...
<b>Entrevistada:</b> E ao mesmo tempo tinha o pessoal da biomecânica que estavam lá e você tinha que dominar aquilo tudo sabe, tinha a Fisiologia do Exercício que era feita lá com animais aquela loucura toda, mas então e como a minha vocação foi sempre pedagógica eu falei eu quero ir pra uma faculdade de educação.
<b>Pesquisadora:</b> Ahã.
<b>Entrevistada:</b> E foi um momento que começou a surgir a discussão de gênero muito forte né que foi é... final dos anos 80 e aqui em Belo Horizonte foi muito rebu, porque as escolas da prefeitura e do estado, principalmente as da prefeitura primeiro, eles juntaram as turmas
<b>Pesquisadora:</b> Turmas mistas?
<b>Entrevistada:</b> Turma mista, turma mista, então veio todo aquele rebuliço
<b>Pesquisadora:</b> Ahã

<p><b>Entrevistada:</b> E eu fui sempre muito preocupada com isso, desde o Polivalente, eu sempre dava aula, juntava a turma masculina e a gente trabalhava dança junto, muitas coisas... eu achava muito estranho isso né, quando também eu fui pra Faculdade de Educação tinha Prática de Ensino masculina e Prática de Ensino feminina, então eu falei, ah... eu pedi pra universidade pra acabar com isso, eu falei os professores e as professoras têm que ir pra escola pra trabalhar junto, como é que aqui vão estudar separado né, eu já tinha essa coisa comigo assim sabe.</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Essa visão né</p>
<p><b>Entrevistada:</b> então eu resolvi falei ah... vou fazer, eu quero estudar, eu não falava que ia estudar gênero não, eu ia estudar a mulher porque nem sabia que que era gênero</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Isso é recente né, esses termos</p>
<p><b>Entrevistada:</b> É, é... eu ia estudar a mulher porque era a mulher que...comecei ler sobre isso, a legislação esportiva brasileira e tal tal, mas aí, quando eu comecei fazer meu projeto, eu vi que não dava pra estudar mais mulher, quer dizer, já estava chegando esse termo “gênero” que eu... então eu fiz meu projeto e fui pra área de Filosofia e História da Educação</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Hum...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Na UNICAMP tá então foi lá que eu fiz meu doutorado fiquei de 90 a 94</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E assim, com a Educação Física Escolar, o seu envolvimento direto com a Educação física Escolar, como se deu nesse meio tempo? Foi já... na Faculdade de Educação ou em alguma escola da rede?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Ih... então vou te dizer, quando eu comecei, vim aqui pra estudar né, até no curso infantil, porque era a época do Magalhães Pinto e ele não pagava a gente (risos) e eu precisava do dinheiro, ele atrasava uns seis meses o pagamento, então com isso, eu comecei dar aula em outras escolas particulares de Belo Horizonte, assim, chegava a noite e eu ia lá pra Cidade Industrial dar aula pra... também peguei outro turno aqui no Instituto de Educação que era jardim, criança de jardim</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E sempre atuando na Educação Física?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Sempre na Educação Física, no Instituto de Educação dava aula até no meio da rua, ali debaixo das árvores, porque não tinha espaço lá dentro... aí passei pelo Pandiá Calógeras, que é outra escola, educação física infantil, então essa é... eram meninos menorzinhos né, depois no Polivalente é de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> na época né, ensino fundamental, depois fui pro ensino médio que foi no CEFET e depois no superior</p>

<b>Pesquisadora:</b> Quer dizer, acabou que você teve contato com todos os níveis!
<b>Entrevistada:</b> Eu tive contato com todos os níveis inclusive trabalhei também com projeto de idosos quando estava no Polivalente que era um trabalho que a gente fazia na comunidade, natação pra idosos, eu trabalhava, e fora isso, eu mexia muito com esportes na Federação de Atletismo, era árbitro de natação, aos domingos eu estava lá no Minas Tênis direto é... arbitrando e na FUME também que é a Federação Universitária Mineira de Esportes né, eu joguei basquete lá um tempo depois eu acompanhava né eu... eu era a... cartola ajudava a organizar campeonato, a Olimpíada Operária Global, a Olimpíada Universitária Global, essas coisas todas eu participei durante muitos anos
<b>Pesquisadora:</b> Ótimo!
<b>Entrevistada:</b> E uma, uma, não...já falei
<b>Pesquisadora:</b> Pode contar! Você já falou?
<b>Entrevistada:</b> Não, é outra coisa, não sei se você vai me perguntar, mas eu vou... porque ele é fundamental pra esse trabalho tá.
<b>Pesquisadora:</b> Sim
<b>Entrevistada:</b> Foi o seguinte, então eu entrei pra faculdade em 75 quando foi em 77 o Ministério da Educação, naquela época era o Departamento de Educação Física lá do ministério, mandou um convite aqui pra universidade que ia fazer um curso de Didática para os professores de Prática de Ensino, nesse momento teve muito movimento dos professores de Estágio e Prática de Ensino, porque existia um movimento dos professores de Didática Geral e os de Prática de Ensino, que normalmente estavam vinculados às faculdades de educação, começou um movimento de ter encontros, então teve encontro em Niterói, teve encontro em Goiânia, encontro em um monte de lugares desses e quem liderava muito era o Alfredo Gomes de Faria Junior, era a pessoa fundamental, era ele, o Manoel Gomes Tubino, tinha um lá de Santa Maria que eu não sei falar o nome dele direito, que era o coordenador do curso né e daí pra frente. Nesse movimento, o pessoal do Rio lá, conseguiu organizar esse curso de Didática e chamou os professores das federais e estaduais, da USP também, das públicas, pra participar do curso. Eu sei que nós fomos lá pra São Paulo, nos internamos lá no hotel na Água Branca e tivemos quinze dias de curso direto, de manhã, de tarde e de noite né, então muito do que você vai encontrar nesse livro aqui (apontando para o Documento de 78) tem a ver com essa sistematização da Educação Física naquele momento.

<b>Pesquisadora:</b> Então podemos dizer que foi uma influência?
<b>Entrevistada:</b> Foi uma influência, foi um ano antes de escrever esse aqui (Documento de 78)
<b>Pesquisadora:</b> Então, aproveitando o gancho, vamos entrar agora no Currículo de 78, mas antes da gente falar sobre ele, pra você, após tanta experiência acumulada, o que você entende por currículo?
<b>Entrevistada:</b> É... acho que é um conjunto de experiências né, acho que isso aqui (apontando para o Documento de 78) sozinho não é o currículo né, é o conjunto de experiências que se organiza, se tenta organizar pra vivenciar na escola né, acho que assim, ele tem uma visão ampla
<b>Pesquisadora:</b> Não é só o papel né
<b>Entrevistada:</b> Não é só papel são as atitudes, faz parte desse currículo o ambiente né, os materiais um monte de coisa
<b>Pesquisadora:</b> E Eustáquia, como surgiu o convite pra elaboração desse... você foi organizadora né?
<b>Entrevistada:</b> É, sim
<b>Pesquisadora:</b> Pra você organizar a elaboração desse documento?
<b>Entrevistada:</b> É o seguinte, como eu sempre fui uma pessoa que gostava de estudar isso muito, estudava tudo que acontecia sabe, de certa forma, a Secretaria da Educação me convidou se eu não queria coordenar esse trabalho
<b>Pesquisadora:</b> Nesse momento do convite da Secretaria da Educação você já estava na UFMG?
<b>Entrevistada:</b> Já desde 75
<b>Pesquisadora:</b> Já com a Prática de Ensino
<b>Entrevistada:</b> Com a prática de Ensino, eu era professora de Prática de Ensino, então eu tinha uma... eu tava em muitas escolas ao mesmo tempo porque eu sempre fui aquela professora que gostava de ir lá
<b>Pesquisadora:</b> Isso é que ia perguntar se você tinha vínculo com as escolas da rede estadual se você estava em contato
<b>Entrevistada:</b> Sim, sim estadual, municipal e particular, foi sempre o foco inclusive com pessoas com deficiência também, apesar de isso não ter aparecido muito aí (aponta para o Documento de 78). A gente, mas naquele momento histórico não se falava muito ainda em preocupação com a Educação Física...

<b>Pesquisadora:</b> É isso veio depois né
<b>Entrevistada:</b> É, e depois eu participei de muitos movimentos pra isso, mas nos anos 80
<b>Pesquisadora:</b> É que aí já começou...
<b>Entrevistada:</b> É, muito movimento, eu participei de reuniões no Rio Grande do Sul ah... coisas que a gente sonhava parecia uma bobagem dizer assim, olha os cursos de Educação Física têm que tratar desse assunto não é só de coisa... tem a Carta de Batatais que a gente escreveu, tem um monte de coisa que eu participei... mas depois. Nesse momento a Educação Física era pra busca de atleta, em síntese né
<b>Pesquisadora:</b> É... aí a Secretaria fez o convite e como se deu a partir daí?
<b>Entrevistada:</b> Então, fui eu que convidei os outros tá
<b>Pesquisadora:</b> Hum... e esse convite surgiu em qual ano?
<b>Entrevistada:</b> Acho que foi início de 78 mesmo, final de 77
<b>Pesquisadora:</b> Ahã
<b>Entrevistada:</b> Por aí, nós levamos mais ou menos um ano, mais ou menos isso porque ele é diferente, por exemplo, do que a gente construiu mais recentemente, porque a gente... quando eu falo assim colaboração, porque nós não quisemos fechar só em quatro pessoas né, tinha essa ideia, não, vamos ouvir mais pessoas que estão atuando.
<b>Pesquisadora:</b> Inclusive essa é umas das minhas perguntas, quando eu tive contato com esse currículo eu pensei é... por que tem essa divisão né, quem elaborou, os que fizeram a revisão e os colaboradores, você se lembra como se deu essa divisão?
<b>Entrevistada:</b> Sim, sim... cada um desse aí (risos)! Pelo seguinte, vamos lembrar uma coisa, porque nessa época é... eu trabalhava no CEFET, antes de ir pro coisa, trabalhava com a <u>Elenice Faccion</u> antes de ela ser professora lá ( na UFJF ela quis dizer), trabalhava com a Elenice e com o professor <u>Luiz Afonso</u> e o professor <u>Pedro Américo</u> , era a pessoa que começou a trazer essa questão das pessoas com deficiência pro Brasil, e ele tinha ido... voltado da Alemanha, ele estudou, fez uma especialização lá né e coincidência, um ano antes, em 77, eu tinha ido na universidade na Bulgária e passado por lá, visto o trabalho dele né.
<b>Pesquisadora:</b> Que interessante
<b>Entrevistada:</b> Porque aqui ninguém falava muito nisso e ele lá, trabalhava com cadeirante aprendendo a andar de cadeira de roda, então aquilo eu falei, puxa é uma coisa legal pra gente começar a pensar lá no Brasil e aí, foi motivo também, ele tinha

<p>vindo no Brasil naquele final do ano pra ficar um tempo, eu acho que ele ainda nem era professor da Escola de Educação Física e... vamos chamar o professor Pedrinho, que a gente chamava assim, pra ajudar nisso aqui. Bem, porque então essa... esses outros aqui? (falou olhando a divisão impressa em uma das últimas páginas do documento que trazia os nomes dos quatro professores elaboradores: Eustáquia, Elenice, Luiz Afonso e Pedro Américo) Cada um desses aqui é de uma área, era de uma área.</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Ah...de uma especialidade</p>
<p><b>Entrevistada:</b> De uma especialidade, você vai ver... de uma especialidade, mas professor de escola também</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Eles estavam com vínculo com a rede estadual</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Não só estadual, tinha gente de universidade, tinha gente de municipal e gente de estadual, vou te mostrar cada um deles onde que era onde atuava</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Onde atuava</p>
<p><b>Entrevistada:</b> O Élcio está aqui como revisor porque ele deu uma geral, mas ele era também professor de ginástica</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Olha... legal</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Sabe, ele sempre trabalhou com ginástica chamava ginástica de solo naquela época, que agora é ginástica artística, e ele dava aula, além de dar aula no CEFET, que era um Ensino médio, ele dava aula também no estadual e na Escola de Educação Física</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> ãh... eles tinham bastante experiência as pessoas que...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Exatamente. O professor Luiz Afonso era professor também do estadual central e do CEFET e da Escola de Educação Física então, eles estavam na prática</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> A gente pode dizer que são pessoas que, além da experiência, elas estavam na prática</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Elas estavam na prática, tá bom? A Isabel Montandon (olhando a lista dos professores colaboradores) a Isabel ela era estudiosa de Handebol</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Ah sim</p>
<p><b>Entrevistada:</b> E já era professora na Escola de Educação Física e dava... treinava equipes não sei se ela também dava estava dando aula no Estadual. O Zé Tarcísio Cavaliere (olhando a lista dos professores colaboradores) que é o “pastel” (risos), ele também foi seu professor?</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> (Risos) não!</p>

<b>Entrevistada:</b> Foi professor lá em Juiz de Fora e ele... (pausa a pedido da entrevistada). Então... vamos voltar. A Elizabete de Fátima Costa Rossete era também professora de ginástica, mas era professora do Colégio Municipal de Belo Horizonte e de uma escola lá em Contagem, ela organizava Festival de Dança e etc., a Isabel eu já falei que era do Handebol né, o Tarcísio ele era professor universitário, mas ligado mais ao basquete
<b>Pesquisadora:</b> Entendi...
<b>Entrevistada:</b> A Márcia até já faleceu era da área de natação
<b>Pesquisadora:</b> Eu posso colocar um “falecido” então nesses nomes?
<b>Entrevistada:</b> Sim
<b>Pesquisadora:</b> Então foi o Luiz Antônio e a Márcia, porque eu vou tentar, ver se eu consigo conversar com os outros...
<b>Entrevistada:</b> Tá... O Túlio era professor de futebol, futsal etc. e era também da Escola Promove, uma escola particular, Escola Promove, e era professor também já no 3º Grau, na universidade
<b>Pesquisadora:</b> Olha...
<b>Entrevistada:</b> Ele agora teve que amputar as duas pernas
<b>Pesquisadora:</b> Hum...
<b>Entrevistada:</b> Maria Helena Vitorino ela era professora do CEFET também
<b>Pesquisadora:</b> Também?
<b>Entrevistada:</b> Ela era ligada ao voleibol outros esportes mais geral, handebol que é que mais... não, ela era professora também de atletismo. O Wilson Camalier ele era professor no Instituto de Educação que é do Estado
<b>Pesquisadora:</b> Sim
<b>Entrevistada:</b> era do CEFET e era especialista em voleibol
<b>Pesquisadora:</b> Então a gente pode dizer que o critério pra essa escolha era a relação direta com a atividade?
<b>Entrevistada:</b> Com a atividade na escola e com a modalidade
<b>Pesquisadora:</b> E com a modalidade, isso... com a modalidade. E essa divisão de “Elaboração”, “Colaboração”, aí eu já vou partindo pra outra pergunta, como foi essa dinâmica dos encontros eles eram separados ou esses nomes vieram só didaticamente para o documento, se todos se encontravam?
<b>Entrevistada:</b> Não. Quem encontrava éramos nós aqui ó (aponta para o documento na listagem denominada “Elaboradores”) esses quatro (se referindo à Elenice, ela mesma,

<p>Pedro Américo e Luiz Afonso), só que a gente elaborou ia elaborando e pedindo ajuda pra esses aqui (aponta para o documento na listagem denominada “Colaboradores”) pra rever, rever o texto pra ver se tinha... se poderia acrescentar mais alguma coisa retirar etc.</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E como é que se dava essa dinâmica em termos práticos mesmo, por exemplo, é... ia documento pra eles, vocês tinham um local pra se encontrarem?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Na realidade era assim, nós aqui tínhamos, só que a gente dividia por exemplo, a Elenice, a Elenice se não me engano, você deve falar com ela, ela fez os de ginástica, de dança daquela parte toda, então quem vai te ajudar rever, então eles faziam contato lá... nós não... não me lembro da gente ter feito uma reunião todos não, quer dizer a gente tentava garantir a linha mestra nós aqui (apontando para o documento na listagem referente aos professores “Elaboradores”)</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Entendi</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Entendeu, mais Elenice, Eustáquia e Luiz Afonso sabe</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Então a gente pode dizer que vocês quatro que participaram diretamente da elaboração vocês direcionaram?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> É, é exatamente</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E ali... a partir dali</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Principalmente a Elenice, eu e o Luiz Afonso</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Entendi... e aqui (apontando para os quatro professores “Elaboradores”) houve alguma divisão em termos de modalidade ou vocês chegavam a discutir juntos o mesmo assunto?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> A gente chegava discutir... como tarefa básica cada um fazia, a gente pensou no geral e depois a gente discutia junto</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E esses encontros aconteciam onde?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Principalmente no CEFET, que era nosso local de trabalho ali e não sei se na minha casa alguma vez não lembro</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Vocês tinham liberação do horário de trabalho ou era um trabalho...</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Não, não... era um trabalho extra</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Todos então aqui que participaram, participaram dessa forma, não houve liberação?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Não, não, não... acaba que você faz naquela época a gente não cobrava por nada não recebia por nada</p>

<b>Pesquisadora:</b> Entendi era um convite e as pessoas arrumavam
<b>Entrevistada:</b> Era uma contribuição você dava
<b>Pesquisadora:</b> E houve algum momento onde todos se encontraram?
<b>Entrevistada:</b> Não me lembro, não lembro nem do lançamento desse livro, não me lembro. Lembro que nós aqui quatro sempre encontrávamos, o resto, iam fazendo contatos, eu contactei com todos né, na realidade, a Elenice fazia eu agitava, a Elenice com a Elizabete pra discutir sabe esse tipo de coisa assim mais informal
<b>Pesquisadora:</b> E... uma curiosidade, esse contato era feito através de telefone, como é que vocês conseguiam se contactar?
<b>Entrevistada:</b> Telefone e às vezes pessoalmente quando a gente se cruzava no trabalho
<b>Pesquisadora:</b> Eustáquia, partindo pra outra questão, como foi seu contato com o <u>Sr.</u> Lincoln Raso, você já o conhecia da Secretaria? Ele assina esse documento né
<b>Entrevistada:</b> Porque foi ele que me convidou
<b>Pesquisadora:</b> A pessoa dele mesmo?
<b>Entrevistada:</b> É, ele era professor da Escola de Educação Física, era professor de futebol, mas ele era o assessor de Educação Física, existia esse espaço na Secretaria da Educação que era a Assessoria de Educação Física
<b>Pesquisadora:</b> Hum, entendi, eu até coloquei aqui “Secretaria do Estado da Educação, Assessoria de Educação Física e Desportos Escolares”
<b>Entrevistada:</b> É, exatamente. Então ele organizava os Jogos Escolares, ele fazia movimentações ali no interior, entendia de currículo e etc., etc.
<b>Pesquisadora:</b> E ele tava dentro da Secretaria da Educação
<b>Entrevistada:</b> Tava dentro da Secretaria, então, ele era a pessoa que tinha poder lá dentro de convidar a gente, não convidar, nem me lembro muito...
<b>Pesquisadora:</b> Ele assinou essa “Apresentação”, e o papel dele nesse documento curricular, é... ele participou de alguma outra forma, chegou a fazer alguma recomendação pra vocês, algum pedido
<b>Entrevistada:</b> Não, ele não fez recomendação a gente começou num primeiro momento muito assim “vamos ter o pé no chão” são quantas aulas por semana porque nessa época o Estado tinha três aulas por semana
<b>Pesquisadora:</b> Olha!
<b>Entrevistada:</b> Era obrigatório por lei, mas a maioria dava dois, mas a referência eram três aulas por semana né

<b>Pesquisadora:</b> Ahã...
<b>Entrevistada:</b> E aí vocês conversaram a respeito... esse “pé no chão” o que é que você (pausa a pedido da entrevistada)
<b>Pesquisadora:</b> A gente tava falando a respeito do papel do Sr. Lincoln nesse documento, se ele além da “Apresentação” ele fez algum pedido, alguma recomendação
<b>Entrevistada:</b> Ele pediu pra fazer uma proposta, a orientação tá
<b>Pesquisadora:</b> Ah entendi. Houve algum outro documento curricular precedente a este que serviu, que subsidiou as ideias, que foi um ponto de partida?
<b>Entrevistada:</b> Olha a gente tinha os do Estado, não sei se eu conseguir localizar, eu não tenho mais nenhum porque eu fui doando, mas o Carlos lá deve ter visto, tem um aluno, eu vou achar, um ex-aluno meu que fez essa... foi aluno da Vaninha lá na PUC, que defendeu a pouco tempo ele... eu vou te mostrar, na realidade ele tinha como referência... o meu trabalho como professora.
<b>Pesquisadora:</b> Olha!
<b>Entrevistada:</b> Mas ele puxou por aí e aí tem vários livros porque eu participei desde o início de 70 de organização pro Estado
<b>Pesquisadora:</b> De assuntos curriculares?
<b>Entrevistada:</b> assunto curricular
<b>Pesquisadora:</b> desde de 70 então
<b>Entrevistada:</b> 71 pros Polivalentes que eu coordenei logo que eu entrei
<b>Pesquisadora:</b> Então esse documento de 78 não foi o primeiro?
<b>Entrevistada:</b> Não, não depois teve um que agente chamou “Manual” agora não lembro se foi antes ou depois de capa laranjada, mas eu vou achar ali o trabalho e te dou ele, esse aqui acho que foi a terceiro, assim né aí você... foi isso então é importante situar um pouco o que acontecia na Educação Física naquele momento né, porque quando a gente olha com o olhar de hoje você fala puxa mas que coisa tecnicista na, na, na
<b>Pesquisadora:</b> era outra época né
<b>Entrevistada:</b> É... quê que acontece, o quê que acontecia naquele... quando eu fui pra Faculdade de Educação em 75 era o auge do tecnicismo, na faculdade e na Educação Física nem se falava muito nisso né, era aquela prática pela prática etc. e etc. e na faculdade que eu fui ver, cheguei lá e puxa, Taxonomia, quê que é esse negócio de Taxonomia, meu Deus do céu, aí eu passava o fim de semana estudando, mas ainda bem que tinha um pessoal que era muito cobra nesse assunto da Educação, da Didática e que

foi muito paciente comigo, então eles, ah Taxonomia é isso e tal... o Bloom tava no auge e et. e etc. e depois, um pouco antes de 77, teve acho que 75... 76 o livro do Alfredo, que tratava desse assunto e acrescentou da área psicomotora da Anita Harow né, porque os outros não tinham e ele é... então nesse curso que se reforçou e me deu um pouco de... porque eu via aquilo tudo lá na Educação no geral, mas era muito mais... sempre trabalhava com a visão mais teórica, como é que eu faço pra trazer isso pra cá

**Pesquisadora:** pra Educação Física

**Entrevistada:** Tinha o afetivo, o cognitivo e psicomotor e... então, na Educação Física nem se falava nessas coisas, então eu tive que ir pra Faculdade de Educação aprender pra ensinar “pros” meus alunos

**Pesquisadora:** Entendi

**Entrevistada:** Então os dois primeiros anos eu estudava igual uma maluca, ia atrás daquelas mulheres que entendiam bem, outras professoras... e dizia me ensina isso, o que é que é... eu lia, lia Bloom de frente pra trás e de trás pra frente pra eu entender... (risos) pegava o exercício delas e refazia na hora da Educação Física e etc... então e a visão era mesma desses tempos de uma educação tecnicista (áudio ruim, dúvida) não entrava livro de Marx nada de visão... quem estudasse... imagina 78 quem achasse esses livros ia preso então não existia essa visão de... de Educação Física nem de Educação

**Pesquisadora:** É... em pleno governo militar

**Entrevistada:** É... então esse livro (apontando para o documento de 78) eu acho que foi muito fruto disso aí tá, eu teria que ler um pouco até pra eu lembrar do que foi escrito, mas você vê é... tinha o planejamento, orientação, controle das atividades esse que era o processo

**Pesquisadora:** Fica à vontade, pode folhear, eu trouxe pra isso mesmo!

**Entrevistada:** Esse que era o processo entendeu olha aí ó, “auxiliar o professor no planejamento, orientação e controle das atividades” (entre aspas leitura do documento) falar em avaliação, porque na realidade o que existia de avaliação naquele momento também era a legislação do Ministério da Educação, mandava fazer aqueles testes físicos tantos isso e aquilo né, não tinha essa perspectiva de avaliação na área cognitiva nem afetiva né... motor. Aí pedindo... e eu acho que desde o início era essa ideia assim de trabalhar integrado com outras áreas a gente sempre pensava nisso

**Pesquisadora:** Então de certa forma, essas áreas, esses professores acabaram também dando um suporte pra depois a criação desse (apontando para o documento), porque a

partir daí né, esses estudos anteriores subsidiaram
<b>Entrevistada:</b> Com certeza
<b>Pesquisadora:</b> além do documento precedente
<b>Entrevistada:</b> É, eu acho que esse documento ele mostra muito o momento histórico que a gente tava vivendo porque antes, você vai encontrar esse outro que era o “Manual de Técnica” não trazia nem uma “Introdução” desse tipo assim
<b>Pesquisadora:</b> Você se lembra o ano desse anterior?
<b>Entrevistada:</b> Eu acho que foi 72, mas eu vou achar esse dado ali pra você no trabalho do meu ex do meu aluno você vai achar esses detalhes
<b>Pesquisadora:</b> Ah legal!
<b>Entrevistada:</b> Mas... aí você vai ver uma marca muito forte assim daquele momento mesmo e na Educação Física porque o forte foi principalmente pela liderança do <b>Alfredo</b> porque ele também veio de uma faculdade de educação entendeu trazendo esse tipo de discussão que a gente fazia aqui e... começa então essa preocupação de trabalhar essas diferentes dimensões da Educação Física que era o afetivo...
<b>Pesquisadora:</b> Quer dizer, não houve uma preparação para a elaboração desse documento foi o que cada professor, na sua trajetória acadêmica trouxe de colaboração
<b>Entrevistada:</b> É, mas a estrutura principal foi pensada dessa maneira, quer dizer, a gente pensou a estrutura, aí você vai ver onde que tem aqui ó, orientação do Alfredo (Alfredo Gomes de Faria Junior) nessa época ó, um plano de ensino como é que faz, tá vendo? Seleção dos objetivos, aí os três domínios cognitivo, afetivo, psicomotor tem... adaptar ao nível do aluno, aos interesses e necessidades do aluno e as condições e objetivos da escola então a gente sempre batia, não, não vamos fazer um programa fechado pra todo mundo, porque isso é inviável
<b>Pesquisadora:</b> Inclusive, eu notei fazendo a leitura do documento, que “adaptar ao nível do aluno”, aos “interesses e necessidades do aluno” e “às condições e objetivos da escola” é... essas questões vêm se repetindo no documento parece que foi uma preocupação isso é verdade?
<b>Entrevistada:</b> Com certeza
<b>Pesquisadora:</b> Isso foi muito debatido, dialogado?
<b>Entrevistada:</b> Foi, foi no grupo, exatamente e, pra te falar a verdade, acho que a grande maioria desses próprios professores aqui, foi novidade pra eles trabalhar isso
<b>Pesquisadora:</b> E vocês pensaram, em algum momento, em entrar em contato com mais

professores da rede pra poder auxiliar nesse processo de construção
<b>Entrevistada:</b> Não, esse aqui não, porque nos outros pra frente, dos trabalhos que foram feitos depois, a gente já tinha essa chance de ter contato com os professores, porque acabava que era um trabalho limitado né, depois que foi vindo, vivendo, eu me lembro que teve uma iniciativa uns anos depois disso daí, então fazia reunião nas regionais, porque tudo depende de uma estrutura né
<b>Pesquisadora:</b> É, o deslocamento, local, por isso que uma das minhas perguntas, inclusive, foi nesse sentido, porque mesmo hoje a gente tendo os locais costuma ser um dificultador né
<b>Entrevistada:</b> É, eu acho que a gente deu um passo nisso daí foi no CBC, a gente conseguiu envolver 240 professores
<b>Pesquisadora:</b> Hum... sim
<b>Entrevistada:</b> É, entendeu, mas antes não saía da cabeça de alguém e saindo da cabeça de alguém, dentro da universidade a gente dizia, não, vamos pegar gente que tá no dia a dia da escola.
<b>Pesquisadora:</b> E na medida do possível, até um número considerável de professores né, que também estavam atuando tinham, o contato na faculdade e tava na escola ao mesmo tempo
<b>Entrevistada:</b> E na escola... o tratamento foi, e muito que foi também, era essa ideia “cognitivo, afetivo e psicomotor”, isso aí a gente tava perseguindo, tá vendo (mostrando o documento) o tempo todo né. Olha aqui, veja aqui uma marca olha, (folheando o documento) “conduta final observável”, então era mudança de comportamento, havia uma linha tecnicista mesmo, muda o comportamento
<b>Pesquisadora:</b> Sim... e isso foi novo nesse documento? No anterior não falava sobre os três domínios
<b>Entrevistada:</b> Não, não era muito mais só técnico básico
<b>Pesquisadora:</b> Entendi e Eustáquia agora falando sobre a seleção dos conteúdos, a discussão, o desenvolvimento dos conteúdos é... por que essas modalidades foram selecionadas, por que esses conteúdos? Por que não, por exemplo, peteca ou tênis ou por que teve natação? Quando eu fiz a leitura desse documento eu fiquei me perguntando natação? Por que natação? Como que foi essa discussão?
<b>Entrevistada:</b> Sei, deixa eu te explicar é... o critério que a gente levava, por exemplo, esses “movimentos básicos e habilidades perceptivas” foi uma novidade em relação ao

resto porque não se falava muito ainda em ensinar isso, era mesmo joguinhos e pronto, mas isso aqui foi algo novo, proposto como novo. As atividades rítmicas já aconteciam nas escolas, era realmente os esportes que eram mais divulgados nas escolas e tinham mais possibilidades, então era o atletismo, basquete, a ginástica olímpica que chamava nessa época, o handebol que ainda não tinha muito tempo, o handebol tinham poucos anos que tinha chegado mesmo no Brasil, na realidade ele tinha começado lá nos anos 60 mais ou menos, então o handebol a gente achava... porque nós pensamos cada uma dessa aqui a gente foi pensando, porque vou te mostrar ó (lendo no documento), as “Atividades rítmicas” porque sempre é possível fazer com tampinha de garrafa, várias possibilidades, o “Atletismo” a gente não pensava a princípio numa pista de atletismo, mas pode ter dado até algum escorregão aí (risos) na hora da definição da técnica, mas na realidade era assim, é possível correr na rua, é possível fazer atividades básicas. É o basquetebol a gente sabia que nem toda escola tinha um aro de basquete e etc., mas podia fazer vários joguinhos ligados ao basquetebol e etc. A ginástica olímpica a gente achava... já era bastante difundida e que a gente achava básico pra meninada sabe dominar o corpo então não tinha muita discussão e nós chamamos esse aqui de “Jogos com bola” pra não ficar é... variedade de jogos com bola. A “Natação” por que, vou te explicar, porque no estado de Minas Gerais tem mais ou menos 78 clubes que foram criados, chamadas Praça de Esportes, que foram criados no auge da... do Getúlio Vargas, do Benedito Valadares e etc., pra divulgar a natação no Estado e esses clubes estão por aí, por aí por Minas Gerais inteiro e eles ficam lá e deram “pras” prefeituras administrarem e etc. ... então a gente tinha um sonho junto com o professor Olimpo de motivar a natação, que não fosse lá dentro da escola, mas que, por exemplo, esses clubes cedessem uns horários, temporada de...

**Pesquisadora:** Pra levar os alunos da educação básica

**Entrevistada:** Pra ir lá aprender a nadar, a ideia era essa

**Pesquisadora:** Endendi

**Entrevistada:** Entendeu, por isso que a gente botou a natação

**Pesquisadora:** E... e peteca, tênis e o outras atividades não estavam ainda...

**Entrevistada:** Não, não... peteca a gente jogava sempre pode até não sei se ela apareceu aí de alguma forma, mas depois a gente vai ter essa preocupação mais na frente a gente entrava com joguinhos básicos, peteca não era tido como essa coisa estruturada mais, era um joguinho ela foi virar esporte um pouco mais nessa época um pouco pra frente

ela não era estruturada como os esportes entendeu
<b>Pesquisadora:</b> Houve uma discussão entre vocês então pra selecionar essas modalidades e esses conteúdos?
<b>Entrevistada:</b> Sim, exatamente, então a gente via isso aqui, é viável na escola, vamos fazer algo que seja viável, mas vamos tentar dar um empurrãozinho nisso, por exemplo, você vê, a gente não botou futebol aqui, naquele momento é... naquela momento tinha uma coisa que dizia assim, ah ensinar futebol não tem que ensinar futebol na escola não, porque os professores só ensinavam futebol e queimada, pras meninas queimada, pro professor futebol, só que não ensinava
<b>Pesquisadora:</b> É... não tá muito diferente hoje não
<b>Entrevistada:</b> Porque tem muita coisa pra ser ensinada no futebol que é maravilhoso, mas naquela época não, já chega de falar de futebol e queimada porque todo mundo fica só naquilo, joga a bola e senta debaixo da árvore e ponto. Tem gente que... outra coisa... outra coisa que a gente pensou aqui assim é que um grande número de professores de educação física dessas escolas eram leigos
<b>Pesquisadora:</b> Hummm....
<b>Entrevistada:</b> Muito leigos, pra você ter uma noção Minas Gerais, eu acho que tinha a UFMG, Juiz de Fora tinha implantado a pouco tempo, depois veio Muzambinho, mas não existia Viçosa, não existia sabe, então os professores formados tinham só o mínimo
<b>Pesquisadora:</b> Tinham uma formação precária
<b>Entrevistada:</b> É, e o quê que acontecia, o Ministério fazia curso de quinze dias pra dá diploma pro pessoal, ia pra Goiânia, pra não sei onde e tinha esse curso de tal da DEF/CEDEF que era uma associação aí que era mantida por gente que tinha interesse politicamente, então as pessoas faziam o curso de quinze dias e iam ser professor de educação física nas escolas, então eu falei, óh vamos tentar fazer as coisas mais mastigadinhas aqui pra ajudar esse pessoal pelo menos fazer alguma coisa, porque se desse algo muito amplo...
<b>Pesquisadora:</b> Entendi... a gente percebe na leitura do documento o “passo a passo” ... então a preocupação era essa
<b>Entrevistada:</b> É, é era essa. Não sabe ensinar direito vamos tentar pensar...
<b>Pesquisadora:</b> Pelo menos dar um documento que orienta né
<b>Entrevistada:</b> É, então quem tem mais habilidade, o professor que tem mais conhecimento vai além disso aí e que não for vai improvisando... foi mais ou menos

essa a ideia, natação, handebol... tá vendo os níveis, ele tem... propõe os níveis não é por série tá vendo ó, tá vendo, esse aqui a gente fez por unidade os níveis, mas se você quiser começar desse pra cá a gente fez essa proposta de distribuição

**Pesquisadora:** Então... fale um pouco pra mim Eustáquia sobre essa divisão dos ciclos e não série né, que é em ciclo, essa divisão nos níveis de conteúdo e com relação à habilidade do aluno que a gente nota que é isso que está escrito

**Entrevistada:** É, é então vamos aqui pra frente. Olha eu sei que é ó... muito amplo isso aqui (risos) era aquilo que a gente via na lei, a própria legislação traz isso aqui, que é a 69.450 tá vendo, “desenvolver as qualidades física básicas, a educação...” aí vem a psicomotricidade, tava no auge da psicomotricidade, o Le Bouche veio pra Minas Gerais dá um tanto de curso, então, como até hoje, ainda tem muita psicomotricidade, aí ele tava naquele momento que começou-se a questionar a educação física na escola, tava todo mundo muito sem rumo querendo acabar, então a gente tinha que se apegar a alguma coisa, mostrar que tinha algo pra ensinar e a psicomotricidade chegou aqui forte com a tradução dos livros do Le Bouche e a vinda dele pela própria Secretaria, então a Secretaria de Educação batia forte nisso aí tá, então por exemplo, isso era da lei tá vendo ó (lendo a pág. 21: Objetivos Gerais da E.F. na escola de 1º grau) “consolidação dos hábitos de higiene”, ... valorização da prática nem tanto, “a criatividade” foi extra porque não aparecia lá, a ideia das “qualidades física básicas é já era algo que ia além do que tava na lei, mas muito baseado na lei e aqui ó... a ideia foi então tentar sistematizar um conhecimento, a ideia foi isso entendeu.

**Pesquisadora:** Entendi

**Entrevistada:** Então o que é que a gente vai querer, que o menino aprenda sobre essas habilidades perceptivas, isso aqui foi muito da Anita Harow, ó tá vendo os “axiais não locomotores”, “executar movimentos”, “reconhecer...” tá vendo os verbos, a gente aprendia isso aqui o verbo, porque o conceito de aprendizagem era aquele que era modificar comportamento, então a avaliação também tinha que vir de forma explícita então, se eu quero executar movimento, que atividade você vai fazer pra avaliar, vai saltar em frente pra lá e pra cá entendeu

**Pesquisadora:** Entendi, a gente nota que tem uma prevalência das modalidades esportivas e jogos com bola em detrimento de outras atividades, fala pra mim um pouco dessa questão das atividades, modalidades esportivas

**Entrevistada:** Ah porque era o auge do esporte né, ele era o auge, quer dizer, não é que

a gente... a gente mesmo tava mergulhado nisso, depois a gente veio questionar um pouco mais porque só isso, um pouco mais pra frente. Já tem alguma luzinha aqui, mas era o forte, não se falava em ensinar outra coisa na escola até o momento, que não dava todo mundo o foco era na realidade o esporte de rendimento, aqui a gente ainda tenta tirar um pouco, mas não deixa de ter, então a gente queria dar um pouco de... sugerir atividade pensando nesse professor que era sua maioria leiga.

**Pesquisadora:** E sobre aquela divisão em ciclos de acordo com a habilidade do aluno, os níveis você lembra de como se deu essa discussão?

**Entrevistada:** Eu me lembro que nós fizemos mais ou menos assim ó, quantas aulas esse menino teria, olha aqui por exemplo, na 1ª série, eles teriam essas atividades por que, nós só pusemos quatro atividades por que, aí você faz a conta quantas aulas teriam pra esses meninos no ano, não vamos botar muita coisa pra esse menino não, é melhor variar dentro da atividade, não vamos ensinar esporte pra esse menino tá vendo, botou Jogos com bola. O Atletismo você vai ver que a ideia era correr, saltar essas coisas mais livres e etc. tá, então a lógica foi sendo essa ó, tá vendo, então o Basquetebol nós vamos ter, não, o Basquetebol só vamos ensinar a partir da 6ª série, era a nossa experiência, porque é um jogo muito difícil, então é desmotivante pros meninos, porque eles não conseguem botar a bola...

**Pesquisadora:** Entendi

**Entrevistada:** Então vamos botar... essa discussão se deu nesse sentido de pensar lá na prática e pensar, olha eu lembro na época a gente fazia plano, era mais ou menos umas 72 aulas por ano... não lembro mais quanto que a gente fazia, o período letivo era menor do que agora

**Pesquisadora:** 180 dias né

**Entrevistada:** É, era 18 semanas eu acho, eu sei que a gente fazia o cálculo de umas 70 aulas mais ou menos, então dentro dessas, o que é que a gente acha considerando a faixa etária das crianças e aí teve muito, por exemplo, com a experiência quando a gente levou o Basquetebol prá mostrar lá pra... pro... não é isso mesmo, o menino antes disso é muito difícil de jogar, é melhor dá joguinhos de deslocamento etc., etc. porque eles vão ficar desmotivados, isso mesmo na minha vivência como professora tinha isso, te ensinavam a fazer aquelas cestas de vime, cesta disso e daquilo

**Pesquisadora:** Uma adaptação né

**Entrevistada:** Fazia mais os jogos de bola do que isso. É foi isso, então você vai ver ó

Jogos de bola eles vem até aqui e aqui que começam os outros ó, vem até a 4ª série e depois então que vai é... começa o esporte mais específico olha, tá vendo, Atividades Rítmicas, Ginástica Olímpica com pequenas coisas, Jogos com Bola muito, Natação até Natação a gente discutia, por exemplo, ah é melhor os meninos comecem a aprender a nadar o mais cedo quando eles vão entrando aqui na puberdade, naquela época, os meninos não querem mostrar seu corpo pras outras então vamos começar antes porque até lá eles já estão acostumados. Esses detalhes todos a gente foi discutindo não estão aqui explicitados, mas foram sendo discutidos dentro desses critérios aqui ó

**Pesquisadora:** Entendi. Com relação a esses diálogos, a essas discussões entre vocês, principalmente os quatro né que elaboraram, houve algum momento em que vocês não concordavam, que vocês tinham algum ponto de discordância com relação ao conceito de Educação Física que entraria nesse documento, com relação à avaliação, ao referencial teórico?

**Entrevistada:** Olha na realidade é... eu acho que a gente não tinha muita clareza desse referencial teórico, tinha assim que é estruturado é... o que é que era a visão tecnicista, mas aquilo era o que estava certo no momento a gente nunca problematizou isso, ó o que tem de mais novidade agora é pensar nisso aqui, quais são as vantagens, nós temos uma Educação Física que, como se diz, não ensina nada, então nós vamos passar a ensinar alguma coisa que a gente sabe o quê que é, sistematizar esse conhecimento, então não, a gente não teve grandes discussões, teve trocas né, mas assim, pontos antagônicos... porque essa discussão de linhas da Educação Física ela não apareceu, ela não aparecia naquela época, ela veio logo um pouco depois de 80 é que começou esse debate mais forte, mas antes não, era algo que era mais comum entendeu

**Pesquisadora:** Alguma vez alguém teve que convencer o outro de que esse caminho era o melhor de ser adotado ou não ou sempre tinha um consenso durante os diálogos, as discussões?

**Entrevistada:** Sabe o que eu acho, por exemplo, em termos de estrutura de documento assim eu acho que quase ninguém tinha vivência dele, de fazer entendeu

**Pesquisadora:** Entendo...

**Entrevistada:** Por isso, quer dizer, acho que a Elenice que trabalhava um pouco né... ela era estudiosa nisso, eu também, mas os outros estavam muito mais acostumados com seus planos de aula, a prática e etc., então a questão de estruturar o conhecimento era novidade pra eles então, no geral, dava a sua contribuição, mas o quê que significa

isso lá na prática e também na técnica que eles dominavam né, a técnica e a prática
<b>Pesquisadora:</b> A parte metodológica em si
<b>Entrevistada:</b> É, é e a prática na escola, então considerando o aluno, ah... não o aluno dessa faixa não vai gostar disso porque criança não gosta assim, assim assado
<b>Pesquisadora:</b> Era muito da vivência, da prática trazendo pro documento?
<b>Entrevistada:</b> Exatamente
<b>Pesquisadora:</b> Entendo, é... a escrita final, esse documento como ele saiu, ele refletiu o que estava no rascunho ou teve alguma modificação na hora de ser impresso? Porque a gente costuma ver hoje em dia, às vezes, o próprio CBC né, você discute, você tem os rascunhos, mas na hora de ir pra impressão ele costuma ainda sofrer algumas modificações e que os próprios participantes não tomam conhecimento
<b>Entrevistada:</b> Não, a gente não teve esse problema não, ele saiu igual nós fizemos
<b>Pesquisadora:</b> Entendo e não sua opinião, depois né... de uma trajetória rica, esse Documento Curricular de Educação Física, o que ele representou pra aquele período Eustáquia?
<b>Entrevistada:</b> Eu acho que... naquele momento ele representou, assim ele foi importante por essa capacidade de fazer é... sistematizar o conhecimento, de alertar pra Educação Física nessa dimensão mais ampla que não é só ensinar... só fazer, é o fazer pelo fazer, você vê que ele ia um pouco... você vê que ele não tinha nada de visão crítica aqui dentro, nada de reflexão não, mas o fazer passou a ser mais explorado, ele tinha uma lógica sabe, uma visão tecnicista que era né, apesar de que talvez ele tenha algum avanço quando ele não abraçava o tecnicismo no todo, quando ele considerava, “não eu tenho que vê que aluno é esse, o que ele já sabe, de onde que eu vou partir” e o professor também ó, eu não tenho uma receitinha pra dar aqui, eu tenho uma proposta, mas aí eu vou ter que pegar e fazer, planejar pra minha escola, então meus alunos... eu acho que ele foi um avanço nesse sentido, era um trabalho rico de detalhes né, olha aí, um tanto de detalhes, Jogos com bola... Outra coisa, vamos imaginar, vamos lembrar que nesse momento tinha muito poucos livros
<b>Pesquisadora:</b> Verdade...
<b>Entrevistada:</b> de Educação Física, exatamente quando existiam eram de esportes...cada um, mas não livros que sistematizassem o conhecimento de uma maneira mais ampla, então eu acho, que isso foi uma contribuição boa naquele momento, eu considero que nesse ponto ele foi um avanço, claro que o ideal era que a gente tivesse... hoje a gente

fala isso, mas mesmo naquela época a gente sentia, vamos juntar mais gente... o que a gente conseguiu foi isso aqui ó (mostra a lista nominal de professores que participaram da elaboração) você vê quantas pessoas, porque não tinha dinheiro pra pagar, não era uma coisa suficiente, o professor na escola não tinha tempo pra parar, pra ir lá, pra participar de uma reunião e a Secretaria não tinha esse tipo de preocupação não, a maioria... uma pessoa fazia..., na realidade quer dizer, ele me convidou, como ninguém recebia (risos) nada, eu podia ter feito sozinha né.

**Pesquisadora:** E olha, na sua opinião, com sua experiência com a Educação Física mineira, como que você percebeu a circulação desse documento entre os professores da rede, quando chegou na escola, na hora da sua aplicação, você teve notícia disso?

**Entrevistada:** Eu tive bastante notícia e tive também notícia de gente que não conhecia (risos)

**Pesquisadora:** Ou que conheceu e deixou fechadinho? (risos)

**Entrevistada:** Ó nunca vi isso não na minha biblioteca tinha? (risos) mas... não, muita gente, nesses contatos com as escolas, muita gente falava ah... tá me ajudando muito! Que legal, nunca tinha pensado que a Educação Física tinha que ensinar tantas, tantos detalhes, tantas coisas, tá me auxiliando no dia a dia, eu vou lá pegar sugestão de atividades, então variava né e tinha gente que falava, não eu não sabia que existia isso não (risos)

**Pesquisadora:** E vocês tiveram um momento depois os próprios professores elaboradores, colaboradores de conversarem a respeito do que foi esse documento dentro da escola, conversar entre vocês mesmos a respeito de se foi legal, se não foi

**Entrevistada:** Não, não formalmente assim, a gente foi conversando ao longo do processo e depois que foi divulgado só com quem a gente encontrava assim né, que estava ali no dia a dia, mas não nessa perspectiva de fazer uma avaliação, nem a própria Secretaria

**Pesquisadora:** Não houve esse momento?

**Entrevistada:** Não, não

**Pesquisadora:** E esse documento, ele reflete a Educação Física da época ou ele já mostra uma nuance de mudança na área?

**Entrevistada:** Eu acho que ele mostra uma nuance em relação aos outros exatamente porque antes, era como eu te falei, eles só tratavam da descrição da técnica, aqui já teve que estruturar, organizar o conhecimento, tenta chamar a atenção por algumas é...

<p>exatamente algumas nuances né, de lembrar do aluno, lembrar condições, lembrar que ao ensinar o movimento você tá ensinando mais do que o movimento né, já tem uma perspectiva da educação do movimento, mas também pelo movimento né, do afetivo que sempre foi muito trabalhado na Educação Física, mas as pessoas não... uma coisa que chamou muito a atenção foi a dimensão afetiva, porque a pessoa, puxa a gente faz isso tanto, ajuda o menino, faz isso, preocupa com o menino etc., mas não pensa que isso pode ser algo estruturado que vai pra um documento né</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Uhum... a gente tá caminhando pro final já da entrevista e como você mencionou a dimensão afetiva, tem algum outro aspecto alguma consideração que você gostaria de fazer, que você lembrou folheando essas páginas?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> É deixa me ver aqui uma coisa sobre... aí ó, quem é essa Therezinha Maria de Sousa Caldeira, é essa minha irmã que está aqui, porque ela era bibliotecária então ela fez essa estruturação de bibliografia essa parte toda...tudo de graça</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Essa parte técnica? Ela não e formada em Educação Física?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Ela fez o infantil aí depois ela fez pra bibliotecária, depois pra advogada</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Olha que interessante!</p>
<p><b>Entrevistada:</b> É, então aqui ó... cadê, cadê a bibliografia você não tirou não né?</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Não, tá aí também</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Terezinha, depois você vem aqui que você não vai lembrar de uma coisa! É... vou te mostrar um pouco também os livros que nos ajudaram sabe, porque eu acho que é interessante. Muito livro técnico tá vendo ó, “Basquetebol”, “Voleibol”, mas olha aqui “Taxonomia dos Objetivos Educacionais” do Bloon que tá tudo ali dentro né, aqui “Regras Oficiais do Basquete”, “Manual de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura” que trazia orientação (Nesse momento, a irmã da professora Eustáquia, Terezinha Maria de Souza Caldeira, que foi uma das revisoras do documento, entra na sala me cumprimentando)</p>
<p><b>Irmã:</b> Tudo bem?</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Tudo bem!</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Ela está me entrevistando sobre esse trabalho aqui que a gente fez em 78</p>
<p><b>Irmã:</b> Hum</p>
<p><b>Entrevistada:</b> É aqui</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> Tá na parte final eu acho o nome dela</p>
<p><b>Entrevistada:</b> Aqui, tá aqui ó</p>

<b>Irmã:</b> Hum (risos) nem lembrava mais! (risos). Outro dia eu encontrei arrumando meus armários lá, achei alguma coisa um outro trabalho que eu tinha olhado pra você, eu falei ué? Agora foi surpresa pra mim!
<b>Pesquisadora:</b> Essa revisão, ela se deu mais em termos da digitação, na época da datilografia?
<b>Irmã:</b> Não, das normas, organização técnica
<b>Pesquisadora:</b> Ah sim tá
<b>Entrevistada:</b> Por exemplo, ela organizou é... a gente não falava muito... essas referências aqui, foi ela que reviu ó
<b>Pesquisadora:</b> Ah ela fez a revisão nesse sentido, que hoje seriam as normas técnicas da ABNT (risos)
<b>Irmã:</b> Justamente (risos)! São as normas técnicas todo mundo tem uma preguiça daquilo né porque muda muito as regras
<b>Pesquisadora:</b> Muda, a gente nunca decora, tem que tá sempre em contato ali com a regra
<b>Entrevistada:</b> Você vê que tá tudo direitinho os pontinhos
<b>Pesquisadora:</b> Sim, sim
<b>Irmã:</b> Pode ser agora que tenha mudado alguma coisa (risos)
<b>Entrevistada:</b> Vê se ela ganhou um centavo, nada! (risos)
<b>Pesquisadora:</b> Tudo convite
<b>Irmã:</b> Sim, pra ajudar a “X”
<b>Pesquisadora:</b> Em nome da educação... foi um prazer te conhecer
<b>Irmã:</b> Prazer foi meu! (nesse momento as irmãs trocam algumas palavras e se despedem uma da outra...)
<b>Entrevista 1:</b> Olha aqui tá vendo ó, “Expressão Corporal”, que era uma novidade nesse momento, aqui, “Inteligência pelo Movimento” esse <i>Cratty</i> aí, era um cara na época... essa <i>Difel</i> era uma editora argentina que traduzia os livros muito da Espanha, ele pegava muito da Espanha, porque livro traduzido aqui não tinha muito, você vai ver que tinha muita coisa em espanhol aqui
<b>Pesquisadora:</b> Sim
<b>Entrevistada:</b> Aqui ó, é... Buenos Aires <i>De rol de la media luna</i> também tem a ver com... “Basquetebol” do <i>Moacir Daiuto</i> , o <i>Dieckert</i> , que era um professor alemão chamado “Ginástica, Esporte e Jogo”

<b>Pesquisadora:</b> Eu cheguei a pegar esse livro na mão!
<b>Entrevistada:</b> Tá vendo, Buenos Aires. O <i>Dieckert</i> foi da minha banca de mestrado
<b>Pesquisadora:</b> Olha que interessante
<b>Entrevistada:</b> o <i>Faria Júnior</i> que é esse “Introdução à didática da Educação Física” tem o livro lá né se vai...
<b>Pesquisadora:</b> Isso
<b>Entrevistada:</b> “Handebol de Salão”, a “Natação Moderna”, a “Natação Elementar”, o voleibol que era o professor <i>Adolfo</i> que tinha acabado de escrever esse livro ó, tá vendo 76
<b>Pesquisadora:</b> 76 bem, bem recente
<b>Entrevistada:</b> “ <i>À Beira da Quadra</i> ” até que a gente era atualizado (risos)
<b>Pesquisadora:</b> Sim, sim
<b>Entrevistada:</b> Aqui, <i>Anita Harow</i> aí ó da “ <i>Taxionomia do Domínio Motor</i> ”, “ <i>Atletismo nas Escolas</i> ”, nesse momento tava começando aparecer essa coisa do esporte na escola, discussão né, “ <i>Exercícios de Barra</i> ” aí o <i>Jean Le Bouche</i> , “ <i>A Educação pelo Movimento – a idade escolar</i> ”, tudo Buenos Aires, tá vendo aqui, quase não traduzia a gente comprava de lá. Esse aqui é de Barcelona “ <i>La Natacion em 15 lecciones</i> ”, “ <i>Livro de Educação Física na Escola Primária</i> ” também ó, Buenos Aires, “ <i>Jogos e Recreação Infantil</i> ”, ah o <i>Nicanor Miranda</i>
<b>Pesquisadora:</b> (Risos) esse eu também eu tenho na minha biblioteca
<b>Entrevistada:</b> Pois é (Risos) na minha tese de doutorado eu falo dele, “ <i>Orientação para os trabalhos escolares</i> ”, “ <i>Caderno didático do folclore</i> ” tá vendo é... “ <i>Coleção de Jogo</i> ”, “ <i>Ginástica Moderna sem aparelho</i> ” a <i>Ilona Poker</i> , que era famosa nessa área né, a <i>Sauer</i> , “ <i>Ginástica Rítmica Escolar</i> ”, “ <i>Educação Física Infantil</i> ”, Buenos Aires tá vendo, aqui também Buenos Aires.
<b>Pesquisadora:</b> Verdade...
<b>Entrevistada:</b> Esse aqui era o papa da pedagogia, <i>Annemarie Seibold</i> , tá vendo ó
<b>Pesquisadora:</b> Até coloquei uma setinha aqui porque esse é seu (risos)
<b>Entrevistada:</b> Ah esse foi o primeiro que eu escrevi! Esse que é o manual, esse que é o manual de cor laranja
<b>Pesquisador:</b> Ah sim
<b>Entrevistada:</b> E a <i>Clódia Turra</i> que era também...
<b>Pesquisadora:</b> E que não é tão distante né

<b>Entrevistada:</b> Não, não
<b>Pesquisadora:</b> É de 76
<b>Entrevistada:</b> Dois anos antes
<b>Pesquisadora:</b> Será que lá na FAE tem um exemplar dele?
<b>Entrevistada:</b> É eu... dei todos os meus livros lá pro... Centro de Memórias lá do... da Meyli, mas eu acho que aquele menino, eu dei uns pra esse menino aí, eu vou ver depois... o Guilherme e... a <i>Clódia Turra</i> , era um livro mais falado da Didática, que usava nas Faculdades de Educação, não sei se você estudou nele, mas não, nessa época ainda não, você é mais nova, tá vendo, tava no incincho da avaliação que era nessa mesma linha 1975
<b>Pesquisadora:</b> É... a maioria traduzida de fora né, é bem dentro daquilo que você falou a respeito da literatura, quase não tem
<b>Entrevistada:</b> É
<b>Pesquisadora:</b> Olha “X” eu quero te agradecer muitíssimo porque é... é conversar com uma pessoa que viveu esse documento e é muita coisa pra contar, foi muito importante pro meu trabalho, muito obrigada viu!
<b>Entrevistada:</b> Por nada, eu que fico feliz de poder contribuir de alguma maneira e eu vou ver se eu tenho aí a tese do Guilherme, a dissertação do Guilherme porque vai voltar isso tudo aqui, inclusive esse manual não vai ser difícil de achar, uns eu dei pra ele sabe, mas a gente pode tentar pegar
<b>Pesquisadora:</b> Ah vai ser muito importante, eu agradeço!

.

.

.

Fim da transcrição.



Entrevistadora: Simone de Lucas Agostinho Lima

Entrevistado: (ELABORADOR 4 – E4)

### Transcrição da Entrevista

Simone	Então, estou aqui com o professor XX e pra gente iniciar a nossa conversa, nossa entrevista, eu gostaria que o senhor falasse o nome, a localidade que você nasceu, quando, né, a data.
Entrevistado	Tá ok. Bom, é “XXX” o meu nome completo. Eu nasci em Campanha que é no sul de Minas. Sete de setembro de 1948. Vim para Belo Horizonte com cinco anos de idade. Fui criado aqui e... Tá respondido a parte da pergunta?
Simone	Isso! Isso! E a sua formação, como que você chegou na Educação Física? O que que te motivou a ingressar no curso de Educação Física?
Entrevistado	Bom, primeiro o seguinte, com dezesseis anos de idade eu comecei a treinar atletismo, corrida especificamente. Sempre me atraiu a marcha atlética, mas eu fazia corrida. E com o treinamento, que era no Atlético, com o treinamento eu fui fazendo amizade com estudantes...
Simone	Que já faziam?
Entrevistado	Não. Já faziam sim a Educação Física, mas tinha muita gente da Engenharia, a Engenharia era muito forte na época na parte de esportes.
Simone	Ainda é. Ainda é. (risos)
Entrevistado	Era Engenharia, Arquitetura, alguns da Medicina... Então, era uma relação de

	amizade muito boa e, na época, eu já comecei a ajudar o técnico do Atlético.
Simone	Monitor. Uma espécie de monitoria.
Entrevistado	É. Informal, mas aí eu fui ajudando. Aí eu fui cada vez mais me interessando pelo atletismo, especificamente. Fui voluntário na Federação Mineira de Atletismo. Bom, e aí...
Simone	Chegou a competir?
Entrevistado	Cheguei a competir. Eu fui campeão brasileiro e recordista brasileiro universitário de marcha atlética.
Simone	Olha! Gente, que legal.
Entrevistado	Pois é. E aí você vai se empolgando, né. E eu era técnico, depois eu fiz vestibular, então eu optei. Quando eu formei, meu primeiro emprego foi na Universidade Federal de Viçosa.
Simone	Olha!
Entrevistado	Na área de atletismo. De lá eu fui para Alemanha. Aí fiz duas especializações.
Simone	Gente, que legal!
Entrevistado	Uma em atletismo e outra em esporte adaptado e reabilitação. Depois voltei, fiz concurso aqui na UFMG. Aí peguei a cadeira de atletismo que essa época que eu voltei, era finalzinho de setenta e sete, 1977.
Simone	E você passou pela educação pública? Pela rede pública ou estadual ou municipal? Particular?
Entrevistado	Não. Eu só eu concluí, aí...
Simone	Só assim.
Entrevistado	Assim. Sim. Passei, mas passei durante o tempo de estudante.
Simone	Ah, sim. Não como profissional.
Entrevistado	Como profissional. Aí eu trabalhei numa escola de periferia de Belo Horizonte.
Simone	Sim.
Entrevistado	E trabalhei na escola de Educação Comunitária. CESEC. Aí, depois, eu vim pra cá, passei no concurso, passei a dar aula aqui. Depois fui de novo, fiz mestrado na Alemanha.
Simone	Voltou para fazer o mestrado?
Entrevistado	Voltei para Alemanha. Só que aí eu fui para Frankfurt. A especialização foi em Colônia. E na Alemanha é o seguinte, se você é professora você não forma só em Educação Física, você forma em três áreas.
Simone	Olha! Abrangente.

Entrevistado	É. Aí então, dentro desse contexto eu tive que fazer a opção dentro das três áreas: uma foi pedagogia, dentro da pedagogia eu escolhi pedagogia especial e pedagogia terapêutica; a segunda foi psicologia e eu escolhi psicologia educacional; e a educação física eu escolhi educação física adaptada.
Simone	Naquela época a gente já tinha educação física adaptada?
Entrevistado	Na Alemanha. Na Alemanha.
Simone	Na Alemanha.
Entrevistado	Ok? Mas nessa época do mestrado é... Eu posso estar errando questão de datas, tá? Que a Eustáquia participou disso também. Oito Escolas de Educação Física já tinham disciplinas relativas à educação física e esporte para pessoas com deficiência. Oito. Tá? Na época. Aí, depois, eu fui de novo para Alemanha e fiz doutorado em ciência da reabilitação. Aí, já não estava mais mexendo com atletismo, nada com esportes, tá ok? Aplicando o recurso da Educação Física de esportes na reabilitação. Então a formação profissional foi nesse contexto.
Simone	E pra gente... Pra ficar mais claro, a graduação finalizou em que ano?
Entrevistado	A graduação? Em 1972.
Simone	Aí o mestrado na Alemanha você terminou...
Entrevistado	Minha especialização em 75 a 77. Era um ano e meio cada. Eu fiz duas né? O mestrado de 80 a 82 e depois veio o doutorado.
Simone	Os dois na Alemanha?
Entrevistado	Os três na Alemanha. Tudo na Alemanha.
Simone	E nesse meio tempo do estudo, da especialização, do mestrado, você estava atuando?
Entrevistado	Tava. É o seguinte, depois que eu fui em 1975 pra Alemanha, para especialização, eu atuei lá.
Simone	Olha, gente!
Entrevistado	Depois quando eu voltei... Eu tive monitoria lá também, no mestrado. Tá?
Simone	Ahã.
Entrevistado	Então eu ficava lá dois ou três anos, aí voltava e trabalhava aqui. Depois eu ia de novo...
Simone	Entendi.
Entrevistado	Né, por causa dos cursos. Então, entre a especialização o mestrado e o doutorado eu continuei trabalhando aqui.
Simone	Sim. Aí aqui que você teve esse contato com a rede pública...
Entrevistado	Isso.

Simone	Ah, entendi.
Entrevistado	Formação de professores, cursos, eu dei curso no Brasil todo.
Simone	Olha!
Entrevistado	Porque, aí começou o seguinte, ou era o MEC, ou era então o Ministério do Esporte, ou, teve na época do Collor, Secretária de Educação Física.
Simone	Uhum.
Entrevistado	Então a gente ministrava curso no Brasil todo.
Simone	Então esse contato com Educação Física escolar foi muito em cima da formação dos professores?
Entrevistado	Isso. É.
Simone	Ah... Interessante.
Entrevistado	E eu fui interprete porque foi uma época que vinha muita gente da Alemanha para dar curso aqui. Então, eu trabalhava como intérprete.
Simone	Já tinha uma fluência da língua, né? E já favorecia...
Entrevistado	Eu já tinha o conhecimento da área.
Simone	Da área, né? As duas coisas que facilitava e muito...
Entrevistado	Inclusive, esse ano eu vou estar traduzindo lá em Manaus.
Simone	Ai que legal. Nossa, interessante! Gente essas entrevistas são muito interessantes, né? Pra gente adentrar mais nesse assunto do currículo, né, diante essa experiência toda, o que você entende por currículo?
Entrevistado	Bom, currículo é um conjunto de conhecimentos com normas que precisam ser cumpridas, né?
Simone	Sim.
Entrevistado	Para que o indivíduo possa avançar. Vamos pensar num nível universitário, avançar profissionalmente. Ter uma boa qualificação profissional.
Simone	Sim. Em termos mais do ensino fundamental, da educação básica...
Entrevistado	Pois é, aí depende daquilo que o indivíduo vai cursar. Então, por exemplo, se eu faço uma licenciatura ele vai ser voltado mais para o ensino lá, né, fundamental, médio, né?
Simone	Entendi.
Entrevistado	Para o profissional que vai atuar em escola, né? Só que quando a gente confronta com essa realidade, também, o que hoje já melhorou muito, o que a gente vê em Minas Gerais, ainda, são profissionais, professores, mas sem nenhuma qualificação, sem nenhuma formação oficial, né. Que são responsáveis de dar aula em uma escola. Então, se impera ainda hoje em 2018.

Simone	É. É verdade.
Entrevistado	Se esbarra, né? Então muitas vezes quando se produz esse tipo de material se pensa em quem vai ministrar. Né?
Simone	É. A Eustáquia, inclusive, comentou a respeito do pensamento, mas ao longo da entrevista a gente chega lá. Então, falando na professora Eustáquia como que surgiu esse convite para participar da elaboração desse documento? Como é que surgiu?
Entrevistado	Ah! Esse daqui?
Simone	Esse. Esse. Esse.
Entrevistado	Estava achando que era o seu trabalho. Não, bom, esse aqui é antigo, né? (risos)
Simone	Isso! Você lembra do ano que começaram as discussões?
Entrevistado	Não, não lembro. Não. Da educação física adaptada eu me lembro. O ano em si, não. Posso falar os participantes e onde a gente se reunia.
Simone	Ah! Isso é interessante. Nós temos até aqui...
Entrevistado	Então, houve uma época que foram feitas reuniões em Tramandaí, no Rio Grande do Sul. A Eustáquia pode ter citado isso porque ela...
Simone	Entendi. (folheiam o material por um tempo) Aí eu tive a notícia, por ela, que o Professor Luiz Afonso falecido.
Entrevistado	Faleceu, isso.
Simone	Porque nós tivemos um interesse grande nessas quatro pessoas porque participaram efetivamente, né?
Entrevistado	É.
Simone	Da Elaboração.
Entrevistado	Tá.
Simone	Então, como é que surgiu esse convite?
Entrevistado	Então, voltando a educação física adaptada, esse convite normalmente... Esse aqui especificamente que você acaba de dizer?
Simone	Isso do documento de 78.
Entrevistado	Não, esse eu sinto, mas não tenho mais. Esse eu não me recordo mais não.
Simone	Tudo bem. Tudo bem. Não tem problema não.
Entrevistado	Outros convites eu lembro, mas desse aqui eu não lembro não. Tá? Então normalmente era o seguinte: designava-se uma comissão de Secretaria de Estado de Educação, por exemplo, para preencher determinadas lacunas. Então, aí via se aquelas áreas onde havia necessidade de ter uma

	documentação ou de ter uma bibliografia a respeito.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Formava-se uma comissão, e aí, aquela comissão, por exemplo, convidava você para escrever sobre um determinado tema. Então, foi feito assim. Agora, da época eu já não me recordo não, tá?
Simone	É...
Entrevistado	Só voltando à história de Tramandaí. É que alguns profissionais de Educação Física atuavam com pessoas com deficiências, já. E eu era um deles. Então se constituiu um grupo com Luzimar Teixeira, Vanilton Senatoro, Eustáquia, Franklin Martins do Pará, Alberto Martins da Costa de Uberlândia, eu, Bárbara Embaptisse de Belo Horizonte... Então era um grupo relativamente grande. É... João Antônio Mirandas Clauconde, tá? Então era um grupo mais ou menos grande e a gente se reunia com uma certa periodicidade na cidade de Tramandaí no Rio Grande do Sul. Eu também não sei porque Tramandaí. (risos) Tinha gente do Rio Grande do Sul Também, mas não de Tramandaí. Tinha o Camargo e a Jane que eram... Eles não eram gaúchos, a Jane sim, o Camargo não. Ambos foram diretores da Educação Física Federal e da Católica. Então esse grupo começou a discutir estratégias, né? Depois disso saiu a Carta de Batatais que a Eustáquia pode ter mencionado.
Simone	Mencionou. Mencionou.
Entrevistado	Pois é, que é um documento importante na época que, tipo assim, não tem nada de currículo, né?
Simone	Entendi.
Entrevistado	Então há a necessidade de que tenha currículo, de que tenha a oferta, de que tenha profissionais qualificados. Então isso foi sendo colocado no papel. E isso, logicamente, desencadeou uma série de ações, publicações, realização de cursos, tá?
Simone	E porque que você acha... Você não se recorda como foi escolhido, mas porque que você acha que você participou dessa elaboração?
Entrevistado	Porque na época... Não, porque na época tinha uma atuação marcante no atletismo escolar. Na época, a final de contas, eu ministrava disciplinas que visavam formar professores para o ensino escolar, então, por isso.
Simone	Seria um nome que teria, nossa, uma contribuição imensa.
Entrevistado	É. Como outros que não estavam aqui, mas o grupo tinha que ser restrito. Tinha que ser, né?
Simone	Tinha que ser. É! Pela própria dificuldade que a Eustáquia mencionou de reunir mesmo, né?
Entrevistado	Exatamente. Tanto que se você olhar aqui, ó, a Elenice é de Juiz de Fora.

Simone	A Elenice me deu aula.
Entrevistado	Ah, é? Pois é. Ela é de Juiz de Fora.
Simone	Foi.
Entrevistado	Pois é. Ela é de Juiz de Fora, mas ela atuava aqui também, então, assim, estão todos aqui.
Simone	Acho que, inclusive, ela é daqui, né? E foi pra lá.
Entrevistado	Não, esse detalhe eu não sei, eu não lembro.
Simone	Na verdade, ela retornou para cá.
Entrevistado	Pode ser que, assim, eu a conheci aqui em Belo Horizonte.
Simone	Ah, sim.
Entrevistado	Ela, os pais dela, a irmã dela, né, a Eliana. Mas, aí depois eu sei que ela atuou lá. A vida toda.
Simone	É. Ficou um tempo lá e eu acho que quando ela aposentou da Universidade.
Entrevistado	É. Já se referiram a mim durante muito tempo como sendo de Viçosa.
Simone	Olha!
Entrevistado	Por ser professor lá.
Simone	A pessoa fica marcada, né?
Entrevistado	Ou do atletismo, né?
Simone	Ahã. É... E você se recorda como que era a dinâmica, do ponto de vista prático, desses encontros para falar sobre esse documento, sobre os conteúdos, onde vocês se encontravam mesmo e como discutiam essas coisas práticas?
Entrevistado	Sim... É o seguinte, dos quatro, três eram professores. A Eustáquia aqui na FAE, né?
Simone	Uhum.
Entrevistado	Mais o Luiz Afonso e eu na Educação Física da UFMG. Então, era fácil da gente se encontrar. Por um lado, a gente era amigo, o Luiz Afonso tinha sido o meu professor. Então, havia uma parte de respeito, por minha parte, de admiração por ele, mas não de frequentar a casa do outro.
Simone	Sim. Entendi.
Entrevistado	Já a da Eustáquia eu frequentava.
Simone	Ah, sim.
Entrevistado	Então, a gente tinha um convívio mais frequente, até.
Simone	Sim.
Entrevistado	E se encontrar aqui ou lá era fácil pra gente.

Simone	É. Então isso facilitou, né?
Entrevistado	Não precisava dessa formalidade de hoje para conseguir a sala aqui, né? Era fácil. A gente ia lá, pegava a sala e pronto.
Simone	Um e-mail... Passa um e-mail. Exatamente. Eu ainda não posso reclamar que eu ainda consegui.
Entrevistado	Não, não. Resolveu. Mas então, era fácil de encontrar. Agora, era o seguinte, eu não ia ficar corrigindo a parte da Elenice ou a parte do Luiz Afonso, né?
Simone	Sim.
Entrevistado	Ok? Então cada um recebia a atribuição de escrever sobre a “sua” área.
Simone	Sim. Interessante.
Entrevistado	O sua entre aspas aí, né?
Simone	Ahã.
Entrevistado	E o outro não ia ficar lá dando palpite. Você até podia pedir opinião, né, para ler, né?
Simone	Entendi. E isso aconteceu? De você...
Entrevistado	A isso com certeza.
Simone	De você, com relação ao atletismo, passar para elas darem uma olhada?
Entrevistado	Sim. Sim. Sim.
Simone	E vocês eram liberados para confeccionar esse documento? Pra se reunir?
Entrevistado	Não. Não. Em relação a...
Simone	Ao trabalho. A carga horária?
Entrevistado	A não. Isso aqui era à parte.
Simone	Era à parte.
Entrevistado	Era à parte. É. Como isso é muito antigo, eu não sei te dar detalhes, mas, por exemplo, já houve um outro que era um livro que eu escrevi, um livro da Secretaria de Educação que eu escrevi um capítulo. Então você tinha um contrato formal para escrever sobre aquele determinado assunto.
Simone	Ahã.
Entrevistado	Com remuneração especificada, tá?
Simone	O que não aconteceu nessa época...
Entrevistado	O que não aconteceu nesse aqui, né? Que se você era convidado já era uma grata coisa. Né?
Simone	Já! Já!
Entrevistado	Uma coisa boa, né?

Simone	Sim! Sim.
Entrevistado	Mas aí, então, você escrevia e pronto. Ali, né.
Simone	É... Essa lista, né? Eu vi que ela veio com uma essa designação: elaboração, revisão, colaboração. Os papéis eram diferenciados?
Entrevistado	Sim. Então, por exemplo, Revisão: a revisão, normalmente, é uma revisão que ela é técnica por um lado. Aí o Élcio Paulinelli aqui, que tinha sido meu professor também, depois foi meu colega, né? Mas muitas vezes você pega alguém que tem um português excelente e põe ele na revisão.
Simone	Ah, tá.
Entrevistado	Essa Terezinha, eu não sei te dizer quem é.
Simone	Eu descobri agora, na entrevista da Eustáquia que é irmã dela.
Entrevistado	Ah! Então tá. É a Terezinha. Tá.
Simone	Ela conversou falando que foi sobre normas técnicas.
Entrevistado	Tá, então é outra Terezinha.
Simone	Formatado, bibliografia...
Entrevistado	Isso. É. Porque tinha isso também. Porque nessa época era outra formatação.
Simone	Outra formatação. E aí, já fazendo um gancho, eles tinham formação na Educação Física?
Entrevistado	Não, o Élcio foi meu professor.
Simone	Sim.
Entrevistado	Então tinha né. E a colaboração podia ser, por exemplo: a leitura daquilo, discussão com o autor daquela parte específica, apresentar sugestões, né?
Simone	Entendi. E eram professores que estavam aqui dentro, também, da FAE? Você tem esse...
Entrevistado	Não. A Elisabeth ela era da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. A Isabel era professora do curso de Educação Física. O José Tarcísio Cavallieri também era professor de Educação Física da UFMG. A Márcia Duarte Assunção também. O Túlio Marcos também. A Maria Helena Vitorino era da rede municipal. O Wilson Camelier eu acho que, dele eu não tenho certeza não, eu acho que ele era do CEFET, mas não tenho certeza.
Simone	Ah, entendi.
Entrevistado	O único que eu não tenho certeza.
Simone	E esses documentos, né, na medida em que vocês iam escrevendo a respeito... Porque pelo o que eu li do documento, igual você tinha especialidade de atletismo, posso te chamar de você, né?

Entrevistado	Pode. Lógico!
Simone	Tinha a especialidade do atletismo. A Elenice de atividades rítmicas, né?
Entrevistado	Isso.
Simone	Esses outros professores você tem esse conhecimento também?
Entrevistado	Tenho.
Simone	Se eles...
Entrevistado	A Elisabeth era ginástica rítmica desportiva, GRD. A Isabel Motandon Soares, do handball, foi técnica da seleção brasileira e campeã brasileira. O Tarcísio Cavaliere do basquetebol. A Márcia Duarte Assunção, da natação. O Túlio Marcos ele foi do futsal, depois ele migrou para outras áreas. A Maria Helena Vitorino eu não sei te dizer, tá? E o Wilson Camelier, também não.
Simone	E vocês quatro da elaboração, vocês chegaram a opinar sobre a especialidade do outro? Por exemplo...
Entrevistado	Eu não.
Simone	Nas atividades rítmicas você chegou a passar o olho e dar alguma opinião?
Entrevistado	Não. Não. Primeiro era o seguinte, por exemplo, a Elenice era muito boa nisso, né? Assim como a Elisabeth de Fátima, a Betinha.
Simone	Ahã. Ahã.
Entrevistado	Então, assim, como é que eu vou dar palpite naquilo lá? (risos) Se a Isabel fosse a autora, eu fui preparador físico do time de handball dela, eu poderia ainda dar um palpite.
Simone	Olha! Entendi.
Entrevistado	Mas fica até complicado. Você vai dar palpite num negócio ali que eles sabem infinitamente mais que você?
Simone	Entendi. Como esse documento ele já tem algum tempo, você se lembra se teve alguma base, algum documento precedente que serviu de subsídio?
Entrevistado	Não. Não. Que eu saiba, não. Do que eu escrevi eu sei.
Simone	A tá. O que que te norteou então?
Entrevistado	Por exemplo, se você pegar...
Simone	Que serviu de referencial teórico para você...
Entrevistado	Séries Metodológicas de Exercícios em Atletismo.
Simone	A tá.
Entrevistado	Tá? É um livro originalmente em alemão. Tá? Que eu gosto muito até hoje. Né? Porque são brincadeiras de correr, de saltar, engatinhar, trepar...
Simone	Lúdico!

Entrevistado	Lúdico. Ele é muito lúdico. Depois surgiu uma edição em português que além dos três autores originais tinha um quarto, brasileiro. (risos) Por que que ele entrou ali, quando você compara um com o outro, eu não fiquei ipisis litteris comparando, mas a base era uma só
Simone	Entendi.
Entrevistado	Entende?
Simone	Ahã.
Entrevistado	Muito bem. Então, quando você olha, na hora que eu folhee. Eu só passei a página aqui, na página 34, na hora eu pensei: Séries Metodológicas de Exercícios em Atletismo. Então você começa de uma forma bastante fácil e você vai tornando aquela forma mais complexa. Tá? Seja de correr, de lançar... Por isso que é uma série metodológica, né? Porque tem uma metodologia por trás.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Parece que estou aprendendo o “B a Bá” aqui, vai ser facinho, né? Mas depois vai ficando mais complexo. Então ele vai acompanhando isso.
Simone	Do simples para o complexo, aquela coisa...
Entrevistado	Isso.
Simone	Ahã.
Entrevistado	Então ele vai seguindo isso aqui.
Simone	Além desse referencial, algum outro documento curricular? Assim, que serviu de norte para você?
Entrevistado	Da minha parte eu me lembro desses livros.
Simone	Dos livros em si.
Entrevistado	Dessa série.
Simone	Não, tranquilo.
Entrevistado	Eu pensava também naquelas pessoas que iriam ler.
Simone	Sim!
Entrevistado	Não quarenta anos depois, né, mas que iriam ler na época que iriam ter uma formação baseada nisso aqui.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Pra atuar na escola.
Simone	Isso foi pensando, então, no momento da escrita?
Entrevistado	Eu pensei nisso na hora de escrever. Então, tipo assim, como é que eu descrevo isso, né, de forma que a pessoa possa entender?

Simone	Inclusive, na leitura que eu fiz do documento, a gente nota que foi feita uma divisão por ciclo e não série.
Entrevistado	É, era o da época, né?
Simone	Isso. E sempre respeitando o nível de desenvolvimento e habilidade do aluno.
Entrevistado	Sim. Sim. É.
Simone	Isso foram questões que foram...
Entrevistado	O material que tem na escola ou o que não tem...
Simone	E o material que tem na escola.
Entrevistado	O local que, às vezes, não tem.
Simone	Exatamente. Você sabe me dizer por que que isso ficou tão forte nesse documento? Era uma discussão da época? Ou vocês que dialogaram a respeito dessas questões?
Entrevistado	A realidade era muito marcante, né? Eu me recordo, por exemplo, da Isabel Montandon Soares de uma vez, ela fez mestrado na Alemanha e eu também, né? E às vezes a gente foi... É como você vim cá com um grupo de pessoas visitar essa biblioteca, aí você tem professores de escolas municipais, por exemplo. Você chega e olha para essa biblioteca e fala “depois eu volto para a minha lá”.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Isso se passou com a Isabel. Ela viu lá um centro de treinamento e ficou triste. Eu falei: “o que que você tá triste?”. Naquele negócio maravilhoso! Aí ela falou assim: “agora eu volto para aquela quadrinha lá”. Era a quadra com piso irregular, formato no meio da quadra...tá?
Simone	E isso é marcante...
Entrevistado	Isso era a realidade. Isso é marcante!
Simone	Nesse documento que em várias partes, da introdução, da apresentação, repete: adequar à realidade da escola. Então, houve esse momento de discussão?
Entrevistado	Houve esse momento porque qual que era o local que tinha? Se a gente olhar, ainda hoje, as escolas não têm uma quadra.
Simone	Ainda hoje temos, verdade.
Entrevistado	Não tem espaço, né? Onde que é dada a aula de educação física?
Simone	Muito precarizado, né?
Entrevistado	É sim.
Simone	Muito precarizado.
Entrevistado	Onde que é dada a aula de educação física? Até hoje não se construiu nada.

Simone	Nada. É um espaço que sobrou.
Entrevistado	É um espaço que sobrou e que perturba todas as aulas.
Simone	Isso. Que dura realidade até hoje, né?
Entrevistado	É verdade, então não é fácil. Então, isso foi pensado.
Simone	Então, teve essa preocupação?
Entrevistado	Teve essa preocupação, né? Então, quem é essa pessoa que vai ministrar essa aula? Que vai ler isso aqui e vai ministrar a aula. Tem formação?
Simone	E vocês pensaram, isso que eu ia perguntar...
Entrevistado	Tem formação? Às vezes não tinha. Aí, às vezes, ele ia ler isso aqui ou alguém iria ensinar isso para ele, né?
Simone	Ahã.
Entrevistado	Tá?
Simone	Eram poucas faculdades na época. Que deveria ter poucos professores com formação adequada, né, digamos assim.
Entrevistado	Pouca formação adequada e material nenhum e sem local. Então como que ele vai ministrar essa aula, né?
Simone	Então, aí houve uma divisão também, até pela parte do atletismo, você pode responder melhor essa divisão, em níveis. A preocupação em quando começar.
Entrevistado	Quando falei em ciclo, inclusive, você pode pensar em ciclo ou fase da aprendizagem. Não em ciclo, agora é série e antes era ciclo, não.
Simone	Entendi. Ao momento em que ele pode receber determinado tipo de conhecimento e quando que está pronto para segunda fase.
Entrevistado	Sim. Isso. Exatamente. É.
Simone	Então tá certo. Vocês não se prepararam então? Vocês se encontraram, mas não teve uma discussão a priori?
Entrevistado	Eu não posso dizer que não houve, né, porque, lógico que o seguinte: nós convidamos vocês para elaborarem um documento, um livro, voltado para educação física no ensino do primeiro grau.
Simone	Sim.
Entrevistado	Então, a gente pede para que cada um da sua área escreva sobre aquilo que um professor de educação física no ensino escolar, no ensino municipal, particular e tal, tenha que saber a respeito desses conteúdos que a gente escolheu que façam parte dessa publicação. Então isso lógico que teve, né?
Simone	Ahã. Então, já pegando um gancho, como que foi esse momento da seleção desses conteúdos? Por que esses conteúdos que estão aqui? Por que natação? Foi uma coisa que me deixou com uma pulga atrás da orelha.

Entrevistado	Pois é, era de se imaginar por causa do seguinte: se não tem uma quadra vai ter uma piscina?
Simone	Eu falei, gente, eu estou curiosa!
Entrevistado	Em hipótese alguma. Mas é o seguinte, se você tem bons diretores de escola, bons gestores educacionais e tem bons professores eles podem fazer, formal ou informalmente, convênios com parcerias, né?
Simone	Ahã. Ahã.
Entrevistado	Então, às vezes, tinha um clube na cidade do interior que podia ser usado pela escola.
Simone	Foi nesse sentido que a natação...
Entrevistado	Que entrou a natação.
Simone	E assim foi com os outros conteúdos?
Entrevistado	A própria escola, a própria história da Escola de Educação Física da UFMG era mais ou menos isso, né? Era em locais emprestados. Então aqui, essa federal era da Universidade Católica, mas usaram quais instalações? O quartel da polícia no Prado. Lá tinha uma pista de atletismo, lá tinha piscina...
Simone	Então os alunos ficavam espalhados.
Entrevistado	Não estou dizendo que a piscina era usada lá, mas a pista de atletismo era.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Então era usado locais emprestados.
Simone	Até que se tivesse o campus, né?
Entrevistado	Até que se tivesse, ok?
Simone	Então nesse sentido a natação entrou no documento.
Entrevistado	Então, pensando nisso, porque na região de Juiz de Fora, por exemplo, naquelas cidadezinhas sempre você tem uma piscina lá nas cidades.
Simone	Sim. Sim.
Entrevistado	Subutilizadas de um modo geral, né?
Simone	Ahã. Eu queria que você falasse um pouco se teve discordância entre vocês em alguma questão. Sobre o ponto de vista do conceito de Educação Física que entraria nesse documento.
Entrevistado	Que eu me lembre, né, não. Que eu me lembre, não. Pode ter havido, mas eu não lembro não.
Simone	Porque a gente entende assim, né, que um currículo que tenha que escolher os conteúdos, a divisão, né? Gere um pouco de debate em torno de assunto ou de discordância.

Entrevistado	É. Isso pode ser, pode ter sido feito no início sim, antes da elaboração do documento e falar: “olha, nós queremos mais que vocês falem sobre, assim, o ensino da sua área, da sua disciplina na primeira série, na segunda série, na terceira série...”, por aí.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Nesses tempos, sim.
Simone	Entendi. Alguém deu opinião a respeito, por exemplo, de metodologia, ou realmente ficou cada um na sua especialidade? Por exemplo, quando você escreveu sobre o atletismo, como seria tratado os aspectos metodológicos? A avaliação em cima do atletismo...
Entrevistado	É. Aí você tem que ter um certo cuidado, por causa do seguinte, na medida que você pega alguém que ele é o profissional daquela área específica e você vai lá e fala pra ele como ele vai ter que fazer... (risos).Né?
Simone	É complicado.
Entrevistado	É complicado, né?
Simone	É sim. É sim. Por isso eu até, nós conversamos, e falo, assim, se houve uma discordância, né? Justamente...
Entrevistado	Porque o que seria razoável é que falasse: “olha, são tantas séries, então vocês vão dividir o conteúdo ou lembrar que é ao longo da formação do aluno”.
Simone	Da formação do aluno, exatamente.
Entrevistado	Então, metodologicamente seguindo o desenvolvimento do aluno, da evolução dele. Pronto.
Simone	E o que que levou, por exemplo, que eu noto que aqui tem... na divisão, eles foram marcando um “x”, aonde... Aqui! O atletismo, por exemplo, ele inicia... Né?
Entrevistado	É, as séries.
Simone	Até ele foi escolhido para compor todo o curso do menino, né?
Entrevistado	Sim.
Simone	Outros foram escolhidos para só no início, outros a partir do final. Você lembra dessa discussão? Como se deu?
Entrevistado	Não. Não, isso eu não lembro não. É assim, é mais ou menos fácil lembrar, assim, de imaginar, né, por exemplo, aqui, o handball: “a medida que ele vai ficando mais velho, vai entrando o esporte”
Simone	Ah, sim.
Entrevistado	Ok? Então, esporte com bola. Tá, handball, basquetebol, ó... Tá vendo? Então ele tem que ser um pouquinho... tem que ter o controle do corpo, tem que ter

	uma percepção espacial melhor. Ele tem que ter melhor lateralidade...
Simone	Entendi.
Entrevistado	Porque, se não, não vai ser possível ele fazer isso. Então nós vamos dar base. O atletismo procurar dar a base, a atividade rítmica também.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Ok? Então por isso.
Simone	Entendi. E você teve acesso a esse documento quando ele foi finalizado?
Entrevistado	Ah, eu tinha cópia disso. Tinha.
Simone	Dos outros conteúdos, inclusive?
Entrevistado	Tudo. Isso aqui a gente recebia exemplares.
Simone	Ah tá, entendi. E uma curiosidade: ele foi impresso do mesmo jeito que vocês fizeram o rascunho? Porque acontece isso com alguns documentos, né?
Entrevistado	Acontece.
Simone	Deles acabar sofrendo algumas modificações.
Entrevistado	Olha da minha parte foi assim... é porque aqui, ó, você tinha um quadro, aí você tinha que colocar dentro desse padrão. Aqui ó: objetivo, conteúdo programático, as sugestões de atividades, aí na avaliação, como é que eu vou avaliar a aprendizagem? Técnicas, instrumentos e atividades. Então, se você olhar, isso segue com essa dinâmica.
Simone	Sim.
Entrevistado	Está ok? Então, eu tinha que escrever considerando essa formatação aqui.
Simone	Sim.
Entrevistado	Tá?
Simone	E na sua opinião...
Entrevistado	Pode ver que ela se repete, ó.
Simone	Sim.
Entrevistado	Tá. Então isso foi acordado anteriormente, senão, por consciência ninguém chegaria aqui.
Simone	Não iria chegar todo mundo na mesma formatação, né? Então nos encontros que vocês tiveram, vocês conversaram sobre essa parte técnica, digamos assim, do documento.
Entrevistado	Exatamente, como eu vou formatar? Vou apresentar?
Simone	Sim.
Entrevistado	Porque senão cada um faz de um jeito, por exemplo, um podia fazer um texto

	e escrevendo tudo como se fosse uma prosa e o outro em verso.
Simone	Isso! O outro em tópicos, né? É verdade. Sendo um documento...
Entrevistado	Aí optou-se por ter um padrão. Então, reúne o pessoal: "então como vamos colocar isso no papel?".
Simone	Sim. Entrevistado, na sua opinião, esse Currículo Mineiro de Educação Física, o que ele representou para a Educação Física daquele período?
Entrevistado	Bom, você pode dizer que não tinha nada, né? Então, não tinha nada. Então, tipo assim, era uma época que eu importava muitos livros.
Simone	Ahã.
Entrevistado	Tá? Isso pode não ter sido mencionado até agora, né? A Espanha, na época, assim, tinha a União Soviética que produzia excelentes livros, o conhecimento era muito bom, aqui não era ditadura ainda né.
Simone	Aqui nesse período? Desse período já era.
Entrevistado	Desse período já era.
Simone	A gente estava no finalzinho ditadura em 78.
Entrevistado	Ah é 78. Então, que acontecia era o seguinte: Criou-se, na Espanha, um centro de tradução, publicações da União Soviética eram excelentes.
Simone	Olha!
Entrevistado	Tá? E na Argentina tinha o Serviço Educativo Argentino, o SEA, ela republicava aquilo. Editorial Kapellusz.
Simone	De lá pra cá?
Entrevistado	Editorial Kapellusz.
Simone	Sim.
Entrevistado	Tá? Então, tinha estruturas formais, tanto na Espanha quanto na Argentina, da educação pública. Que publicavam aquilo e tinha editoras que participavam daquilo ali. Eu importava livros da Argentina.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Que aquilo era muita pouca coisa. Né? E eu assinava publicações da França na área pedagógica.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Tá?
Simone	E acabou que esse material também foi o referencial, né?
Entrevistado	É. Aí foi servindo como base.
Simone	Como base não só aparece documento, eu acredito, mas para tudo que foi produzido.

Entrevistado	Quando você olhava para nossa biblioteca das escolas, das escolas superiores, não tinha nada. Então, normalmente, você tinha livro técnico de basquetebol, de judô, de atletismo, de natação, isso tinha. Poucos, mas tinha. Era muito pobre.
Simone	Entendo. E bem referente a cada modalidade.
Entrevistado	A cada modalidade. Quando muito, saía alguma coisa sobre fisiologia, por exemplo. Mas nunca alguma coisa sobre psicologia do esporte, por exemplo. Isso de jeito nenhum.
Simone	Entendo. Entendo.
Entrevistado	Então, era um negócio muito pobre. O que tinha era pouco e era pobre. Era atrasado.
Simone	�. Inclusive, aqui na bibliografia tem muito Buenos Aires.
Entrevistado	é por causa disso que eu estou te falando, daí � Buenos Aires.
Simone	Se você for olhar, olha, Buenos Aires, Buenos Aires, Buenos Aires, Buenos Aires.
Entrevistado	Mas é por causa disso, quer ver? �... Basquetebol, Bee, Buenos Aires. Paidós a editora...Bloon. Então, já tinha sido mencionado isso aí?
Simone	A questão, Eustáquia que mencionou a falta de literatura também.
Entrevistado	é, pois �, então tive que importar.
Simone	Ela mencionou nesse período.
Entrevistado	A Mariano Giraldes também. Aqui, do rolamento � roda.
Simone	Hum hum.
Entrevistado	Então, aqui já tem uma metodologia.
Simone	Entendi.
Entrevistado	T�? A Stadium. A Stadium, a Kapellusz. Aqui é, a Kapellusz está aqui é... A Faria Júnior, essa daqui é brasileiro, �...
Simone	Isso. E aí, com a sua experiência na educa�o física mineira, como você percebeu a circula�o desse documento entre os professores da rede e a sua real aplica�o, você teve esse conhecimento?
Entrevistado	Não, eu não tive conhecimento não. Não, porque assim ele era da Secretaria de Educa�o. Hoje, ainda, é uma questão muito interna. Se você não era secretaria...
Simone	Você não tem esse contato com os professores da rede?
Entrevistado	Eu recebi exemplares, muitos exemplares. E a escola recebia, a biblioteca de l� recebeu também. Isso era utilizado l�. Agora, se a rede recebeu, eu não sei.
Simone	E você, também, não teve esse contato com aquele professor do chão da escola

	mesmo, né?
Entrevistado	Não. Não. Não.
Simone	Aquele que pegou o documento.
Entrevistado	Às vezes eu pegava um curso, eu ministrei muitos cursos no Brasil inteiro. Tá? Então, você às vezes vai para o interior e você tem essa preferência, mas só se o aluno mencionar para você.
Simone	E eles... Isso que eu ia te perguntar, e eles chegavam a questionar sobre o documento? Sabendo que você participou...
Entrevistado	Não. Não. Nunca aconteceu isso não. Não.
Simone	Entendo. Para você, esse documento ele refletiu a Educação Física daquela época ou ele representava uma nuance de mudanças na nossa área?
Entrevistado	Era uma tentativa de mudança.
Simone	Olha! E como você percebe essa tentativa de mudança neles? Nesse documento.
Entrevistado	Primeiro de estruturar um documento que tivesse uma formatação metodológica. Ok? Então aquilo está sendo feito...
Simone	O anterior não funcionava?
Entrevistado	Não tem, não tinha, você não tinha um referencial. Aí ele passou a ter um referencial. Ok?
Simone	Sim.
Entrevistado	Então não tinha. O quê você tinha era o quê? Qual que era realidade? O professor sem nenhuma formação. Né? Ou ele tinha uma formação, mas era precária a formação.
Simone	Então ele foi...
Entrevistado	Então foi fornecer para ele um instrumento de qualidade, da época...
Simone	Sim, não! Sim, nós estamos com um olhar...
Entrevistado	Que, se ele quiser, ele pode se basear aqui para ministrar aulas melhores.
Simone	Então você vê esse documento como um...
Entrevistado	Um fato importante.
Simone	É. Já um indício de mudança.
Entrevistado	Se ele foi distribuído, eu não sei.
Simone	Mas que ele se preocupou com isso, né.
Entrevistado	Que ele se preocupou com isso. Então, ele tinha essa preocupação. Alguém dentro da secretaria teve essa boa preocupação.
Simone	Sim.

Entrevistado	De mudar alguma coisa para melhor. Né? Então, vamos tentar. Vamos fazer alguma coisa.
Simone	Sim, e é... A gente tem que ver com os olhos da época, né? Assim...
Entrevistado	Exatamente! Inclusive, em outra entrevista de Mestrado, me perguntaram, que eu falei assim: "Ah, eu trabalhei como tradutor e vinha muito professor da Alemanha", né, isso foi levantado aqui na UFMG. Agora, por que tantos da didática? E não da natação, do trampolim, da ginástica artística... Por que tantos da didática? Uai, eles iriam ver a realidade que eles iriam encontrar. Eles iam ter material? Eles iam ter equipamento? Local? Não tinha. Era muito precário, né?
Simone	Esse documento ele traz muitas modalidades esportivas, né. A seu ver, isso refletia a Educação Física da época?
Entrevistado	Não, se tentava, por exemplo, aqui ó, quando mencionei a Isabel Montandon e o Lincoln Raso, que não foi falado.
Simone	O Lincoln um assinou apresentação do...
Entrevistado	É, pois é. Então aqui, ó, a Isabel. O handebol tentou se implantar e conseguiram muita coisa no handebol. Então, no Colégio Estadual aqui em Belo Horizonte, ele era muito forte. Eu estudei em colégio estadual.
Simone	Ahã, ahã.
Entrevistado	Central ali da Gameleira. Estudei em dois, duas unidades, o handebol era muito forte no colégio Estadual, digo, Municipal Marconi também era. E no Municipal... Esqueci o bairro agora. Um outro bairro, também era muito forte. Tá? Então, assim, era uma modalidade que até hoje você pega o handebol escolar ele ainda é bom.
Simone	É. É sim.
Entrevistado	Então, ele veio dessa época.
Simone	Entendo.
Entrevistado	Dessa época. Luiz Afonso, Silvio Raso principalmente, digo, Lincoln Raso... O Sílvio não. Lincoln Raso, então vem disso. Luiz Afonso do basquete. Então era no ensino escolar, tá?
Simone	Entendo.
Entrevistado	Então, esses professores eram preparados para dar iniciação naquelas escolas lá.
Simone	Entendi. A gente está se encaminhando para o final da entrevista e eu queria agradecer a disponibilidade, queria agradecer esse momento que pra gente é tão rico, porque um documento...
Entrevistado	É, porque se você ler, logicamente vem uma série de pontos de interrogação né?
Simone	Sim!

Entrevistado	Porque essa estrutura? Esse conteúdo? Por exemplo, né?
Simone	Sim! E nos ajuda, a entrevista nos ajuda a conhecer a história em si. Porque tudo tem um motivo, tudo tem um porquê. A natação, por exemplo, foi uma das minhas curiosidades. Eu falei: “Gente, se hoje a gente tem tanta dificuldade com material”, porque isso ainda é uma realidade da educação física escolar brasileira.
Entrevistado	Quer ver, se você olha a quantidade de crianças, jovens e adultos que morrem afogados, hoje ainda, hoje ainda, tá?
Simone	Sim!
Entrevistado	Quando você olha as seleções brasileiras paralímpicas de natação todos aprenderam a nadar depois de um ano 18 anos de idade. Todos.
Simone	Uma lacuna, né?
Entrevistado	Uma lacuna!
Simone	Uma lacuna.
Entrevistado	Né, então assim, a quantidade de gente que morre, o bem que faz para saúde, para o lazer...
Simone	Sim.
Entrevistado	E ninguém tem acesso. Então, daí a preocupação.
Simone	Até, Entrevistado, não está aqui no meu roteiro, mas eu fiquei curiosa e eu não posso deixar de perguntar. Você se especializou muito na educação física adaptada em uma época em que o Brasil nem mencionava o termo.
Entrevistado	É, verdade.
Simone	E quando da discussão desse documento você não tentou colocar um pouquinho desse conhecimento que você trouxe de fora?
Entrevistado	É. Nessa época não. Nessa época não. É por causa do seguinte, aí vem a questão da adequação, né. Então, se eu vou dar aula para uma série e eu tenho um aluno com deficiência, se eu estou bem qualificado, eu procuro adequar a minha aula para aquele aluno ali.
Simone	É, nessa época né...
Entrevistado	Às vezes nem deficiência tem, às vezes ele é muito mais lento que os outros, né, às vezes ele é discriminado pelos outros. Então quando você fala metade mais um, no nosso time não. Então, como que eu lido com isso? Então se eu tenho uma boa qualificação isso não é problemático não.
Simone	Entendo. É, porque nessa época o Brasil nem sonhava em falar..
Entrevistado	Em incluir. É.
Simone	Em incluir. Em fazer uma Educação Física para todos.
Entrevistado	Então, se a minha aula é bem ministrada, bem preparada, eu tenho que ver

	essas variáveis todas. É aluno que tem habilidade, é aluno que já chega e que já sabe aquilo, porque ele já fez aquilo. "não, eu já fiz", às vezes, né? Às vezes ele é atleta naquela modalidade. Então, ele vai fazer minha aula junto com outro que nunca fez aquilo.
Simone	Isso refletiu uma preocupação da época que era voltada para formação técnica.
Entrevistado	É, exatamente. Voltado para formação técnica.
Simone	Voltado ao tecnicismo, né?
Entrevistado	É, exatamente.
Simone	Depois que isso vem mudar como eles estavam à nossa frente a algum muito tempo. Professor, eu gostaria de agradecer mais uma vez. Vai ser muito importante para a conclusão da minha dissertação e dizer que como a gente conhece a história através de uma simples entrevista, uma conversa, um diálogo, porque só da leitura do documento a gente...
Entrevistado	Como eu falei, a gente fica com vários pontos de interrogação.
Simone	Sim!
Entrevistado	Porque assim e não de outro jeito?
Simone	Então eu agradeço. Tá joia?

.  
.  
.

Fim da transcrição.



Entrevistadora: Simone de Lucas Agostinho Lima

Entrevistado: (REVISOR 1 – R1)

#### Transcrição da Entrevista

Simone	Então, estou aqui agora, né, na casa do senhor "X". E a gente vai começar essa entrevista senhor "X", eu gostaria que o senhor, eu queria agradecer, primeiramente, por a gente está aqui (risos) e o senhor me receber com tanta disponibilidade.
Entrevistado	Não, para mim, não tem problema não.
Simone	Então, eu agradeço. Aí, para começar eu gostaria que o senhor falasse o nome

	do senhor completo, onde o senhor nasceu, qual o ano do seu nascimento.
Entrevistado	Eu sou XXX. Eu nasci em Bambuí em 25 de dezembro de 1933.
Simone	O senhor nasceu no Natal. (risos)
Entrevistado	No natal. Infelizmente, ganhava presente uma vez.
Simone	Economizaram no presente.
Entrevistado	Só ganho um presente.
Simone	Senhor Entrevistado, por que Educação Física? O que motivou o senhor a ingressar no curso de Educação Física?
Entrevistado	Você sabe que Educação Física, para mim, foi um acidente. Puro acidente, puro, puro. Porque eu tinha um primo que, aliás, ele é até falecido. Ele em 52, no princípio de 1952, a minha tia, mãe dele, falou: "ah "X", o Ederson vai fazer o vestibular para Educação Física", eu toda vida fui bom de Matemática, "e ele não está com nada de Matemática, então eu queria que você fizesse vestibular com ele para dar cola para ele".
Simone	Olha! (risos)
Entrevistado	Então eu vou, aquela coisa... Era primeira turma desse colégio de Educação Física porque tinha que ir em Belo Horizonte...
Simone	Daqui de Belo Horizonte?
Entrevistado	É. Em Belo Horizonte foi uma... Fizeram uma coisa, não existia o curso Educação Física aqui. E no ano que começou a funcionar em 1952, dois cursos ao mesmo tempo.
Simone	Olha!
Entrevistado	Porque no final de 51 foi criado o curso de Educação Física da Diretoria de esportes que era um curso de Educação Física do Estado.
Simone	Sim.
Entrevistado	Quando foi em janeiro de 52 um grupo de professores ligados ao Dom Cabral que era o Arcebispo de Belo Horizonte da Universidade Católica, criou um curso, propôs ao Dom Cabral de criar um curso de Educação Física na universidade Católica.
Simone	Sim.
Entrevistado	Então, se criaram dois cursos: um da Diretoria de Esportes e outro da Universidade Católica. E o meu foi da Universidade Católica. Eu entrei fiz o curso de Educação Física da Universidade Católica. E foi para esse curso que esse meu primo me chamou com esse objetivo. Nós fizemos o vestibular, passamos, ele abandonou o curso, ele no segundo ano abandonou o curso e depois fez até Direito. E ele faleceu alguns anos por um acidente e eu continuei na Educação Física e fiz o curso da escola e terminei então em 54 foi a primeira turma de Educação Física da PUC.
Simone	Que era a PUC?
Entrevistado	Não, mas porque em 1953, final de 1953 que funcionou em 54, as duas escolas viram que não tinha sentido duas escolas aqui. Então, os professores se uniram e resolveram fazer uma escola só. Então, era uma escola que tinha

	uma característica muito desagradável, até, porque ela foi incorporada à Universidade Católica. Então, ela era Escola de Educação Física da Universidade Católica. Só que era subsidiada pelo Estado.
Simone	Entendi. Sim.
Entrevistado	Então, quer dizer, que o Estado é que pagava os professores e tudo mais. Isso trouxe uma tragédia porque na hora de indicar o diretor quem indicava era o reitor da Universidade Católica. Porque quem pagava os professores era o governador do Estado. Então...
Simone	Era uma saia justa, né?
Entrevistado	E foi que até que em 1970, digo, no final de 69, em outubro de 69, nós conseguimos federalizar a escola e nós fomos, então, para Universidade Federal de Minas Gerais.
Simone	Aí a UFMG, já.
Entrevistado	Aí a coisa melhorou completamente. Passamos a ter uma sede lá no campus, nós fomos lá para o campus, e tudo mais, então, foi muito bem. Mas, até então... E, exatamente por causa disso, nessa época o Lincoln, que, aliás, já é falecido...
Simone	O Lincoln já é falecido?
Entrevistado	É. Ele já é falecido. Ele faleceu em 92.
Simone	Já tem bastante tempo.
Entrevistado	Novembro de 92 o Lincoln faleceu.
Simone	E de lá para cá o senhor especializou? O senhor continuou estudando?
Entrevistado	Não, eu continuei, mas na época em que não existia mestrado e doutorado nem coisa nenhuma. Não existia curso de pós-graduação. Não existia curso de pós-graduação. Então, eu nunca tive oportunidade de fazer. Eu tive a oportunidade de fazer alguns cursos de especialização e, pra mim, o mais importante deles, foi um curso que foi feito na Alemanha, um curso que da época a SEED - MEC, que era, na época, a Secretaria de Educação Física do Ministério da Educação.
Simone	Sim.
Entrevistado	Que levou um grupo de professores de ginástica olímpica à Alemanha, e nós ficamos lá...
Simone	E o senhor foi?
Entrevistado	Eu fui. Eu fui.
Simone	Nossa, que interessante!
Entrevistado	Então, eu fui e eu fiz esse curso de especialização em ginástica olímpica numa época que, aqui em Belo Horizonte, praticamente não existia a ginástica olímpica, sabe. Então, eu tive oportunidade de ir lá. De levar para Escola de Educação Física a disciplina de ginástica olímpica. Então, nós fizemos, criou-se a disciplina de ginástica olímpica na Escola de Educação Física.
Simone	O senhor chegou a atuar na rede estadual de ensino aqui em Belo Horizonte?
Entrevistado	Eu atuei como professor do Colégio Estadual, mas por muito pouco tempo,

	sabe. Foi o quê? Uns cinco ou seis anos que eu fiquei em colégio estadual.
Simone	Logo em seguida o senhor foi para UFMG?
Entrevistado	Não, eu já era da UFMG.
Simone	Já era da UFMG. Ah, sim!
Entrevistado	Já era da UFMG nessa época. Porque a UFMG, quer dizer, nós éramos da católica. Então, era particular. Porque funcionário público pode acumular dois setores... Dois cargos... Dois vínculos.
Simone	Dois vínculos, isso mesmo.
Entrevistado	Então, eu fui, então, para o colégio estadual em 64, 65 por aí.
Simone	Ano do golpe militar. (risos)
Entrevistado	Ano do golpe militar. Pois é, eu acho que foi depois do golpe. E fiquei, porque fiquei até 71, até 70. Porque... Aí, até 71. Eu fui porquê... Eu fui professor do Colégio Estadual Central, próximo daqui que lá chama Milton Campos.
Simone	Sim.
Entrevistado	A Escola Milton Campos. E no ano seguinte fiz concurso para o colégio municipal e entrei também para o colégio municipal. Então, eu tinha dois vínculos públicos: o colégio estadual e o colégio municipal. Quando foi em 70 federalizou a Escola de Educação Física. Quer dizer, então com a federalização da escola eu tive que fazer a opção entre os dois.
Simone	A escolha... Sim.
Entrevistado	Na época, o municipal pagava muito melhor do que o estadual.
Simone	Aí você deixou o estado.
Entrevistado	Então eu optei... Eu deixei o estado.
Simone	Sim.
Entrevistado	Aí, eu fiz concurso para o CEFET. E passei para o concurso do CEFET e tive que abandonar o Municipal também. Quer dizer, eu fiquei só na universidade e no CEFET e sou aposentado pelos dois: Pela Universidade pelo CEFET.
Simone	E na época da construção desse currículo em 78 o seu vínculo era com o CEFET ou com a UFMG?
Entrevistado	Com o CEFET e com a UFMG.
Simone	Ah, entendo.
Entrevistado	Em 78 era do CEFET e da UFMG.
Simone	Interessante! Adentrando um pouco mais agora no nosso tema ao longo desse tempo todo lidando com Educação Física, o que o senhor entende por currículo?
Entrevistado	Currículo é uma orientação para os professores elaborarem o seu trabalho. Quer dizer, isso é que me dá ideia de currículo. Então, deste trabalho aqui a preocupação nossa foi exatamente levar... Porque numa época em que Educação Física era muito empírica. Nós não tínhamos bibliografia nenhuma, praticamente. De Educação Física não existia praticamente nada. Era tudo teoria. Inclusive, só para você ter uma ideia da Educação Física da época...

Simone	Sim.
Entrevistado	Por lei, por lei era proibido à mulher jogar futebol. Proibido por lei, quer dizer, a mulher não podia jogar futebol por que a concepção da época que o futebol seria prejudicial à função de mãe da mulher.
Simone	De mãe, sim.
Entrevistado	Quer dizer que poderia prejudicar o trabalho que a mulher trabalha. Então, quer dizer, eram coisas...
Simone	Era uma época, né?
Entrevistado	Era uma época que, por exemplo, a mulher não podia fazer salto triplo, não fazia uma porção de esportes que a mulher era impedida. As lutas eram todas impedidas às mulheres: O judô, o boxe, tudo era impedido. Era proibido para mulher. Isso pela legislação brasileira. Isso era impedido para a mulher. Baseado em quê isso? Em uma ideia que o legislador tinha de que poderia ser prejudicial para mulher, quer dizer, então era uma coisa que não tinha nada científico. Nenhuma conotação científica. Então, nós lutávamos muito com o problema da bibliografia para a área de Educação Física. E quando nós pensamos, então, em fazer esse currículo foi exatamente em dar uma orientação aos professores das escolas públicas, das escolas do estado, de como trabalhar com seus alunos, como que fazer com as aulas de Educação Física. Porque, na época, a gente até brigava muito que era "só rolar a bolinha". Professor de Educação Física era "só rolar a bolinha", quer dizer, porque só chegava e botava... Já tinha, já estava começando o futebol de salão.
Simone	Ahã.
Entrevistado	Já estava começando futebol de salão. Ele começou a ser difundido porque futebol de salão foi criado, salvo engano, em 60...
Simone	Também não estou recordando agora a data precisa.
Entrevistado	É mais ou menos por aí que foi que foi criado. Então, passou fácil para o professor de Educação Física jogar a bolinha de futsal na quadra e deixar os meninos jogar futebol.
Simone	E ali era Educação Física.
Entrevistado	Era a educação física da época. Então esse currículo aqui ele veio trazer exatamente uma orientação para o professor de Educação Física trabalhar aquilo que realmente necessitava. Logicamente aqui ainda é um trabalho bastante empírico. Ele não tinha uma base científica porque nós não tínhamos elementos efetivos do trabalho que deveria ser feito com a criança. Mas foi uma iniciativa do professor Lincoln Raso que, na época, ele era assessor de Educação Física, chefe da Assessoria de Educação Física da Secretaria de Educação. Ele era chefe dessa Assessoria.
Simone	Isso.
Entrevistado	E o Lincoln Raso foi meu colega de turma.
Simone	Olha! Que interessante.

Entrevistado	Foi meu colega de turma. Então, ele me chamou, porque eu me lembro que ele chamou um grupo de professores, igual você está falando...
Simone	Exatamente isso! Você já está entrando na minha segunda pergunta. Como surgiu então o convite para participar da elaboração desse documento?
Entrevistado	Exatamente por causa da nossa ligação e o Lincoln, além de ter sido meu colega na escola de Educação Física, que nós fomos colegas de turma, o Lincoln era irmão do professor Silvio Raso. O professor Silvio foi um dos fundadores da Escola de Educação Física da Universidade Católica que eu comecei a fazer o curso na Universidade Católica. Ele era irmão do Silvio Raso e o Silvio Raso foi um baluarte da Educação Física. Aqui em Minas ele foi realmente um homem de frente da Educação Física, aqui em Belo Horizonte, aqui em Minas Gerais. E o Lincoln... Quando eu era professor, eu era assistente do Silvio Raso, quando faltou um professor para nossa disciplina. Faltou um professor para nossa disciplina.
Simone	Na época era a ginástica artística?
Entrevistado	Não, não. Não era a ginástica artística era ginástica geral.
Simone	Ginástica geral! Sim.
Entrevistado	Na época, chamava ginástica geral a nossa disciplina em que o Silvio era o titular da escola.
Simone	Ah, sim.
Entrevistado	Eu era um assistente, um dos assistentes. Aí, um outro assistente, o Professor Fernando, saiu. Ele foi para o concurso do CEFET porque ele tinha lá o horário integral, então ele não pode continuar na Escola de Educação Física, ele deixou... O Professor Fernando Furtado, falecido também, ele deixou a Escola de Educação Física e foi trabalhar no CEFET. E nesta época ainda não era federal. Ainda não tinha federalizado. Então, eu falei: "o Silvio, porque você não chama o Lincoln pra...". E chamamos o Lincoln. Então o Lincoln foi ser meu companheiro na disciplina de ginástica geral da escola. Então, a nossa ligação, além da ligação profissional, tinha uma ligação de amizade muito grande. Nós éramos muito relacionados.
Simone	E por que o senhor acha que o senhor foi escolhido para participar?
Entrevistado	Por, talvez, por essa ligação. Quer dizer, que eu mexia exatamente na época da área... A ginástica geral, na época, era a disciplina em que dava a orientação ao aluno, a orientação específica ao aluno do curso de Educação Física que, na época, era licenciatura, o aluno da licenciatura o como ensinar Educação Física, a ginástica, a educação física de uma forma geral para os seus alunos.
Simone	Ah, sim.
Entrevistado	Quer dizer, a nossa disciplina é que fazia. Inclusive, a gente fazia com nossos alunos muitos estágios em escolas em que eles iriam dar aulas...
Simone	Uma prática de ensino? Seria assim?
Entrevistado	Uma prática de ensino. Na época não se chamava assim, mas era uma prática de ensino em que eles elaboraram seus planos de aula, ele...

Simone	Era uma didática também. né?
Entrevistado	Também a parte de didática. E eles elaboraram seus planos de aula e faziam, e iam dar aulas nestas escolas. Então, eu acredito que por causa disso, quer dizer, inclusive a Eustáquia, a Eustáquia era professora da Faculdade de Educação.
Simone	Sim.
Entrevistado	A Eustáquia era, para mim, uma cabeça. Uma pena ela não ter ido para Escola de Educação Física, inclusive. Mas ela foi para a FaE, então...
Simone	Ela fez a contribuição dela, né?
Entrevistado	E dava aula exatamente para o curso de Educação Física. Porque quando nós fomos para Universidade Federal a Eustáquia dava aula para o curso de Educação Física. Então, é por isso que a Eustáquia, eu, o Pedrinho mexia com atletismo...
Simone	Sim.
Entrevistado	Eu não lembro mais quem ia...
Simone	Você quer atender? Eu dou uma pausa aqui, o senhor quer atender o celular?
Entrevistado	Não, não, não. Ele tá me... Então, nós...
Simone	Sobre a Eustáquia no curso de pedagogia lá, né?
Entrevistado	E, pois é, aí o Pedrinho também foi porque ele mexia com atletismo. E não lembro mais quais outros professores que eram. Você lembra?
Simone	O senhor quer ver? Está aqui na última página. Eu trouxe tudo para a gente poder ir conversando e todo mundo ir lembrando. Esse.
Entrevistado	Ah, Elenice Faccion, também. Ela era muito companheira da Eustáquia também. Lá no... o Luiz Afonso, Luiz Afonso, aliás, faleceu agora a pouco tempo. Era meu compadre.
Simone	Isso! Eu tenho... eu tô colocando inclusive uma letrinha "f" aí porque agora que eu estou tomando conhecimento das pessoas... Dos endereços que eu posso ainda vir a conseguir para realizar as entrevistas. E agora, pelo Senhor, eu fiquei sabendo que o Lincoln Raso também é falecido.
Entrevistado	É falecido, pois é... Pedro Américo. Eu estou na revisão. Essa Terezinha Galdino eu não conheço quem é. Não conheço. A Betinha, a Isabel Montandon, o "Zé" Tarcísio é o pastel. (risos) Todo mundo conhece como pastel.
Simone	Como pastel e ficou.
Entrevistado	Ele era diretor, ele foi diretor. Um fato muito interessante, ele era diretor do Centro Esportivo Universitário e aí ele teve um uma solenidade lá que uma professora foi fazer, que foi falar, começou a falar: "o professor... O professor...ah, é o pastel mesmo!"
Simone	É o pastel. (risos)
Entrevistado	Por não ser chamado de Tarcísio nem ele mesmo não sabia... (risos) Ele era o pastel. A Márcia era da natação. Túlio Marcos, aliás, eu estive com ele ontem e ele perdeu as duas pernas de diabetes.

Simone	E ele está bem de saúde ou...
Entrevistado	Bem de saúde! Muito bem de saúde, muito alegre, ele é muito divertido.
Simone	Com o senhor Túlio, por acaso, o senhor tem o contato dele? O senhor teria o contato dele?
Entrevistado	Quem? Do Túlio? Uai! Eu devo ter até o telefone dele. Maria Helena Vitorino também era colega da Eustáquia lá no CEFET. E o Wilson Camelier também lá do CEFET.
Simone	Ah, sim.
Entrevistado	Deixa eu ver se eu tenho o telefone do Túlio aqui. Aqui quem faleceu, é... (murmura alguns nomes enquanto lê o documento) É, aqui é só o Luis Afonso e o Lincoln que faleceram. O Luís Afonso faleceu ano passado, inclusive era meu compadre, amicíssimo.
Simone	E, senhor Lincoln... Senhor... (risos)
Entrevistado	Entrevistado.
Simone	Senhor Entrevistado... É porque a gente tá falando aqui... O senhor se lembra de como que foi a dinâmica, os encontros? Do ponto de vista prático, para discutir sobre o currículo de 78? Se vocês tinham liberação, onde eram os locais, como é que era? Encontrava uma vez na semana?
Entrevistado	Olha, isso eu não me lembro não. Esses detalhes eu não me lembro não, mas eu posso te afirmar com segurança como éramos todos... A Eustáquia, o Luís Afonso e o Pedro Américo eram da universidade. Todos os três.
Simone	Já facilitava, né?
Entrevistado	E a Elenice... Facilitava... Eu acho que ela também. Pois ela era do CEFET. Quer dizer, então, esse grupo esse grupo que já tinha a elaboração, eles faziam reuniões. Aliás, a Eustáquia vai te responder melhor isso porque ela era coordenadora do...
Simone	Inclusive, ela já me sinalizou que vocês encontravam pelo trabalho sem liberação.
Entrevistado	Pelo trabalho, exatamente! Era muito mais do que reuniões, realmente. Sabe? Era mais a gente que fazia os contatos. Era muito mais da Eustáquia com elementos do grupo como um ou dois, talvez. Tá certo?
Simone	Entendi.
Entrevistado	Então, é...
Simone	Mas vocês chegaram a ter contato entre vocês? Por exemplo, o senhor com Pedro
Entrevistado	Ah, sim! Isso! Isso!
Simone	Com a Elenice.
Entrevistado	Isso era constante esse contato nosso. Porque nós éramos contato, da Elenice eu não tenho certeza se ela era da universidade. Eu estou na dúvida agora aqui. Mas a Elenice era do CEFET. Era professora nossa lá do CEFET também, então, quer dizer que eu tinha contato com ela, a Eustáquia também era do CEFET e da universidade e o Pedro Américo da universidade. A

	Betinha era do CEFET, a Betinha era do CEFET. A Isabel Montandon era da universidade. O Pastel, a Márcia, o Túlio e o Wilson, o Túlio era da universidade e a Maria Helena Vitorino e o Wilson eram do CEFET.
Simone	Ah, sim.
Entrevistado	Quer dizer, então nós éramos aqui do CEFET... Ah! Luiz Afonso também era do CEFET. Aqui éramos Eustáquia, a Elenice, a Eustáquia, o Luiz Afonso, a Betinha, a Maria Helena e o Camelier éramos todos do CEFET. Então, a gente reunião todo dia. Todo dia a gente tinha contato. Então, nós, isso e no mesmo horário. E essa grande participação desses elementos do CEFET é porque a gente tinha, na realidade, o CEFET foi uma... Era um grupo de professores que fizeram da Educação Física, inclusive, aqui em Belo Horizonte tinha uma queixa, entrelinhas, dos professores de Educação Física que o pessoal do CEFET era uma panelinha. Então, a gente mexia muito: “Aqui é uma panela sim e para entrar tem que ser primeiro bom.” (risos)
Simone	Isso! Isso!
Entrevistado	E para entrar nessa panela a primeira característica é que tem que ser bom. Então...
Simone	Era através de concurso?
Entrevistado	Através de concurso.
Simone	Automaticamente a pessoa já tinha que ter qualificação.
Entrevistado	Primeira qualidade, primeira condição é ser bom.
Simone	Isso. Isso mesmo.
Entrevistado	Para poder entrar no CEFET. E, com isso, nós tínhamos a oportunidade de fazer um trabalho com, aliás, aqui eu vou citar até, de passagem, um professor que era de um entusiasmo, o Professor Fernando Campos Furtado, ele não participou desse trabalho, mas era um homem extraordinário. Então, em planejamento de aulas, o que planejar, a nossas aulas eram, de modo geral, planejadas por ele e ela era dada em conjunto para todos os alunos de... Ou de um curso, porque no CEFET tinham cinco cursos; Estradas, Mecânica, Eletrônica, Química... Ah, eu sei que eram cinco cursos. Tudo em função da quantidade de alunos do curso. Fazia toda todas as turmas, por exemplo, de Química e Edificações, que eu sei que eram umas duas ou três turmas, só.
Simone	Sim.
Entrevistado	Então, todos os alunos de Edificações tinham Educação Física no mesmo horário.
Simone	Entendi.
Entrevistado	E nós dávamos aulas para todos eles independente da turma. Nós dávamos aulas para todos... Então, quer dizer, todos os professores trabalhavam com aquele grupo de alunos o mesmo trabalho, a mesma aula que era feita ao mesmo momento com todos eles. Nós tínhamos um ginásio, então, púnhamos todos os alunos no ginásio e fazíamos as aulas. O ginásio... Tinha o campo futebol, também, e a gente fazia. Então, nós fazíamos os esportes também.

	Tínhamos pista de atletismo e tudo mais e a gente fazia. Então, o trabalho lá do CEFET nunca foi de rolar bolinha.
Simone	Sim.
Entrevistado	Nunca foi rolar bolinha. Eu acho que, por causa disso, e a Eustáquia participando desse trabalho lá conosco, ela como coordenadora, ela viu que os professores de lá tinham condições, assim, de apresentar para o Estado um trabalho bom.
Simone	Isso!
Entrevistado	Tá? Porque nós... Baseado naquilo que nós estávamos fazendo.
Simone	Sim.
Entrevistado	Quer dizer, então, em função disso eu acredito que hoje, eu não sei, eu não me lembro se era de fato isso, mas eu acredito que tenha sido motivado muito por causa disso. E, principalmente, porque quase todos os professores do CEFET estão aqui relacionados.
Simone	Sim!
Entrevistado	Quase todos os professores do CEFET. Exatamente por causa desse tipo de trabalho. E isso a gente teve oportunidade, então, como nós éramos lá, a gente tinha professores de praticamente todas as áreas. O Luiz Afonso era professor de basquete na Escola de Educação Física. O Pedrinho não era lá do CEFET. Wilson Camelier era professor de voleibol. A Maria Helena Vitorino era professora de voleibol. Aí, em uma época em que as aulas femininas eram separadas das masculinas...
Simone	Sim!
Entrevistado	Era completamente separado. Só mulher dava aula para as meninas e só homem dava aulas para os meninos.
Simone	Isso!
Entrevistado	Mas era completamente... Eram duas... Aliás, o Curso de Educação Física até 88, quando foi o currículo que nós implantamos, até 88, existia na realidade dois Cursos de Educação Física: O Curso de Educação Física feminino e o Curso de Educação Física...
Simone	Masculino.
Entrevistado	Até as disciplinas eram separadas, eram diferentes. Pois as mulheres não faziam judô, não fazia o futebol, não fazia futsal...
Simone	Esse currículo já da graduação?
Entrevistado	Currículo da graduação de educação física. Era separado porque à mulher era proibida de fazer judô. E ao homem não era proibido, não, mas era...
Simone	Não recomendado.
Entrevistado	Não recomendado a fazer...
Simone	Atividades rítmicas...
Entrevistado	Danças e danças... Então, quer dizer...
Simone	Entendo.
Entrevistado	Então quer dizer que com os homens a coisa não pegava bem para os homens

	fazer essas... (riso)
Simone	Entendi. Aí, a parte do currículo de 88 que ficou?
Entrevistado	Foi aí que passou a ser um currículo só. Certo?
Simone	Entendi.
Entrevistado	Tanto que para o vestibular da Escola de Educação Física, a metade das vagas eram para homens e a outra metade para as mulheres.
Simone	Ahã, interessante!
Entrevistado	Era exatamente. Eram turma de 50 alunos e eram 25 homens e 25 mulheres que entravam na escola. Então, quer dizer, era metade e metade.
Simone	Interessante.
Entrevistado	Sabe? E depois, não. Aí, passou a ser aberto, quer dizer...
Simone	Misto, né?
Entrevistado	Eram candidatos à educação física quanto os homens quantas as mulheres passassem. E nós, professores, passamos a dar aulas para os homens e as mulheres. Então, eu brinco muito que eu dava aula só para os homens porque uma mulher não deixava eu dar aula para as mulheres(risos) Eu enchia muito... Ela era uma santa.
Simone	Senhor Entrevistado, olha só, senhor Entrevistado, o senhor viu que os nomes lá atrás na lista têm aquela divisão: Elaboração, revisão, colaboradores. O senhor se lembra o porquê dessa divisão? Vocês tinham funções específicas dentro dessa construção?
Entrevistado	Não, não. Deixa eu só te contar. Pelo que eu estou vendo aqui e pelo que eu posso me lembrar, isso aqui foi um grupo de trabalho sozinho... único.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Um grupo de trabalho único. Todo mundo aqui todo mundo aqui, cada um trabalhando dentro das suas...
Simone	Modalidade?
Entrevistado	Modalidade que ele tinha maior afinidade.
Simone	O senhor, então, pegou a parte que cabia à ginástica?
Entrevistado	A ginástica.
Simone	E o senhor escreveu sozinho ou algum colega também participou?
Entrevistado	Não, não. Eu fiquei mais na revisão. Eu não...
Simone	Ah, sim.
Entrevistado	Eu fiquei mais na, quer dizer, junto com a Eustáquia mais ou menos na parte de... quase coordenação. Não era bem coordenador, não, mas...
Simone	Entendi.
Entrevistado	Era uma coisa mais ou menos assim.
Simone	Fazia um apanhado...
Entrevistado	Eu fazia um apanhado do trabalho de todo o pessoal. Certo?
Simone	Entendi.
Entrevistado	Então, dizer que eu que escrevi não devo ter escrito nada ou quase nada. Foi

	muito pouco.
Simone	Entendi. E teve algum documento curricular anterior a esse da rede estadual que serviu de base para vocês fazerem esse documento? Para discutir sobre...
Entrevistado	Olha, de Educação Física, de Educação Física, eu posso te garantir que não. Que de Educação Física não existia nada escrito.
Simone	Entendi.
Entrevistado	É possível que pudesse ter de outras disciplinas alguma coisa similar.
Simone	Especificamente de cada modalidade?
Entrevistado	A cada disciplina de interesse. E, talvez, por isso o Lincoln pensou em montar este currículo.
Simone	Sim.
Entrevistado	Certo? Por isso ele montou por já ter de outras disciplinas. Isso é o que eu acredito. Eu não posso te afirmar muito não, mas eu acredito que sim. Mas de educação física eu posso te garantir que não existia nada.
Simone	Aí, eu não sei se vai lembrar, quando o seu foi fazer essa revisão o senhor chegou a consultar algum material para dar uma olhada, né? Para que caminho tomar...
Entrevistado	Eu digo para você: O nosso material, tudo, mas não tínhamos um material. Não existia um material. Então a coisa era muito feita da cabeça da gente.
Simone	Era muito da prática, né?
Entrevistado	Era muito da prática, da vivência...
Simone	Sim, da vivência.
Entrevistado	Era muito das coisas que a gente fazia. Essa revisão de que...
Simone	Entendi.
Entrevistado	Certo? Foi muito mais desse aspecto do que, na realidade, de ter...
Simone	De ter um referencial...
Entrevistado	De ter um referencial, porque não existia. Não existia.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Isso aqui foi um trabalho que foi pioneiro na Educação Física, se quer, no Brasil. É possível que tenha sido do Brasil. Por que outro Estado não tenha feito uma coisa similar disso, na época. Certo?
Simone	Nossa! Interessante. Então, quer dizer, a gente pode dizer que a preparação para esse documento eram as aulas práticas que cada um ministrava.
Entrevistado	As aulas práticas que cada um de nós ministrava nas nossas aulas. E praticamente todos aqui éramos... eu não tenho certeza do Pedro Américo, a Betinha era, a Montandon também eu acho que não era, o pastel também não era, escola do Ensino Médio, fundamental e médio. Que não chamava fundamental, né, era colégio, colegial e ginásial.
Simone	Ginásial, isso.
Entrevistado	O colegial e ginásial e o infantil. Infantil que era o primário, que era da primeira a quarta série...
Simone	Ginásio que era de quinta oitava.

Entrevistado	A Educação Física era dada pelas professoras que faziam Curso de Educação Física Infantil na Escola de Educação Física. Era um curso de um ano só que elas faziam. E ela fazia uma lista...
Simone	Que, inclusive, a Eustáquia fez esse curso de um ano só.
Entrevistado	Fez esse curso de um ano só e depois ela continuou...
Simone	Ela me falou. Isso!
Entrevistado	Depois ela continuou como professora, aí ela foi fazer o curso.
Simone	A graduação, né?
Entrevistado	A graduação.
Simone	Senhor Entrevistado, sobre a seleção desses conteúdos, o desenvolvimento, a discussão por que esses conteúdos que estão aí? Por que as modalidades esportivas, jogos com bola? Por que natação?
Entrevistado	É aquilo que nossa cultura esportiva mais entendia. A natação por ser utilitária. Eu sempre considerei a natação uma atividade utilitária porque como nós temos muitas piscinas e muitos rios, o curso de Educação Física deu muita ênfase às aulas de natação, mas como aprendizado, até dos professores, de aprender a nadar como utilitário. A natação utilitária, sabe? Eu achava isso muito importante para qualquer acidente. Vou dizer para você que tem até casos que o sujeito tava viajando e o barco vira e o sujeito... Inclusive, teve um acidente, não lembro muito, foi no interior do Brasil aí, da Amazônia me parece, o barco virou com aquele número de pessoas e um rapaz que era nadador do Minas, tinha sido um grande atleta de natação, ele foi salvar o coisa, inclusive ele salvou, quando ele foi salvar o último coisa ele morreu afogado porque estava salvando os outros.
Simone	Nossa!
Entrevistado	Foi um negócio... É uma história bastante trágica. Mas, então, eram essas as atividades: atletismo era o esporte base; voleibol porque era o esporte em que um homem e uma mulher praticavam e, poderia, praticar até junto, isso como recreação;
Simone	Entendo.
Entrevistado	Como atividades que... Porque a gente procurava uma atividade que o indivíduo, o cidadão, poderia amanhã continuar fazendo educação física por que não iria ter mais a aula de educação física que ele já terminou o seu período de estudo. E que ele poderia ter atividade para o resto da vida, parei de praticar atividade a vida inteira. Já tínhamos essa preocupação, na época.
Simone	Sim.
Entrevistado	Coisa que hoje a população já entende perfeitamente que hoje...
Simone	Já faz parte do cotidiano, né?
Entrevistado	Já faz parte do cotidiano de todo mundo. Aí, correr, principalmente, todo mundo faz isso. Mas na época não fazia, na época não tinha nenhum... Não tinha nada disso. Que até não tinha sequer roupa para se fazer essas coisas. Tênis, só para você ter uma ideia, eu quando fiz o Curso de Educação Física,

	e como professor da Escola de Educação Física no princípio, a gente compra, pra a gente era muito difícil a gente comprar uniforme para a gente poder ir trabalhar na Escola de Educação Física. Sabe?
Simone	Não existia na indústria, né?
Entrevistado	Não existia.
Simone	Malha.
Entrevistado	Não existia malha. Não tinha essas calças de malha e tudo. E depois, ninguém usava aquilo. A gente ia para a escola de roupa normal, trocava de roupa, botava o uniforme para fazer atividade física e depois tomava seu banho e botava a roupa para poder ir embora para casa. Você não podia ir no ônibus com a roupa.
Simone	Não é como hoje que faz parte do vestuário.
Entrevistado	O vestuário, hoje, é normal.
Simone	Entendi. Verdade.
Entrevistado	É extremamente normal, mas naquela época não era. Então, toda essa... Era muito baseada naquela nossa prática. Naquilo que a gente realmente fazia.
Simone	Entendo. Senhor Entrevistado, dentro do currículo tem um momento que faz uma divisão dos conteúdos em níveis...
Entrevistado	Hein?
Simone	Tem uma divisão em níveis é... Basquete...
Entrevistado	Você pode interromper um instantinho?
Simone	Esse esquema faz a divisão em níveis, né? Desde a primeira série até a oitava.
Entrevistado	Exato! Até oitava série.
Simone	Além dessa divisão nos níveis, faz uma divisão em qual série começaria determinada modalidade. O senhor pode me falar um pouquinho sobre essa divisão que foi feita? De níveis, né, de ciclos, de acordo com o desenvolvimento...
Entrevistado	Olha, vai muito em função da dificuldade da atividade. Então, por exemplo, em movimentos básicos e habilidades perceptivas, era uma atividade... É mais como ensinar como o garoto ia aprender a fazer a coisa, com aqueles movimentos básicos porque nós tínhamos uma concepção, aliás, eu tenho ela até hoje isso comigo, que o esporte praticado pela criança, esporte como competição, não deveria ser antes dos 12 anos de idade.
Simone	Sim.
Entrevistado	O que a gente entendia é que a formação da criança ela não permite, ainda, competir. Ela não entende a competição antes dos 12 anos de idade. Isso, logicamente, por linhas Gerais. Por que isso inculcia na criança fazendo estas atividades uma competição muito cedo na vida. Enquanto, até os 12 anos, ela deveria ter uma atividade em que ela era participação.
Simone	Sim.
Entrevistado	Participação dentro de um grupo.
Simone	Sim.

Entrevistado	De ela participar e não competia. Porque não sou eu contra você, será eu com você.
Simone	Sim.
Entrevistado	Certo?
Simone	Sim.
Entrevistado	Quer dizer, dentro dessa coisa e só fazer o "eu contra você" a partir dos 12 anos em que ela já teria maturidade intelectual suficiente para poder entender o que que era aquilo do eu contra você. Quer dizer, contra naquela atividade e que fora daquilo não tinha nada. Então, em função, mais ou menos em função disso é que se criou isso.
Simone	Essa divisão.
Entrevistado	Essa divisão e as habilidades da própria criança. A capacidade dela de fazer a atividade. Estou vendo aqui que o handebol, voleibol e o basquetebol estão sempre nas últimas...
Simone	Séries?
Entrevistado	Nas últimas séries? Exatamente porque são jogos mais difíceis e mais complexos para criança aprender. Para criança aprender a jogar. Porque aqui o handebol, por exemplo, nós tínhamos e eu acho que tem também até hoje que acontece, a queimada.
Simone	Sim. Similar, né?
Entrevistado	Que era mais ou menos similar ao handebol.
Simone	São jogos com mão. É.
Entrevistado	É um jogo de bola com mão. Jogos com bola, quando chamava jogos com bola, era exatamente a queimada... Essas atividades que usavam bola, mas sem...
Simone	Mas tinha menos organização, digamos assim...
Entrevistado	Sem a organização de esporte como no handebol, no basquete e do voleibol.
Simone	Sim.
Entrevistado	O atletismo e toda a temporada exatamente por causa da... Porque isso é uma atividade básica.
Simone	Porque são...ah, entendi.
Entrevistado	Isso é atividade básica. E as atividades rítmicas, também, por todo o período porque vai dando uma coordenação. Atividade rítmica propicia à criança uma coordenação em que ela, para fazer todas as outras atividades, ela vai ser importante para ela. E é exatamente isso que ela vai adquirir na atividade rítmica.
Simone	Entendo.
Entrevistado	A ginástica olímpica, quando foi criado esse trabalho a ginástica olímpica nós não tínhamos muita ideia do que que era ainda não. Estava começando em 78, estávamos começando a trabalhar a ginástica olímpica aqui em Minas Gerais.
Simone	Sim.
Entrevistado	Nós estávamos começando a trabalhar a ginástica olímpica aqui em Minas

	Gerais. Então, por isso, ela ficou... Mas como a gente usava, na época, inclusive na minha época, quando eu comecei a fazer o curso era a ginástica que a gente chamava de Ginástica Acrobática.
Simone	Sim!
Entrevistado	Era da parte de acrobacia. Certo? Então é isso essa ideia de ginástica olímpica aqui. É muito mais a ginástica acrobática do que, de fato, a...
Simone	A ginástica olímpica mesmo.
Entrevistado	A ginástica olímpica. A ginástica olímpica é muito complexa, até hoje. Tem muitos aparelhos, a trave, a barra paralela, o cavalo.
Simone	Tem uma dificuldade de execução, né?
Entrevistado	É, quer dizer, é muito trabalho. É muito... É muito... Os jogos com bola que nós já comentamos, a natação exatamente por causa do aspecto utilitário da natação. Certo? Então, era feito isso, então, é isso que foi a divisão.
Simone	Senhor Entrevistado, logo no início do documento fala sobre o conceito de Educação Física que esse currículo priorizou. Que não era só a preparação física, o aspecto da aptidão física e englobava outros aspectos. Sobre esse conceito que tem aí e os aspectos de metodologia o grupo entrou alguma discordância? Foi preciso um convencer o outro para que saísse como saiu na impressão final?
Entrevistado	Não, eu não vou... Eu não consigo me lembrar de alguma discordância nesses aspectos, mas o que eu posso te dizer é que como esse grupo de professores ele era, realmente, muito unido, muito próximo é que a ideia, principalmente da Eustáquia que levou ao grupo, fez com que aquilo se fosse uma aceitação geral e poderia ter até uma discussãozinha de um ponto, de um aspecto, mas sem grandes problemas.
Simone	Entendo.
Entrevistado	Sem grandes obstáculos.
Simone	Entendi.
Entrevistado	Certo?
Simone	E sobre esse conceito, né, de Educação Física que este currículo traz que não é só o desenvolvimento técnico e do...
Entrevistado	Físico.
Simone	Físico! Ele já traz uma proposta onde você já pensa no aspecto emocional, social...
Entrevistado	Social, emocional, certo? Então tudo... A gente já pensava na Educação Física não apenas para a escola, a Educação Física para a vida.
Simone	Sim.
Entrevistado	Quer dizer, a forma de ensinar a viver. Quer dizer, coisas assim: Ensinar a viver. Inclusive, aprender as decepções.
Simone	Uma formação pessoal mesmo, né?
Entrevistado	Uma formação pessoal mesmo. Como formação pessoal, sabe? Quer dizer com os desenganos que a gente tem na vida, quer dizer o ganhar e perder,

	quer dizer que o esporte não está isso, né, o ganhar e perder. Então, tudo isso era uma conceitualização que a gente tinha não para a idade escolar, e sim para vida. É uma educação para vida. Né, quer dizer, realmente uma parte da educação curricular da escola. A escola tinha, quer dizer, matemática, física, química, biologia...
Simone	Sim, e educação física.
Entrevistado	E educação física como uma das formas de preparar o indivíduo para a vida.
Simone	Assim como a matemática e o português a educação física como uma ciência, né?
Entrevistado	A Educação Física vai preparar o indivíduo para a vida.
Simone	E o senhor tem notícia se esse documento final chegou as escolas do jeito que foi discutido ou se durante a impressão teve alguma modificação? Porque isso é comum, às vezes, acontecer.
Entrevistado	Não, não. Eu tenho a impressão, eu não sei porque na época eu não tinha uma... Eu já estava praticamente fora, quando ficou pronto o documento, eu já estava saindo da escola. Do ensino... Do ensino mé...
Simone	Do CEFET?
Entrevistado	Não, pois é, o CEFET é... Esse documento, eu não recebi ainda quando ele foi distribuído...
Simone	Ah sim!
Entrevistado	E o CEFET não era da Secretaria de educação. O CEFET era ligado diretamente ao Ministério.
Simone	Sim. Eu digo assim, o senhor estava no CEFET quando ele foi distribuído, então, com isso o senhor não teve acesso.
Entrevistado	Eu não tive acesso ao documento. Então, eu não posso falar como é que foi...
Simone	Entendo.
Entrevistado	Inclusive, a receptividade dele.
Simone	Isso que eu ia perguntar em seguida. Sobre a aplicação dos professores da rede estadual. O senhor não teve notícia se ele foi bem recebido?
Entrevistado	Não. Não muito. Mas a gente tinha alguma coisa. Eu sei que foi muito difícil. Foi muito difícil colocar na cabeça do professor não era só rolar bolinha. Que ele precisava de trabalhar.
Simone	O senhor acha que muitos deixaram de lado o documento?
Entrevistado	Deixaram de lado, eu acredito que sim. Isso eu acredito que sim. Muita gente não quis pegar muito nesse documento, largou para lá e continuou rolando a sua bolinha.
Simone	Entendo.
Entrevistado	Por que os maus existem em todo lugar e toda coisa.
Simone	Entendo!
Entrevistado	Então, os maus continuaram fazendo aquilo que se fizeram e não deram bola, mas um grande número eu acredito que foi influenciado.
Simone	Entendo. E partindo, agora, já encaminhando para o final da nossa entrevista

	senhor Entrevistado, o que que o senhor acha que esse documento representou para Educação Física daquele período de 78?
Entrevistado	Uai, eu acho que... Eu tenho a impressão que, como eu te falei, de todos os professores de boa vontade, todos os professores que gostavam de fato da profissão, que não faziam aquilo apenas uma forma de fingir que trabalha para fingir ganhar dinheiro.
Simone	Sei, sei.
Entrevistado	Porque também não ganhava dinheiro porque o plano de salário do professor é sempre uma tristeza, até hoje.
Simone	(Risos) é verdade! Então não era pelo dinheiro, né?
Entrevistado	É. Não era pelo dinheiro, mas eu acredito que para o professor bem intencionado isso foi uma orientação extraordinária. Extraordinária!
Simone	Extraordinária.
Entrevistado	Porque ele teve esta preparação na Escola de Educação Física. O curso de Educação Física dava a ele a base...
Simone	Essa condição de aplicar...
Entrevistado	Dele aplicar esse trabalho realmente desse lado.
Simone	Entendo.
Entrevistado	E aí então ele, quer dizer, quem queria esse trabalho aqui trouxe para ele muito benefício.
Simone	E tudo que está contido nesse documento reflete a Educação Física da época?
Entrevistado	Reflete a Educação Física da época.
Simone	O senhor acha que apresenta nuances de uma Educação Física que já estava por vir?
Entrevistado	Olha, desse grupo aqui, desse grupo...
Simone	Nuances de mudanças para a nossa área, né?
Entrevistado	Desse grupo aqui, a Eustáquia, o Luiz Afonso, o Pedro Américo, eu, a Isabel Montandon, o Tarcísio Cavaliere, a Márcia, o Túlio, todos esses eram professores da Escola de Educação Física e que colaboraram na elaboração do currículo do Curso de Educação Física da UFMG. Da elaboração do currículo aí (referindo-se ao Documento de 78)é o que vem trazer a nova ideia da Educação Física.
Simone	Entendo.
Entrevistado	Que, lamentavelmente, eu não consegui implantar tudo que pretendia fazer quando nós começamos a fazer o trabalho, mas fizemos um avanço muito grande. Por que quando fomos elaborar o currículo do Curso de Educação Física a gente achou muita resistência dos professores da Escola de Educação Física que não aceitavam muito aquelas ideias. Porque o negócio é o seguinte: teve uma época na Escola de Educação Física que o meu regime de trabalho era ditado pelo número de aulas que eu desse no curso de Educação Física. Isso logo depois que nós entramos na universidade que tinha um pouco disso. Então, para os professores era importante ter muitas aulas.

Simone	Muitas aulas.
Entrevistado	Para poder ter o regime maior e o salário melhor.
Simone	Sim. Sim. Uma coisa que condicionava outra.
Entrevistado	Então, houve muita...
Simone	Resistência à mudança.
Entrevistado	Por que a minha ideia inicial era ter feito um currículo do curso de Educação Física baseado 80% em disciplinas optativas. Quer dizer, cada aluno montaria o seu currículo. Tinha, logicamente, um currículo básico.
Simone	Currículo básico obrigatório...
Entrevistado	Currículo básico obrigatório que era para todo mundo, isso não pode deixar de ter, por exemplo, anatomia. Como nós vamos fazer um curso de educação física sem anatomia? Não tem como.
Simone	Sim.
Entrevistado	Você tem didática.
Simone	Isso! As práticas de ensino, né?
Entrevistado	Quer dizer que não tinha uma fisiologia. Uma base que era genérica. Agora, depois, se você quer fazer... Se você não quer fazer futebol você não faz futebol, né? Isso eu tinha alguns exemplos de alunos da Escola de Educação Física que era uma tragédia. Eu, como professor de ginástica olímpica, que eu fiquei uma certa temporada como professor de ginástica olímpica, tinha um aluno, aliás na turma eram dois ou três alunos, tinha um que inclusive já estava gordo e que tinha sido jogador de basquete, que foi um bom jogador de basquete, foi para a escola para fazer o curso para ser técnico de basquete e tinha que fazer ginástica olímpica. Como que iria subir, gordo já, numa argola, num cavalo, na barra... Como é que ele ia fazer? Então, eu vou falar assim: "olha, você não tem que fazer...". E por que na época também era muito prático.
Simone	Ainda era prático, né? A visão de formar o professor era quase um atleta. Era quase um atleta!
Entrevistado	Era quase um atleta! Era exatamente isso! Certo?
Simone	Entendo!
Entrevistado	Então, e com isso eu falei assim "por que que esse cara tem que fazer a ginástica olímpica?".
Simone	Avaliação teria que ser feita de outra forma.
Entrevistado	Sim, de outra forma. E não é só... E por que tem que fazer ginástica olímpica? Se ele não vai olhar a ginástica olímpica nunca na vida mais. Eu tenho certeza disso! Então, ele que escolha! Ele que faça aquelas aulas, que ele está fazendo educação física e que ele não tem o mínimo interesse que ele concentre essas aulas que ele tem para estudar basquetebol que é o que ele quer.
Simone	Que é o que ele está buscando.
Entrevistado	A coisa era mais ou menos assim, mas infelizmente isso, não consegui colocar, não consegui fazer integralmente.

Simone	E o currículo vem sofrendo mudanças até hoje.
Entrevistado	Até hoje!
Simone	O currículo das federais, aí vai...
Entrevistado	E tem que sofrer mudanças.
Simone	Sim! Porque a época vai mudando e a gente precisa adequar.
Entrevistado	É!
Simone	Senhor Entrevistado, eu gostaria de agradecer imensamente a receptividade, a nossa conversa que ela tá sendo muito útil para conclusão desse trabalho.
Entrevistado	Muito bem!

.  
.  
.

Fim da transcrição



Entrevistadora: Simone de Lucas Agostinho Lima

Entrevistado: (COLABORADORA 1 – C1)

#### Transcrição da Entrevista

Simone	Então, “X” eu gostaria que você começasse falando seu nome, onde você nasceu, a data que você nasceu, para a gente ter registrado, tá?
Entrevistada	Tá bom. Meu nome é XXX. Eu nasci em Ribeirão das Neves, Justinópolis, município de Ribeirão das Neves. Mais qual?
Simone	Isso! Agora você já pode emendar na data do seu nascimento.
Entrevistada	A data do meu nascimento é 21 de julho de 50, de 1950.
Simone	Nesse mês estamos aniversariando então. E por que Educação Física? Por que que você ingressou na Educação Física?
Entrevistada	Bom, eu nasci na roça. Eu nasci no interior em uma Fazendinha, né, minha

	<p>mãe... Nós viemos para Cidade. Eu nunca tinha vivenciado o esporte na minha vida. Eu não conhecia. Eu conhecia a vida da roça. E quando eu cheguei na escola para fazer o Magistério a minha professora se encantou comigo, não sei porquê. Ela falava: "menina, mas você é jeitosa demais, você tem que fazer Educação Física". (risos) Jeitosa um nome engraçado. Dulce Beltrano, não me esqueço dela. Depois foi minha colega de trabalho por muitos anos. Ela falava: "você tem que fazer Educação Física porque você transcende a dança, o ritmo e as coisas ligadas mais a arte". E eu fiquei com aquilo na cabeça. Aí, quando eu cheguei na Escola de Educação Física eu me lembrei dessa professora lá do magistério e eu optei por educação física sem saber o que eu estava fazendo. Quer dizer, eu achava bacana as aulas de educação física, eu gostava da prática na escola, mas eu não tinha nenhuma noção do passo que eu estava dando. E foi o passo mais brilhante da minha vida, que eu posso te dizer, assim, foi a coisa mais bela que eu fiz da minha vida foi caminhar na trajetória da Educação Física. Eu amei ser professora, gostei de ser aluna e amo estudar Educação Física. Até hoje eu ainda me vejo, de vez em quando, lendo pesquisando coisas da Educação Física, hoje já aposentada.</p>
Simone	<p>Já aposentada. Nessa trajetória logo após a graduação, quando você terminou. Onde você trabalhou? Você foi efetiva do Estado ou da prefeitura? Trabalhou na escola particular? Como é que foi essa trajetória logo em seguida?</p>
Entrevistada	<p>Eu enquanto aluna da Escola de Educação Física, essa coisa de jeitosa ainda continuou. Como aluna, eu era muito pobre e não tinha condição de pagar uma academia, nem vislumbrar ser atleta. Nada disso. Eu queria fazer um curso, né? E aí, na escola de educação física também descobriram que eu era bastante jeitosa. A professora Maria Luz, que foi minha professora, disse: "Entrevistada, mas você tem o dom de mexer com Educação Física. Vou te encaminhar pra "Terezinha Bonfim". Terezinha Bonfim foi técnica da seleção mineira durante muitos anos.</p>
Simone	<p>Olha!</p>
Entrevistada	<p>E ela tinha uma academia. GRUGIN que chamava. "Eu vou te encaminhar para a Terezinha para você treinar" e eu já era adulta, com 21 ou 22 anos. Fui, então, para o GRUGIN que era o centro de treinamento de ginástica rítmica.</p>
Simone	<p>Para estudar como atleta?</p>
Entrevistada	<p>Para já trilhar uma carreira como atleta.</p>
Simone	<p>Sim! Olha!</p>
Entrevistada	<p>E lá eu fui atleta. Eu fui da seleção mineira, competi em muitos brasileiros...</p>
Simone	<p>Gente! Que interessante.</p>
Entrevistada	<p>Competi em Gimnastrada.</p>
Simone	<p>Nossa! Que legal!</p>
Entrevistada	<p>Foi um trabalho maravilhoso! Assim, adulta, né. E eu: "meu Deus, isso é</p>

	tudo que eu gosto!". E lá no Grugin. Foi a escola da minha vida, mais do que a escola da UFMG.
Simone	Ahã.
Entrevistada	Lá eu aprendi a dar aulas, eu aprendi... É...
Simone	Executar os movimentos também, né?
Entrevistada	A também a dirigir o clube quando ela viajava, né, para o mundial, para as competições. Eu é que... (telefone toca)
Simone	Falando do Grugin...
Entrevistada	O Grugin foi escola da minha vida profissional. Lá eu aprendi sobre tudo. Então, eu treinava com a equipe principal e, em contrapartida, porque ela não me cobrou para participar do clube, ela não cobrou nada, mas eu ajudava a dar todas as aulas para as classes iniciantes.
Simone	Sim.
Entrevistada	E aí é que eu aprendi muito.
Simone	Foi uma formação, né?
Entrevistada	Eu trabalhava na iniciação da ginástica artística, que na época era olímpica, né? Dava aula para as pessoas da comunidade, de ginástica de base, trabalhava com a iniciação de ginástica rítmica, e muitas vezes eu dirigi o clube dando treinamento para seleção de ginástica olímpica, na época Olímpica.
Simone	Nessa academia tinha Olímpica e a GR?
Entrevistada	Tinha.
Simone	Ah, sim. E você trabalhava com as duas?
Entrevistada	Tinha GR juvenil e tinha GR adulta. Eu era da GR adulta.
Simone	Entendo. Mas você também atuou com um pouco com a..
Entrevistada	Atuei trabalhando com as meninas...
Simone	Ah, sim.
Entrevistada	Então, lá que eu aprendi muito. E lá eu me apaixonei. Bom, então, da Escola de Educação Física eu já comecei a trilhar um caminho profissionalizante.
Simone	Sim.
Entrevistada	Né? Ah já me profissionalizar. E aí, o meu primeiro emprego foi em Contagem em escola pública. Escola particular eu tive...
Simone	Você fez concurso para de Contagem?
Entrevistada	Todos os meus trabalhos, todas as minhas vivências na Educação Física foram através de concurso.
Simone	De concurso.
Entrevistada	O meu primeiro emprego foi em uma escola particular, Promove eu trabalhei, mas não gostei muito. Porque eu sou muito tecnicista, não é verdade? Eu gosto muito de performance, de coisa bonita, de bem-feita.
Simone	Entendo.
Entrevistada	E lá as meninas chegavam cheia de anel. "“X” segura meu anel!", "“X”

	segura minha correntinha!", eu falei: "hãhã?". "'X" hoje eu não vou fazer porque eu estou com cólica, não vou fazer porque eu estou de baixo astral". Aí eu falei: "Não é aqui que eu gosto". Fiz um concurso em Contagem numa escola pública e amei. Aí eu deixei essa escola particular. Fiquei um tempo em Contagem e em Contagem eu comecei a fazer um trabalho que também foi inédito em Minas. Eu criei dentro da escola um Festival de Dança com alunos em que eles criavam a dança, e depois, no final isso era apresentado para a comunidade. Isso só foi crescendo em Belo Horizonte. Nas escolas de Belo Horizonte e até em escola de outras cidades.
Simone	Você foi Pioneira.
Entrevistada	É. Esse trabalho com a dança foi, mas era um trabalho escolar. Eu fazia tudo. Primeiro eu dava aula de dança, depois eles montavam os grupos, depois eu só orientava, na montagem das coreografias, mas eu não ensinava nada, tudo vinha dos alunos. Isso foi um sucesso. Bom, a Eustáquia, que era minha madrinha profissional, foi lá me ver com esse trabalho. E falou assim: "'X", mas isso é um espetáculo! Olha, a hora que tiver oportunidade eu vou levar você para o CEFET". E aí Elenice trabalhava no CEFET. A Elenice decide deixar o CEFET e ir para Juiz de Fora. Com a saída da Elenice eu entrei para o CEFET.
Simone	Olha, que interessante!
Entrevistada	A Elenice é minha grande amiga, eu a amo. Eu fui muitas vezes em Juiz de Fora na época dela, trabalhar com cursos, dar algumas aulas...
Simone	Às vezes a gente até se encontrou lá.
Entrevistada	A gente já se encontrou por lá?
Simone	Eu andava atrás da Elenice.
Entrevistada	Era do grupo dela? A Elenice já me chamou muitas vezes lá. Bom, aí...
Simone	Entrando no CEFET...
Entrevistada	Entrando no CEFET, eu fiquei 2 anos no CEFET e assumi o lugar de Elenice, né? Trabalhando lá...
Simone	Você lembra a data mais ou menos?
Entrevistada	CEFET foi 70... O Municipal foi... É... 89... É... 79? O CEFET foi 80, por aí.
Simone	Sim. E paralelo você continuava na academia?
Entrevistada	Aí academia...
Simone	Na particular.
Entrevistada	Eu larguei academia quando eu comecei o mestrado.
Simone	Então você ficou lá...
Entrevistada	Direto.
Simone	E você levava paralelamente?
Entrevistada	Eu fazia tudo, eu trabalhava o dia todo e durante a noite eu ia treinar. Só que aí eu deixei um pouco a parte de assessoramento do Clube.
Simone	Entendi. Entendi.
Entrevistada	Eu fazia isso só quando eu tinha tempo.

Simone	Em Contagem era qual ano mais ou menos? Na escola pública de Contagem.
Entrevistada	Foi quando eu era aluna. Eu entrei lá em setenta e... Eu fui aluno de 71 a 73. Em 72 eu entrei em Contagem. Fiquei lá uns quatro anos. E eu fiquei lá até entrar no CEFET. Em 79, né? É. Por aí.
Simone	O final da sua Educação Física...
Entrevistada	Os exatos eu tenho que pegar minha carteira.
Simone	Não, não, tranquilo. O final da sua educação física foi mais ou menos em qual época da graduação? Que você...
Entrevistada	Em 73. Que eu formei?
Simone	73. Então, você começou a dar aula um pouco antes.
Entrevistada	Comecei.
Simone	Sim já tinha...
Entrevistada	Eu comecei a dar aulas em 71. Logo que eu entrei.
Simone	Ah, é... Normalmente, né...
Entrevistada	Em 70, 71 eu já estava dando aula.
Simone	Em Educação Física a gente consegue ir levando.
Entrevistada	Consegue. Aí, eu fui para o CEFET, também concursada no CEFET. Não. Eu entrei no lugar da Elenice. Não foi concursada, esse primeiro não foi. Foi por indicação e é difícil.
Simone	Faço ideia! Faço ideia.
Entrevistada	Não era para qualquer um. E tinha que ter folha corrida, e a Eustáquia: "“X”, você tem que ter folha corrida para ir para lá! Eles vão olhar sua vida". Depois, no Municipal foi concurso. E em Contagem também foi concurso.
Simone	E lá no CEFET você dava a educação física de uma forma geral ou a ginástica mesmo?
Entrevistada	Não, no CEFET eu trabalhava como professora de educação física e tinha que dar todas as disciplinas...
Simone	Os conteúdos...
Entrevistada	E à noite eu tinha o grupo de ginástica rítmica. Eu treinei um grupo de ginástica rítmica. É!
Simone	Não tem como fugir, né?
Entrevistada	Não tem como fugir. Mas lá não era o ideal porque no CEFET as meninas já entravam mais velhas, né? Segundo grau.
Simone	Mais velhas... Aí você perde tempo de flexibilidade...
Entrevistada	Segundo e terceiro grau perde a flexibilidade. Exatamente! Aí, o Municipal me encantou mais. Assim, comecei a trabalhar muito com o Municipal eu tinha que deixar o treinamento do CEFET.
Simone	Mas você conseguiu estar no CEFET nessa academia à noite...
Entrevistada	À noite.
Simone	É algum município ou estado nesse meio tempo? Não, né?
Entrevistada	Não.

Simone	Porque aí é querer demais, né?
Entrevistada	Só academia... é demais, né? Eu não ia dar conta não.
Simone	“X”, entrando um pouco mais no nosso assunto que é o “Currículo”, tendo passado por essas escolas, hoje, o que você entende por currículo? Quando a gente fala do currículo em si. Da escola... Estadual...
Entrevistada	Hoje? Da escola atual?
Simone	É, eu digo, nessa época aí.
Entrevistada	Nessa? Tá!
Simone	Isso! O que que é o currículo para você?
Entrevistada	Bom, nessa época, eu acho que o currículo era muito quadrado, né. Para uma pessoa que não tinha uma visão, nem de uma vivência, nenhuma facilidade para criar, ele podia ficar muito centrado no que está escrito.
Simone	Sim.
Entrevistada	Entendeu? Mas como eu gosto muito da criatividade, eu acho que com base no que está aqui prescrito ele podia criar asas e voar alto para trabalhar com atividades rítmicas. Hoje eles abriram o currículo completamente. E eu acho hoje terrível porque eu não vejo nada nas escolas. Nada acontecendo. Por exemplo, eu trabalhei no CEFET, a vida inteira nós tínhamos currículo fechado. Eram temporadas de dois em dois meses determinadas. Tinha um dia para começar, um dia para terminar, os planos eram escritos anteriormente, quando você chegava na sala de aula você já tinha um plano de aula para fazer e quem fazia o plano de aula era o expert naquela área. Por exemplo, eu era a expert na parte de rítmica, de dança e de ginástica, eu fazia os planos desta área. Que era o que eu dominava.
Simone	Compartilhava com os outros.
Entrevistada	O Paulinelli trabalhava com ginástica olímpica, ginástica artística hoje.
Simone	Sim!
Entrevistada	Luiz Afonso trabalhava com basquete. Eles transcreviam os planos, então, quando você chegava você tinha que fazer era aquilo que estava ali determinado. Então, os meninos amavam educação física. No CEFET os meninos amavam. Tinha rigor, tinha plano, tinha hora de começar, hora de terminar, professor tinha que dar aula, não podia só sentar, mas os meninos amavam a educação física. Ele deixou uma memória. Hoje, eu fiquei esperando um tempo para aposentar na prefeitura porque eles me fizeram uma injustiça financeira na prefeitura, e aí eu trabalhei um tempo aqui numa escola, Eleonora Pierucetti. Porque no municipal nós fizemos um trabalho muito bacana, mas fechou, uma escola plural, eles fecharam a escola. Aqui, eu ficava de longe falando: "não, que dó dessas crianças! Que dó dessas famílias". Não tem aula mais Simone!
Simone	Quando você trabalhou na escola do município? Foi depois do CEFET ou paralelo com CEFET?
Entrevistada	Paralelo com CEFET. A vida inteira. Quando eu aposentei um lugar eu

	aposentei no outro.
Simone	Ah, tá.
Entrevistada	A vida inteira eu trabalhei municipal... Eu trabalhava manhã, tarde e noite, Simone!
Simone	Entendo!
Entrevistada	Eu saía de casa 6 horas e só retornava as 10. Porque eu dava treino à noite e eu fazia com maior prazer. Chegava revigorada! Porque a prática me revigorava. Às vezes eu ia para a prática cabisbaixa, com problemas pessoais. Quando eu chegava eu começava a lidar com os alunos a trabalhar e com a área que eu amo...
Simone	Esquecia.
Entrevistada	"Puff", eu ficava ótima. Bom, então...
Simone	Nessa escola municipal você...
Entrevistada	Trabalhei muito. O trabalho no Colégio Municipal de Belo Horizonte foi um espetáculo. Escola maravilhosa! E os meninos passavam todos na federal o que era mais bacana.
Simone	É, a gente fica orgulhosa.
Entrevistada	E os professores de outras áreas brigavam comigo sem parar: "“X”! Estão fugindo da minha aula para ir para educação física!". E eu falava: "então faça sua aula tão atrativa quanto a minha, dá um jeito!". (risos) Eu falava isso... Então, a ponto de...
Simone	Não, a gente brinca, né? A gente brinca dentro da escola.
Entrevistada	É uma brincadeira, né? Com o professor de matemática. Os meninos fugiram da matemática para ir para a educação física.
Simone	Até hoje.
Entrevistada	Até hoje eles fogem. Mas, então eu vejo hoje, quer dizer, eu não critico plano fechado, quer dizer, o plano fechado do jeito que está aqui talvez não seja o ideal, né? Ele tem que vislumbrar...
Simone	Hoje você vê o currículo como? Hoje. Com tudo que a gente tem por aí.
Entrevistada	Esse currículo é o currículo...
Simone	Hoje. Que que você entende?
Entrevistada	Das escolas de hoje?
Simone	De hoje.
Entrevistada	Para mim, não tem currículo Simone. Eu trabalhei no Eleonora e eu ficava observando as aulas e era rola bola de janeiro a dezembro. Professor sentado, o professor no celular... Nada! Os meninos odeiam educação física. Eles vão lá para brincar. Alguns gostam, mas assim, para chutar o colega, para jogar futebol. Voleibol não tem. Não tem. Não ensinam os fundamentos. Não tem mais o tempo para os fundamentos. Não tem material suficiente para todos os alunos. Não tenho respeito da direção da escola para a disciplina. Não tem. Não tem mais. No CEFET nós tínhamos bola de vôlei quase que um para cada aluno. Uma para cada aluno! Um espetáculo.

Simone	Pois é, isso é raro.
Entrevistada	Então, por quê? Porque o CEFET respeitava área. Respeitava o Departamento de Educação Física. O Municipal, também, a mesma coisa. Então, hoje o que eu vejo é que nós profissionais, mas essa bendita escola plural que surgiu aí, que detonou com todas as áreas, e especialmente com educação física. Especialmente! Porque não pode ter técnica! Não pode ensinar fundamento! O menino tem que ficar livre! Livre? Mas o menino tem que aprender o voleibol para jogar no clube, para jogar na vida adulta, para jogar na velhice. Ele tem que aprender o voleibol não é porque ele vai jogar agora e tem que ser campeão, tem que ser o melhor. Nada disso. Tem que aprender para a vida. Para ensinar os netinhos, para jogar em família, para recreação, para o lazer na praia. Tem que aprender! Essa é a nossa função. Assim como a função do professor de matemática é ensinar que um mais um são dois nós temos que ensinar que o voleibol é para vida. Que a ginástica é para a vida. E hoje as escolas estão detonadas Simone.
Simone	É...
Entrevistada	Eu tenho neura, eu aposentei na hora certa. Porque eu acho que essa visão da escola plural foi um caos. Ela foi terrível!
Simone	Ô "X", com relação a esse currículo de 78, como é que surgiu o convite para você participar dessa elaboração?
Entrevistada	É porque eu era muito atuante na educação física Simone. A vida inteira eu trabalhei muito, corri muito. Eu participei na escola de educação física a vida inteira também, eu achava tempo para ir para lá pesquisar, às vezes para trabalhar como professora. A Marlúcia me chamava: "em Bete, vem dar uma aula para mim", a Leila...
Simone	Seu contato com a Eustáquia foi... Partiu dela o convite?
Entrevistada	Sim. A Eustáquia sempre me apadrinhou, vamos dizer que ela foi minha madrinha profissional. Quer dizer, quando ela falava, tipo: "'X", está na hora de você fazer um mestrado". Eu falei: "mas Eustáquia eu amo a prática, como é que eu vou...", "vai fazer agora!". Aí eu fiz um mestrado porque ela falou "vai fazer o mestrado". E foi ótimo. Melhorou o meu salário.
Simone	Não é? Não é?
Entrevistada	E também a minha visão. Porque depois do CEFET....
Simone	Amplia sim.
Entrevistada	Eu ajudei na administração do CEFET, trabalhei uns oito anos lá, foi muito bom. Eu escrevi muito para educação física, eu tenho muitos artigos, muitas...
Simone	Olha, que interessante.
Entrevistada	É! Tenho muita coisa escrita. Me abriu a visão para escrever, eu trabalhei no CEFET e depois eu fui dar aula numa faculdade em Sete Lagoas que também foi bacana. Eu trabalhei lá uns quatro anos.
Simone	Em Sete Lagoas foi em que período mais ou menos? Você lembra?

Entrevistada	2004...
Simone	Olha! Recente.
Entrevistada	É, recente! De 2004 até 2012...
Simone	Quando na construção desse documento, então, você já estava no CEFET? Quando surgiu o convite pela Eustáquia.
Entrevistada	É. Eu já estava.
Simone	Ah, entendi.
Entrevistada	E o CEFET ex-professora... A Eustáquia já é ex-professora do CEFET também, né.
Simone	Também.
Entrevistada	Ela também trabalhou lá muito tempo.
Simone	Isso! E você se lembra como é que foi a dinâmica para construir este currículo?
Entrevistada	Esse documento?
Simone	Em termos práticos que eu digo, por exemplo, os encontros, se vocês tinham regularidade, assim, um dia da semana, ou se levava documento para casa... Como é que aconteceu?
Elisa"X"	Ah, eu fiz isso aqui muito individualmente.
Simone	Ah, tá.
Elisa"X"	Era eu e as minhas vivências. Eu lembro que a gente encontrou uma vez, a Eustáquia que fez a proposta, foi através do Estado. ““X”, você pode falar?”, “posso sim!”, “Então tá! Você faz o documento e a gente encontra tal dia para rever e aí...”.
Simone	Você com a Eustáquia?
Elisa"X"	Eu com a Eustáquia.
Simone	E aí você respondeu pela área da ginastica rítmica?
Elisa"X"	É.
Simone	Junto com a Elenice?
Elisa"X"	É.
Simone	Aqui no final, eu vou até te mostrar aqui. Tem o nome dos professores que participaram e uma divisão. Está vendo? Olha, elaboração...
Elisa"X"	É. Eustáquia, Luiz Afonso que trabalhou com o Pedro Américo e Elenice. É... Eu colaborei e escrevendo os documentos, mas, eu não... Nessas reuniões aqui eu participei muito pouco. Terezinha... Essa é Terezinha Caldeira, é outra. Não foi a que foi minha técnica não. Dessas pessoas aqui todas são meus grandes amigos. Isabel Montandon...
Simone	Você lembra? Porque eu não sei se vocês tiveram acesso à esse documento depois que ele foi finalizado. Você lembra porque essa divisão? Porque a elaboração, a colaboração? Qual era a diferença entre da Elenice, por exemplo, na elaboração e a sua na colaboração?
Elisa"X"	É porque aqui parece que foi um grupo composto, me parece que no Estado e eles é quem tinham essa relação direta com órgão do estado que pediu esse

	documento.
Simone	Secretaria da Educação.
Elisa"X"	Com certeza.
Simone	Foi o Lincon Raso, que é até falecido.
Elisa"X"	Então, ele chamou esse grupo. Ou chamou a Eustáquia e a Eustáquia compôs esse grupo. E Elenice Faccion, eu não sei se ela, ela trabalhava em faculdade, eu não sei qual na época. Não sei se já era Juiz de Fora. Acho que não.
Simone	É. Não.
Elisa"X"	Ela foi para Juiz de Fora depois.
Simone	Depois.
Elisa"X"	E a ligação deve ser por causa do CEFET então. As duas trabalhavam no CEFET juntas.
Simone	Isso.
Elisa"X"	E eu ainda não estava no CEFET. Ou já estava? Foi quando?
Simone	78. Aí, essa impressão saiu em 79.
Elisa"X"	Ah! Pera aí! Eu entrei no CEFET em 79. Lembrei. Era a Elenice e a Eustáquia. Quando a Elenice saiu que eu...
Simone	Então, a Eustáquia entrou em contato com você para você dar uma olhada conteúdos de ginástica, ou...
Entrevistada	Não.
Simone	Para você escrever mesmo?
Entrevistada	Para eu escrever esta parte da ginástica rítmica, muita coisa aqui é minha mesmo. Eu estou lendo aqui e estou lembrando das coisas que eu fazia na minha prática.
Simone	Olha, interessante! É isso que a entrevista quer tirar dos professores essa história.
Entrevistada	Eu fazia na prática, então assim, está parecendo que as minhas aulas. Eu estou lembrando de mim aqui. Então eu escrevi.
Simone	Você chegou a opinar em outras modalidades que tem aqui?
Entrevistada	Não.
Simone	Ou você só respondeu pela ginástica?
Entrevistada	Eu só trabalho na minha área.
Simone	Entendi.
Entrevistada	Eu não palpito naquilo que eu não entendo não.
Simone	Não, eu digo porque nos currículos...
Entrevistada	Não, aqui os revisores, com certeza. O Élcio e a Terezinha Maria Souza Caldeira que eu não conheço.
Simone	É para saber justamente desta dinâmica. Se vocês discutiam sobre as modalidades, como que aconteceu...
Entrevistada	Não. Cada um ficou responsável pela sua, eu especialmente, fui só pela

	ginástica.
Simone	É, e aí, para preparar esse material, então, para você que foi específico da ginástica, tinha algum outro documento curricular que servia para as escolas estaduais que serviu de base para sua escrita?
Entrevistada	Simone, eu sinceramente não saberia te dizer. Pode ser que a Eustáquia tenha me passado sim. Pode ser que ela tenha trago algum documento e falado ““X”, com base nisso você vai deslanchar”.
Simone	Entendi.
Entrevistada	Mas eu não posso te afirmar não. Eu não me lembro.
Simone	Mas como referencial teórico, como teoria mesmo, da ginástica. Porque você escrever alguma coisa, algum livro, você, né, devia... Você se lembra? Mais ou menos...
Entrevistada	A literatura que eu pesquisei?
Simone	A literatura. Isso!
Entrevistada	Ah, sim. Aqui não tem, né, literatura.
Simone	Aqui tem. No final aqui, aqui tem a bibliografia.
Entrevistada	Ah, então eu posso te dizer.
Simone	Se não tiver aqui está para trás um pouquinho.
Entrevistada	Não, se tiver bibliografia aqui eu sou capaz de te dizer.
Simone	Ah, esse é o papel da biblioteca. Eu acho que ele está para cá.
Entrevistada	Ele vai para cá?
Simone	Isso! Vamos abrir ele aqui, o... Eu imprimiri ele grande assim para fazer anotações.
Entrevistada	Ah, bibliografia tem aqui. Ah, tem os meus livros aqui. A ginástica moderna eu separei aqui: Peuker. A ginástica rítmica escolar: Sauer. Aqui, Schulz, a ginástica...
Simone	Todos referenciais que ajudaram na...
Entrevistada	Foram. Eu me lembro muito bem desses três, Dessas quatro... Mais a minha vivência, porque na época...
Simone	E mais a prática.
Entrevistada	E mais a prática.
Simone	Isso!
Entrevistada	Porque na época, Na época eu era atleta de ginástica rítmica e trabalhava com ela direto, estudava direto.
Simone	Então era bem da vivência do dia a dia.
Entrevistada	Na época eu tinha um know-how bom para escrever da vivência. Mas eu acho que é quadradinho, né, eu vejo hoje e faria um programa diferente.
Simone	O que você faria diferente “X”?
Entrevistada	Eu suscitaria o professor a pesquisar dentro de cada fundamento. Vamos dizer, vou olhar aqui...
Simone	O da ginástica, né.

Entrevistada	O da ginástica.
Simone	Você está na Olímpica... Rítmica.
Entrevistada	Rítmica. Então, vamos ver aqui. Porque, inclusive, é por período, né. Nível 1, nível 2, por exemplo... Balanceios... Aqui são os fundamentos da ginástica. Do andar: então, eu coloco aqui várias sugestões para estimular o aluno a andar que diferentes formas. O que que eu faria diferente? Eu suscitaria a ele a pesquisar, depois disso, lançar algumas sugestões, pesquisar vários livros que também falam disso.
Simone	Entendo.
Entrevistada	Entendeu? E várias posições, posicionamentos do corpo, para andar. Você... A não ser...
Simone	Por isso que você fala que...
Entrevistada	Andar só de frente?
Simone	Que ele é bem quadrado?
Entrevistada	Andar só de pé? Então... Andar agachado, andar de quatro, andar...
Simone	Por isso, que você acha que esse é quadrado? Por que poderia ter... Ah, entendo!
Entrevistada	É. Poderia suscitar mais a criatividade dentro de cada fundamento. Eu não fugiria dos fundamentos.
Simone	Entendo.
Entrevistada	Por que você não pode descaracterizar o esporte.
Simone	Entendo.
Entrevistada	Como no voleibol, você não pode se caracterizar. "Ah, Joga para cima! Qualquer coisa!" é voleibol? Não, não é voleibol. Então, a ginástica rítmica tem fundamentos: ela tem o andar, o saltitar, o saltar, o balancear... É por aí. E ele tem uma técnica. Então, pelo andar, você pode suscitar andar para frente ou para trás, andar de lado, andar de costas, andar de quatro, de joelho, com as mãos, então, suscitar outras possibilidades do andar, além da forma técnica.
Simone	Entendo.
Entrevistada	Porque você trabalha também com os alunos do ensino fundamental.
Simone	Isso! Educação infantil...
Entrevistada	é, você não trabalha só com adolescentes.
Simone	Ou seja, é possível, também ensinar a GR para educação...
Entrevistada	Então quando você põe isso aqui, você pega criança de três, quatro, cinco anos fica difícil compreender, o Simone. Então, assim, uma literatura maior do que isso aqui, claro. Acho que na época nem existia muito.
Simone	é.
Entrevistada	A verdade era essa. Então, mas suscitar a criatividade.
Simone	Entendo.
Entrevistada	Entendeu?

Simone	E aí, fazendo gancho, igual você falou...
Entrevistada	E talvez, anexar ao currículo um vídeo. Onde as pessoas também pudessem ver, porque a visão também...
Simone	Uma metodologia diferente. Não só pratica.
Entrevistada	Não só pratica.
Simone	Sim, entendo.
Entrevistada	Dessa possibilidade do criar.
Simone	E aí, fazendo um gancho nisso que você está falando, a respeito de conteúdos, dentro da ginástica, você pode trocar opinião a respeito do que devia entrar e do que não devia entrar? Como fazer? Em termos de metodologia, com alguma pessoa, não?
Entrevistada	Não, porque na época, o povo parece que me respeitava bem. (Risos) Eram poucas pessoas e "a "X" fazia isso, ela sabe fazer".
Simone	Entendi.
Entrevistada	Então não tinha esse problema.
Simone	Então, na escolha dos conteúdos, essa discussão você esteve em...
Entrevistada	Eu e Elenice, a Elenice comigo, claro. Eu e a Elenice...
Simone	Agora vou te fazer uma pergunta, eu não sei se você vai saber responder, mas às vezes você... Por que esses conteúdos estão aí? Quando eu fiz a leitura desse currículo, eu pensei, por que vôlei? Por que basquete? Por que natação? Por que a ginástica olímpica para compor um currículo dessa época?
Entrevistada	Pois é, desta época e deste nível de educação física de base.
Simone	Isso.
Entrevistada	Primeiro grau.
Simone	Foram escolhidos jogos com bolas, igual tem ali. Aqui a gente tem no índice as modalidades.
Entrevistada	Jogos com bola é até legal para se ter, né, para essa idade é muito bom.
Simone	É. é aqui que está o índice?
Entrevistada	Aqui, ó, atletismo, atividades rítmicas, que é uma coisa que eu nem gosto muito. Olímpica...
Simone	Ginástica olímpica.
Entrevistada	Ginástica olímpica que é uma coisa que eles gostam muito por causa das acrobacias. Jogos com bola. Basquete e handebol Eu acho que já não seria para esta idade. Aí, aí, voleibol, natação...
Simone	Nós temos uma divisão aqui em níveis. Que já entra na minha outra pergunta.
Entrevistada	Ah, é até oitava série.
Simone	Este currículo ele foi vigente da primeira série até a oitava.
Entrevistada	É.
Simone	E aqui tem uma divisão dos níveis, quando que o aluno começaria a ter aula

	de atletismo, quando que começaria a entrar jogos com bola, você sabe me explicar mais ou menos como que foi discutida esta divisão? De acordo com as séries, nível de habilidade dos alunos, a hora que entraria...
Entrevistada	Bom, desta parte eu não participei. Sinceramente, eu trabalhei em atividade rítmica e na nossa compreensão, minha e da Eustáquia...
Simone	Ela é do início ao fim.
Entrevistada	Ela é do início ao fim porque ela é necessária do início ao fim. A lateralidade, a expressão corporal, o domínio do corpo, sim, ela é importante em todos os níveis. E, olha, a aceitação dos alunos, você hoje diz que tem uma dificuldade com a dança, nesta época a aceitação era... A escola era diferente. Não é escola de hoje, Simone. Hoje, os meninos estão treinados a não gostar mais de educação física.
Simone	Como você disse que fez mais sozinha, então, esta pergunta que eu vou fazer: se teve discordância, você com a Eustáquia, quando você mostrou, você chegou a mostrar para alguém o que você estava fazendo? Se alguém falou: "olha, eu acho que aqui poderia ser diferente", "na avaliação, eu acho que não deveria avaliar deste jeito", ou uma metodologia... Você chegou a discutir isso com alguém? Teve consenso? Discordância?
Entrevistada	Não, não. Neste período não. E, não me lembro.
Simone	Não tem problema.
Entrevistada	Sinceramente, não me lembro. Pode até ser que a gente tenha tido reuniões para tratar disso quando eu apresentei o projeto. Entendeu? O programa.
Simone	Você teve acesso a ele quando ele ficou pronto? A ele completo, assim?
Entrevistada	Sim. Eu tinha um documento desse. Eu passei para alguém que não me devolveu.
Simone	Isso acontece.
Entrevistada	Ô dó!
Simone	Isso acontece!
Entrevistada	Passei, emprestei para alguém.
Simone	É o que saiu na impressão, foi o que vocês fizeram no rascunho?
Entrevistada	Foi, foi.
Simone	Eu estou perguntando isso porque costuma, às vezes, hoje em que os currículos são feitos por um grupo maior de professores, eles tem os encontros, tem as reuniões, é discutido, e às vezes na impressão alguém faz alguma modificação.
Entrevistada	Quem é lá da comissão, por exemplo.
Simone	Isso mesmo. Esse saiu como vocês fizeram?
Entrevistada	Eu teria que ler, né, Simone. Agora como é que eu vou...
Simone	Não. Nesta parte mesmo, na parte rítmica.
Entrevistada	Na época, eu trabalhei algumas vezes com ele, eu dei ideias aqui para trabalhar...
Simone	E na sua opinião? Na sua opinião, tendo toda essa vivência que você teve na

	área de educação física, especialmente na área da rítmica, o que esse currículo representou para a educação física daquela época de 78?
Entrevistada	Bom, eu acho que ele... Quando eu descrevo aqui os fundamentos da ginástica rítmica dou algumas ideias e se a professora é ativa, se ela ama o que faz, a partir de estou aqui ela pode fazer muito mais. Vamos voltar ao fundamento andar. Ela pode fazer muito mais. Depende do profissional que usou o currículo. Entendeu? Aí, como eu te disse, andar: andar quatro tempos, com passo ligado para frente combinado com quatro molejos no lugar, bom, isso aqui, hoje eu considero quadradinho, mas se parte disso, dessa sugestão que está aqui, eu ia mudar infinitamente este fundamento. Essa é a sugestão. Então, Simone, depende das pessoas para essa... Hoje, eu considero quadradinho na minha vivência porque eu valorizo muito criatividade.
Simone	Como você percebeu a circulação dele entre os professores da rede estadual? Você teve notícias? Eles chegaram a utilizar?
Entrevistada	A fazer...
Simone	Isso! Se foi, eles acharam útil? Ou se eles encostaram o documento no canto e continuaram a dar aula deles?
Entrevistada	Talvez, este feedback você tenha tido da Eustáquia. Eu nunca lidei na escola estadual.
Simone	Ah, sim!
Entrevistada	Nunca. Eu trabalhei no CEFET que era Federal e no Municipal.
Simone	Entendo.
Entrevistada	No Municipal a gente fazia isto e muito mais. Nós trabalhamos com ginástica rítmica dentro dos fundamentos. E as aulas eram lindas, e a gente fazia nos festivais e a família inteira vinha ver, e era uma coisa linda, e os meninos amavam. E colocava todo mundo de malhinha, era uma coisa linda. Mas, não sei, no Estado eu não sei.
Simone	Esse documento...
Entrevistada	Agora as pessoas, normalmente, fogem muito da atividade. As professoras. Não são os alunos não. Porque: "Ah, a gente é desajeitada para trabalhar com isso", " eu não sei fazer isso", então...
Simone	Ô "X", esse documento reflete a educação física daquela época de 78? Era o que acontecia é o que está aqui?
Entrevistada	Nas escolas que eu trabalhava, era. Na Municipal e no CEFET. A Marluce foi professora na faculdade muitos anos, foi minha professora, hoje ela é aposentada já está... É uma professora linda, que eu amo. As salas dela, todas, eram pelos fundamentos da ginástica. Ela não abria a mão. E os alunos amavam. Amavam! Ela tinha um arco para cada menina, uma fita para cada menina, e as aulas eram só femininas, né Simone?
Simone	É. É. Era época...
Entrevistada	Mas que época bacana demais. Foi tanta burrice essa escola plural. (risos) Você vai me desculpar. As mulheres são diferentes dos homens, mas agora

	que a mulher apanha do Homem, e po po po, porque a aula tem que ser junto... Meu Deus! Mulher é diferente! Mulher é feminina, mulher é doce, ela gosta de coisas diferentes dos homens, aí põe todo mundo junto... Sabe o que que a gente fazia no CEFET e no municipal? Quando eles implantaram essa lei e “que tinha que ser assim”? Vinham duas turmas e o professor ficava com os homens e a professora ficava com as mulheres e, em alguns, momentos a gente trabalhava com os dois. Entendeu? E aí, nós trabalhávamos com a ginástica. Homem não gosta muito disso aqui, é difícil. É difícil.
Simone	Você percebe no documento se ele já indica alguma mudança? Para o que estava por vir para a educação física, ele já é um documento... Igual, hoje você percebe ele quadrado, mas naquela época ele já indicavam mudança?
Entrevistada	Não. Ele não... Para mim, aqui não... Ele indicava mudança porque as pessoas de hoje olham isso daqui e acha quadrado e quer fazer uma coisa... Então, radicalizaram completamente para esquerda. A radicalização foi terrível! Se isso daqui está quadrado eu vou fazer coisa diferente feito o que eu fiz lá no CEF... Lá na faculdade de Sete Lagoas, eu não trabalhei muito a técnica com os alunos. E eu trabalhava com turmas mistas. E eles amavam minhas aulas. Era tudo com base na criatividade e a coisa ia fluindo. Têm vários alunos meus, lá, hoje trabalhando com os mesmos fundamentos que eu trabalhei nas escolas. Então, não precisa radicalizar. Se isso daqui está quadrado eu abomino, então nós vamos para cá. O que que é aqui? É o Laissez-faire. É o não faça nada, eu faço que você quiser. Então...
Simone	Em termos... É... Isso você diz em termos do conteúdo mesmo, da modalidade, mas, por exemplo, esse conceito de educação física que tem aqui, lá logo no início está falando que: "Para além da atividade, técnica. Para além do aspecto..."... Conceito de educação física... Se não estiver aqui está na introdução. Então é aqui, ó... Onde está? Eu fui grifando, mas a gente acaba se perdendo.
Entrevistada	Eu tinha que ter lido. Eu tinha que ter lido.
Simone	Não, mas tem muitos anos. Aqui, ó... "esse trabalho fundamenta-se no conceito de educação física como um meio não apenas do aprimoramento físico, mas de desenvolvimento de habilidades intelectuais, formação de atitudes favoráveis...". Vocês lembram de discutir sobre esse conceito? Você não acha que este conceito ele já não apresenta uma nuance de mudança?
Entrevistada	É. De aprimoramento, fez. Mas quando trabalho com esses fundamentos aqui eu não visava aprimoramento físico não. Em momento nenhum. Quando suscitava os alunos a andar para frente, andar para direita, andar para esquerda, o que que isso tem a ver com o aprimoramento? Nada.
Simone	Ou seja, eles já tinham uma...
Entrevistada	É, isso é a lateralidade. É a possibilidade do homem de tomar diferentes

	<p>direções da sua vida. E quando você pega uma criancinha e faz isso, isso é bárbaro para ela. Andar de lado? Muita criança não sabe andar de lado. manda andar de costas. Eles caem de bumbum no chão. Então, nada tem um aprimoramento aqui. Aprimoramento é na técnica. A técnica e o treinamento é outra coisa. Eu nunca fiz aprimoramento nas minhas aulas de educação física. Nunca fiz.</p>
Simone	<p>Ótimo “X”, eu te agradeço muito. Foi um prazer de conversar com você! Você tem uma alegria de viver que a gente percebe, com certeza, nas suas aulas que isto deve ter transcendido mesmo. Agradeço muitíssimo. Isso vai ser muito importante para realização do mestrado.</p>
Entrevistada	<p>Ai, Que bom. Fico feliz, Simone. Uma dó não ter podido ler o documento, Simone, eu já não tenho mais... Olha pra você vê, quando você me mostrou eu me lembrei dele, aí eu falei: "ai meu pai, eu não tenho mais". É uma dó.</p>

.

.

.

Fim da transcrição.

